

Aurora.

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.13, n.38, jun.-set.20



Conselho Editorial

Aécio da Silva Amaral Jr., UFPB, Brasil
Ana Amélia da Silva, PUCSP, Brasil
Ariel Jerez Navarra, Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Bruno Carriço dos Reis, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Celso Fernando Favaretto, USP, Brasil
Claire Blencowe, University of Warwick, Reino Unido
Fernando Antonio de Azevedo, UFSCAR, Brasil
Gabriel Cohn, USP, Brasil
Jean Burgess, Queensland University of Technology, Austrália
José Luis Dader García, Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Laurindo Lalo Leal, USP, Brasil
Maria do Socorro Braga, UFSCAR, Brasil
Maria Izilda Santos de Matos, PUCSP, Brasil
Miguel Wady Chaia, PUCSP, Brasil
Raquel Meneguelo, UNICAMP, Brasil
Regina Silveira
Silvana Maria Correa Tótoro, PUCSP, Brasil
Yvone Dias Avelino, PUCSP, Brasil
Venício Artur de Lima, UNB, Brasil
Vera Lucia Michalany Chaia, PUCSP, Brasil
Victor Sampedro Blanco, Universidad Rey Juan Carlos, Espanha

Editoras

Rosemary Segurado, PUCSP, Brasil
Tathiana Senne Chicarino, PUCSP, Brasil

Editor Assistente

Denis Carneiro Lobo, PUCSP, Brasil

Comitê Editorial

Claudio Luis de Camargo Penteado, UFABC, Brasil
Eva Campos Domingues, Universidad de Valladolid, Espanha
Julian Brigstocke, Universidade de Cardiff, País de Gales
Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, UFPB, Brasil
Maria Laura Tagina, Universidad La Matanza, Argentina
Rafael de Paula Aguiar Araujo, PUCSP, Brasil
Rodrigo Estramanho de Almeida, FESPSP, Brasil
Silvana Gobbi Martinho, PUCSP, Brasil

Revisão de texto

Joyce Miranda Leão Martins
Cristian Valdivieso

Arte e Diagramação

Yasmin Mancini

Aurora: revista de arte, mídia e política é uma publicação do NEAMP - Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0.

Sumário

Nota dos Editores	3-8
Entrevista	
Mi misión: preservar y mantener la verdad histórica - com Esteban Volkov	9-12
Rosemary Segurado e Gabriela Pérez Noriega	
Artigos	
La última morada de Trotsky	13-18
Gabriela Pérez Noriega	
Engels, Trotsky and the natural sciences: a case study in cosmology	19-49
Alex Steinberg	
Arte negativa e sequestros dialéticos na obra de Antonio Dias	50-69
Luiz Renato Martins	
O trotskista Mário Pedrosa e a crise do modernismo brasileiro	70-93
Edson Luiz de Oliveira	
Por uma arte revolucionária independente	94-108
Dora Longo Bahia	
Open Trotsky Initiative: arquivos WEB e a renovação da memória histórica trotskista	109-137
Daniel Cardoso Perseguidor de Oliveira	
Ogum vai a Coyoacán para enfrentar Tio Sam: os trotskistas brasileiros e a América Latina, 1930-1947	138-167
Dainis Karepovs	
O Stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky	168-187
Morgana Moura Romão e Marcio Lauria Monteiro	
O Grupo Comunista Lenine e a luta sindical nas páginas do jornal A Luta de Classe	188-204
Carlos Prado	
Coluna	
Trotsky, a luta contra o fascismo e o Brasil atual	205-208
Henrique Canary	

Nota dos Editores

Criada em 2007, a *Revista Aurora* é uma publicação eletrônica do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde então, a publicação tem sido um espaço voltado à produção e a trocas entre os pesquisadores do núcleo e a comunidade científica, contribuindo para a qualificação do debate interdisciplinar na área das Ciências Humanas.

Em virtude das comemorações do primeiro decênio do núcleo, e com a intenção de atender ao interesse acadêmico na área de política – em seus encontros com a arte e a mídia –, o presente número é dedicado ao **Dossiê Trotsky**, devido aos 80 anos de sua morte, ocorrida em 21 de agosto de 1940. Essa foi a principal motivação da chamada aberta para a submissão de artigos que estimulem a reflexão sobre as ideias desse importante intelectual marxista e acerca da magnitude de seu legado, cuja história faz parte do movimento social emancipador e progressista.

Ele, que foi um dos principais líderes da Revolução de Outubro, em 1917, acabou sendo assassinado no México, em conspiração orquestrada por seu obstinado adversário político, Joseph Stalin. Seu legado, no entanto, é duradouro e permanece como exemplo altivo a ser seguido por aqueles que reivindicam o marxismo como ferramenta de intervenção política e aspiram à emancipação da humanidade. Seja nas américas ou nas áfrias, como em todos os continentes, sua memória é inspiradora; uma biografia que fez a diferença em movimentos democráticos; de libertação nacional; pró-negritude; feministas; e comunistas.

O dossiê abre com entrevista inédita com Esteban Volkov, realizada por Rosemary Segurado e Gabriela Pérez Noriega. Nessa ocasião, o neto de Trotsky brinda os leitores com a oportunidade rara de conhecer um depoimento de época e saber mais sobre as ideias revolucionárias que ele herdou do avô. À entrevista, segue o texto de Gabriela Pérez Noriega, *La última morada de Trotsky*, historiando

o surgimento e a evolução do *Instituto del Derecho de Asilo Museo de León Trotsky*, localizado em Coyoacán (México).

O pesquisador norte-americano, Alex Steinberg, apresenta o artigo *Engels, Trotsky and the natural sciences: a case study in cosmology*, realizando análise sobre a atitude de Trotsky em relação à filosofia dialética e às ciências naturais. Uma abordagem de grande interesse, pois são raros os textos que tratam desses aspectos da obra de Trotsky, sendo mais usuais os temas relacionados à política, à história ou à arte. Alex Steinberg faz um resumo da tradição teórica seguida por Trotsky, a partir das pegadas deixadas por Engels. Estabelecendo articulação com as ciências naturais, ecoa as proclamações de Engels, proferidas décadas antes, quando sustentava que “*a dialectical philosophy is an essential guide to the work of the scientist while at the same time granting the autonomy and freedom of scientists to pursue their research*”. Fica assim demonstrado como Trotsky, ao longo de sua vida, teve especial interesse em acompanhar os desenvolvimentos das ciências naturais, chegando a ter “*an intuitive grasp of some important developments in the natural sciences that would only come to fruition decades after his death*”.

O texto é bastante denso e bem fundamentado em releituras das obras de Trotsky. Além disso, apresenta estudo de caso sobre como uma abordagem dialética da natureza pode ajudar a superar crise que está preocupando a física contemporânea. A partir dessa perspectiva, especifica o objetivo do texto discutindo “*how a dialectical approach to nature can inform cosmology in the 21 st century and avoid the philosophical pitfalls and dead-ends that mark the contemporary crisis in physics*”. Com isso, o autor lança o pensamento de Trotsky no contexto da atualidade, evidenciando os vínculos com os problemas que a ciência enfrenta hoje. Muito mais que do isso, Steinberg consegue reconstituir a linhagem do pensamento científico, indicando que Trotsky estava de pé nos ombros de Friedrich Engels. O texto prima pela originalidade, por sua fundamentação teórica e seu minucioso desenvolvimento analítico.

Arte negativa e sequestros dialéticos na obra de Antonio Dias, artigo de Luiz Renato Martins, é oportunidade para discutir o pensamento estético de Trotsky no contexto da contemporaneidade. O autor parte de comentário de Trotsky, emitido em 1922, acerca do Futurismo como ferramenta de análise aplicada à interpretação estética do destacado artista brasileiro Antonio Dias (1944-2018), não se limitando a aspectos materiais, mas também em termos de ideias, em interpretação extremamente valiosa.

Luiz Renato Martins apresenta o interessante argumento de que Antonio Dias propunha, a partir da mostra Opinião 65, uma nova síntese ante o esquema dualista nacional versus estrangeiro, “precisamente na apropriação dialética dos materiais da Pop-art para reintroduzi-los combinados a signos de violência e desfechos trágicos, de moldes periféricos”. A partir daí, o autor revisita obras de Antonio Dias, realizadas de 1960 até 1980 – disponibilizadas em primeira mão na Revista Aurora –, analisando suas propostas artísticas em diálogo com as tendências mais atuais da arte internacional.

Esse *aggiornamento* conceitual e estético realizado no estudo é de grande interesse para a revisão da história da arte moderna e contemporânea brasileiras, pois desloca valiosa tese de Trotsky (desenvolvida na Europa dos anos de 1920) para o contexto brasileiro. O autor finaliza o artigo acrescentando que isso “ocorre de modo desigual e combinado conforme afirmava a tese de Trotsky, e também segundo a instigante interpretação dos trabalhos de Dias”.

Edson Luiz de Oliveira é outro autor que trata das ideias estéticas de Trotsky, em *O trotskista Mário Pedrosa e a crise do modernismo brasileiro*. O texto traz perspectiva inovadora com profundo conhecimento da arte brasileira, levantando aspectos inéditos ou pouco abordados pela historiografia sobre a crítica de arte brasileira. Também apresenta os reflexos das discussões acerca de Trotsky no país. Mário Pedrosa não foi apenas um dos maiores críticos de arte, desde os anos de 1930 até 1981, mas o precursor da crítica de arte profissional no Brasil. Pois, além de ser um grande intelectual trotskista, ele foi capaz de personificar, como nenhum outro, a evolução da arte moderna brasileira.

Dora Longo Bahia tem preocupações semelhantes sobre as ideias estéticas trotskistas em *Por uma arte revolucionária independente*, fazendo alusão ao importante manifesto pela criação da Federação Internacional da Arte Revolucionária (FIARI), um importante documento idealizado por Trotsky, em parceria com o poeta surrealista francês André Breton.

Nesses três artigos sobre arte, destaca-se a relevância do tema para a história das ideias. Escrita e narrativa ajudam o leitor a compreender o assunto, servindo tanto a especialistas no tema como a pessoas que ainda não estão familiarizadas com o envolvimento de Trotsky com a arte e a literatura, colaborando para que mais pesquisadores se sintam instigados a se aprofundarem na temática. A seleção das obras de arte em destaque também é um importante recurso para o leitor,

sendo parte integrante do desenvolvimento da pesquisa, não apenas constando como ilustrações dos argumentos.

Trotsky demonstrava grande interesse pelo desenvolvimento da humanidade e dava grande atenção à tecnologia. No entanto, não poderia prever que a revolução tecnológica iniciada no final do século XX pudesse trazer novas oportunidades para a preservação e disseminação de suas ideias. Em diálogo com essa assertiva, Daniel Cardoso Perseguiu de Oliveira apresenta uma proposta de “ativismo online”, com seu artigo *Open Trotsky Initiative: arquivos WEB e a renovação da memória histórica trotskista*. O texto do pesquisador de plataformas digitais sobre o legado teórico de Trotsky é muito oportuno, abordando a preservação e o acesso aos arquivos sobre Trotsky. Mas o que concede originalidade ao artigo é o seu viés tecnológico, que recoloca a obra do revolucionário bolchevique-leninista no contexto da atualidade. Merece destaque também o fato de que o objetivo declarado do autor vai além do texto, com o propósito “de abrir espaço para redefinições conceituais sobre o legado de Trotsky nesse novo patamar de estruturas tecnológicas informacionais”. O artigo chama atenção para o período latino-americano do exílio de Trotsky. Foi no México que o fundador do Exército Vermelho morreu, em 21 de agosto de 1940, vítima de um atentado covarde a mando de Stalin. Em seu longo período de exílio, na Europa e na América Latina, Trotsky jamais deixou de exercer suas atividades como jornalista, “eixo de sua atividade política ao longo de toda a vida”, como comprova a edição contínua do *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*.

No Brasil, proposta desse gênero ganha ainda maior significado, pois em português não existe uma compilação sistematizada de suas obras mais importantes. Numa época de intensa propagação de injúrias, calúnias e difamações por meio de notícias falsas, prática hoje conhecida como *fakenews*, o legado de Trotsky não está imune a uma campanha difamatória contra suas ideias. Também nesse caso a tecnologia quando bem utilizada pode funcionar como antídoto para a desinformação, uma vez que as plataformas digitais apresentam hoje “possibilidades inéditas de análise de informações, abrigadas em arquivos espalhados por bibliotecas e acervos de todo o mundo, produzidas em diversas línguas e contextos históricos”.

Segue-se o artigo de Dainis Karepovs, *Ogum vai a Coyoacán para enfrentar Tio Sam: os trotskistas brasileiros e a América Latina, 1930-1947*.

Texto que possui grande rigor acadêmico, com objetivos claros e o aporte de referências relevantes que podem estabelecer um marco nas pesquisas e fontes sobre o campo abordado. Karepovs se apoia em estudos-chave, tanto na abordagem do contexto histórico quanto nas particularidades da temática, com destaque para a profunda análise de dados. O artigo possui ainda o mérito do detalhamento metodológico que permite a multiplicação de novos estudos a partir de fontes seguras e confiáveis. Trata-se de reflexão que demonstra, com clareza, os conhecimentos já estabelecidos pelo objeto levantado, com hipóteses delineadas e justificadas de acordo com o grau de desenvolvimento dos estudos sobre Trotsky na atualidade, bem como do seu importante legado para a história do pensamento brasileiro e latino-americano.

O Stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky, artigo escrito por Morgana Moura Romão e Marcio Lauria Monteiro, estabeleceu como estratégia teórica seguir o mesmo procedimento feito pelo historiador marxista inglês Perry Anderson (1938), que dividiu em etapas o pensamento de Trotsky e estabeleceu as devidas “correspondências entre as formulações deste revolucionário e os acontecimentos nacionais e internacionais que o cercavam”. Essa opção metodológica é muito relevante, pois tem a sua eficácia comprovada pelo historiador bastante reconhecido pelas análises marxistas e por ser profundo conhecedor das ideias de Trotsky. A partir daí, os autores apresentam as interpretações dadas pelo líder bolchevique sobre os fenômenos e as transformações ocorridos entre os anos de 1923 e 1940. O estudo permite que se chegue a conclusões bastante esclarecedoras sobre a “fase madura” da interpretação de Trotsky acerca do stalinismo e da União Soviética, formulada no final da década de 1930. A análise da pesquisa é cuidadosa, não deixando passar despercebidos os textos de Trotsky que criticam o processo de burocratização em seu nascedouro e as tendências críticas fundamentadas por extensa referência bibliográfica.

A análise da evolução do pensamento de Trotsky, frente aos acontecimentos adversos da época, foi atestada pela pesquisa em profundidade em várias obras, como *A Revolução Traída*, e o livro *Stálin, O Grande Organizador de Derrotas*. Neste, pode-se observar a fundamentação de um dos pilares das ideias revolucionárias de Trotsky, o seu internacionalismo, ao qual jamais renunciou. Além disso, também são contemplados outros conceitos fundamentais como: termidor e stalinismo. A trajetória descrita pela pesquisa culmina com a

luta empreendida por Trotsky, em seus anos de exílio, pela construção da Quarta Internacional.

O Grupo Comunista Lenine e a luta sindical nas páginas do jornal A Luta de Classe, por Carlos Prado, é texto que possui interessante abordagem histórica sobre importantes debates que precederam acontecimentos decisivos para a configuração da política brasileira. Com um recorte temático sobre os debates políticos levantados em revisão documental, o artigo reconstrói interessante contexto de críticas realizadas pelo promissor grupo que constituiu a representação das influências de Trotsky no Brasil. Essa abordagem contribui para o resgate das ideias acerca do pensamento marxista no país, constituindo um estudo a partir dos debates levados a público pela imprensa.

Fechando a edição, em poucas páginas, a coluna de Henrique Canary, *Trotsky, a luta contra o fascismo e o Brasil atual*, consegue realizar apanhado histórico bastante consistente de uma época de alta tensão política com a ascensão do nazismo, no final dos anos 1920, até a rendição sem luta do KPD (Partido Comunista Alemão), motivada por uma trágica política isolacionista. A coluna contrasta os fatos históricos com eventos da atualidade, ganhando assim uma nova perspectiva, “sobretudo agora, quando a extrema direita levanta novamente a cabeça em diversas partes do mundo”.

Boa leitura!

Dainis Karepovs, Daniel Persegim e Edson Luiz Oliveira

ENTREVISTA: ESTEBAN VOLKOV ■

Mi misión: preservar y mantener la verdad histórica

Rosemary Segurado¹

Gabriela Pérez Noriega²

Da Cidade do México, especialmente para este Dossiê Leon Trotsky, o seu neto gentilmente respondeu a uma série de questões formuladas pelos editores deste número da **Revista Aurora**, agora publicado.

O engenheiro químico Esteban Volkov nasceu na cidade de Moscou, em 7 de março de 1926, com o nome de Vsevolod Platonovitch Volkov. Era filho de Platón Ivanovich Volkov (1898-1936) e de Zinaida Lvovna Volkova (1901-1933), filha de Leon Trotsky (Lev Davidovitch Bronstein – 1879-1940) e de Alexandra Lvovna Bronstein (1871-1938). Em janeiro de 1931 o jovem Vsevolod, carinhosamente apelidado com o diminutivo de Sieva, acompanhado de sua mãe, que recebera autorização do governo da União Soviética para sair do país com o objetivo de receber cuidados médicos, chegou a Prinkipo, na Turquia, onde Trotsky se encontrava exilado. Ali, Sieva permaneceu algum tempo enquanto sua mãe foi a Berlim para cuidar da saúde.

Em fevereiro de 1932, um decreto do governo soviético destituiu da nacionalidade soviética a Trotsky e a todos os membros de sua família que se encontravam no exterior, incluindo Sieva e sua mãe. Sieva seguiu para Berlim para juntar-se à sua mãe, que entrara em profunda depressão pela perda da nacionalidade soviética e também por conta de problemas pessoais. Zinaida acabou se suicidando em janeiro de 1933, e Sieva ficou sob os cuidados de seu tio Lev Sedov, que ali também residia. Com a subida de Hitler ao poder, Lev Sedov fugiu da Alemanha para a França, indo residir em Paris. Sieva permaneceu na

¹ Cientista Política. Pós-doutorado em Comunicação Política pela Universidade Rey Juan Carlos de Madrid. Doutora em Ciências Sociais (Ciência Política) pela PUCSP. Professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUCSP. Pesquisadora do NEAMP/PUCSP.

² Directora Jurídica y Ejecutiva IDA-Museo Casa de León Trotsky.

França até 1938, quando, em agosto daquele ano, juntou-se novamente ao seu avô, desta vez na cidade do México, em Coyoacán, no país que o recebera em asilo pouco antes, em janeiro de 1937. A mudança ocorrera porque seu tio, Lev Sedov, morrera em fevereiro de 1938, em um obscuro episódio sobre o qual ainda hoje persistem fortes evidências da interferência dos serviços de segurança soviéticos. A companheira de Lev Sedov escondeu-o e tentou obter a guarda legal de Sieva, mas sem sucesso. No México, depois de ser ferido em atentado contra seu avô, Sieva acabou por perdê-lo em agosto de 1940, quando Trotsky foi assassinado a mando de Stalin. Mais tarde, Sieva adotou o nome de Esteban Volkov e permaneceu residindo na mesma casa de Coyoacán. Compartilhou-a com Natália Sedova, com quem Trotsky vivera de 1903 até 1940. Ela viveria ali até seu falecimento, em janeiro de 1962. Esteban Volkov continuou residindo na casa até os anos 1970. Quando ela se tornou museu, Esteban passou a ser seu curador.

Um dos poucos remanescentes da família de Trotsky, que foi quase inteiramente exterminada por Stalin ao longo dos anos 1930, Esteban Volkov se deu a tarefa de honrar e preservar a memória do avô Leon Trotsky.

REVISTA AURORA (RA):

A lo largo de su vida, usted se vio involucrado en la gigantesca tarea de preservar y difundir las ideas de su abuelo León Trotsky. ¿Podría hacer un balance de este legado y de su tarea? Además, ¿podría comentar si veía diferencias en sus actividades en este campo de preservación y difusión del pensamiento de Trotsky antes y después del final de la URSS? Y, caso existieran, ¿cuáles serían?

ESTEBAN VOLKOV (EV):

Mi misión: preservar y mantener la verdad histórica. Ser nieto de Trotsky es un gran honor y un hecho muy afortunado. Me ha permitido dar un sentido a mi existencia. Al haber vivido con gran proximidad a uno

de los mayores asedios criminales imaginables y la avalancha de las más monstruosas calumnias concebibles contra mi abuelo León Trotsky, por orden de Stalin, aunado a falsificaciones históricas jamás antes vistas, siento el deber ineludible de contribuir a restablecer la verdad histórica. Destruir la memoria histórica también ha sido uno de los grandes crímenes del estalinismo. Es dejar sin rumbo, con planos falsos, a la humanidad en su viaje hacia el futuro.

RA: ¿El viaje a México cambió las ideas de Trotsky? ¿Cuáles fueron las más importantes?

¿Cómo el viaje hacia América Latina impactó en los puntos de vista de Trotsky sobre el imperialismo?

EV: León Trotsky se mantuvo fiel a su ideal revolucionario y ha cumplido su misión histórica, no hay la más mínima duda. Es tan vasto este capítulo que difícilmente se podría exponer plenamente en estas líneas. Transcribamos parte de su testamento político: “... *Durante cuarenta y tres años de mi vida consciente he sido un revolucionario, durante cuarenta y dos años he luchado bajo la bandera del marxismo. Si tuviera que volver a empezar, ciertamente trataría de evitar este o aquel error, pero el curso general de mi vida se mantendría inalterado. Moriré como revolucionario proletario, marxista, materialista dialéctico y, por tanto, un ateo irreductible. Mi fe en el futuro comunista de la humanidad no es menos ardiente, muy al contrario, es más firme el día de hoy de lo que fue en mi juventud*”...

RA: En su opinión, ¿cuál es el impacto del pensamiento de Trotsky en América Latina?

EV: La respuesta es clara y no admite dudas: para sacar a la humanidad del infierno y marasmo en que vive bajo el actual régimen capitalista, ningún sacrificio será excesivo o en vano y para llevarla a nuevas tierras con una sociedad basada en satisfacer las necesidades humanas y no la insaciable codicia y avaricia capitalista, donde el ser humano ya no sea un objeto de uso que hay que abaratar, exprimir y descartar o bien exterminar. Y recordando las palabras

del revolucionario León Trotsky:

¡¡La vida es bella!! ¡¡Dejemos las generaciones futuras liberarla de toda maldad, opresión y violencia para que la puedan disfrutar en toda su plenitud!!

RA: ¿Cómo cree que reaccionaría Trotsky al saber que, después de tantos años, muchas de sus ideas para un mundo mejor aún no se han aplicado? ¿Hay esperanza de que algún día se cumplan? ¿Cree usted que el trabajo dejado por Trotsky puede ayudar a identificar soluciones a los problemas del mundo de hoy?

EV: León Trotsky fue una mente tan activa y prolífica en sus más de 40 años de lucha revolucionaria que nos legó un gigantesco acervo de análisis, tesis, consignas políticas, y un inmenso e inagotable arsenal de ideología y teoría marxista, que nos da las armas para comprender el pasado y el presente, para poder enfrentar el futuro y retomar el camino hacia un auténtico socialismo con democracia.

Nadie mejor que Trotsky analizó y comprendió, desde un enfoque marxista, la naturaleza del régimen contrarrevolucionario bonapartista de Stalin, contra el cual entabló una desigual y heroica lucha para defender las genuinas tradiciones del bolchevismo-leninismo y de la Revolución de Octubre. Hasta caer abatido por la mano asesina de Stalin. Ante el caótico mundo generado por el

capitalismo, más que nunca es válido el dilema: socialismo o barbarie.

RA: Actualmente, vivimos en un contexto político con uso masivo de noticias falsas y desinformación. Sabemos que Trotsky fue víctima de una máquina de falsificaciones estalinistas, ¿en qué sentido puede incluirse la lucha que él ha liderado para combatir la desinformación hoy?

EV: Yo, personalmente, fui testigo, en México, de las abrumadoras campañas de calumnias y difamaciones contra mi abuelo León Trotsky dirigidas por Stalin. Difícilmente, puede haber un dirigente revolucionario que haya sido más asediado de calumnias y falsas acusaciones que León Trotsky. José Stalin eliminó por completo en Rusia su papel histórico y lo acusó falsamente de los peores crímenes, expulsándolo de Rusia en 1929. Yo, personalmente, en días de breve estancia en Moscú, en tiempos de Gorbachov, durante una conferencia que me tocó dar sobre Trotsky en el auditorio de un teatro, por las preguntas que me hicieron vi la gran ignorancia que existía sobre el estrecho colaborador de Lenin y organizador del “Ejército Rojo” y las falsedades y mentiras que imperaban. Ya sea que agrade o desagrade, al margen de odios o simpatías, nadie puede negar que León Trotsky pertenece a la historia de Rusia y tuvo un papel crucial en ella y de gran

importancia en un acontecimiento que cimbró al mundo y marcó el curso de la historia en el siglo XX, como fue la Revolución Rusa.

De los múltiples crímenes de Joseph Djughachvily, más conocido como José Stalin, el haber destruido y falsificado en Rusia la memoria histórica del importantísimo evento de la Revolución Socialista de Octubre es también uno de sus grandes crímenes. Sin memoria no se entiende el presente y es imposible planear el futuro. De ahí que yo que viví y fui testigo de este remolino de mentiras y falsedades, considero ser mi deber el restablecer, en lo que pueda, la verdad histórica.

RA: En los últimos años, se han producido libros que retratan a Trotsky como un personaje (*El hombre que amaba a los perros*; ¡Viva!; y *Frida y Trotsky*), ¿cómo cambian estos libros la imagen de Trotsky?

EV: *El hombre que amaba los perros* es el más cercano, los otros no los conozco.

RA: ¿Qué imagen quedó en su memoria de las veces que pasó con su abuelo en México?

EV: Era generoso, solidario, paciente para explicar y educar, con gran sentido del humor, creaba un ambiente cálido y jovial en su entorno.

LA ÚLTIMA MORADA DE TROTSKY

Gabriela Pérez Noriega¹

El lugar histórico, hoy Instituto del Derecho de Asilo Museo de León Trotsky, fue la última morada del revolucionario marxista ruso y tiene la historia que a continuación se narra. El 9 de enero de 1937, León Trotsky y su esposa Natalia desembarcaron del navío petrolero Ruth en el puerto de Tampico, México, procedentes de Noruega. El asilo político fue otorgado por el entonces presidente de México, Gral. Lázaro Cárdenas, cuya petición fue previamente realizada en Torreón por el muralista Diego Rivera, el Prof. Octavio Fernández y mediante una carta del Gral. Francisco Múgica.

El Gral. Lázaro Cárdenas envió el tren presidencial, “El Hidalgo”, o “Tren Olivo”, para trasladar a Trotsky y Natalia a la Ciudad de México. Diego Rivera y Frida Kahlo generosamente les proporcionaron albergue en su residencia La Casa Azul de Coyoacán, en un ambiente de gran cordialidad y amistad.

El arribo a México ocurrió tras haber sufrido el más rígido arresto domiciliario de los últimos seis meses de su asilo en Noruega, durante los “Procesos de Moscú”, por disposición del gobierno de dicho país que cedió ante las amenazas rusas de suspender las compras de arenque. El propósito era imposibilitar la defensa de León Trotsky ante los absurdos y monstruosos cargos vertidos en contra suya y de su hijo León Sedov “*in absentia*”. En dichos procesos, Stalin llevaría a cabo las sangrientas purgas para asesinar a los compañeros de armas de Vladimiro Lenin y descabezar al Ejército Rojo, exterminando a la mayoría de sus generales y de su oficialidad. En cambio, en México, en La Casa Azul, al poco tiempo de su llegada, León Trotsky inicia de inmediato su defensa pública. Solicita entonces la creación de una comisión internacional de indagación para examinar

¹ Directora Jurídica y Ejecutiva IDA-Museo Casa de León Trotsky

los expedientes de los “Procesos de Moscú”, evaluar tanto su defensa como la de su hijo, frente a las acusaciones imputadas, y determinar si realmente eran culpables de los crímenes por los que fueron condenados “*in absentia*”. En marzo de 1937, por iniciativa de “*The American Committee for the Defense of León Trotsky*”, se organizó una comisión compuesta por renombrados e intachables intelectuales de diversas nacionalidades, ajenos a la ideología de León Trotsky. Fue conocida como la “Dewey Commission” por estar encabezada por el filósofo norteamericano John Dewey. La comisión es también conocida como los “Contra Procesos de Moscú”. Trotsky declaró públicamente que se entregaría a las autoridades soviéticas para su ejecución caso la comisión lo encontrase culpable del más mínimo de los cargos. En La Casa Azul de Coyoacán, una subcomisión llevó a cabo, en abril de 1937, trece sesiones de exhaustivos interrogatorios a Trotsky y a su secretario Jan Frankel.

El 21 de septiembre del mismo año, transcurridos meses de investigaciones, la “Dewey Commission” dio su veredicto: ¡Los Procesos de Moscú fueron basados en “*frame ups*” (falsas acusaciones para inculpar inocentes) y que Trotsky y León Sedov no eran culpables de los 18 cargos levantados en su contra por orden de Stalin! De las muchas batallas libradas por León Trotsky contra el régimen contrarrevolucionario estalinista, sin lugar a dudas, la “Comisión Dewey” o “Contra Procesos de Moscú” fue una de las más notables y trascendentes. Así se desenmascaró y demostró de forma contundente e inapelable, ante la historia presente y futura, la absoluta ilegitimidad del régimen burocrático dirigido por Stalin, cuyo gobierno tenía como bases al imperio de la mentira y los asesinatos sin freno ni límites.

Tras casi dos años de gran amistad, la relación entre Diego Rivera y León Trotsky, a finales de 1938, repentinamente llegó a su término. El secretario francés Jean van Heijenoort atribuye como principal causa a problemas surgidos con la creación de la revista “Clave” por un grupo de personas cercanas a la ideología de Trotsky, quienes no otorgaron la dirección a Diego Rivera sino al joven camarada José Farrel. Además, un artículo de Diego fue presentado como una carta a la redacción. Ambos hechos contrariaron a Diego quién, erróneamente, en una carta al poeta surrealista francés André Bretón, culpó a León Trotsky de lo sucedido. Al negarse el muralista a aclarar el malentendido, la amistad previa llegó a su término. Tras lo ocurrido, según narra el secretario Van Heijenoort, Diego Rivera

se alejó del trotskismo y se acercó a pequeños sindicatos y grupos políticos hostiles a la ideología de León Trotsky. Tiempo después, Diego Rivera apoyó al candidato presidencial de derecha: Andrew Almazán.

Tras el distanciamiento, el secretario Van Heijenoort prosiguió a buscar nueva morada y, en marzo de 1939, encontró una residencia deshabitada y en mal estado en la calle Viena 19 (cerca de La Casa Azul), antigua casa de campo construida en la época de Porfirio Díaz y que había sido habitada por la familia Turati, comerciantes del ramo óptico.

Tras intensos trabajos de reparación y remodelación, Trotsky, Natalia y los camaradas “secretarios-guardias” se mudaron el 5 de mayo siguiente. Se implementaron conejeras y gallineros, una pequeña granja de la cual se ocuparía Trotsky para proveer alimentos a la familia y realizar actividad física. También se aficionó a la búsqueda y recolección de cactáceas diversas en el campo mexicano, para adornar con ellas el jardín de la casa de Viena 19.

Tras un año de tranquila y apacible existencia en la nueva morada, repentinamente, en la madrugada del 24 de mayo de 1940, la mano asesina de Josef Stalin se hizo presente. Una veintena de estalinistas fuertemente armados, encabezados por David Alfaro Siquieros, invadieron sorpresivamente la casa y ametrallaron profusamente desde tres direcciones la recámara de León Trotsky y de Natalia, por órdenes dirigidas desde Moscú. La misión fue frustrada gracias a que Natalia, a los primeros disparos, tiró a León Trotsky de la cama, empujándolo hacia un oscuro rincón de la recámara. Fue así que ambos se salvaron. En la habitación vecina, el pequeño Esteban recibió un impacto de bala en el pulgar del pie derecho al vaciar uno de los estalinistas toda la carga de una pistola automática sobre el lecho donde dormía. La puerta de la residencia fue abierta a los atacantes por el joven guardia Sheldon Hart, miembro estalinista infiltrado en la casa. León Trotsky y Natalia Sedova sabían que Stalin solo les daría una tregua y en fecha cercana sobrevendría otro atentado.

El Socialist Worker Party (SWP) norteamericano mediante una colecta reunió fondos para que Trotsky comprara la casa de la calle Viena 19 y se realizaran reformas para fortificar la residencia, obras que el revolucionario ruso consideraba de poca utilidad, ya que tenía la certeza de que el siguiente atentado no sería similar al primero, sino de otra naturaleza. El 20 de agosto de 1940, el catalán Ramón Mercader, agente de la GPU (NKVD), mantuvo una relación amorosa

con la joven trotskista norteamericana Sylvia Ageloff y, de ese modo, consiguió infiltrarse hábilmente en el entorno de León Trotsky.

Tras ello, Mercader se trasladó a México, pretextando motivos de negocios y aparentando siempre absoluto desinterés tanto en la política como en León Trotsky. Sin embargo, procuró entablar amistad con los ayudantes/secretarios, a quienes invitaba frecuentemente a restaurantes. Se aproximó del matrimonio Rosmer, muy cercano a Trotsky, ganando su confianza y acompañándolos de día de campo o llevándolos al puerto de Veracruz, cuando se embarcaron hacia Europa junto con Natalia. Repentinamente, Mercader pide de favor a Trotsky que revise un pequeño escrito de su autoría, a lo cual no se pudo negar. Una vez en su despacho, con piolet de mango recortado y en breves segundos, Mercader hiere de muerte a Trotsky.

A poco tiempo del asesinato de su esposo, Natalia Sedova recibe la visita del presidente Gral. Lázaro Cárdenas y de su esposa Amalia Solórzano de Cárdenas para manifestarle su pésame y ofrecerle su generoso apoyo. En los últimos meses de su gestión, el Gral. Lázaro Cárdenas dispuso que el gobierno comprara la casa de Viena 19, con el propósito de dar recursos a Natalia Sedova para su sustento, con pacto verbal de que podría continuar habitando la residencia por tiempo indefinido y con la promesa de que, en el futuro, el sitio se convertiría en un museo.

No obstante, en la escritura de compraventa del gobierno, con fecha 22 de noviembre de 1940, no quedó especificado su uso futuro como museo, sino con la designación de centro cultural, lo cual dio vulnerabilidad al sitio histórico. Rápidamente fue aprovechado por elementos estalinistas infiltrados en gran número en el gobierno para intentar cumplir con órdenes recibidas desde Moscú de eliminar la casa que fue de León Trotsky y el escenario y testimonio del alevoso crimen ahí cometido. En repetidas ocasiones, llegaron escritos de oficinas del gobierno, ordenando la desocupación del inmueble para emplearlo como guardería infantil, biblioteca u oficinas gubernamentales.

Gracias a la intervención del Gral. Lázaro Cárdenas en una carta, con fecha 4 de julio de 1946, dirigida al Lic. Adolfo Zamora, abogado que había sido gran amigo y apoderado legal de León Trotsky, y también tutor de su nieto, le manifiesta: *¡que el primer magistrado tuvo a bien acordar se deje a la Sra. Vda. de Trotsky en posesión definitiva y en propiedad la citada casa, y que al efecto giraría las instrucciones correspondientes!*

Lo que confirmó el Lic. Javier Rojo, en carta de fecha 13 de septiembre: *...Ya tengo dadas órdenes a la Dirección General de Obras Públicas para que la misma escritura en favor de usted, y cuando este documento esté, la llamarán para que se sirva usted firmarla.* Y así, al poco tiempo, Natalia Sedova fue convocada para la rúbrica. A pesar de esto, manos misteriosas lo hicieron desaparecer el documento, y la casa continuó siendo propiedad del gobierno.

Otro episodio digno de contarse involucra al embajador ruso en México, Konstantin Umansky, según relato del Lic. Adolfo Zamora. Dada la estrecha amistad de Zamora con el procurador de justicia de México, fue informado que Umansky tenía la ineludible misión, por encargo de Stalin, de sobornar a la justicia mexicana, sin limitar recursos, para oficializar la versión de que la muerte de Trotsky había ocurrido en una lucha frente a frente con un supuesto partidario suyo, decepcionado, y así mitigar el crimen con traición, alevosía y ventaja, con la autoría indeleble, imborrable de José Stalin. Obviamente, la justicia mexicana no se prestó para esta falsificación. Poco después, Konstantin Umansky fue destituido de su cargo en México y fue indicado embajador en Costa Rica, a donde nunca llegó, ya que el avión que lo trasladaba explotó misteriosamente al clarear el día, el 25 de enero de 1945, en su despegue en el Aeropuerto Militar de la Ciudad de México.

Como se mencionó anteriormente, el insólito extravío de la escritura que avalaba la donación de la casa de Viena 19 a Natalia Sedova, viuda de Trotsky, mantuvo la propiedad del inmueble a nombre del gobierno. Por fortuna, durante muchos años no se puso en peligro la permanencia del lugar histórico, salvo brevemente en una ocasión en los primeros días de enero de 1965.

El presidente Lic. Gustavo Díaz Ordaz, en un inesperado ataque de furia por la participación de estudiantes y profesores de filiación trotskista en pugnas universitarias en la UNAM, como represalia y venganza exigió repentinamente la desocupación inmediata de dicha casa por los familiares de León Trotsky, que la ocupaban y cuidaban. En dicha ocasión, un fornido abogado del Dpto. Central llegó a la residencia con quince camiones de carga y una orden de desalojo inmediato.

Una vez más, por intervención del Gral. Lázaro Cárdenas y de un gran amigo del Museo, el Lic. Javier Wimer, se concedió un plazo de quince días para el desalojo. Tres meses después de haber desocupado el inmueble, Esteban

Volkov, nieto de Trotsky, recibió una notificación del gobierno en la cual se le indicaba que podía retornar a la casa de Viena 19.

El 24 de septiembre de 1982, el destino de la residencia quedó asegurado al ser declarada monumento histórico por decreto del presidente José López Portillo, el cual designó como guardián y custodio a Esteban Volkov.

El 20 de agosto de 1990, el entonces regente de la Ciudad de México, Lic. Manuel Camacho Solís, llevó a cabo la reinauguración de la Casa Museo León Trotsky, bajo la supervisión de la Dra. Alejandra Moreno Toscano. Simultáneamente, en un edificio anexo comprado por el gobierno, se inauguró el “Instituto del Derecho de Asilo y Libertades Públicas”.

El edificio anexo al museo cuenta con dos salas de exposición, auditorio, biblioteca y oficinas. Posteriormente, la razón social de museo cambió a “Instituto del Derecho de Asilo Museo casa de León Trotsky AC” (IDA-Museo). El objetivo del IDA-Museo es mantener y preservar la verdad histórica.

Este instituto, como estipulan sus estatutos, también tiene la misión de promover la educación y la cultura para la población, para lo cual cubre múltiples actividades como cine, exposiciones, recitales, cuenta cuentos, conferencias, mesas redondas, seminarios, presentación de libros, por citar algunas. Además, la entidad actúa como coadyuvante de diversas instituciones públicas y privadas sobre el tema ‘migración’.

Engels, Trotsky and the natural sciences: a case study in cosmology

Alex Steinberg¹

<https://orcid.org/0000-0003-2842-5687>

Abstract: The topic of this essay is Trotsky's approach to dialectical philosophy and the natural sciences. We will first summarize the tradition whose mantle Trotsky inherited as it was developed by Engels. We will then consider Trotsky's relationship to the natural sciences. Trotsky, echoing Engels proclamations decades earlier, maintained that a dialectical philosophy is an essential guide to the work of the scientist while at the same time granting the autonomy and freedom of scientists to pursue their research. Trotsky had a lifelong interest in following the developments in the natural sciences. He also had an intuitive grasp of some important developments in the natural sciences that would only come to fruition decades after his death. We will then present a case study of how a dialectical approach to nature can assist in overcoming a crisis that is plaguing contemporary physics. Specifically we will discuss how a dialectical approach to nature can inform cosmology in the 21st century and avoid the philosophical pitfalls and dead-ends that mark the contemporary crisis in physics.

19

Keywords: Human Sciences; Marxism; Social History; Dialectical Materialism; Philosophy of Nature.

¹ Alex Steinberg has taught classes on Hegel, Marxist philosophy, the dialectics of nature, and other topics at the Brecht Forum, the New Space and the Marxist Education Project. He has been a presenter and panelist at Socialist Scholars Conference, the Left Forum and Historical Materialism. He also served on the local and national boards of the New York radio station WBAI.

Engels, Trotsky e as ciências naturais: um estudo de caso em cosmologia

Resumo: O tópico deste ensaio é a abordagem de Trotsky em relação à filosofia dialética e às ciências naturais. Resumiremos primeiro a tradição cujo manto Trotsky herdou à maneira que foi desenvolvida por Engels. Em seguida, vamos considerar a relação de Trotsky com as ciências naturais. Trotsky, ecoando as proclamações de Engels décadas antes, sustentava que a filosofia dialética é um guia essencial para o trabalho do cientista, ao mesmo tempo que garante a autonomia e a liberdade dos cientistas para realizar suas pesquisas. Trotsky teve um interesse em seguir os desenvolvimentos nas ciências naturais por toda a vida. Ele também tinha uma compreensão intuitiva de alguns desenvolvimentos importantes nas ciências naturais que só se concretizariam décadas após sua morte. Em seguida, apresentaremos um estudo de caso de como uma abordagem dialética da natureza pode ajudar a superar uma crise que assola a física contemporânea. Especificamente, discutiremos como uma abordagem dialética da natureza pode informar a cosmologia no século 21 e evitar as armadilhas filosóficas e becos sem saída que marcam a crise contemporânea na física.

20

Palavras-chave: Ciências Humanas; Marxismo; História Social; Materialismo dialético; Filosofia da Natureza.

Engels, Trotsky y las ciencias naturales: un estudio de caso en cosmología

Resumen: El tema de este ensayo es el abordaje de Trotsky hacia la filosofía dialéctica y las ciencias naturales. Primero resumiremos la tradición cuyo manto heredó Trotsky tal como fue desarrollado por Engels. Luego consideraremos la relación de Trotsky con las ciencias naturales. Trotsky, haciéndose eco de las proclamas de Engels décadas antes, sostenía que una filosofía dialéctica es una guía esencial para el trabajo del científico y, al mismo tiempo, otorga la autonomía y la libertad de los científicos para continuar su investigación. Trotsky tuvo un interés de toda la vida en seguir los desarrollos de las ciencias naturales. También tenía una comprensión intuitiva de algunos desarrollos importantes en las ciencias naturales que solo se materializarían décadas después de su muerte. A continuación, presentaremos un estudio de caso de cómo un enfoque dialéctico de la naturaleza puede ayudar a superar una crisis que azota a la física contemporánea. Específicamente, discutiremos cómo un enfoque dialéctico de la naturaleza puede informar la cosmología en el siglo XXI y evitar las trampas filosóficas y los callejones sin salida que marcan la crisis contemporánea de la física.

Palabras-Clave: Ciencias Humanas; Marxismo; Historia social; Materialismo dialéctico; Filosofía de la naturaleza.

Introduction

It is well known that Trotsky had a lifelong interest in the natural sciences and the convergence of the natural sciences with philosophy. More accurately, Trotsky felt that the philosophy of dialectical materialism – or what Bertel Ollman (1976, Chapter 3) called “the philosophy of internal relations”, is critical in the theoretical work of the natural sciences. At the same time, Trotsky was a firm advocate of the right of scientists to pursue their work unencumbered by authority or dogma. Trotsky held this position long before the Stalinist bureaucracy imposed ideological shackles on science in the Soviet Union and the mass repression and murder of some of its leading scientists.

Trotsky’s attitude to the natural sciences did not emerge out of nowhere but was part of the Marxist culture that had developed among a circle of the Russian revolutionary intelligentsia in the late 19th and early 20th century. As such, Trotsky stood on the shoulders of Friedrich Engels’ *Dialectics of Nature* (1934). Although this unfinished manuscript of Engels was not published until 1925, the broad outlines of Engels view on a dialectical approach to nature were well known for decades. Furthermore, I have argued in a previous essay (STEINBERG, 2019) on Trotsky’s Philosophical Notebooks that Trotsky’s approach to dialectics was very different than the rigid and dogmatic version that was adopted by the “father of Russian Marxism”, Georgi Plekhanov.

Before exploring any further Trotsky’s understanding of the relationship between philosophy and the natural sciences, let us try to summarize the tradition that was inaugurated by Engels.

The legacy of Engels as the pioneer of a dialectical orientation for the natural sciences

In the collaboration between Marx and Engels it was left to Engels to systematically elaborate the basic principles of the philosophy of Marxism. This is not to say that Marx had no interest in philosophy and had nothing to say on that subject. But with the exception of his doctoral dissertation Marx never wrote a systematic and definitive treatise on philosophy. To be sure there is a great deal of philosophical material in the *Economic and Philosophical Manuscripts of 1844* and many intriguing reflections on philosophy in such works as the *Holy*

Family, *The German Ideology*, *The Poverty of Philosophy*, as well as the *Grundrisse*. But these works were either unpublished notes (as in the *1844 Manuscripts*) or brief though fertile reflections. That does not mean that Marx did not have a coherent and systematic philosophical outlook. Indeed I think it is possible to reconstruct such a philosophical outlook through a historically informed investigation of the published and unpublished works as well as correspondence. Bertell Ollman (1976, p. 40) has convincingly argued that Marx was a proponent of the philosophy of internal relations and was working within a tradition whose predecessors included Spinoza, Leibniz and Hegel. A key tenet of the philosophy of internal relations is the concept of Things as Relations. This is contrasted with the common sense view that there are Things that have some sort of independent existence and they enter into various Relations. In the philosophy of internal relations a Thing is its network of relations and can be nothing else. Thus for Marx, Capital – which is a “thing” in bourgeois economics, can only be properly conceptualized as a Social Relation. This relational view applies to both society and nature and is at the center of a fundamental part of dialectics. But while Marx employed the relational view in his understanding of human society, he never had the opportunity to systematically expound on his philosophical approach.

That task fell to his lifelong collaborator, Frederick Engels. To quote Bertell Ollman,

Marx never dealt with the special problems raised by the materialist content he gave to the philosophy of internal relations... Provided that he could successfully operate with his relational view, he gave low priority to its elaboration and defense. That task was undertaken to some degree by Engels... (Ibid. p. 36)

Some scholars have questioned whether Engels views on the natural sciences coincided with Marx. Without getting into the details of that controversy I think that while it may be a mistake to completely conflate the views of Engels to those of Marx, it is also a mistake to think that Engels views were radically divergent from those of Marx.

Engel's work in the natural sciences in fact owes a great deal to Hegel, both his *Logic* and his *Philosophy of Nature*. This Marxist heritage of Hegel's contribution to the natural sciences has sometimes not been recognized due to the supposition that Hegel's idealism was an absolute barrier to his contributing anything of significance to the natural sciences. Yet not only are certain themes

common to both authors, but there are literally dozens of direct references, either quotes or paraphrases, in Engels notes, to the two works of Hegel. To cite one example, take Engels' iconic statement summing up his materialist philosophy of nature, "Matter is unthinkable without motion." (ENGELS, 1934, Chapter 3)

What is not so well-known is that this statement is a paraphrase of a statement in Hegel's *Philosophy of Nature*, "just as there is no motion without matter, so there is no matter without motion." (HEGEL, 1970, p. 95)

Common to both Hegel and Engels was a lifelong interest in the natural sciences where new developments were followed closely. Of course this is not to deny that the science of the late 18th and early 19th century, which defined Hegel's landscape, was very different than the science of the latter part of the 19th century in which Engels was immersed. Engels had the benefit of reading Darwin's account of the evolution of species through a historical process of natural selection. In this way the Life Sciences became a historical science. A similar step was taken in the Physical Sciences with the pioneering nebular hypothesis of the origin of the solar system first articulated by Kant and Laplace. In the Introduction to his *Dialectics of Nature* Engels makes the point that what distinguishes the science of his time from the mechanical world outlook that was completed by Newton was the idea that nature has a history.

Engels characterized the ossified state to which the natural sciences were confined in the 18th century thus,

In contrast to the history of mankind, which develops in time, there was ascribed to the history of nature only an unfolding in space. All change, all development in nature, was denied. Natural science, so revolutionary at the outset, suddenly found itself confronted by an out-and-out conservative nature in which even today everything was as it had been at the beginning and in which – to the end of the world or for all eternity – everything would remain as it had been since the beginning. (ENGELS, 1883, Chapter 1)

Engels then goes on to explain that this view of the world was first shattered not by the scientists but by philosophers and was only later validated by new discoveries in the natural sciences, specifically citing the Kant–Laplace theory of the origin of the solar system and Darwin's theory of evolution through a historical process of natural selection.

To round out this summary of the tradition in the dialectics of nature that began with Engels we should point out that Engels was motivated in this

project by some very concrete political and cultural imperatives. Among these were the rise of very reactionary and reductionist interpretations of Darwinism championed by the German scientist Ernst Haeckel. This represented an accommodation with German imperialism and racism that threatened to infect sections of the German Social Democratic Party. The philosophical roots of these backwards trends were grounded in a form of mechanical, i.e. anti-dialectical, materialism and a positivist approach to the natural sciences.

Trotsky's understanding of the natural sciences within the tradition inaugurated by Engels

Trotsky stood on the shoulders of Engels both in advocating the benefits of a dialectical understanding of nature and his lifelong interest in the progress of the natural sciences. Furthermore, I have argued in a previous essay on Trotsky's *Philosophical Notebooks* that his approach to dialectics was very different than the rigid and dogmatic version that was adopted by the “father of Russian Marxism”, Georgi Plekhanov. (STEINBERG, 2019) It was much closer to the spirit of Hegel and Marx and far removed from the stultifying dogma of “diamat” that later became the official ideology of Stalinism. It's worth noting, if only as an aside, the crucial influence that the Italian Marxist Antonio Labriola had on Trotsky. This was argued by Michael Löwy who wrote,

Trotsky's starting point, therefore, was this critical, dialectical and anti-dogmatic understanding that Labriola had inspired. (LÖWY, p. 152)

Without Labriola's incisive opposition to the sterile reductive materialism of the Second International in the decades prior to the First World War, it's hard to imagine Trotsky being able to make his theoretical breakthrough on permanent revolution in 1906. (see CHATTOPADHYAY, 2006, pp. 78–82). (As regards science, the influence of Labriola is evident in Trotsky's warnings against the dangers of reductionism in the natural sciences, particularly in the 1925 speech, *Dialectical Materialism and Science* – warnings that are remarkably prescient, especially in relation a contemporary field like neuroscience. We once more encounter an even more insistent anti-reductionism in the *Philosophical Notebooks* Trotsky maintained during his final period of exile). Trotsky's views on the natural sciences are expressed in a number of essays and speeches as

well as in a series of fragmentary notes he wrote in his *Notebooks* during his last period of exile.

His influence on the philosophical and scientific culture of the early years of the Soviet Union cannot be underestimated. One indication of his prominence in this area can be gauged by the fact that he wrote an open letter to the editors of the first issue of the theoretical journal, *Under the Banner of Marxism*. Trotsky was thrust into the ideological debates that were raging in the Soviet Union in the 1920's as a result of the specific historical circumstances then facing the young revolutionary regime that had just survived a civil war. He wrote about these circumstances in his letter to the journal,

The soviet state is a living negation of the old world, its social order, personal relationships, views, and beliefs. But, at the same time, the soviet state itself is still full of contradictions, holes, inconsistencies, vague fermentation—in short, the phenomena in which the legacy of the past intertwines with the germs of the future. In such a deeply fractured, critical, and unstable era as ours, education of the proletarian vanguard requires serious and reliable theoretical foundations. It is necessary to arm a young worker's thought and will with the method of the materialist worldview so that the greatest events, the powerful tides, rapidly changing tasks, and methods of the party and state do not disorganize his consciousness and do not break down his will before the threshold of his independent responsible work. (TROTSKY, 2011)

26

Lenin also wrote a letter to the very next issue of *Under the Banner of Marxism* where he explicitly brought out his view of the relationship between dialectical philosophy and the natural sciences. In his words,

In my opinion, the editors and contributors of Pod Znamenem Marksizma should be a kind of "Society of Materialist Friends of Hegelian Dialectics". Modern natural scientists (if they know how to seek, and if we learn to help them) will find in the Hegelian dialectics, materialistically interpreted, a series of answers to the philosophical problems which are being raised by the revolution in natural science and which make the intellectual admirers of bourgeois fashion "stumble" into reaction. (LENIN, 1972)

It is noteworthy that whereas Trotsky's remarks were restricted to the need to train young workers in the theoretical foundations of materialism and atheism, Lenin while endorsing those sentiments, chose to zero in on dialectics, to specifically emphasize the necessity of educating not only young workers, but

scientists, in dialectics, albeit a materialist reinterpretation of Hegel's dialectics. This is not to imply that Trotsky was less interested in dialectics than Lenin, only that at this point in his work, he did not emphasize it to the degree that Lenin did. This would change in the next few years as Trotsky's grasp of the critical role that education in dialectics would evolve.

As one of the leaders of the October Revolution and a prominent official of the Soviet Union, Trotsky was frequently invited to address various audiences. The most well-known of Trotsky's pronouncements on the role of dialectics in the natural sciences was a speech he gave in 1925 to the Mendeleev Society in Moscow, where he had been invited to receive an honorary degree.

His theme was precisely how the revolution had liberated the sciences from the requirements of capital and how this makes possible the advance of both scientific theory and its practical applications. Trotsky in his talk made a case to this audience that even if they are not Marxists politically, their scientific work can benefit enormously if they learn to think philosophically as dialecticians.

One of the points Trotsky made in his speech to the Mendeleev society is that the advancement of science can be aided by a proper philosophical approach and hindered by a bad one. That does not mean you can proceed purely with a philosophical approach without mastering chemistry or physics. He called that approach "Communist arrogance" – "*Komchvanstvo*" in Russian. But equally wrong is the idea that you can learn chemistry and ignore philosophy, specifically dialectical philosophy. That is a form of "Chemistry arrogance" – "*Khimchvanstvo*" in Russian.

Trotsky's remarks about "Communist arrogance" have a special significance given the historical context behind his speech. He was speaking shortly after the emergence of the Left Opposition and the growth of a bureaucracy within the Soviet state and the Communist Party. He was both sending a broad message about the dangers of the newly emerging bureaucracy and assuring his audience that the Soviet state would not allow any bureaucrats to dictate an ideological litmus test to scientists. Unfortunately, the Left Opposition, headed by Trotsky, lost the struggle with the Stalinist bureaucracy and not only were ideological litmus tests imposed within a few short years of this speech, but leading scientists such as the physicist Boris Hessen and the agronomist Nikolai Vavilov, were murdered by the bureaucracy.

In this talk Trotsky goes beyond the need for materialism and speaks specifically, as Lenin did, about how an understanding of dialectics could be an invaluable tool for the natural scientist. On the other hand, Trotsky acknowledged that even a scientist who was ignorant of dialectics can adopt dialectics unconsciously. He cites for instance the case of Darwin,

Darwin can be placed in the same category. This highly gifted biologist demonstrated how an accumulation of small quantitative variations produces an entirely new biologic “quality” and by that token he explained the origin of species. Without being aware of it, he thus applied the method of dialectic materialism to the sphere of organic life. Darwin although unenlightened in philosophy, brilliantly applied Hegel’s law of transition from quantity into quality. At the same time we very often discover in this same Darwin, not to mention the Darwinians, utterly naive and unscientific attempts at applying the conclusions of biology to society. To interpret competition as a “variety” of the biological struggle for existence is like seeing only mechanics in the physiology of mating. (TROTSKY, 1940).

But even if a great thinker like Darwin can become, to some extent, an unconscious dialectician, his lack of familiarity with dialectical philosophy will inevitably lead him down some false paths, in this case, that of a crude reductionism.

Trotsky used the occasion of this talk to sound the alarm against the dangers of reductionism. He insisted that you cannot reduce psychology to physiology, and that each branch of the sciences has its own methods and procedures although “in the final instance” they are all interlinked. Thus he says,

Chemistry is a powerful pillar of physiology with which it is directly connected through the channels of organic and physiological chemistry. But chemistry is no substitute for physiology. Each science rests on the laws of other sciences only in the so-called final instance. But at the same time, the separation of the sciences from one another is determined precisely by the fact that each science covers a particular field of phenomena, i.e. a field of such complex combinations of elementary phenomena and laws as require a special approach, special research technique, special hypotheses and methods. (TROTSKY, 1940)

Another speech, one that Trotsky gave in 1926 to a group of radio technicians, is often cited as representative of his views on science. It was later published with the title, *Radio, Science, Technique and Society*. However, this talk

is for the most part a reflection on technology rather than on theoretical issues concerning the natural sciences. Nevertheless, his views on the relationship between philosophy and the natural science are expressed here as well. It is included in the following remark about the philosophical battle against mystifying interpretations of new discoveries about matter,

The more science learns about matter, however, the more “unexpected” properties of matter it discovers, the more zealously does the decadent philosophical thought of the bourgeoisie try to use the new properties or manifestations of matter to show that matter is not matter. The progress of natural science in the mastering of matter is paralleled by a philosophical struggle against materialism. Certain philosophers and even some scientists have tried to utilize the phenomena of radioactivity for the purpose of struggle against materialism: there used to be atoms, elements, which were the basis of matter and of materialist thinking, but now this atom has come to pieces in our hands, has broken up into electrons, and at the very beginning of the popularity of the electronic theory a struggle has even flared up in our party around the question whether the electrons testify for or against materialism. Whoever is interested in these questions will read with great profit Vladimir Ilyich’s work on *Materialism and Empirio-Criticism*. In fact neither the “mysterious” phenomena of radioactivity nor the no less “mysterious” phenomena of wireless transmission of electro-magnetic waves do the slightest damage to materialism. (TROTSKY, 1974)

He also made the following statement on the importance of a dialectical approach to the natural sciences and contrasted that with the non-dialectical thinking that limited one of Russia’s greatest scientists, Mendeleev,

Radioactivity, as we have already mentioned, in no way constitutes a threat to materialism, and it is at the same time a magnificent triumph of dialectics. Until recently scientists supposed that there were in the world about ninety elements, which were beyond analysis and could not be transformed one into another – so to speak, a carpet for the universe woven from ninety threads of different qualities and colours. Such a notion contradicted materialist dialectics, which speaks of the unity of matter and, what is even more important, of the transformability of the elements of matter. Our great chemist, Mendeleev, to the end of his life was unwilling to reconcile himself to the idea that one element could be transformed into

another; he firmly believed in the stability of these “individualities”, although the phenomena of radioactivity were already known to him. But nowadays no scientist believes in the unchangeability of the elements. Using the phenomena of radioactivity, chemists have succeeded in carrying out a direct “execution” of eight or nine elements and, along with this, the execution of the last remnants of metaphysics in materialism, for now the transformability of one chemical element into another has been proved experimentally. The phenomena of radioactivity have thus led to a supreme triumph of dialectical thought. (Ibid.)

It should also be noted that Trotsky, while a firm advocate of the benefits of technology in harnessing the power of nature, was also mindful of the destructive potential of technology when its use serves the profit motive.

Technique and science have their own logic – the logic of the cognition of nature and the mastering of it in the interests of man. But technique and science develop not in a vacuum but in human society, which consists of classes. The ruling class, the possessing class, controls technique and through it controls nature. Technique in itself cannot be called either militaristic or pacifistic. In a society in which the ruling class is militaristic, technique is in the service of militarism. (Ibid.)

An appreciation of Trotsky’s approach to the natural sciences and how it matured over the years can be further examined by a look at the philosophical notebooks he kept during his last period of exile in the 1930’s (TROTSKY, 1998). By that time, Trotsky’s encounter with positivists like Max Eastman had convinced him more than ever that a dialectical approach to the natural sciences is a requirement. By “positivism” we are referring to a philosophical approach to the natural sciences that questions the reality of the objective world. As far as the positivist is concerned, questions about the nature of the real world are meaningless and should be banished from the lexicon of science. The only thing that is relevant to the scientist are observations and experiments they perform and generalizations from those observations. The godfather of positivist philosophy was the physicist Ernst Mach. By the 1920 and 1930’s positivism had coalesced into an official movement called Logical Positivism led by a group of Viennese philosophers, Moritz Schlick, Carl Hempel, Otto Neurath and Hans Reichenbach. It was not coincidentally contemporaneous with the adoption by the physics community of that time of an anti–realist philosophical position that came out

of the new field of quantum physics known as the “Copenhagen Interpretation”. The Logical Positivist provided a philosophical rationalization for the anti–realist position of Copenhagen as presented by Niels Bohr and Werner Heisenberg².

It is not clear how conversant Trotsky was with these philosophical debates within the scientific community but he was certainly acquainted with positivism as a philosophical trend that was contemptuous of dialectics and philosophical questions in general. He wrote, in his Notebooks, undoubtedly having his encounter with Max Eastman in mind,

To the representatives of positivism, with his limited point of view, we say that all the contemporary sciences [...] use the law of dialectical thinking at every step just as the shopkeeper uses the syllogism or as Monsieur Jourdain uses prose: without ever knowing it. Precisely because of this the average scholar preserves many habitual traits resembling those of impermeable bulkheads, not posing those questions which should issue from the general movement of scientific thought, and cravenly ceases to draw general conclusions, when they call for a dialectical leap. (TROTSKY, 1998)

Most astonishing and a clear example of Trotsky’s brilliance, was his anticipation of a major breakthrough in evolutionary theory by more than 40

[...] there are long ages of relative equilibrium in the world of living things, when the laws of selection operate almost imperceptibly, and different species remain relatively stable, seeming the very embodiment of Plato’s ideal types. But there are also ages when the equilibrium between plants, animals, and their geophysical environment is disrupted, epochs of geobiological crisis, when laws of natural selection come to the fore in all their ferocity, and evolution passes over the corpses of entire plant and animal species. On this gigantic scale Darwinian theory stands out above all as the theory of critical epochs in plant and animal development. (TROTSKY, 1977, p. 30)

This passage is a remarkable anticipation of the paradigm shifting theory of punctuated equilibrium developed by Niles Eldridge and Stephen Jay Gould. Trotsky’s discussion of long periods of stability of a species when evolution seems to stand still which are then “punctuated” by what appear to be sudden

² A good summary of the Logical Positivists and their convergence with the Copenhagen Interpretation of quantum physics can be found in the recently published book, “What is Real? The Unfinished Quest for the Meaning of Quantum Physics”, Chapter 8, ‘More Things in Heaven and Earth’, by Adam Becker. Basic Books, 2019.

transformations that give rise to a new species is a key point of the theory of punctuated equilibrium – a theory that angered many traditional Darwinists. The gradualist approach of the fundamentalist Darwinists did not leave room either for sudden transformations, or for the long periods of stability. Punctuated equilibrium also went against the grain of traditional geology which since the time of Lyell had denied the role of catastrophic changes. We now know that catastrophic environmental changes can lead to mass extinctions and the emergence in a brief time period of new species, even of an entire complex of new species. In order to turn Trotsky's insight into a scientific research project, one more thing is needed; seeing the connection between these long periods of stability interrupted by short periods of dramatic speciation events with the fossil record³.

If one were to sum up Trotsky's approach to the natural sciences it would be that as his thinking on the subject matured, he became convinced that an understanding of dialectics was of inestimable value to the work of the natural scientist particularly in avoiding the pitfalls of gradualism and reductionism.

Let us now probe in a more systematic manner what a dialectical approach to physics looks like.

A dialectical approach to physics

The field of physics that deals with the Universe as a Whole, cosmology, has made enormous strides in the last few decades. Yet, strangely enough, the progress in cosmology has thrown it into crisis. It was only about 50 years ago that the field of cosmology was almost completely a purely speculative enterprise. Very little could be observed or verified. But in the past few decades there has been a revolution in our understanding of the universe. One of the first was the discovery of the cosmic background radiation which for the first time gave us a window into the early universe. And just a few years ago the world of physics was astonished by the verification of gravitational waves. And most recently the Event Horizon project gave us the first image of a black hole. We can now deduce the age of the universe, the time from the Big Bang, with a great deal of precision. We know now that the Universe is approximately 13.7 billion years old. While today cosmology still retains its speculative element, it now has a good deal of observational data with which to work. But our ability to make sense of all this

³ For a fuller discussion of Trotsky as a Marxist theoretician, see my essay *Trotsky as a Marxist Theoretician: The Evidence in the Notebooks*, Critique, Volume 47, 2019 – Issue 2, by Alex Steinberg.

new information seems more limited than ever. What this points to is that the growing body of knowledge we have gained has come up against the limits of our ability to develop a coherent theory or theories to understand it. There are a number of reasons for that but one of the most important is the disdain that physicists have developed for philosophy. Unlike the pioneers of the early 20th century such as Einstein who had a deep engagement with philosophical issues and insisted that they were an invaluable aid in working through the fundamental theories of nature, most contemporary physicists have been imbued with the ethos of a pragmatic approach that disdains philosophical issues. This attitude was nicely summed up in the words attributed to Richard Feynman, “Shut up and calculate”! (MERMIN, 2004) But just because you ignore philosophical questions doesn’t mean they disappear. They simply return through the back door, as a series of ideas that are simply taken for granted.

To get beyond these conceptual limitations it is necessary to turn to the philosophical enterprise that has evolved in partnership with the natural sciences, the dialectical philosophy of nature.

In the period following the Scientific Revolution of the 17th century, the German philosopher Gottfried Wilhelm Leibniz articulated a version of dialectical philosophy. Credit must be given to Bertel Ollman for drawing attention to Leibniz’s important role in the development of dialectical philosophy which can be called more broadly “the philosophy of internal relations”.

Leibniz was also an important contributor to the Scientific Revolution in his own right, having developed, independently of Newton, the modern calculus. Leibniz was a philosophical opponent of Newton. In the Newtonian universe, there is matter and there is motion and the two are irreducible to each other. Motion happens as a result of an external force acting on matter. In the Leibnizian universe matter and motion are intrinsically related concepts. We cannot understand what matter is without motion and vice versa. Also, space and time must be brought into the picture since it makes no sense to speak of motion without at least an implicit understanding of what we mean by space and time. The significance of the Leibniz/Hegel/Engels philosophical standpoint for physics is – in the words of a contemporary physicist – that

[...] there should be nothing in the universe that acts on other things without itself being acted upon. All influences or forces should be mutual.

Einstein invoked this principle to justify his replacement of Newton's theory of gravity by general relativity. His point was that Newton's absolute space tells bodies how to move, but nothing is reciprocated; the bodies in the universe do not influence absolute space. Absolute space just is. In Einstein's theory of general relativity, the relationship between matter and geometry is reciprocal: Geometry tells matter how to move and, in turn, matter influences the curvature of spacetime. Nor can anything affect the flow of Newton's absolute time. Newton hypothesizes that it flows the same whether the universe is empty or full of matter. In general relativity, the presence of matter affects the behavior of clocks." (SMOLIN, 2014, p. 2014)

Dialectical thinking is how we can conceptualize movement and change and the Whole and Parts relationship. The complex forms of progress made in the natural sciences (as well as in philosophy) can be rationally reconstructed dialectically. This is often explained as a mysterious process requiring a mastery of Hegelian terminology to understand. But this is a false assumption. While a study of Hegel can be beneficial for the scholar, it is not a requirement for grasping what we mean by dialectics. One way of conceiving this process that demystifies it is to see it as a movement by indirect proof. And contrary to what has been asserted by both friends and enemies of dialectics, it is perfectly consistent with the law of the excluded middle that is a cornerstone of traditional logic. Dialectical logic does not assert that a thing can both be and not be in the same way at the same time since its province is motion and change while formal logic has for its province an idealized set of relations that are timeless.

34

To illustrate what we mean when we say that dialectical thinking progresses through contradiction, I offer the following simplified narrative.

We begin when the implication of a theory reveals itself to be self-contradictory. Either its predictions are falsified by empirical evidence or some of the implications of the theory contradict each other. You can call this the moment of negation.

What does "implication" mean in this context? Simply that the properties that define A require B and its properties. An example of this in the writings of Marx is his statement that "Production is [...] at the same time consumption and consumption is at the same time production." (MARX, 1971).

The initial theory contains a previously unknown feature or argument. $A \rightarrow B$ (A implies B). But when examined further $B \rightarrow C$ (B implies C) we learn that, contrary to our expectations, A does NOT imply C ($A \neq C$). Or to put it

another way, if C is true, A, as originally formulated, cannot be true. That is when we need to find a new formulation of A that preserves its relationship to B while also being consistent with C.

The recognition of the problem is the impulse to resolve the contradiction through a higher more comprehensive truth, one that pays due respect to what was the relative truth contained in each side of the previous articulation.

A new conception of A, a candidate theory if you like, emerges that allows B and C to both be true. The discovery of the new more comprehensive theory is the moment of the negation of the negation.

Of course in the natural sciences we are not dealing with just a logical construction. All theories must be confirmed empirically through experiment and observation. Furthermore, the very impulse to develop new theories and new technologies is rooted in history, in the practical impulses grounded in class society. For example, while scientific curiosity is certainly a motive for driving many scientific enterprises, it is rarely the whole story. We know for instance that Galileo was encouraged in his experiments on the motion of falling bodies by the requirement of the Italian city states of the time to develop more accurate artillery weapons.

We can illustrate this movement through contradiction by examining a famous thought experiment [*Gedankenexperiment*] that Einstein devised in formulating his special theory of relativity. I am referring to the thought experiment of the observer at a train embankment and an observer on a moving train both seeing beams of light from two different points.

There are two postulates that Einstein makes before any further consideration.

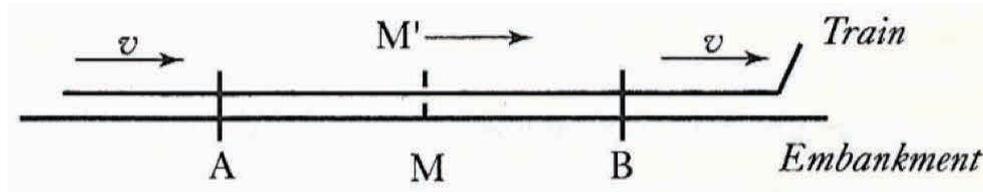
1. Motion is relative. The effects of the laws of physics must look the same to every observer in uniform motion.

2. The speed of light through empty space is constant. The velocity of light through empty space should be the same as that measured by every observer in uniform motion. The thought experiment then considers the following scenario:

- Observer *M* stands on an embankment, while observer *M'* rides on a rapidly traveling train. At the precise moment that *M* and *M'* coincide in their positions, lightning strikes points *A* and *B* equidistant from *M* and *M'*.

- Light from these two flashes reach M at the same time, from which M concludes that the bolts were synchronous.
- The combination of Einstein's first and second postulates implies that, despite the rapid motion of the train relative to the embankment, M' measures exactly the same speed of light as does M . Since M' was equidistant from A and B when lightning struck, the fact that M' receives light from B before light from A means that to M' , the bolts were *not* synchronous. Instead, the bolt at B struck first. (EINSTEIN'S THOUGHT EXPERIMENTS)

Figure 1: *Albert Einstein - Scanned from Relativity, the Special and General Theory (1916). Public Domain.*



It was already known that the speed of light is constant, 300,000 kilometers per second, regardless of the frame of reference of an observer. This was proven in the famous Michelson–Morley experiment. Therefore, how to account for the fact that an observer in one frame of reference sees two events as occurring simultaneously while an observer in another frame of reference sees the same two events as not simultaneous. In the example we are considering observer M' sees the lightning strike from point B before the lightning strike from point A . It cannot be a result of the beam of light reaching the observers at different speeds from point A and point B because that was disproven in the Michelson–Morley experiment. We expect the two observers to experience the two events in the same way – either simultaneous or B striking before A – because we assume that the experience of time is the same for both observers. The only way out of this conundrum is to hypothesize that the experience of time is different for the observer on the moving train than the observer on the embankment. If we abandon the assumption that the experience of time is the same for both observers, then we can maintain Einstein's two postulates.

And this was the move that Einstein made. But that simple step overturns 400 of years of established physics. What Einstein's special theory of relativity introduces is the idea of the “relativity of simultaneity”. It's a conception that

would have been inconceivable in the framework of Newtonian physics. For according to Newton, time is absolute and does not depend on the frame of reference of an observer. The measurement of time has no relation to the velocity of the motion of a body through space. Einstein overturns this entire edifice. With this thought experiment he was able to bring together space and time into something called “spacetime”. Time and space are intrinsically related to each other. Of course physicists represent the relationships between time, space, matter and motion in the language of mathematics. But mathematics is not required to grasp the conceptual basis behind those relationships. A simple thought experiment will do.

Einstein’s thought experiment has had numerous empirical confirmations. The relative experience of time according to the frame of reference of an observer has been verified by an experiment in which an atomic clock was taken on an airplane travelling for several thousand miles at a speed of hundreds of miles per hour. The plane was also travelling in the direction of the rotation of the Earth. A companion atomic clock whose time setting was coordinated with the travelling clock was left on the ground. When the two clocks were compared at the end of the journey it was found that the clock in motion had lost a fraction of a second compared to the stationary clock. This was direct evidence that time slows down for the observer in motion compared to an observer in a stationary state.

Examining this thought experiment in the language of dialectics, one can say that it is a great illustration both of the moment of negation when the implications of an existing theory are found to be self-contradictory and the moment of the negation of the negation when the contradiction is resolved through a higher more comprehensive theory.

In those areas of the natural sciences where direct observation or experimentation is not possible or highly impractical, this is where we see the kind of thought experiments that are very similar to the enterprise of philosophy. What we often witness is that these thought experiments develop in conjunction with experiment and observation. Sometimes the level of technology does not permit an experiment to confirm or falsify a thought experiment when it is initially formulated. But then perhaps decades after the initial thought experiment is constructed, the level of technology catches up and experiments are possible. And it’s also possible that certain thought experiments – even backed up by elegant

mathematics – are in principle impossible to confirm or falsify. In those cases, the thought experiment has simply gone astray. That is undoubtedly the case with the “multiverse” hypothesis which one contemporary critic, Sabine Hossenfelder (2019), has called a “religious” statement instead of a scientific one since it is in principle impossible for us to have any interaction with other universes.

Einstein was certainly not the first scientist to conduct thought experiments. They are already prominent in the work of Galileo. And he has been followed by many other physicists who have the tools of thought experiments to explore the limits of our conceptual understanding of the fundamental phenomenon of nature. And in a dialectical philosophy of nature, if it is not to be a vacuous mental exercise, the science of one’s time must be the underlying prerequisite. This means that in those areas of fundamental theory about the nature of the universe, the work of the physicist needs to be informed philosophically and you can also say that philosophy must be scientifically literate to be relevant in this area.

A case study of the crisis in cosmology and its possible resolution

The following discussion is meant to illustrate how a dialectical approach to the natural sciences provides the key for a fundamental breakthrough in cosmology. It is a case study in the dialectical approach to physics. We are not suggesting that either Engels or Trotsky had a hand in this endeavor, merely that the approach they championed in the natural sciences, one that is derived from the philosophical tradition of Leibniz, Hegel and Marx, provides the theoretical foundation for advances in our understanding of the universe.

In regard to the physics of the 21st century one can say that the failure of physicists working in the area of fundamental theory to ground their scientific endeavors within a philosophical foundation has led to a crisis in physics. This is a topic that has received much attention recently. One of the first explorations of the contemporary crisis in physics was Lee Smolin’s book *The Trouble with Physics* (2006). In that work he berates string theorists for spinning out theories simply because they can find elegant mathematical solutions without any connection to their philosophical coherence or the possibility of their observational confirmation. The results are that speculation in cosmology, that branch of physics that attempts to grasp the Universe as Whole, has now led to some absurd hypotheses

unmoored from any connection to Reality. For instance, there is the challenge posed by the idea that we do not inhabit a Universe, but a Multi–verse in which there are multiple universes, perhaps an infinite number, to which we can have no access.

Or take the hypothesis put forward by many contemporary cosmologists, and which has gained acceptance by a large section of the lay public thanks to the popular works of Stephen Hawking and others, that Time did not exist prior to the Big Bang.

I would maintain that the philosophical tradition that is most accommodating to the work of the cosmologist is the one inaugurated by Engels and championed by Trotsky, the dialectical philosophy of nature. The physicist Lee Smolin has provided a dialectical approach to cosmology that offers a unique solution to the philosophical and scientific problems involved in a theory of the origin and evolution of the universe. Smolin is not explicitly a proponent of dialectics, but there is little doubt that he is a practitioner of this tradition. He often cites the 17th century German philosopher Leibniz as his inspiration and contrasts Leibniz’s relational view of nature with Newton’s idea of absolute space and time. As we have noted, the Marxist philosopher Bertel Ollman gives credit to Leibniz as being one of the first to articulate what he calls the philosophy of internal relations. Smolin also argues for a view of the world that is always in a process of motion and change. Nothing is static and unchanging in Smolin’s ontology. Over the past 25 years Smolin has developed a theory of the nature and origin of the universe that is radically dialectical and fulfills the project first envisioned by Engels – of completing the transformation of natural science into historical science.

In a series of books and scientific papers, including *The Life of the Cosmos*, published in 1997, *Time Reborn*, published in 2014, and *The Singular Universe and the Reality of Time* written with Roberto Mangabeira Unger and published in 2015, Smolin provides what I would call a positive, dialectical speculation about the Universe as a Whole, its beginning and its evolution.

In summarizing Smolin’s project we first need to see what he is reacting against. He calls it the *Newtonian paradigm*. The *Newtonian paradigm* emerges with the Scientific Revolution of the 17th century but it has much older roots. Those roots go back to Plato and even prior to Plato to the philosopher Parmenides. For

it was Parmenides who first identified Reality with that which is unchanging. Parmenides nemesis in the history of philosophy was the philosopher of Motion and Change, Heraclitus. And you might say that dialectical philosophy looks to Heraclitus as its inspirer while opponents of dialectics, those who deny the reality of motion and change are followers of Parmenides.

Now what the Newtonian paradigm takes from the tradition of Parmenides and Plato is the idea that there are Eternal Truths and that the role of philosophy and of science is to discover those Eternal Truths that exist in some realm outside of history and outside of Time. The modern version of this states that mathematics is the language by which we discern the eternal and never changing laws that describe our world. Indeed, the world is in some sense forced to conform to those laws. It cannot do otherwise.

A corollary of this is the thesis of determinism. This is strongly implied in Newton already and contemporary physics, despite quantum theory, has really not gone beyond it. What this means is that given the initial conditions and given those laws that govern the behavior of objects in the universe, you can predict with absolute precision their future behavior. This means that novelty, contingency, do not really exist in our universe. The only reason we think there is contingency is because we do not have sufficient knowledge either of the Laws or of their initial conditions. But theoretically, if we did, then we can truly say that there is nothing new under the sun.

Still another tenet of the Newtonian paradigm is that you can extrapolate the results you see experimentally from a system that you isolate from the surrounding environment, and use those results to apply to the larger environment. This model for doing science has been very successful up to a point, but breaks down completely when that larger environment is the universe as a whole.

Finally, what the Newtonian paradigm encapsulates is a non-relational view of the Universe. It is the polar opposite of the relational view of Spinoza, Leibniz, Hegel and Marx. Space and Time are external to matter and are little more than a kind of container within which matter moves. Relativity theory did much to shatter that view, by showing an intrinsic relationship between space, time and matter in motion, but it did so at a price, as we shall see, by making Time disappear into a line on a graph representing something called “spacetime”.

Lest I overstate things, Smolin makes it clear that he thinks the Newtonian paradigm has in many ways been highly successful. The method it employs has been called “doing physics in a box”. By this is meant that to make progress we look at certain phenomena and try to understand how they work by taking certain factors as intrinsic to those phenomena, and isolating those from other factors, that we deem to be external and irrelevant. This procedure has, according to Smolin, proved very successful.

But physics in a box breaks down when the box in question is the entire universe, i.e. there is nothing outside of the box which we can set aside. And cosmology is where we consider a whole that contains all there is. There is no larger whole of which it is a part. At that point whatever relative progress was made by analysis of parts breaks down completely. This is what Smolin refers to as the crisis of physics. It is the inability of physics to rework its understanding of basic concepts such as space, time matter and motion that prevents it from making fundamental progress in unifying the different strands of physics and presenting a coherent picture of the workings of the universe as a whole. And although Smolin does not say so explicitly, I think what he is getting at is that non-dialectical thinking has reached its limits.

The importance of Smolin’s work is that he very clearly shows the limits of the non-dialectical understanding of nature that has emerged out of the Scientific Revolution of the 17th century. And he suggests a dialectically grounded theory of the origins of the universe that can get us beyond this crisis in physics. He does not claim to have proven his theory. There are gaps in his theory that he acknowledges, but he provides a unique and original solution to the problem of the origin and evolution of the universe and he does insist that his theory can be either validated or falsified through further research.

Smolin, when he gets to explain his theory in the book *Time Reborn*, challenges the last 400 years of physics by stating that “Time is Real”, i.e. it is the fundamental phenomenon in the universe and everything else, space, matter and motion are emergent properties of time itself. In fact Smolin shows just how radical that position is by demonstrating in the first half of his book that the direction of science from Galileo to Einstein has been to make time disappear. How did the march of science accomplish this? By positing a timeless mathematics that governed motion both in heaven and on earth. The insights

of Galileo and Kepler were unified into a single coherent theory by Newton, a theory of universal gravity. And if motion can be expressed in terms of mathematical formulas then it can be represented on a graph with the Y axis being time and the X axis being space. With Einstein the graph is completed as a representation of a body in 4 dimensions, the three of space and one of time and together they represent what has been called spacetime. Time has here been disappeared into space.

To quote Smolin,

Some physicists since Newton have embraced the mystic's view that the mathematical curve is "more real" than the motion itself. The great attraction of the concept of a deeper, mathematical reality is that it is timeless, in contrast to a fleeting succession of experiences. By succumbing to the temptation to conflate the representation with the reality and identify the graph of the records of the motion with the motion itself, these scientists have taken a big step toward the expulsion of time from our conception of nature. And as the graph suggests, there is no preferred direction of time. Once you know the laws that govern motion, there is theoretically no reason you cannot wind up those laws going forward as well as going back [...]

And the mathematical conjunction of the representations of space and time, with each having its own axis, can be called spacetime. (SMOLIN, 2014, p. 34)

Recall that in his *Dialectics of Nature* Engels gave special prominence to those moments in the history of science when the dimension of history was introduced into what was previously considered timeless. He gives credit to the Kant–Laplace theory of the origin of the solar system for providing a historical dimension to our understanding of the solar system (this was long before the discovery that our solar system is just a tiny part of one galaxy and that our galaxy is one among many other galaxies in the universe). They asked and tried to answer the question of how the solar system came into being. In the field of geology this began with Lyell and in biology of course with Darwin. With Darwin's theory of evolution through natural selection the historical dimension was introduced into the last redoubt of science after the notion of a timeless universe had already been breached.

The reason the concept of time being real is so radical is not only due to this heritage we have inherited, but also due to the fact that all the advances in science

in the 20th century seem to have further expelled time into an epiphenomenon of more fundamental forces. So before Smolin can introduce his own argument for the reality of time, he first needs to deconstruct the prevailing theories. Let us take a look at how he does that with the theory of relativity.

Recall that for Newton, space was posited as absolute and infinite and there was one clock that could measure the same time throughout the universe. It mattered not where the observer was placed. However, Einstein showed that the frame of reference of the observer in relation to the event matters. What appears to be two simultaneous events to one observer situated at point A can appear to another observer situated at a different point in the universe as two events that are not simultaneous. Neither one of the observers can be said to be right or wrong. Rather the Newtonian assumption that you can measure time throughout the universe by the same clock is an unwarranted assumption.

To quote Smolin,

So there's no right answer to questions that observers disagree about, such as whether two events distant from each other happen simultaneously. Thus, there can be nothing objectively real about simultaneity, nothing real about "now". The relativity of simultaneity was a big blow to the notion that time is real [...]

This is a timeless picture, because it refers to the whole history of the universe at once. There is no preferred moment of time, no reference to what time it is now, no reference at all to anything corresponding to our experience of the present moment. No meaning to "future" or "past" or "present". (SMOLIN, 2014, p. 58)

There is also one more thing that comes out of relativity theory that undermines the notion of the reality of time. That is the idea that the universe must have had a beginning. It's a conclusion derived from the equations of general relativity and is the theoretical basis for the conjecture of the Big Bang. If the universe had a beginning, then time had a beginning, or so goes the argument, and if time had a beginning then it had to have been through something that is not time in time itself. Stephen Hawking has called this "the Singularity" and he is one of those scientists who says that it is absurd to speak of Time before the Big Bang.

Thus, relativity theory apparently puts the final nail in the coffin for the reality of time argument.

After summing up the arguments against the reality of time, Smolin begins the second part of his book by presenting the problems in this view of nature.

First there are some absurd conclusions that follow from the view that time is not real. If the universe is nothing other than a block universe without the reality of time, then there is no reason in principle you cannot go back in time as well as move forward in it. But all the evidence we have ever seen in nature is that there is an arrow of time and it cannot be wound backward as the representations of time or spacetime suggest they can.

How to account for this arrow of time if time is not real?

Smolin's response to the implication of relativity theory is strictly within the spirit if not the letter of Einstein. He is saying that relativity theory cannot be the whole story but is only presenting us with an approximate truth. He does not deny its validity but posits that it cannot be the final answer, that there must be a more comprehensive explanation, as yet undiscovered, that can account for the truths of relativity theory while validating the reality of time.

Smolin further cites two questions that need to be answered by any science that would account for the universe as a whole:

1. Why these laws? Why is the universe governed by a particular set of laws? What selected the actual laws from other laws that might have governed the world?
2. The universe starts off at the Big Bang with a particular set of initial conditions. Why these initial conditions? Once we fix the laws, there are still an infinite number of initial conditions the universe might have begun with. What mechanism selected the actual initial conditions out of the infinite set of possibilities? (SMOLIN, 2014, p. 57-98)

Posing those questions is to bring up the principle of sufficient reason, first articulated by Leibniz. It follows from the principle of sufficient reason that a property of anything in the universe cannot simply be "given", it must be explained. According to this essentially relational view of nature, any science that simply accepts the given, that does not ask why this given is the way it is and not some other way, is not a complete science. Even if we don't have the answer, we need to begin by asking the question.

For example, why not ask why the cosmological constant, the very tiny number that represents the rate of acceleration of the expansion of the universe, is exactly the quantity that it is and not some other quantity. If it was just slightly

higher, the universe would be expanding at a rate that would make it unstable and therefore could not have existed for longer than a brief period. If it was slightly lower, then the expansion of the universe would come to an end with the Big Crunch. It seems as if the cosmological constant is tuned just right. Why is that?

Smolin's answer is to propose an analogy to the response that the evolutionary biologist provides when asked the question, why are humans endowed with just the right biological traits to allow them to survive in the world they inhabit. The answer in that case is that the human you see today is the end product of a long historical process of natural selection. Smolin is positing a process of Cosmological Natural Selection to explain why the universe we live in is tuned just right. It is an astounding claim.

Smolin proposes a mechanism for how the Laws of Nature could evolve. You can understand it by way of an analogy to biological Natural Selection.

The basic idea is that the universe reproduces new universes forming out of black holes. The more black holes a universe has the more it is likely to reproduce.

In Smolin's theory of Cosmological Natural Selection, what corresponds to organisms producing more offspring than could survive is the idea that there are many possible laws of nature and many possible initial conditions at the time of the origin of the universe. The universe we now inhabit has survived, but it is possible that other universes with different laws and different initial conditions did not survive. He theorizes that the great majority of earlier universes could not have survived longer than a mere fraction.

Now in what way can we speak of offspring, of a new generation, inheriting properties when it come to the Universe? Smolin's idea is that there has been not just one Big Bang but a series of many Big Bangs, perhaps an infinite number, each giving rise to some kind of Universe.

In biological natural selection, we find random variations in offspring because genes mutate. Darwin did not know about genes when he formulated his theory but he did see that there must be random variations from one generation to another.

In Cosmological Natural Selection there are random variations in the new universe created from black holes from the universe that spawned it. But instead of variations among genes, these are variations of laws of nature and in

their initial conditions. The offspring universe resembles its parent, but with small variations. These variations make the new offspring universe either more or less fit.

In the biological natural selection, we measure “fitness” by the ability of an organism to reproduce and propagate itself into the next generation. In Cosmological Natural Selection the measure of “fitness” is the number of black holes a universe can produce. That is because the number of black holes in a universe is a direct measure of its ability to reproduce itself. And the number of black holes in a universe is itself determined by a set of parameters – of initial conditions and laws. In Smolin’s words, “Many parameters lead to universes that have no black holes at all. A few parameters lead to universes that have lots of black holes”. (SMOLIN, 2014, p. 125)

Remember that we mean by parameters such things as the value of the cosmological constant. This is a measure of the rate of expansion of the universe. If it varies just slightly from its current value in our universe, if it was slightly higher for instance then our universe would expand so fast that there would not be sufficient time to create black holes.

If we follow the logic of cosmological natural selection, it leads to a historical explanation of why our universe has the laws and initial conditions that it has. We can say that our own universe must be the typical kind of universe one would expect as a result of the mechanism of natural selection having worked on many generations of universes.

Note that for Cosmological Natural Selection to make sense, Time must be real. The Big Bang is just a moment in time, though of course a special one. Time does not begin with the Big Bang but precedes it.

Let me stress that Smolin’s speculation is more a blue print for a theory yet to come than a completely worked-out theory. But he does maintain that it makes predictions that are testable, unlike much speculation.

And it does answer the question “why these laws and not others” very nicely if true.

The radical idea that the Laws of Nature themselves evolve was first formulated by the American philosopher Charles S. Peirce. Smolin’s hypothesis points to a realm of historical science that even Engels did not dream of. While Engels correctly saw that the progress of science can be measured when a

phenomenon that previously had been thought of as being static and eternal is superseded by an understanding of that same phenomenon as having a history of coming into being and passing away, it never occurred to him that this can be applied to the Laws of Nature themselves. This idea did have a certain prehistory among physicists in the 20th century. It was suggested by Paul Dirac and John Wheeler. Fortuitously, it was also suggested by Engels most prominent supporter in the area of the dialectics of nature, the British scientist who edited Engels work, J.B. S. Haldane, who proposed the idea in 1940. He wrote,

[...] far from being laid down by the arbitrary word of a creator, they [the laws of nature] may prove to be a system as intimately and rationally knit together as the propositions of geometry, and yet changing and evolving with time like the forms of plants and animals. (HALDANE, p. 42).

If Smolin succeeds in establishing his speculations into Cosmological Natural Selection, then he will have made an epochal contribution to our understanding of the universe. But even if he doesn't succeed, I think something like Smolin's theory must be true. For otherwise, we would be left with the strange conclusion that everything in the universe is changing, except the laws that govern those changes. But that would be un-dialectical.

References

BECKER, Adam. *What is Real? The Unfinished Quest for the Meaning of Quantum Physics*. **More Things in Heaven and Earth**. Basic Books, 2019.

CHATTOPADHYAY, Kunal. **The Marxism of Leon Trotsky**. Progressive Publishers, 2006.

EINSTEIN'S THOUGHT EXPERIMENTS. In: **Wikipedia**. Available at: <https://en.wikipedia.org/wiki/Einstein%27s_thought_experiments>. Accessed on 29th August 2020.

ENGELS, Friedrich. **Dialectics of Nature**. Moscow: Progress Publishers, 1934, 6th printing 1974. Available at: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1883/don/>>.

HALDANE, John Burdon Sanderson. *The Laws of Nature*. **Science and Life: Essays of a Rationalist**. Great Britain, Pemberton Publishing Co Ltd, 1968. Available at: <<http://jbshaldane.org/books/1968-Science-and-Life/index.html>>.

HEGEL, G.W.F. **Philosophy of Nature** [1842]. London: George All en and Unwin; New York: Humanities Press, 1970.

HOSSENFELDER, Sabine. *Why the multiverse is religion, not science*. **BackReaction**, 2019. Available at: <<http://backreaction.blogspot.com/2019/07/why-multiverse-is-religion-not-science.html>>.

LENIN, V.I. [1922] *On the significance of militant materialism*. **Lenin's Collected Works**, Progress Publishers, Moscow, Volume 33, 1972, pp. 227-236. Translated: David Skvirsky and George Hanna. Available at: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/mar/12.htm>>.

LÖWY, Michael. *Dialectics and Revolution: Trotsky, Lenin, Lukács*. In the anthology, **Dialectics for the New Century**, edited by Bertell Ollman and Tony Smith, Palgrave Macmillan, 2008

MARX, Karl. Appendix I. **A Contribution to the Critique of Political Economy**. translated from the German by S. W. Ryazanskaya, Lawrence & Wishart. 1971.

MERMIN, N. David. *Could Feynman Have Said This?* **Physics Today** 57, 5, 10, 2004; doi: 10.1063/1.1768652

OLLMAN, Bertell. **Alienation: Marx's conception of man in capitalist society**. Second Edition, Cambridge University Press, 1976. Available at: <<https://www.nyu.edu/projects/ollman/books/a.php>>.

SMOLIN, Lee. **Time Reborn: From the Crisis in Physics to the Future of the Universe**. Mariner Press, Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

STEINBERG, Alex. *Trotsky as a Marxist Theoretician: The Evidence in the Notebooks'*. **Critique**, Volume 47, 2019 – Issue 2.

TROTSKY, Leon. [1922] *Attention to theory: Letter to the editor of Under the Banner of Marxism*. **Platypus Review**. V.34, April. 2011. Available at: <<https://platypus1917.org/2011/04/03/attention-to-theory-letter-to-the-editor-of-under-the-banner-of-marxism/>>.

_____. [1925] *Dialectical Materialism and Science*. **New International**, Vol.6 No.1, February 1940, pp. 24-31. Available at: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1925/09/science.htm>>.

_____. [1926] *Radio, Science Technique and Society*. **New Park Publications Ltd.** 186a Clapham High Street, London, SW4 7L; September 1974; Permission granted by Index Books, London. Reprinted from *Labour Review*, Vol.2 No.6, November-December 1957. Translated by Leonard Hussey (Brian Pearce). Available at: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1926/03/science.htm>>.

_____. *Kautsky. Portraits, political & personal*. edited by George Breitman and George Saunders. New York: Pathfinder Press, 1977. Available at: <<http://www.marxists.org/archive/trotsky/profiles/kautsky.htm>>.

_____. *Trotsky's Notebooks, 1933–1935: Writings on Lenin, Dialectics, and Evolutionism*. Ed. By Phillip Pomper. New York: Emeritus History Books, 1998.

UNGER, Roberto Mangabeira; SMOLIN, Lee. *The Singular Universe and the Reality of Time: A Proposal in Natural Philosophy*. Cambridge University Press, 2014.

Arte negativa e sequestros dialéticos na obra de Antonio Dias¹

Luiz Renato Martins ²

<https://orcid.org/0000-0002-1734-3275>

Resumo: Em *Literatura e Revolução* (1923), Trotsky fez uma observação breve – mas muito aguda – sobre a questão dos “países atrasados” que, ao se apropriarem de formas culturais oriundas dos países avançados, obtiveram resultados “mais brilhantes e fortes” do que os últimos (ver ‘O futurismo’, 08. set. 1922).

Apesar de sumária, a assertiva incidia incisivamente em pelo menos dois aspectos: ela descartava o pretexto do nacionalismo e da autenticidade, que as burguesias periféricas usam em vários níveis para sufocar a auto-organização das classes trabalhadoras periféricas; além disso, ela também suscitava paralelos com certas formas avançadas de luta e de auto-organização, desenvolvidas por trabalhadores em países periféricos.

Nesse sentido, atos de *sequestro dialético* e de torção crítica deliberada converteram em armas cortantes e decisivas, nos países periféricos, algumas formas socialmente coniventes ou originalmente conformistas, inerentes à cultura do capitalismo avançado. Igualmente, nesse processo, foram forjadas afiadas

¹ Este texto transcreve com pequenos ajustes, para a forma escrita, o trabalho apresentado oralmente em 06.09.2019 sob o título *Negative Art and Dialectical Kidnappings in Antonio Dias' Work* no painel “New Directions in Cultural Analysis”, no âmbito do evento *Uneven and Combined Development for the 21st Century: A Conference*, realizado na University of Glasgow (5-7.09.2019) sob coordenação do prof. Neil Davidson e promovido por Socialist Theory and Movements Research Network e Historical Materialism Journal.

² É professor-orientador do PPG em História Econômica-PPGHE, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP; e do PPG em Artes Visuais-PPGAV, da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo-USP; e editor da revista *Cadernos do Movimento Operário*, S. Paulo, ed. Sundermann, em preparação, a sair em breve. Publicou, entre outros: *The Long Roots of Formalism in Brazil*, Juan Grigera (ed.), Alex Potts (introd.), Renato Rezende (trad.), Chicago, HMSB-London/ Haymarket, 2019; *The Conspiracy of Modern Art*, Steve Edwards (ed. + introd.), Renato Rezende (trad.), Chicago, HMSB-London/ Haymarket, 2018; *Revoluções: Poesia do Inacabado 1789-1848 (vol. 1)*, S. Paulo, col. Ideias Baratas/ Sundermann, 2014.

armas críticas que ultrapassaram pontos cegos de formas artísticas e críticas dos países centrais. O trabalho do pintor brasileiro Antonio Dias (1944-2018), frequentemente engajado num corpo a corpo crítico com correntes pictóricas em voga na cena internacional da arte, constitui um exemplo permanente de tais práticas críticas, que podem ser denominadas de “arte negativa”, para citar o próprio Dias.

Este artigo busca mostrar como Dias, que *sequestrou* em 1965 elementos da *pop art* norte-americana, para se opor e resistir ao golpe civil-militar de 1964 no Brasil, deflagrou posteriormente outras estratégias análogas. Desse modo, após 1968, ele se apropriou de elementos das tendências pictóricas analíticas para tratar dialeticamente de contrastes entre países centrais e periféricos. Além disso, o artigo busca demonstrar como Dias elaborou analogamente uma crítica pictórica original do neoliberalismo. Para tanto, a pintura de Dias parodiou elementos do neoexpressionismo pictórico, que ascendeu concomitantemente ao novo ciclo capitalista. Por fim, o artigo delinea brevemente como, da Guerra do Golfo em diante, a pintura de Dias respondeu à integração do genocídio e de práticas do terrorismo de Estado na rotina administrativa global. Nesse sentido, solventes e tintas acrílicas foram empregados para evocar em suas pinturas operações dissolutivas e mortíferas. Igualmente, Dias concebeu, para o mesmo fim, combinações e montagens de formas de telas que evitavam a muito institucionalizada forma quadrangular.

51

Palavras-chave: Antonio Dias; realismo crítico; pintura negativa; neoexpressionismo e neoliberalismo; práticas genocidas e de terrorismo de Estado.

Negative art and dialectical kidnappings in Antonio Dias' works

Abstract: In *Literature and Revolution* (1923), Trotsky made a brief – but very insightful – remark on the issue of “backward countries” that, through the appropriation of cultural forms of “advanced countries” achieved results “more brilliantly and powerfully” than the latter (see ‘The Futurism’, 08 Sept. 1922).

Despite its shortness, such an assertion was incisive in two aspects at least: it dismissed the claim of nationalism and authenticity, which the peripheral bourgeoisie use in many levels to stifle the self-organisation of peripheral working classes; also, it evoked parallels with some advanced forms of struggle and self-organisation, which are developed by workers of peripheral countries.

In this sense, acts of *dialectical kidnapping* and deliberated critical distorting have turned into sharp and decisive weapons in peripheral countries some socially conniving or initially conformist forms inherent to the culture of advanced capitalism. As well, in this process, there were made some critical penetrative weapons which superseded blind spots of the artistic and critical forms of the central countries. Often critically grappling with the up to date pictorial currents of the international art scene, the work of Brazilian painter Antonio Dias (1944-2018) presents a permanent example of such critical practices, which can be named as “negative art”, to quote Dias himself.

This article seeks to show how Dias, who *kidnapped* in 1965 elements from North American Pop art, to stand and resist against the 1964 civil-military coup in Brazil, triggered other analogous strategies afterwards. Thus, after 1968, he targeted analytical trends in painting to focus the contrasts between central and peripheral countries dialectically. Also, the article seeks to demonstrate how Dias elaborated an original pictorial critique of Neoliberalism. He did so by parodying elements of pictorial Neo-expressionism, which ascended contemporaneously with the new capitalist cycle. Finally, the article briefly outlines how, from the Gulf War onwards, Dias' painting responded to the integration of genocide and State terrorism practices into the global administrative routine. Accordingly, solvents and acrylic paints were employed in his paintings to evoke deadly dissolving operations. Also, for the same purpose, Dias conceived combinations and montages of canvas' shapes which avoided the very institutional quadrangular form.

Key-words: Antonio Dias; critical realism; negative painting; neo-expressionism and neoliberalism; extermination and genocides practices.

Arte negativo y secuestros dialécticos en la obra de Antonio Dias

Resumen: En *Literatura y Revolución* (1923), Trotsky hizo una observación breve – pero muy aguda – sobre la cuestión de los “países atrasados” que, al apropiarse de formas culturales de los “países adelantados”, han logrado resultados “con mayor claridad y fuerza” que estos últimos (ver ‘El futurismo’, 08. Sep. 1922).

Pese a ser breve, la afirmación capta agudamente al menos dos aspectos: primero, desestima las pretensiones de nacionalismo y autenticidad que las burguesías periféricas utilizan en varios niveles para sofocar la autoorganización de las clases trabajadoras periféricas. Y también evoca paralelismos entre las distintas formas avanzadas de lucha y de autoorganización que desarrollan los trabajadores de los países periféricos.

Es así que mediante actos de *secuestro dialéctico* y de deliberada torsión crítica se han convertido en armas afiladas y decisivas en los países periféricos algunas formas socialmente sumisas u originalmente conformistas, inherentes a la cultura del capitalismo avanzado. De todos modos, en este proceso, fueron forjadas armas críticas agudas que superaron puntos ciegos de algunas formas artísticas y críticas de los países centrales. La obra del pintor brasileño Antonio Dias (1944-2018) (quien a menudo se dedicó a un cuerpo a cuerpo crítico con corrientes pictóricas en boga en la escena artística internacional) constituye un ejemplo permanente de esas prácticas críticas que pueden denominarse “arte negativo”, para citar al propio Dias.

53

Este artículo trata de mostrar cómo Dias *secuestró* en 1965 elementos del *pop art* estadounidense, para oponerse y resistir el golpe cívico-militar de 1964 en Brasil y como desencadenó más tarde otras estrategias similares. Luego después de 1968, se apropió de elementos de las tendencias pictóricas analíticas para tratar dialécticamente de los contrastes entre los países centrales y periféricos. Además, el artículo busca demostrar cómo Dias elaboró análogamente una original crítica pictórica del neoliberalismo. Con este fin, la pintura de Dias parodió elementos del neoexpresionismo pictórico, lo cual ascendió concomitantemente al nuevo ciclo capitalista. Por último, el artículo esboza brevemente cómo, a partir de la Guerra del Golfo, la pintura de Dias respondió a la integración de las prácticas de genocidio y terrorismo de Estado en la rutina administrativa global. En este sentido, utilizó disolventes y pinturas acrílicas para evocar en sus pinturas operaciones mortalmente disolutivas. Asimismo, y con el mismo fin, Dias concibió combinaciones y montajes de formas de lienzo que evitaban la muy institucionalizada forma cuadrangular.

Palabras clave: Antonio Dias; realismo crítico; pintura negativa; neoexpresionismo y neoliberalismo; prácticas genocidas y terrorismo de Estado.³

³ Agradeço a Juan Grigera a revisão do *resumen*.

Para Neil Davidson (1957-2020)

Desde os trabalhos de Winckelmann (1717-1768) e Herder (1744-1803) em meados do século 18, o universalismo, por um lado, e o nacionalismo, por outro, reivindicam a superioridade dos seus valores artísticos ante os do oponente.

Embora remonte à era do Esclarecimento, a querela se desdobra ainda hoje, pois em parte – de modo insciente e a despeito de seus próprios termos – reflete os ritmos e as conseqüências desiguais do processo de desenvolvimento sistêmico e globalmente combinado da modernização capitalista, em curso desde o mercantilismo. Assim, para aferir a persistência da querela, basta recordar da polêmica do pós-modernismo e do multiculturalismo contra a concepção do crítico de arte formalista norte-americano Clement Greenberg (1909-94) acerca do modernismo.

Apesar do caráter acre e acirrado do confronto entre “universalistas” e “localistas,” ambos os lados têm muito em comum e compartilham, por exemplo, a noção de autonomia estética, fundada na crença da imunidade da forma estética ante a materialidade do processo histórico geral. Este trabalho não entrará nessa disputa, cujos argumentos são marcadamente anti-dialéticos de ambos os lados.

Ao invés, partirei aqui de um comentário de Trotski (1879-1940), de 1922, acerca do Futurismo. Nele, Trotski observou que os “países atrasados” refletiram mais de uma vez – “com maior força e brilho” – as realizações dos “países avançados”, do que fizeram estes. A distinção, mesmo sem desenvolvimento ou prova, consta como um dos argumentos iniciais do ensaio intitulado “O Futurismo”, firmado em 08.09.1922. O ensaio foi incluído e referido com destaque nas introduções, de setembro de 1923 bem como da segunda edição de julho de 1924, de *Literatura e Revolução*. Nele, Trotski afirmou:

observamos um fenômeno repetido mais de uma vez na história; os países atrasados mas com um certo nível de desenvolvimento cultural refletem *com maior clareza e força* em suas ideologias as conquistas dos países adiantados. Assim, o pensamento alemão dos séculos XVIII e XIX refletiu as conquistas econômicas dos ingleses e as conquistas políticas dos franceses. Desse modo, o futurismo alcançou sua mais clara expressão não nos Estados Unidos ou na Alemanha, mas na Itália e na Rússia” (TROTSKY, 2015, p. 285, grifos meus).

O que está em jogo nessa observação breve, e sem seguimento, de Trotski? A apropriação de formas avançadas pelos assim chamados “países atrasados” e o reuso delas em moldes periféricos e com poder superior de esclarecimento. De fato, e como é notório, países periféricos sofrem o impacto incessantemente e em todos os domínios das formas geradas nas economias capitalistas avançadas e são forçados a responder a elas. Em geral o fazem pela importação das formas avançadas numa escala rebaixada, comprando assim tecnologia ultrapassada ou para outros contextos e fins, bem como ideias inapropriadas ou fragmentadas e incompletas, vindo a utilizá-las de modo indevido e impreciso.

Porém não é o momento de subordinação, e sim o caso oposto, que quero discutir aqui. Ou seja, precisamente aquele aventado por Trotski no ensaio de 1922 sobre o futurismo, ao observar o proveito crítico e reflexivo superior extraído em certos casos por “países atrasados” de “formas avançadas” apropriadas aos países hegemônicos. Para tanto, vou extrair exemplos da obra do artista visual brasileiro Antonio Dias (1944-2018).

Foi na mostra *Opinião 65* (MAM-RJ, 12.08-12.09.1965), no Rio de Janeiro, que seu trabalho irrompeu com grande impacto não apenas por responder frontalmente ao golpe, mas por fazê-lo evitando a cilada do nacionalismo que tinha capturado a maior parte da esquerda pré-64, debilitando-a previamente ante a iminência do golpe.

Em que consistia a nova síntese proposta por Dias ante o esquema dualista nacional x estrangeiro? Precisamente na apropriação dialética dos materiais da *pop art* para reintroduzi-los combinados a signos de violência e desfechos trágicos, de moldes periféricos. Notem, por favor, que a noção de “*arte negativa*”, de acordo com uma anotação feita num caderno de Dias, três anos depois, já se encontra intuída e realizada nessas pinturas de 1965, tal como outra ideia também formulada e anotada em 1968, a de “pintura como crítica de arte” – uma denominação possivelmente paralela à de “*arte negativa*” (DIAS, 1967-69; MIYADA, 2019, pp. 234-7).

a dar numa entrevista em Köln (Colônia), Alemanha, em junho de 1994. Nela, à pergunta da entrevistadora – de por que utilizava formas geométricas combinadas a palavras –, ele respondeu: “(...) para mostrar esta totalidade que existe fora do quadro, e que de lá o invade” (DIAS, 1994, pp. 54-55).

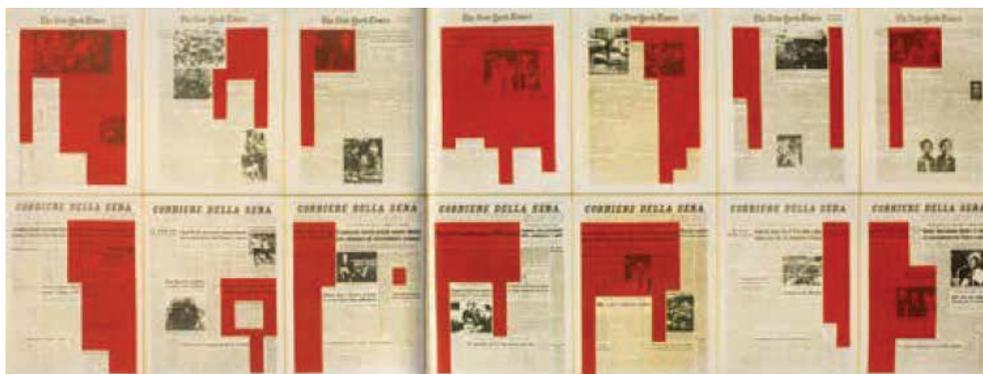


Figura 3: Antonio DIAS, *THE ILLUSTRATION OF ART / DAZIBAO / THE SHAPE OF POWER*, 1972, serigrafia e acrílica sobre tela, 121 x 317 cm, col. particular

De fato, contemporâneo à nota sobre a “arte negativa”, *Do It Yourself: Freedom Territory* (Faça Você Mesmo: Território Liberdade, 1968),⁴ um trabalho anterior aos *Dazibaos*, trouxera também *operações negativas* – não de modo isolado, mas combinadas à afirmação do seu nexu intrínseco com a realidade. Assim, entre 1968 e 1969, Dias, ao lado de Hélio Oiticica (1937-1980), estabeleceu princípios e o programa detalhado de um modo de trabalho ligado ao que Oiticica denominou de “arte ambiental”, precisamente para aludir à permeabilidade permanente do trabalho de arte à realidade.

⁴ A estrutura quadriculada, traçada com fita adesiva, foi montada pela primeira vez, em 1969, no Museu Nacional de Arte Moderna, de Tóquio, como parte da mostra *Contemporary Art: Dialogue Between the East and the West*. A instalação compreende, como montagem, um outro trabalho (adiante descrito): *To the Police*, denominado em separado, mas quase sempre montado articuladamente à instalação.

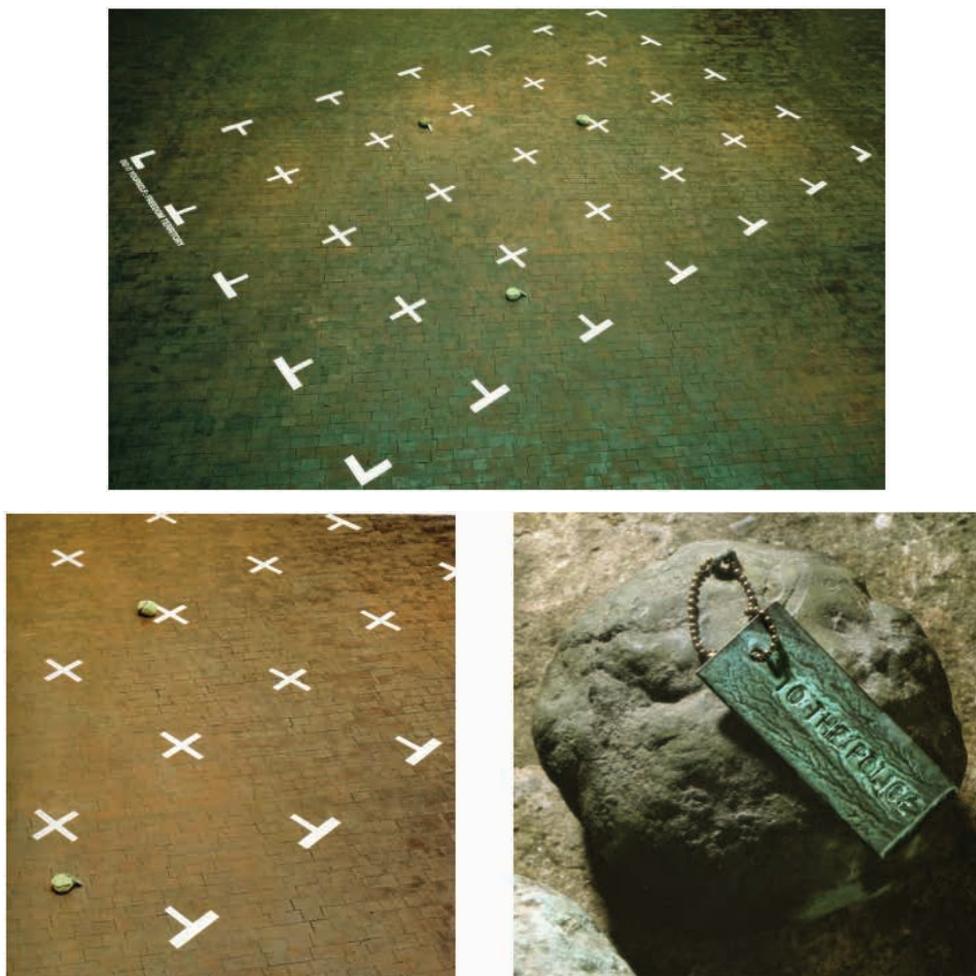


Figura 4: Antonio DIAS, *DO IT YOURSELF: FREEDOM TERRITORY (FAÇA VOCÊ MESMO: TERRITÓRIO LIBERDADE)*, 1968, fita adesiva e tipografia no solo, 400 x 600 cm. *TO THE POLICE (PARA A POLÍCIA)*, in *DO IT YOURSELF: FREEDOM TERRITORY*, bronze, 3 peças, 14 cm cada (diâmetro)

Tomem nota, por favor, de que tal noção é estritamente contemporânea e responde ao assim chamado “*linguistic turn* (virada linguística)”, em curso naquela altura no ambiente universitário anglo-americano e com paralelos também no pós-estruturalismo francês, sem falar, é claro, nos ecos periféricos de tais vogas. Pois bem, em *Do it Yourself: Freedom Territory* – cuja estrutura foi claramente expropriada da chamada arte minimalista –, ambos, o solo da prática artística tanto quanto aquele da experiência do observador vinham conjugados, assim como o próprio trabalho, na forma de um pedaço de piso quadriculado por meio de uma fita adesiva. Incluídas no espaço do trabalho, designado como território livre, mas exposto a ataques, vinham algumas pedras que traziam uma plaqueta de metal pendurada, recordando as peças de identificação que os soldados trazem ao pescoço. Nas plaquetas – um sinal de origem aqui convertido em signo de finalidade – vinha escrito: *To the Police* (1968).

De tal modo, inversão e ironia – vale dizer, coisas arrebatadas aos outros – eram convertidas em armas do artista e, logo, também do público. No curso do ato de expropriação, as perspectivas da liberdade e do combate nutriam-se reciprocamente.

Do it Yourself:..., ao lado de *Anywhere Is My Land* (1968), assim como de alguns outros trabalhos em moldes similares – e muito distintos dos trabalhos do ciclo anterior na chave “*contrapop*”, digamos assim –, foram todos feitos nos primeiros anos do exílio na Europa. Em resumo, além de aludir ao exílio, tais trabalhos eram claramente baseados em estruturas poéticas abertamente conflitantes com os temas escolhidos.

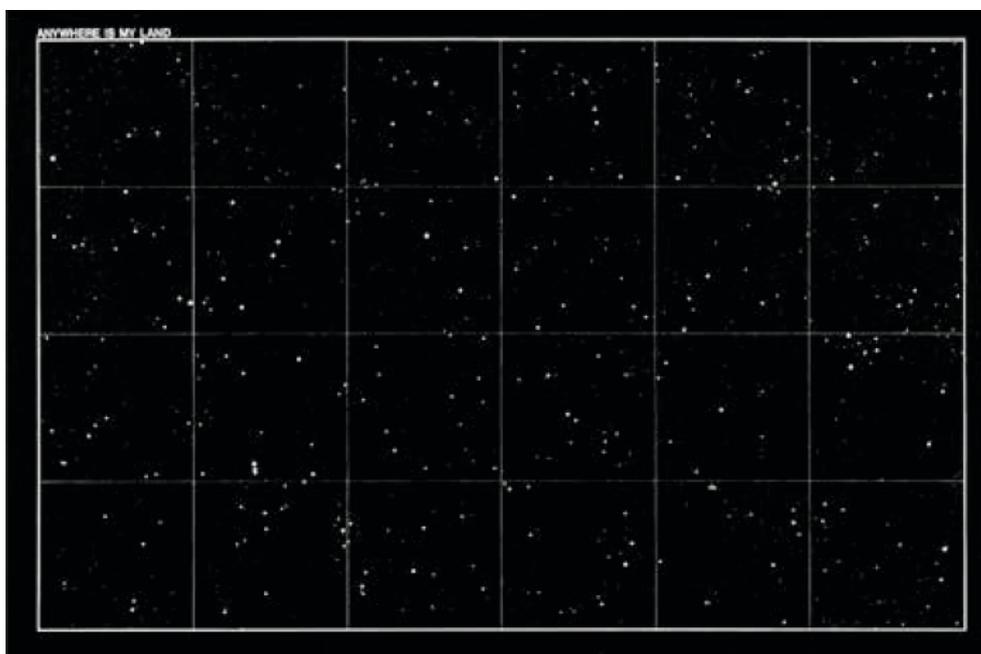


Figura 5: *ANYWHERE IS MY LAND* (tít. orig. em inglês), 1968, acrílico sobre tela, 130 x 195 cm

Desse modo, Dias, ao invés de buscar a forma única e adequada para o seu trabalho, como é usual na arte, capturava formas hostis ou no mínimo inóspitas, que apropriava ou sequestrava da arte conceitual e da arte minimalista. Utilizava-as para contrabandear dialeticamente memórias e observações de um exilado do Terceiro Mundo. O resultado de tal antítese era contraditória e simultaneamente distanciado e dramático.

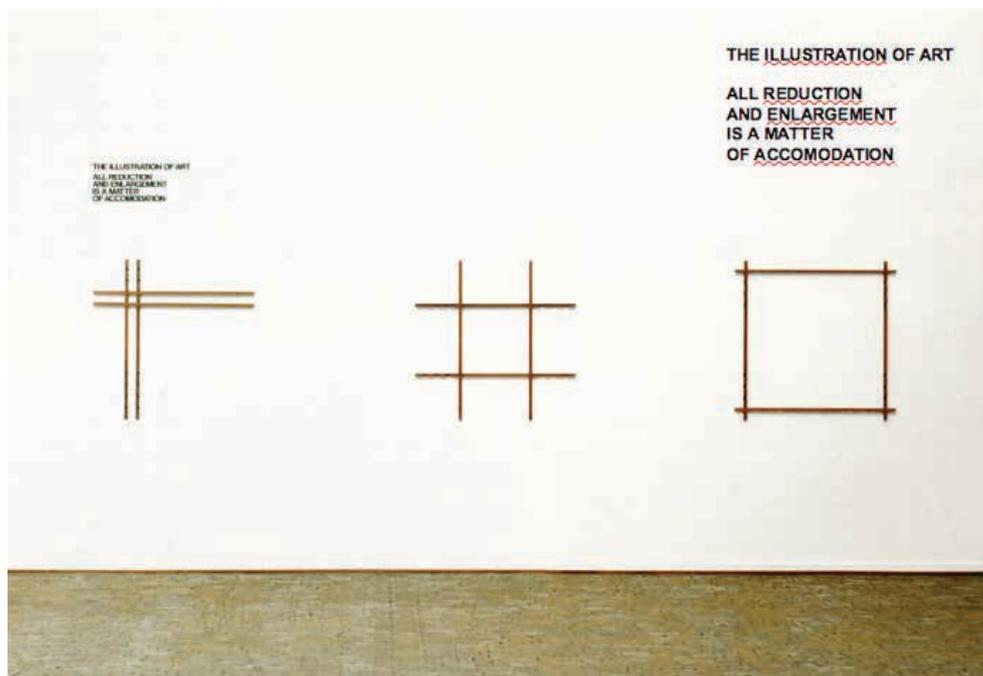


Figura 6: Antonio DIAS, *THE ILLUSTRATION OF ART / ONE & THREE / STRETCHERS / MODEL (A ILUSTRAÇÃO DA ARTE / UM E TRÊS / CHASSIS / MODELO)*, 1971-74, madeira laqueada, 110 x 550 cm

A série *The Illustration of Art*, desenvolvida de 1971 a 1978 basicamente no exílio, era analogamente feita de procedimentos da arte analítica, incessantemente expostos, afetados e alterados por fatores externos ou “invasões”, para emprestar outra vez o termo do próprio Dias – visivelmente cúmplice ao fenômeno que convertia todos os seus trabalhos em atos de um incessante processo de sabotagem da “forma pura”.

A série *A Ilustração da Arte* estendeu-se inclusive para além de uma viagem com estadia de três meses no Nepal em 1977. Lá, Dias instalou-se em comunidades rurais que faziam papel artesanalmente. Mas evoco só rápida e sumariamente a imersão do trabalho de Dias num modo de produção pré-capitalista ou primitivo. Igualmente, apenas evocarei sumariamente o estágio seguinte transcorrido no Brasil – logo, num outro contexto que não o de um modo pré-capitalista, e mais propriamente denominado, a meu ver, de “desenvolvimento no subdesenvolvimento”, segundo a fórmula elaborada noutras circunstâncias pelo economista André Gunder Frank (1929-2005).

De fato, meu objetivo aqui, ao mesmo tempo em que pautado, como apontei no início, pela reflexão sobre as contradições do processo de desenvolvimento desigual e combinado, é principalmente o de estabelecer o nexo entre as

operações negativas, que são reiteradas provocativamente por Dias, com o vetor histórico principal do seu trabalho, consoante o empenho estratégico de reconstrução do realismo.⁵

Nesse sentido, passemos ao exame do novo ciclo produtivo do trabalho de Dias após seu retorno ao Brasil no final dos anos 1970, que foi deflagrado em Milão em 1980. Sob muitos aspectos, o estágio brasileiro (no Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba, co-atuando com o crítico e parceiro Paulo Sérgio Duarte), ainda se deu no campo do projeto *A Ilustração da Arte*, que havia sido, como vimos, elaborado na contramão da arte de linha analítica. Já no início do ciclo seguinte, ora em foco, deparamos mudanças táticas cruciais não só no tocante à direção das *operações negativas*, que miram novos alvos – mas também no teor visual das *formas objetivas* concebidas por Dias.

Empresto a noção de “forma objetiva” da crítica literária de Roberto Schwarz, para quem a *forma objetiva* compreende uma “substância prático-histórica” e nessa condição condensa esteticamente o “ritmo geral da sociedade” (cf. SCHWARZ, 1999, pp. 30-31 e, de modo geral, pp. 28-41).⁶

Penso que, de fato, estamos diante da descrição de um processo reflexivo contíguo ou paralelo ao que Dias referiu ao descrever, nas suas palavras acima citadas, a “totalidade” que, de fora da tela, “invade o quadro”. Ou seja, a descrição, segundo Schwarz, da tradução estética de um “ritmo geral da sociedade” em “substância prático-histórica” de uma forma artística, então designada como “forma objetiva”, refere-se a um processo similar de comunicação ou passagem de materiais ou conteúdos sócio-históricos para formas estéticas correlatas, o que, nos termos postos, veio renovar o debate do realismo.⁷

A proceder a hipótese do paralelismo das formulações, ambas atinentes à passagem de materiais extra-estéticos para formas estéticas, as *formas objetivas* cunhadas por Dias – na forma de *operações negativas* –, no caso em questão, estampam

⁵ Sobre o movimento de construção de um novo realismo, em resposta ao golpe de 1964, ver MARTINS, 2019.

⁶ Para a origem da ideia de “forma objetiva” e do processo de tradução estética do “ritmo geral da sociedade” no romance brasileiro, ver CANDIDO, 2004a [1970], pp. 28 e 38; bem como CANDIDO 2004b [1973-1991], pp. 105-29. Para a formulação concretamente exemplificada e discutida da “forma objetiva” como “nervo social da forma artística”, ver SCHWARZ, 1997, p. 62.

⁷ Para uma discussão mais alongada e detalhada da dialética cultural e artística entre países periféricos e hegemônicos na chave proposta por Trótski e a renovação do debate do realismo, no âmbito histórico do debate brasileiro sobre a “formação”, ver MARTINS, 2020.

antes de tudo os traços próprios do combate entre as forças que invadem o quadro, como dizia Dias, e a resposta artística a elas, gerando formas novas – tal como as de dois corpos misturados numa luta corporal.

Aplicada nesses termos, a noção de *forma objetiva* ajuda a esclarecer as mudanças que apareceram quando Dias voltou a se estabelecer em Milão, em 1980. Assim, após a “superação dialética” – ou seja, mediante a incorporação do objeto negado – do ciclo da produção artesanal de papéis (ligado à estadia nas comunidades artesãs no Nepal, que foi desdobrada com a inclusão de novos materiais no momento de retorno ao Brasil), desta feita no retorno a Milão delinea-se um novo conjunto de *formas objetivas*, à base de papelão de embalagem, jornais etc. A guinada rumo a materiais baratos, processados com maior rapidez e de origem industrial aparece combinada a um punhado de elementos à primeira vista inerentes ao léxico expressionista. Como explicar tal combinação? É o que interessa estabelecer. Vale dizer, para ficar nos termos de Dias, quais seriam as forças que desta vez (em Milão, 1980) vinham lhe tomar espaços e ocupar os quadros?

De fato, no mundo externo ao das telas, o thatcherismo e o *reaganomics* constituíam as forças em ascensão. O monetarismo extremado achava-se à frente de dura ofensiva contra as estruturas sindicais e os direitos sociais. Além disso, em todo o Ocidente anglo-americanizado, subjetividade e sociabilidade encontravam-se sob uma espécie de processo de colonização pela forma-dinheiro.

Em suma, a nova situação veio dispor lado a lado a ascensão do capital fictício e um *revival* da pintura (transvanguarda, *bad painting*, particularmente neoexpressionismo e assim por diante), sempre flutuando em rios de dinheiro. Logo, que tipo de antítese se punha, naquela altura, entre os termos do capitalismo tardio em curso de mutação, e o novo discurso pictórico de Dias também em acelerado processo de mutação? Como se articulavam um e outro?

Clichês neoexpressionistas surgiam assim combinados a materiais heterogêneos: elementos da pintura bizantina, resíduos de materiais variados – pigmentos industriais, solventes, óxidos e também alguns signos emblemáticos: ossos, armas, ferramentas, bandeiras, cifrões, circuitos desenhados a ouro etc. Ao invés de tintas/cores, resíduos de materiais vinham utilizados para realçar a opacidade dos suportes. Mais que isso, as telas eram preparadas mediante *operações negativas*, tais como a lavagem de superfícies entintadas ou a subtração

(por raspagem ou outro processo) de elementos antes adicionados. Apresentava-se assim um expressionismo de laboratório, muito controlado e meticuloso.

Grandes superfícies – nas quais acidentes e irregularidades de textura se configuravam como partículas de um sistema – surgiam recorrentemente impregnadas do pó cinzento-prateado do grafite, uma das “cores” recorrentes dos trabalhos de Dias nesse período. Como essa era, e ainda é, a cor em geral das armas (punhais, fuzis e aviões) e também a cor dominante dos carros feitos no período, via-se bem de onde vinham tais *formas objetivas* e para onde ia a reforma geral da sensibilidade aí aludida. Como se pode ver facilmente nas ruas ainda hoje, o uso ostensivo de signos de *griffes* – como novos uniformes – gera incessantemente “exércitos de consumidores”.

As *operações negativas* tinham na mira também a pintura anterior de Dias. Assim no ciclo da Nova Figuração, *grosso modo* 1964-67, os trabalhos de Dias, quando negavam a *pop art* e respondiam ao golpe militar, apareciam coalhados de corpos espedaçados e de sinais de dor.⁸ Já agora, com Dias operando na contramão da hegemonia do neoexpressionismo, os signos e emblemas de antes foram também *negados* e substituídos por ferramentas, ossos e cifrões. Enfim, cederam lugar a símbolos descarnados do trabalho – vivo ou morto – e da acumulação primitiva, a recordar o pouco que restou da vida sob a hegemonia neoliberal.

A inclusão recorrente de jornais nas telas de Dias elaboradas após o retorno a Milão veio se por nessa altura como um signo distintivo, marcante e emblemático, a evocar sem dúvida o episódio inicial da colagem na história da arte moderna, dentro do capítulo do cubismo. Mas não apenas isso, pois as *operações negativas* também comparecem aqui. Assim enquanto a colagem cubista era constituída de operações basicamente aditivas, já nos trabalhos de Dias após o retorno a Milão as operações correspondentes eram claramente de subtração. Analogamente, em lugar da reconstrução cubista das antigas naturezas-mortas e da parafernália agradável e característica da vida boêmia, feita de copos, garrafas, instrumentos musicais, páginas de partituras e assim por diante, destacavam-se nas cenas de Dias ossuários e signos de ausência ou morte – para resumir, vestígios de remoções e extinções planejadas.

⁸ Para imagens dos instigantes trabalhos do ciclo da Nova Figuração, principalmente daqueles em papel, que foram em geral muito menos expostos do que as já bem difundidas pinturas do período, ver exemplos ao longo do catálogo DIAS, 2010; ver também BANDEIRA 2018.

Em termos de *formas objetivas*, as pinturas de Dias traziam também outros elementos para funcionar como chamarizes. Eram os constructos em ouro, cobre ou metais brilhantes apresentados em formas ovais, circulares ou de circuitos dourados. Além de tais ícones ou duplos da auréola e da forma-moeda, havia uma outra família: a dos contêineres e frascos de perfume (que vinham referidos nos títulos das obras). A menção a essências aromáticas, que era certamente irônica – em vista da famigerada planaridade ou bidimensionalidade da pintura, celebrada pelo “*linguistic turn*” –, também evocava no caso a aura ou o fetiche da mercadoria. Alusões a frascos de veneno e à morte completavam tal panóplia de época. Todos esses itens, assim como os receptáculos ou formas da subjetividade e as superfícies douradas, operavam como clichês da mitologia da supremacia global das forças de mercado. Assim, tais vultos apareciam isolados em áreas amplas ou campos pigmentados, monopolizando todas as atenções – feito os logotipos e emblemas de marcas nos céus e horizontes urbanos e viários atuais.

Além disso, várias “moedas pictóricas”, tais como pinceladas, empastes ou coisas símiles, entravam na cena evocando o modo de ser das subjetividades. Tudo isso aludia ironicamente à subjetividade contemporânea. Que tipo de subjetividade aparecia assim implicada? O *eu que se expressa* em tal pauta de símbolos era decerto o *eu que calcula*. O neoexpressionismo nessa chave consistia no expressionismo do investidor. Assim, seu discurso se assemelhava ao dos novos gerentes e gestores, ao dos especialistas em “capital humano” e outras questões corporativas, ao dos jornalistas especializados em investimentos e finanças.

As *formas objetivas* do neoexpressionismo dissecado por Dias apareciam despidas então de todo sentido subjetivo aparente, para aparecerem como mera fantasmagoria pertinente a um regime de subjetividade perdido e esvaziado. Sinais glaciais de subjetividades vazias, voltavam a circular, mas só como trabalho morto e maquinal. Figuravam a expressão da subjetividade automática do capital – uma subjetividade narcísica que calculava os lances e simulava riscos segundo o império exclusivo do próprio interesse.

Desse modo, os elementos do neoexpressionismo capturados pela ironia de Dias como reflexos da irreflexão surgiam exibindo o seu próprio vazio. Assim, o neoexpressionismo segundo Dias desvelava, malgrado si, sinais de histeria. Como um gozo deslocado e representado, tal estilo constituía a reencenação de uma manifestação da subjetividade que não se dera porque, em seu lugar, a substância existente era apenas a do trabalho morto.

Para resumir e fixar antes de concluir, a consciência do circuito da arte, ou seja, da economia própria de tal modo de circulação constituiu constantemente o objetivo estratégico imediato das ações de Dias. Desse modo os conflitos endógenos das práticas artísticas fetichizadas precedem no seu trabalho – como uma via ou encruzilhada incontornável – todos os demais conflitos neles encontrados. Consoante a isso nenhum dos seus trabalhos apresenta superfície ou técnica homogêneas. Logo, incessantemente confrontada e golpeada por fatores heterogêneos, a recepção é instada a se dar aos saltos e a se empenhar para conquistar dialeticamente diferentes pontos de vista e graus de reflexão.

Assim postos, os trabalhos de Dias, radicados na dimensão histórica – distinguida seja como história geral seja como história da arte –, combinam domínios que na tradição formalista dominante da historiografia moderna foram considerados como intrinsecamente distintos ou postos como continentes incomunicáveis.

Na combinação da experiência imanente do olhar com a da reflexão histórica, impulsionada por títulos ou legendas, o observador é levado a reconstruir as partes de um processo histórico muito mais amplo do que os trabalhos visuais que depara. Vale dizer, de tal posição o observador depara “a totalidade, que existe fora do quadro, e que de lá o invade”. E invasão – quero acrescentar – que ocorre de modo desigual e combinado conforme afirmava a tese de Trotski, e também segundo ressaltavam os trabalhos de Dias (no mínimo desde a mostra da Nova Figuração), ao combinarem elementos de temporalidades históricas visivelmente heterogêneas.

Por último, sugiro que considerem e observem, para concluir este trajeto em torno de *operações negativas e formas objetivas*, algumas montagens da última fase da obra de Dias:



Figura 7: Antonio DIAS, *HISTÓRIA RESUMIDA PARA CRIANÇAS*, 2006, acrílica, pigmento, malaquita, folha de ouro e cobre sobre tela, 120 × 420 cm



Figura 8: Antonio DIAS, *REFÉM: JOHN WAYNE ENCONTRA HARUN AL-RASHID*, 2007, acrílica, óxido de ferro, folhas de ouro e de cobre sobre tela, 180 × 450 cm

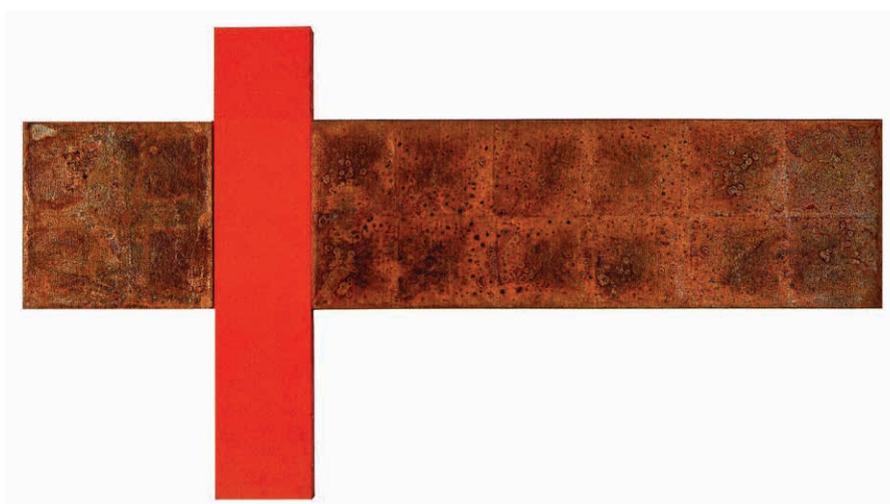


Figura 9: Antonio DIAS, *REFÉM*, 2008, acrílica, cera e folha de cobre sobre tela, 75 × 135 cm



Figura 10: Antonio DIAS, *LÍNGUA FRANCA*, 2010, acrílica, óxido de ferro, folhas de ouro e de cobre sobre tela, 180 × 360 cm



Figura 11: Antonio DIAS, *MANIVELAS*, 2011, acrílica, óxido de ferro, folhas de ouro e de cobre sobre tela, 90 x 120 cm

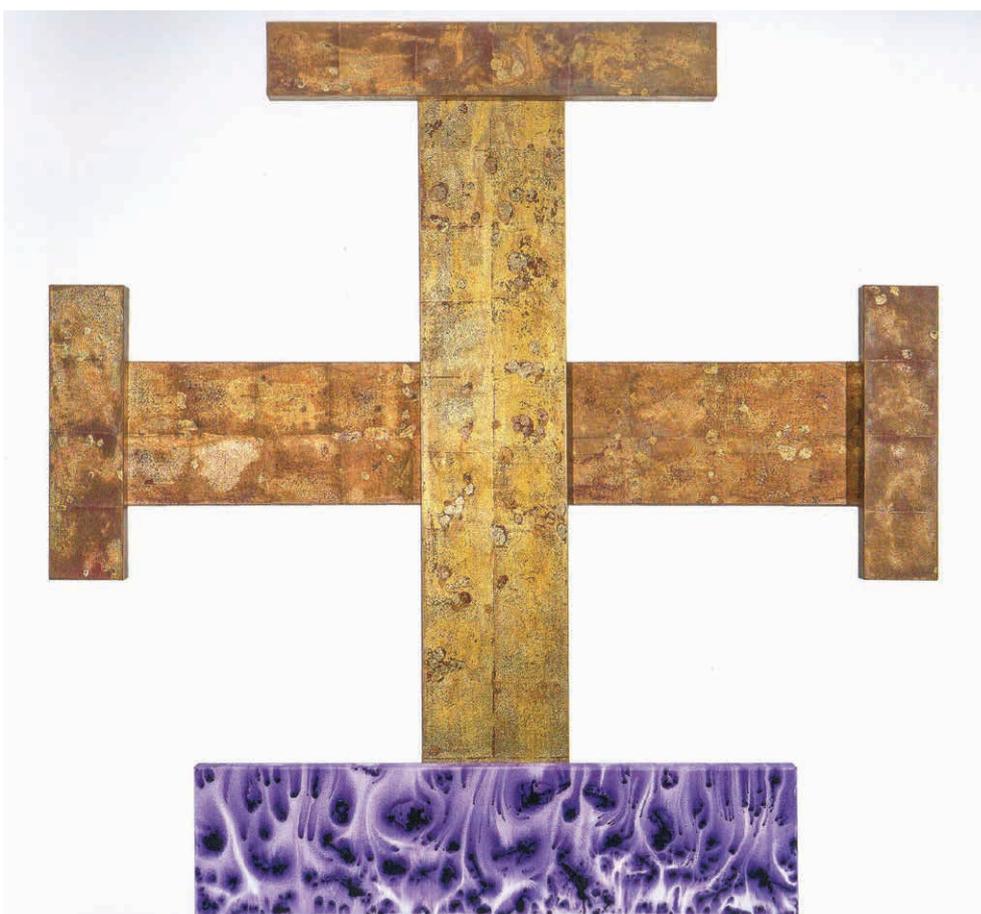


Figura 12: Antonio DIAS, *HOMEM QUEIMANDO*, 2015, acrílica, folhas de ouro e de cobre sobre tela, 180 x 180 cm

Nesses trabalhos, a pintura abandona todo resquício da superfície quadrangular tradicional (forma que por si comportava forte poder de evocação da totalidade, segundo hábitos arraigados na tradição visual ocidental), para, em lugar disso, adotar construções e esquemas.⁹ O que sugerem esses novos arranjos espaciais? Em resumo e para adiantar, apenas enumero, pois estamos diante de coisas que hoje saltam à vista de todos: operações especiais e complôs – campos operacionais, enfim, nos quais cada porção é constituída como um teatro de ações específicas. Algo vem à mente nesse sentido?

Emprego propositalmente termos utilizados na mídia em geral para referir atos correntes de terrorismo de Estado. Com efeito, é só revisitar os títulos acima e outros das últimas obras de Dias e se conclui que esse artista – que fez dos jornais material de trabalho corrente ao longo de boa parte de sua obra – estava de fato se referindo a uma modalidade de eventos globalmente correntes na era atual.

Posso assim esboçar e arriscar uma interpretação acerca das raízes do último ciclo das *formas objetivas*, da obra de Dias? Penso que o núcleo da temática essencial de seu ciclo derradeiro – inerente, em síntese, ao que Naomi Klein designou como a época do “capitalismo de choque” – consiste basicamente de: vistas aéreas de alvos para bombardeios; práticas genocidas e técnicas de destruição de massa, bombas corrosivas e soluções químicas deterativas; e práticas de interrogatório ao modo daquelas aplicadas em Abu-Ghraib. É o que posso dizer do último momento desse trabalho, cujo autor foi, de modo constante, aguda e vividamente ligado ao seu tempo – até ser ceifado pela doença letal que o levou para a nossa memória.

⁹ Para reproduções de outros trabalhos do período mais recente, ver DIAS, 2014; e DIAS, 2015.

Referências

BANDEIRA, João (curador). **Entre Construção e Apropriação: Antonio Dias, Geraldo de Barros, Rubens Gerchman nos Anos 60**. Catálogo da mostra no Sesc Pinheiros, São Paulo 05.04 – 03.06.2018. São Paulo, SESC, 2018.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem [1970]. In: **O Discurso e a Cidade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004a, pp. 17-46.

_____. De cortiço a cortiço [1973/1991]. In: **O Discurso e a Cidade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004b, pp. 105-129.

DAVIDSON, Neil. **Desenvolvimento Desigual e Combinado: Modernidade, Modernismo e Revolução Permanente**. Trad. Pedro Rocha de Oliveira; org., rev. crítica e posfácio por Luiz Renato Martins; intro. por Steve Edwards; pref. por Ricardo Antunes. São Paulo, Ideias Baratas / Ed. UNIFESP, 2020 (no prelo).

DIAS, Antonio. **Caderno** [Notebook], 1967-69.

_____. Em Conversação: Nadja von Tilinsky + Antonio Dias. In: Vv. Aa.. **Antonio Dias: Trabalhos / Arbeiten / Works 1967-1994**. Darmstadt/São Paulo, Cantz Verlag/Paço das Artes, 1994, pp. 50-64.

_____. **Antonio Dias: Anywhere Is My Land**. Catálogo da mostra na Pinacoteca do Estado de São Paulo (S. Paulo, 11.09 – 07.11.2010), curador geral Hans-Michael Herzog, edição trilingue: inglês, português e espanhol, textos por Sônia Saltzstein e Hans-Michael Herzog. Zurich / Ostfildern (Alemanha) / São Paulo, Daros Latinamerica / Hatje Cantz / Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

_____. **Antonio Dias**. Textos por Achille Bonito Oliva e Paulo Sergio Duarte. São Paulo, Cosac & Naify/ APC, 2015.

_____. **Antonio Dias: Potência da Pintura**. Catálogo de exposição (Porto Alegre, 14.03 – 18.05.2014, curador Paulo Sérgio Duarte). Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo.

MARTINS, Luiz Renato. Trees of Brazil. In: **The Long Roots of Formalism in Brazil**. Edited by Juan Grigera, translated by Renato Rezende, introduced by Alex Potts. Chicago, Haymarket, 2019, pp. 73-113.

_____. Muito além da forma pura. In: DAVIDSON, Neil. **Desenvolvimento Desigual e Combinado: Modernidade, Modernismo e Revolução Permanente**. Trad. Pedro Rocha de Oliveira; org., rev. crítica e posfácio por Luiz Renato Martins; intro. por Steve Edwards; pref. por Ricardo Antunes. São Paulo, Ideias Baratas / Ed. UNIFESP, 2020 (no prelo), pp. 283-348.

MIYADA, Paulo (org.). **AI-5 50 Anos: Ainda Não Terminou de Acabar**. Catálogo de mostra homônima. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, 2019.

SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica [1991/1992]. In: **Seqüências Brasileiras: Ensaios**, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 24-45.

_____. **Duas Meninas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

TROTSKY, Leon. **Literatura y Revolución** [1923/1924]. Nota preliminar, selección de textos, traducción y notas de Alejandro Ariel González; introducción de Rosana López Rodríguez y Eduardo Sartelli. Buenos Aires, ediciones Razón y Revolución, 2015.

O trotskista Mário Pedrosa e a crise do modernismo brasileiro

Edson Luiz de Oliveira¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7678-5391>

Resumo: O artigo busca demonstrar as afinidades entre o crítico de arte Mário Pedrosa, o criador do Exército Vermelho Leon Trotsky e o líder do movimento surrealista, André Breton. A análise de suas biografias aponta para a convergência de ideais, embora tenham trajetórias muito diversas. Trotsky e Breton se reuniram no México, em 1938, para escrever o “Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente”, no qual proclamavam o princípio de total liberdade na arte, permanecendo sempre fiel à revolução socialista. Por outro lado, Pedrosa iniciou o seu compromisso com a função social da arte na conferência “As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz”, em que conectou a natureza política da arte moderna à dinâmica social em momento no qual o Modernismo brasileiro passava por profunda crise ideológica. Pedrosa e Trotsky jamais se encontraram pessoalmente, apesar do brasileiro ter participado ativamente na fundação da IV Internacional. Pedrosa permaneceu fiel por toda vida ao ideal trotskista de “toda licença em arte”.

70

Palavras-chave: Trotskismo; Surrealismo; Trotsky; André Breton; Mário Pedrosa.

¹ Doutor ECA-USP. Pós-doutorando DIVERSITAS-USP

Abstract: We demonstrate the affinities among the art critic Mário Pedrosa, Leon Trotsky, the creator of the Red Army, and the leader of the surrealist movement André Breton. A close analysis of their biographies points to the convergence of ideals. Trotsky and Breton met in Mexico in 1938 to write the “Manifesto for an Independent Revolutionary Art”, where the principle of total freedom in art was proclaimed, remaining faithful to the socialist revolution. While Pedrosa began his commitment to the social function of art at the conference entitled: “The social trends of art and Käthe Kollwitz”, in which he connected the political nature of modern art to social dynamics at a time when Brazilian Modernism was undergoing a profound ideological crisis. Pedrosa and Trotsky never met in person, despite the Brazilian having actively participated in the foundation of the IV International. Even so, Pedrosa remained ever faithful to the Trotskyist ideal of complete freedom in art.

71

Keywords: Trotskyism; Surrealism; Leon Trotsky; André Breton; Mário Pedrosa.

Resumen: Demostramos las afinidades entre el crítico de arte Mário Pedrosa, Leon Trotsky, el creador del Ejército Rojo y el líder del movimiento surrealista André Breton. Un análisis detenido de sus biografías apunta a la convergencia de ideales. Trotsky y Breton se reunieron en México en 1938 para redactar el “Manifiesto por un arte revolucionario independiente”, donde se proclamó el principio de total libertad en el arte, permaneciendo fieles a la revolución socialista. Mientras que Pedrosa inició su compromiso con la función social del arte en la conferencia titulada: “Las tendencias sociales del arte y Käthe Kollwitz”, en la que conectó la naturaleza política del arte moderno con las dinámicas sociales en un momento en el que el Modernismo brasileño atravesaba una profunda crisis ideológica. Pedrosa y Trotsky nunca se conocieron en persona, a pesar de que el brasileño había participado activamente en la fundación de la IV Internacional. Aun así, Pedrosa se mantuvo siempre fiel al ideal trotskista de total libertad en el arte.

72

Palabras-clave: Trotskismo; Surrealismo; Leon Trotsky; André Breton; Mário Pedrosa.

Introdução

Mário Pedrosa nasceu no seio de uma família de usineiros pernambucanos. Seu pai, Pedro da Cunha Pedrosa, dedicou-se à política em seu estado de origem e na Paraíba. Foi eleito senador da República e ocupou esse cargo no Distrito Federal, de 1912 a 1923. Em 1918, no auge do surto de gripe espanhola, o jovem Mário ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde despertou para as questões sociais e as teorias marxistas, ligando-se ao professor Edgar de Castro Rebelo, junto a Lívio Xavier, companheiro que estaria a seu lado por muito tempo, ao longo de sua vida de militância política².

Em 1926, ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB)³. Três anos depois, a direção do partido decidiu investir em sua formação, enviando-o à Escola Leninista de Moscou. Porém, a caminho da União Soviética, ficou impossibilitado de seguir viagem pelo agravamento da tuberculose intermitente de que era vítima. Assim, Pedrosa acabou permanecendo na Alemanha. Tirando proveito desta estada inesperada em Berlim, dedicou-se aos estudos de economia, filosofia e estética, tendo como professor, entre outros, Werner Sombart (1863-1941)⁴. Além disso, durante sua permanência na capital alemã, militou junto ao Partido Comunista local, chegando a participar de algumas lutas de rua contra os *freikorps* nazistas.

Em 1928, deixou Berlim e foi a Paris assistir ao casamento de sua futura cunhada, Elsie Houston, com Benjamin Peret. Na ocasião, a aproximação com o poeta surrealista permitiu que Pedrosa entrasse em contato com Pierre Naville,

² MÁRIO PEDROSA. Verbete FGV CPDOC.

³ O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em 1922, depois de preencher as condições necessárias para sua admissão na Internacional Comunista. O fato ocorreu em um período de grande tensão na vida política brasileira. A sucessão de Epitácio Pessoa na presidência da República era disputada, de um lado, por Artur Bernardes, candidato oficial, hostilizado porém pela jovem oficialidade do Exército, e, de outro, por Nilo Peçanha, que era apoiado pela Reação Republicana. A vitória de Bernardes nas eleições de 1º de março de 1922, longe de trazer tranquilidade ao país, iria provocar, ao lado de outros fatores, o levante dos 18 do Forte (5/7/1922), marco inicial das revoltas tenentistas que se estenderiam por toda a década de 1920, culminando na Revolução de 1930. (FGV-CPDOC) Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>>. Acesso em: 27/03/2020.

⁴ “Werner Sombart, sociólogo e economista alemão. Figura de destaque da Escola historicista alemã, está entre os mais importantes autores europeus no campo das Ciências Sociais, no primeiro quarto do século XX. Foi provavelmente o economista mais influenciado por Nietzsche. Teve, por sua vez, considerável influência sobre as ideias de Max Weber, de quem era amigo”. Cf. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Werner_Sombart>.

diretor da revista comunista *Clarté*, entre outros escritores, iniciando assim uma profícua correspondência que manteve com alguns intelectuais da vanguarda francesa, inclusive com o próprio líder do surrealismo⁵, André Breton. O fato teria profundas consequências em sua orientação política e estética, na carreira como ativista e crítico de arte.

Voltou a Berlim em 1928, ano que foi marcado por acirrada divisão do comunismo internacional, motivada pelas divergências entre Leon Trotsky e Josef Stalin, devido a crescentes celeumas que existiam desde a morte de Lenin (1870-1924). Ao tomar partido pelos opositoristas alemães, que divergiam das posições stalinistas, Pedrosa acabou sendo expulso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Abandonou, então, os planos de estudar em Moscou e decidiu retornar ao Brasil. No país, às vésperas da crise que levaria à Revolução de 1930, deparou-se com as mesmas controvérsias que dominavam os círculos comunistas internacionais e que conduziram à grande cisão partidária em nível mundial. Essa situação tornou-se evidente no III Congresso do PCB⁶, realizado em Niterói.

Além de Pedrosa, incluíam-se entre os simpatizantes do trotskismo no Brasil: Lívio Xavier, Hílcar Leite, Aristides Lobo e Rodolfo Coutinho, em sua maioria ativistas vinculados à Juventude Comunista. Eles eram críticos da doutrina adotada no país, cujo conteúdo excessivamente nacionalista entrava em choque com a ideia da “revolução permanente”, conforme idealizada por Leon Trotsky e afirmada pelos fatos da revolução de outubro de 1917. Tanto que o grupo foi acusado por Astrojildo Pereira⁷, então secretário geral do PCB, de ter

⁵ Além de André Breton, autor do Manifesto Surrealista, Tristan Tzara, Louis Aragon, Paul Éluard, Robert Desnos, Antonin Artaud, Philippe Soupault e Georges Bataille representavam a literatura no âmbito do movimento. Max Ernst, Hans Arp, Salvador Dalí, René Magritte, Joan Miró, Yves Tanguy, Rene Crevel, Man Ray, entre outros, representavam as artes visuais.

⁶ O III Congresso do PCB teve lugar na sede da Federação Operária do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, entre os dias 29 de dezembro de 1928 e 4 de janeiro de 1929. Durante o congresso, foram discutidas teses sobre a situação política nacional, baseadas nas mesmas análises já apresentadas no II Congresso sobre as revoltas de 1922 e 1924, o que serviu para a formulação da teoria da “terceira força”. Essa teoria previa uma “terceira explosão revolucionária” após os movimentos de 1922 e 1924, incluindo nesse último, como desdobramento, a Coluna Prestes. Essa terceira revolução seria mais ampla e radical. Por isso, a tarefa do PCB era mobilizar as massas e se colocar à sua frente, conquistando “não só a direção da fração operária, mas a hegemonia de todo o movimento”. Ainda entre as teses defendidas, encontrava-se a que dava ênfase ao trabalho sindical e combatia o espírito corporativista e as tradições anarco-sindicalistas. (FGV-CPDOC) Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>>. Acesso em: 27/03/2020.

⁷ Em 1928, Astrojildo Pereira participou, em Moscou, do VI Congresso da Internacional Comunista, sendo eleito como um dos 58 membros da comissão executiva da Internacional, ao lado de

assumido posição alinhada com comunistas franceses que eram abertamente simpáticos às ideias trotskistas. Tais divergências acabaram por levar Pedrosa, e os companheiros que pensavam como ele, ao rompimento com o partido, dando origem ao Grupo Comunista Lênin (GCL).

Após deixar o PCB, em 1931, Pedrosa uniu-se a Lívio Xavier, Aristides Lobo, entre outros, a fim de fundar a Liga Comunista Internacional (LCI)⁸, também conhecida como Oposição Leninista ao PCB. De fato, eles estavam associados à Oposição de Esquerda Internacional, que havia sido criada em Paris, em 1930, com a perspectiva de desenvolver forte oposição interna às direções stalinistas nos partidos comunistas pelo mundo afora, procurando ganhar adeptos para a causa trotskista, sendo formada, principalmente, por dissidentes dos partidos de diversos países. A partir daí, a LCI passou a atuar sobretudo no movimento operário local e na luta contra os integralistas, a facção de extrema-direita que se manifestava com força no Brasil, inspirada nos movimentos políticos fascistas da Europa.

Mário Pedrosa e a arte social

Em 1933, Mário Pedrosa se lançou definitivamente como crítico de arte, pronunciando, no Clube dos Artistas Modernos de São Paulo (CAM), a convite de seu fundador, Flávio de Carvalho, uma conferência sobre a gravurista alemã Käthe Kollwitz. No contexto da politização da arte, que teve início na crise deflagrada no final dos anos de 1920, o texto ensaístico escrito por Pedrosa adquiria um tom de manifesto em nome da “missão social” da arte:

A arte social hoje em dia não é, de fato, um hobby agradável: é uma arma. O trabalho de Kollwitz, portanto, compete para dividir ainda mais os homens. A dialética da dinâmica social que as leis da psicologia individual não decifram, faz com que esse trabalho, tão profundamente inspirado pelo amor e pelo ser humano fraterno, sirva, no entanto, para alimentar o ódio de classe mais implacável. E, com isso, sua generosa missão social é cumprida. (PEDROSA, 1933)

Stalin, Bukharin, Molotov e Dmitri Manuilsky, entre outros. (FGV-CPDOC) Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> Acesso em: 27/03/2020.

⁸ A sessão de fundação foi realizada na Associação dos Empregados do Comércio, na Rua Libero Badaró, em São Paulo. Estiveram presentes: Aristides Lobo, Benjamin Péret, Manuel Medeiros, Mário Pedrosa, Lívio Xaves, Salvador Pintaúde, João Mateus, intelectuais e operários. CARONE, Edgard. *A república nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1976, p. 270.

Dessa maneira, na conferência intitulada “As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz”, Pedrosa conectou a natureza política da arte moderna à dinâmica social e às forças produtivas daqueles tempos conturbados. Ele dividia o campo das artes em “artistas individuais” (que têm objetivos estéticos imediatos) e “artistas sociais” (seriam aqueles politicamente engajados, sempre em sintonia com o que ele chamava de “realismo da classe trabalhadora”). Nesse sentido, Pedrosa apresentou a gravurista alemã, Käthe Kollwitz, como um bom exemplo de “artista social”, dentro do contexto da arte moderna internacional.

Segundo Pedrosa, Käthe Kollwitz teria atingido a maturidade artística ao mesmo tempo em que o proletariado alemão havia se organizado em torno da social-democracia, sendo esta a organização operária mais importante na Alemanha do entreguerras. Além disso, a artista tinha seu posicionamento pessoal, dentro do próprio proletariado. Pois, “além de pertencer a sua classe, ela era do sexo feminino. Sendo uma artista da mulher proletária”, como Pedrosa colocou em sua conferência no CAM.

Figura 1: Käth Kollwitz, As Mães, 1922, MAC / USP



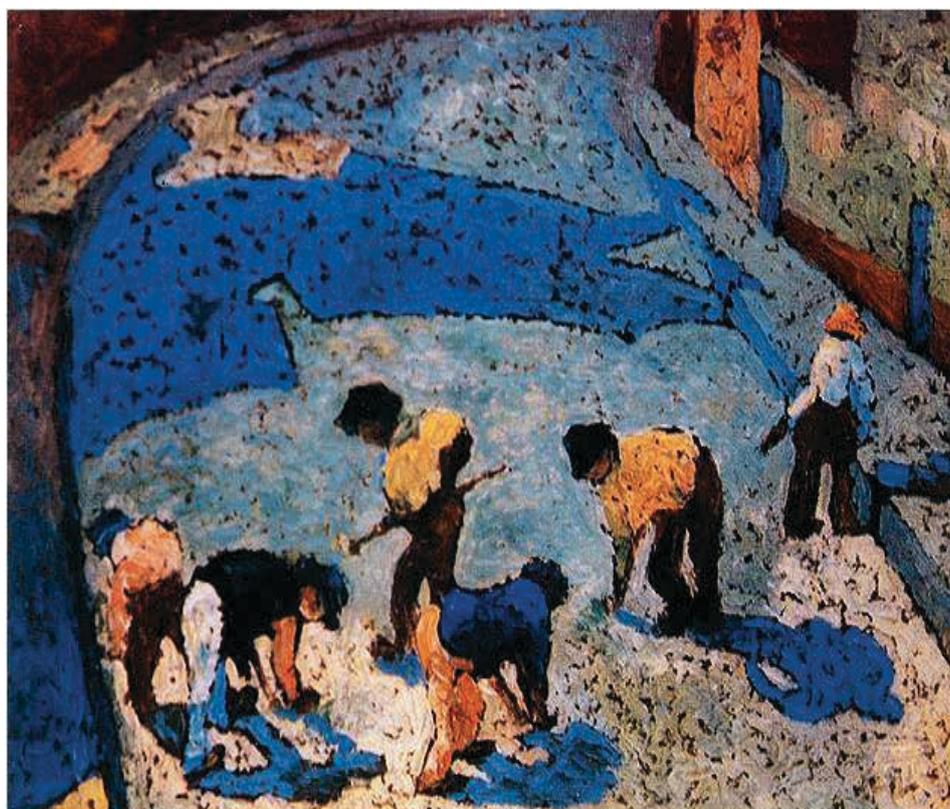
Fonte <<http://rinconcaires.blogspot.com/2017/05/katbe-kollwitz-as-maes-1923.html>>

No Brasil, o período de renovação estética ainda estava bastante marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922. Evento que tinha reunido poetas, músicos

e artistas plásticos com o objetivo de lançar oficialmente o Modernismo no Brasil. Entretanto, patrocinado pela burguesia do café, desde seu início o movimento deflagrado no Teatro Municipal de São Paulo se mostrava mais interessado em acertar o relógio da arte e da literatura brasileira, de acordo com o que estava acontecendo na Europa, dando pouca importância para a situação social precária em que vivia país. Por outro lado, a presença feminina na semana tinha sido bastante expressiva, com a presença marcante da pianista Guiomar Novaes e as pintoras Anita Malfatti e Zina Aita, esta que foi a primeira artista brasileira a representar um grupo de trabalhadores em sua tela *Homens trabalhando* (1922). Portanto, uma mulher artista não deveria causar tanto estranhamento, a novidade ficava por conta do engajamento político e social da artista alemã.

Para Pedrosa, o significado da arte de Kollwitz não era encontrado na arte em si, mas na realidade social do proletariado. Em sua opinião, aquele trabalho ia além de uma saída simplesmente estética, sendo “um imperativo social do qual não se pode escapar”. Uma vez que Kollwitz se distinguiu por suas gravuras e desenhos que representavam trabalhadores, mendigos, vítimas da Primeira Guerra Mundial, mulheres e imigrantes carregando crianças no colo.

Figura 2: Zina Aita, *Homens trabalhando*, 1922. Coleção Yan de Almeida Prado.



Fonte: <https://www.guiadasartes.com.br/zina-aita/resumo>

Assim a arte de Kollwitz, apresentada por Pedrosa, “firmava-se de vez em nosso meio artístico, passando a ter grande influência sobre os jovens gravuristas que iniciavam sua carreira sob o signo de ‘função social’ da arte” (ARANTES, 2004, p. 33). Foi o que se passou com Lívio Abramo, que ficou impressionado com as águas fortes de Kollwitz, pois também se interessava por problemas sociais e desejava colocá-los em seus trabalhos como gravurista. No início da década de 1930, Lívio havia se tornado membro do Partido Comunista, mas acabou sendo expulso e, em seguida, entrou para o Partido Socialista. Posteriormente, seguiu os mesmos passos que os companheiros de influência trotskista da geração de Mário Pedrosa. Dessa amizade resultou o convite para colaborar no jornal *O Homem Livre*⁹, onde contribuiu com várias ilustrações. Ele certamente viu a exposição de Kollwitz no Clube dos Artistas Modernos e também deve ter assistido à conferência de Mário Pedrosa, ficando bastante impressionado com o trabalho da artista alemã.

Figura 3: Lívio Abramo, *Êxodo*, 1942.



Fonte: <http://www.acervoleiloes.com.br/peca.asp?Id=190023>

⁹ O *Homem Livre* foi criado em março de 1933, na cidade de São Paulo, por um grupo de intelectuais antifascistas, entre os quais Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves e Mário Pedrosa. O periódico se tornou o principal órgão da Frente Única Antifascista (FUA), constituindo-se como seu mais importante veículo de propaganda esquerdista.

Para Mário Pedrosa, o ambiente de alta tensão social e crise institucional não permitia mais “exposições puramente estéticas e culturais”, como havia ocorrido durante a festejada Semana de Arte Moderna. Como prova disso, ele apresentava a arte de Käthe Kollwitz, que não tratava exclusivamente da guerra. Embora Kollwitz tivesse todos os motivos para isso, pois perdera um filho na Primeira Guerra Mundial. Ela ia além de sua situação particular, representando a consciência da classe trabalhadora alemã. Essa postura deveria se expandir e, do ponto de vista de Pedrosa, iria emergir em outras sociedades.

Foi o que ocorreu no Brasil na esteira do Modernismo de primeira hora, quando Tarsila, na virada dos anos de 1930, abandonou sua bem sucedida fase antropofágica¹⁰ para se entregar à arte social, sendo capaz de pintar telas como *Operários* e *Segunda classe*, em que emergiam suas “simpatias proletárias”. Segundo Pedrosa, “a grande pintora pagou essas simpatias com a prisão em que foi jogada por sua própria classe, como outro pintor ilustre, Di Cavalcanti, e vários intelectuais, durante os dias do levante paulista de 32”. (PEDROSA, 1970, p. 247-278). Naquela época de crise política e social, o próprio Pedrosa amargou a vida do cárcere. Portanto, entre 1922 e 1932, muita coisa havia mudado no Brasil, exigindo dos artistas e intelectuais nova postura frente à controvertida realidade do país. Pedrosa apontava em sua conferência uma solução estética a ser adotada pela arte brasileira, a partir de então.

¹⁰ A segunda fase da artista, a Antropofágica, foi idealizada pelo seu marido na época, Oswald de Andrade. Nesse momento eles buscavam digerir influências estrangeiras, que eram comuns à época, para que a arte feita por eles tivesse feição mais brasileira. Disponível em: <http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/tarsila_do_amaral/as-fases-artisticas-de-tarsila-do-amaral.html>.

Acesso em: 05/04/2020

Figura 4: *Tarsila do Amaral, Segunda Classe, 1933. Acervo Fanny Feffer.*



Fonte: <<https://voce.abril.com.br/carreira/tarsila-do-amaral-escreveu-um-livro-sobre-lideranca-sem-nem-perceber/>>.

Em 1934, aliados aos socialistas, anarquistas e comunistas, os trotskistas brasileiros promoveram diversos comícios e manifestações públicas, denunciando a atuação dos integralistas¹¹ no país como reflexo da expansão do nazifascismo. Essa luta culminou num violento confronto de rua em São Paulo, no dia 7 de outubro, quando as forças de esquerda estavam dispostas a impedir a realização de um ato integralista marcado para a data, que tinha como intenção atacar as sedes de diversas organizações operárias localizadas no Centro da cidade de São Paulo.

Ao entrarem na praça da Sé, as milícias integralistas foram recebidas à bala por atiradores dos grupos antifascistas, posicionados nas janelas dos edifícios. Entre os militantes que prepararam o contra-ataque, encontrava-se Mário Pedrosa. O episódio ficou conhecido como a “Revoada dos Galinhas Verdes” ou “Batalha da Sé”. O jovem comunista Décio de Oliveira foi morto, e Mário Pedrosa, atingido por um tiro, foi socorrido por Fúlvio Abramo. A partir de então, os atiradores

¹¹ O integralismo se refere à ideologia que, em linhas gerais, adota a doutrina de extrema-direita que prega o ultranacionalismo, conservadorismo, defesa dos valores cristãos e união do povo brasileiro. No dia 7 de outubro de 1932, o escritor e político Plínio Salgado lançou o Manifesto de Outubro, que reúne os “princípios” do integralismo. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-e-ainda-e-o-integralismo-brasileiro/>>

entraram em choque direto com os integralistas, que partiram em retirada. Com isso, “o trotskismo brasileiro demonstrou a correção completa e a importância da política de Trotsky para lutar contra o nazifascismo”. (ISHIBASHI, 2015)¹². Pedrosa, como membro da modesta LCI, entrou para a história da luta de classes sustentada pela esquerda brasileira.

O Manifesto da FIARI

Como crítico de literatura e de arte, Trotsky já tinha comprovado sua magistral destreza em seu livro de 1923, *Literatura e Revolução*. Depois disso, foi forçado a defender sua própria sobrevivência política, distanciando-se por longo período dos movimentos artísticos. Seu interesse pelas teorias estéticas, contudo, jamais se arrefeceu. Esteve sempre pronto a estabelecer relações intrínsecas entre literatura, arte e o pensamento revolucionário mais arrojado. Foi o que ocorreu quando atendeu ao chamado de André Breton para compor um movimento contra a situação de submissão a que chegara a arte em meados dos anos de 1930, sob pressão das hordas nazistas, por um lado, e os desmandos da burocracia stalinista, por outro.

Na ocasião, o criador do Exército Vermelho passava por período muito difícil: em julho de 1938 estava exilado no México. Mesmo assim, colaborou com André Breton na elaboração de um documento que apresentava uma alternativa para a arte que estava sendo instrumentalizada pelo stalinismo. Daí surgiu o “Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente”, concebido em parceria com o poeta surrealista francês, que foi ao encontro do revolucionário russo em seu refúgio, com o intuito de juntos fundarem a Federação Internacional da Arte Revolucionária (FIARI)¹³.

Infelizmente, essa organização, entusiasticamente criada, não chegou a atingir os resultados esperados, pois teve vida curta. Entretanto, o Manifesto de fundação da FIARI permaneceu como um documento de grande interesse, válido ainda nos dias de hoje. Por outro lado, esse encontro histórico entre o revolucionário

¹² Simone Ishibashi. A 81 anos da histórica 'Batalha da Sé': a revoada dos Galinhas Verdes. In: Esquerda Diário. Rio de Janeiro, 7 out. 2015. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/A-81-anos-da-historia-Batalha-da-Se-a-revoada-dos-Galinhas-Verdes>>.

¹³ O Manifesto foi redigido a quatro mãos, sendo traçado em linhas gerais por Breton e, posteriormente, desenvolvido por Trotsky, que “colava e cortava”, acrescia e suprimia partes do texto inicial de Breton. (ROCHE, 1985, p. 20)

bolchevique e o poeta surrealista francês pode ser muito esclarecedor sobre o desenvolvimento das tendências estéticas do século XX:

O encontro de Trotsky e Breton, por mais fascinante que seja, não é o fruto de um puro acaso, mas, pelo contrário, a consequência de uma necessidade histórica e o resultado de uma longa evolução política. Breton e o grupo surrealista opuseram-se, já no início dos anos trinta, várias vezes seguidas, à linha do Partido Comunista Francês e da Internacional Comunista sobre numerosas questões. Em 1931-1932, polemizam contra a política pacifista do comitê Amsterdam-Pleyel, dirigido por Romain Rolland e Henri Barbusse e inspirado nos bastidores pela Internacional Comunista. (ROCHE, 1985, p. 15)

Trotsky preferiu que seu nome não aparecesse como um dos autores do Manifesto devido à situação delicada do exílio. O documento final foi assinado por Breton e o muralista mexicano Diego Rivera¹⁴ que, junto a renomada artista Frida Khalo, hospedou Trotsky no México. Não obstante, Leon Trotsky reconhecia plenamente a postura assumida por Breton, que se colocava a seu lado nas rusgas políticas contra Stalin, assim como nos ideais estéticos, que também faziam parte da disputa. Inclusive chegou a recomendá-lo ao camarada Philip Rahv, editor da revista norte-americana *Partisan Review*, nos seguintes termos:

André Breton, reconhecidamente o cabeça do surrealismo, encontra-se agora no México. Como sabem com certeza, no plano artístico como no plano político, ele é não só independente do stalinismo, mas também o hostiliza completamente. Demonstra sincera simpatia para com a IV Internacional. (TROTSKY, 1939, p. 230)¹⁵

Do outro lado da contenda, encontrava-se a arte oficial fomentada por Stalin, por intermédio de eminentes intelectuais, como Máximo Gorki e, principalmente, Andrei Zhdanov – integrante da cúpula do poder, principal responsável da doutrina que tornaria o partido bolchevique o veículo para educação política, agitação ideológica e preparação de quadros em larga escala –, que estiveram presentes no Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934. O evento, que deu suporte ao chamado “Realismo Socialista”, pretendia dar uma solução simplificada e nacionalista para a arte soviética. Trotsky, por sua vez, declarava

¹⁴ O Manifesto por uma Arte Revolucionária foi publicado com as assinaturas de André Breton e Diego Rivera, na revista *Partisan Review*, em 25 de julho de 1938.

¹⁵ Trotsky em carta a Philip Rahv, 12 de maio de 1939, Ouvres, 17, publicação do Instituto Leon Trotsky, p. 230.

que, de fato, a arte “direta ou indiretamente, reflete a vida dos homens que fazem ou vivem os acontecimentos” (TROTSKY, 2007, p. 35). Nada mais distante da banalidade que deu margem às tendências artísticas alinhadas ao pensamento de Stalin, que pretendiam se passar por uma autêntica “arte proletária”.

É difícil imaginar como foi possível esse encontro extraordinário “entre o poeta de *L'Amour fou*¹⁶ e o brilhante teórico da revolução permanente” (ROCHE, 1985, p. 19). Dois homens de sensibilidade e formação intelectual completamente diferentes que, afinal, conjugaram esforços para iniciar um movimento de libertação da arte e dos artistas. Talvez, o que os unisse fosse a indignação frente ao estado abjeto em que se encontrava a arte na URSS, como revelado por Trotsky:

Não é possível contemplar sem repulsa física mesclada com horror, a reprodução de quadros e esculturas soviéticas nos quais funcionários armados de pincel, sob a vigilância de funcionários armados de máusers, glorificam os chefes ‘grandes’ e ‘geniais’, privados na realidade da menor centelha de gênio e grandeza. (TROTSKY, 1938, p. 66)

Certamente, Trotsky não era um adepto incondicional do surrealismo, nem seu senso de aguda racionalidade ateísta – avessa a qualquer indício de misticismo – permitiria que ele aceitasse o elevado grau de aleatoriedade característica do movimento, a exemplo do conceito de “acaso objetivo” introduzido por Breton. Tal como Lenin – que aceitava Maiakovski como poeta revolucionário, mas não era capaz de compreender sua poesia –, Trotsky “podia ‘impacientar-se’ quando eram evocados Sade ou Lautréamont” (ROCHE, 1985, p. 19), autores franceses cultuados por Breton como precursores do surrealismo.

Ao acreditar que o automatismo e a objetividade poderiam libertar a substância interior dos homens, os surrealistas começaram a ancorar essa crença nos desejos internos. Além disso, estar na ideia de que a arte era uma coisa coletiva e que conhecer o seu eu e desejos internos era um ato comunitário – de fato, vivendo a vida ao máximo que você pode irradiar para os outros – o surrealismo começou a entender a arte como um ato mundano, uma parte do grande cosmos. Isso os levou a entender que seus desejos internos, através de nosso subconsciente, afetam nossas ações, decisões e arredores. Nesse pensamento, os surrealistas, através de Breton, começaram a

¹⁶ *L'Amour fou* é um relato de André Breton, escrito entre 1934 e 1936, e publicado em 1937. Ele conclui a trilogia iniciada por *Nadja* (1928) e continuada por *Les Vases communicants* (1932), centrada em uma questão autobiográfica e na descoberta do “acaso objetivo”, caracterizada pela inserção de fotografias.

acreditar que nossos encontros cotidianos e achados aleatórios são na verdade psicologicamente pré-ordenados por nosso subconsciente.¹⁷ (RENAULD, 2015)

Eram a liberdade e a revolução, tanto na vida quanto na arte, que os unia. O Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente abria com uma constatação histórica que era muito pertinente naquele momento de crise sistêmica e ideológica do entreguerras, mas que pode ser estendida a outros tempos:

Pode-se pretender sem exagero que nunca a civilização humana esteve ameaçada por tantos perigos quanto hoje. Os vândalos, com auxílio de seus meios bárbaros, isto é, deveras precários, destruíram a civilização antiga num canto limitado da Europa. Atualmente, é toda a civilização mundial, na unidade de seu destino histórico, que vacila sob a ameaça das forças reacionárias armadas com toda a técnica moderna. (BRETON-TROTSKY, 1985, p. 35)

Ao comparar um período histórico tão remoto como a Roma antiga com os anos da supremacia do nazismo na Alemanha, o Manifesto torna “a ameaça das forças reacionárias” um desafio para a civilização humana no longo prazo. Por isso, não seria de estranhar que o impulso reacionário alcançasse o tempo presente. Ao mesmo tempo, é mais que natural que o Manifesto da FIARI estivesse inserido nos acontecimentos daqueles dias conturbados, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e se voltasse para as disputas ideológicas decisivas do momento.

O fascismo hitlerista, depois de ter eliminado da Alemanha todos os artistas que expressavam em alguma medida o amor pela liberdade, fosse ela apenas formal, obrigou aqueles que ainda podiam consentir em manejar uma pena ou um pincel a se tornarem os lacaios do regime e a celebrá-lo de encomenda, nos limites exteriores do pior convencionalismo. Exceto quanto à propaganda, a mesma coisa aconteceu na URSS durante o período de furiosa reação que agora atingiu seu apogeu. (BRETON-TROTSKY, 1985, p. 37)

Nem por isso, o Manifesto se deixou guiar por uma eventual neutralidade que colocasse seus autores numa zona de conforto, isentos de tomar uma posição definida. Eles não aceitavam o posicionamento dúbio assumido por alguns

¹⁷ Tradução livre: “From believing that automatism and objectivity could free the inner substance of men, Surrealists started to anchor this belief onto inner desires. Further, being into the idea that art was a collective thing, and that getting to know your inner self and desires was a community act – indeed through living life to the most you may radiate onto others – Surrealism started understanding art as a worldly act, a part of the big cosmos. This led them to understand that their inner desires, through our subconscious, affects our actions, decisions, and surroundings. In this thought, the Surrealists, through by Breton began to believe that our everyday encounters and chance findings are actually psychologically pre-ordained by our subconscious”.

intelectuais da época, que se negavam a tomar posição, ocultando-se por detrás do *slogan* “nem fascismo nem comunismo”. Para Trotsky e Breton o momento não era de indecisão:

A arte verdadeira, a que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje, tem que ser revolucionária, tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que fosse apenas para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado. (Ibid., p. 37-38)

Não obstante, as ideias de inspiração surrealista não deixaram de aflorar no manifesto, evidenciando a coautoria de Breton pela referência às teorias freudianas, como ocorre no parágrafo 07 do Manifesto: “O mecanismo de *sublimação*, que intervém em tal caso, e que a psicanálise pôs em evidência, tem por objetivo restabelecer o equilíbrio rompido entre o ‘ego’ coerente e os elementos recalçados” (BRETON-TROTSKY, 1985, p. 39). Insatisfeito com a insuportável realidade presente, o ego do artista era estrangido a apelar para o seu mundo interior, buscando alimento para a imaginação no seu subconsciente:

Em matéria de criação artística, importa essencialmente que a imaginação escape a qualquer coação, não se deixe sob nenhum pretexto impor qualquer figurino. Àqueles que nos pressionarem, hoje ou amanhã, para consentir que a arte seja submetida a uma disciplina que consideramos radicalmente incompatível com seus meios, opomos uma recusa inapelável e nossa vontade deliberada de nos apegarmos à fórmula: *toda licença em arte*. (Ibid., p. 41-42)

O abstracionismo não figurativo também pode ser observado nos parágrafos do Manifesto. “Melhor será confiar no dom de prefiguração, que é o apanágio de todo artista autêntico” (Ibid., p. 40). Não havendo contradição entre as “normas marxistas” do desenvolvimento das forças produtivas e a “liberdade individual” atribuída ao artista:

Se, para o desenvolvimento das forças produtivas materiais, cabe à revolução erigir um regime *socialista* de plano centralizado, para a criação intelectual ela deve, já desde o começo, estabelecer um regime *anarquista* de liberdade individual. Nenhuma autoridade, nenhuma coação, nem o menor traço de comando! (Ibid., p. 42-43)

No entanto, não se trata de um *trade off* entre a arte e a revolução. O referencial revolucionário jamais é deixado de lado. A tarefa do artista continua

fiel à participação consciente e ativa na preparação da revolução. Para ser capaz de servir à “luta emancipadora”, o artista deve estar “compenetrado subjetivamente de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior” (Ibid., p. 43).

Voltando ao quadro histórico da época, devido às preocupações que ocupavam Trotsky naquele momento, o Manifesto declara que “Toda tendência progressiva na arte é difamada pelo fascismo como uma degenerescência. Toda criação livre é declarada fascista pelos stalinistas” (BRETON-TROTSKY, 1985 p. 45). Frente à situação crítica, restava aos artistas revolucionários independentes a união “para a luta contra as perseguições reacionárias e proclamar bem alto seu direito à existência” (Ibid., p. 45).

Nesse tom, que lembra o Manifesto Comunista de Marx e Engels, o documento termina com uma declaração geral de princípios. “O que queremos: A independência da arte – para a revolução, a revolução – para a liberação da arte” (Ibid., p. 46). Dessa maneira peremptória, essa fórmula conceitual coloca a revolução no centro e a independência/liberação da arte em seus dois extremos. Esse princípio de liberdade na arte e fidelidade à revolução foram capazes de aproximar pessoas de vivências tão diferentes como o líder da Revolução Russa e o autor do Manifesto Surrealista, um encontro fundado com a informação das filosofias resilientes indígenas e africanas que fervilhavam no Novo Mundo.

Exercício experimental da liberdade

Com a autogolpe de Getúlio Vargas, estabelecendo o Estado Novo em novembro de 1937, a situação das organizações de esquerda e do movimento sindical independente se tornou periclitante. Diversos membros da LCI foram presos, entre os quais Hílcar Leite e Aristides Lobo. Pressionado por essa ameaça, Mário Pedrosa decidiu sair do país, embarcando clandestinamente para a Europa. Porém, não conseguiu evitar que a esposa, Mary Pedrosa, fosse presa logo depois. No ano seguinte, estabelecido em Paris, passou a trabalhar em prol da fundação da IV Internacional, junto ao secretário do comitê de organização Rudolf Klement, um camarada de origem alemã de completa confiança de Trotsky.

Com o obscuro e brutal assassinato de Klement, Pedrosa passou a ficar encarregado dos arquivos, garantindo assim a continuidade dos preparativos

para o congresso de fundação da IV Internacional. O evento seminal da IV Internacional ocorreu numa conferência reservada, contando com a presença de trinta delegados vindos de diferentes partes do mundo. O ato foi realizado na casa do líder sindicalista Alfred Rosmer, em setembro de 1938, nos arredores de Paris¹⁸. Na ocasião, Pedrosa foi eleito como membro do comitê executivo, ficando como representante da seção oficial latino-americana da IV Internacional.

Adolf Hitler, detentor de plenos poderes na Alemanha desde 1933, iniciou então uma sucessão de atos beligerantes na Europa Central¹⁹. Essa situação de insegurança motivou a decisão de que o secretariado da IV Internacional deveria ser transferido para os Estados Unidos. Com isso, Pedrosa se deslocou para Nova Iorque, onde estabeleceu contatos com Nathan Gould, assistente de James Cannon, destacado membro da IV Internacional naquele país. Em 1939, com a evolução dos acontecimentos políticos que levaram à Segunda Guerra Mundial, os seguidores americanos da IV Internacional entraram em desacordo quanto à questão da defesa incondicional da União Soviética contra as forças nazistas. Essas divergências iriam crescer ainda mais depois da assinatura do Pacto Molotov–Ribbentrop, que estabeleceu um compromisso de neutralidade entre a Alemanha Nazista e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e a subsequente invasão da Finlândia pelos soviéticos em novembro daquele mesmo ano.

Nessa ocasião, Mário Pedrosa escreveu um documento expondo claramente seus pontos de vista sobre a situação conflitante imposta aos militantes de esquerda. No texto, fazia restrições à defesa incondicional da URSS. O comunicado teve repercussão imediata no interior do partido da IV Internacional. Pedrosa, então, empenhou-se, junto a outros exilados, na realização de estudos para uma revisão da experiência política e doutrinária desde a Revolução de 1917 na Rússia. Porém,

¹⁸ Nessa pequena reunião, que passaria para a história, participaram 30 delegados de dez seções (URSS, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia, Holanda, Bélgica e EUA), além de um delegado representando a América Latina (o brasileiro Mário Pedrosa). Aderiram, sem poder enviar representantes, as seções da Espanha, Tchecoslováquia, Áustria, Indochina, China, Marrocos Francês, União Sul-Africana, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Dinamarca, Noruega, Palestina, Lituânia, Romênia, além de várias organizações da América Latina e outras. Por questão de segurança, Trotsky não participou da reunião. Enviou um discurso gravado, saudando a fundação da IV Internacional (Esquerda Online) Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2018/09/03/ha-80-anos-foi-fundada-a-iv-internacional-viva-a-iv-internacional/>>

¹⁹ Em março de 1938, a Alemanha anexou a Áustria, novamente provocando poucas reações de outras potências europeias. Incentivado, Hitler começou pressionando reivindicações alemãs na região dos Sudetos, uma área da Checoslováquia com uma população predominantemente de etnia alemã. Logo, a França e o Reino Unido concederam o território para a Alemanha no Acordo de Munique, que foi feito contra a vontade do governo da Checoslováquia, em troca da promessa de fim de mais exigências territoriais por parte dos alemães.

quando da reorganização promovida por Trotsky nos quadros da IV Internacional, em 1940, em meio à luta pela solidificação de um novo partido revolucionário no seio do proletariado norte-americano, Pedrosa foi destituído do secretariado. Descontente com a decisão do autor da “Revolução Permanente”, Pedrosa foi constrangido a rever seu posicionamento político, rompendo com o bolchevismo em um contexto que seria agravado pelo assassinato de Leon Trotsky, em agosto de 1940. Desde então, passou a dedicar-se mais às atividades como jornalista e crítico de arte, sem abdicar das atividades políticas, entre elas a fundação do jornal *Vanguarda Socialista* e a organização da União Socialista Popular. Pedrosa “foi um daqueles que jamais abriram mão do marxismo”. (KAREPOVS, 2017, p. 23)

Como se observa nos acontecimentos descritos até aqui, Mário Pedrosa chegou a ocupar posto de fundamental importância na rede de articulações políticas comandadas por Trotsky a partir de seu exílio. Apesar de seu desempenho no núcleo da militância trotskista ter sido bruscamente interrompido, ninguém poderá excluir o mérito de Pedrosa ter sido cofundador da IV Internacional e atuar num ambiente intelectual de altíssimo nível²⁰. Diferentemente de André Breton, Pedrosa jamais encontrou Trotsky pessoalmente. O que não impediu que ele permanecesse fiel às ideias do líder revolucionário por toda a vida, inclusive quanto aos pressupostos estéticos, sempre norteados pelo ideal de “toda licença em arte” (BRETON-TROTSKY, 1985, p. 42).

De fato, em diversos momentos de sua carreira como crítico de arte e ativista político, Pedrosa revelou sua sintonia com o pensamento de Trotsky. Isso pode ser claramente observado na polêmica sobre o abstracionismo, quando a situação de acomodação estética ao primeiro modernismo impedia que a arte brasileira prosseguisse em direção aos avanços mais atuais da arte.

A grande contribuição de Mário Pedrosa à arte brasileira não reside, a nosso ver, em ter sido um estimulador das vanguardas, porém em sua configuração como crítico, alerta para as inquietações do intelectual e do artista, em diálogo com seu tempo, permanentemente questionando a articulação entre arte e política. (AMARAL, *apud*, MARI, 2006)²¹

²⁰ Pedrosa travou contato permanente com militantes trotskistas norte-americanos (entre os quais os mais conhecidos eram James Burnham, Max Schachtman e James Cannon) e com muitos artistas, literatos e críticos de arte que se aproximaram do trotskismo, tais como Clement Greenberg e Meyer Shapiro. (MARI, 2006, p. 99)

²¹ AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? – a preocupação social na arte brasileira (1930-1970)*. São Paulo: Studio Nobel, 2003, p. 06.

O abstracionismo sofria no Brasil franca rejeição por parte de importantes intelectuais e da crítica especializada. O crítico de arte Sérgio Milliet, que participou como poeta do modernismo dos tempos heróicos da Semana de Arte Moderna de 1922, mostrava-se relutante em aceitar as manifestações artísticas que pretendessem ultrapassar o pós-cubismo e, “a exemplo de Mário de Andrade, condenava a aventura abstracionista como “intelectualista”, “contorcionista”, “egoísta” etc.” (ARANTES, 2004, p. 61). Isso conduzia a um “provincianismo autossuficiente” que se arrastava até os primeiros anos da década de 1940.

Quase todos, artistas e críticos, eram veteranos do modernismo que, a partir dos anos 30, finalmente entrara na rotina mental do país. Defendiam, portanto, uma tradição, a tradição do modernismo. Sem dúvida inventiva tensão inicial baixara, mas bem ou mal, relativamente integrado, o sistema de arte moderna funcionava no Brasil. Ora, não custa lembrar que o auge do modernismo fora nacionalista, e o segundo tempo, francamente social. Além do mais, declaradamente hostil à tentação abstrata, contra a qual Mário de Andrade prevenia Tarsila em Paris. (Ibid., p. 62)

Graças a sua vivência internacional, Pedrosa participou de discussões com muitos artistas e intelectuais exilados em Nova York por causa da Segunda Guerra Mundial, onde se concentrava o primeiro grupo de artistas abstratos²². Imbuído dos princípios trotskistas de “independência da arte”, ele desafiava “o partido da tradição local”, formado por veteranos do primeiro modernismo que se esqueciam de terem sido também rejeitados pelos críticos retrógrados como ocorreu no caso da exposição de Anita Malfatti, massacrada por Monteiro Lobato, em 1917.

Assim, “rompendo com um sistema análogo de estilos quase oficiais, a pintura abstrata vinha inaugurar um novo ciclo de atualização, a que nos condenava nossa sina de país periférico” (ARANTES, 2004, p. 62). Pedrosa tinha perfeita consciência disso, deixando de lado qualquer tipo de esteticismo retrógrado, e agia de acordo com suas convicções fundamentadas em princípios trotskistas. Nesse sentido, Pedrosa foi o primeiro crítico a defender, no Brasil, essa tendência radical da arte internacional, opondo a abstração à pintura realista limitada à representação que não ia muito além da “ilustração anedótica”.

²² Mário Pedrosa também se encontrava exilado desde 1937, retornando ao Brasil somente em 1945.

Em todo esse debate, o que tentou fazer entender aos críticos renitentes é que a ação da arte deve se dar “em seu campo específico” e obedecendo a “leis próprias”, ou seja, que a sua peculiaridade é atuar diretamente sobre a sensibilidade e isto, menos pelos temas do que pelo “dinamismo próprio das formas” – cria-se assim em cada um de nós melhor aparelho de apreensão e recepção, antenas sensoriais mais agudas e transmissores à nossa disposição mais precisos e controlados”. (ARANTES, 2004, p. 63-64)

Pedrosa intencionava “aproximar a iniciativa individual e as emoções do artista, do rigor formal, buscando adivinhar aí a liberdade una e total, desmembrada nessas metades que, à força, lhe teriam sido arrancadas” (ARANTES, p. 64). Ao agir dessa maneira, retomava as ideias estéticas professadas por Trotsky e Breton no Manifesto da FIARI.

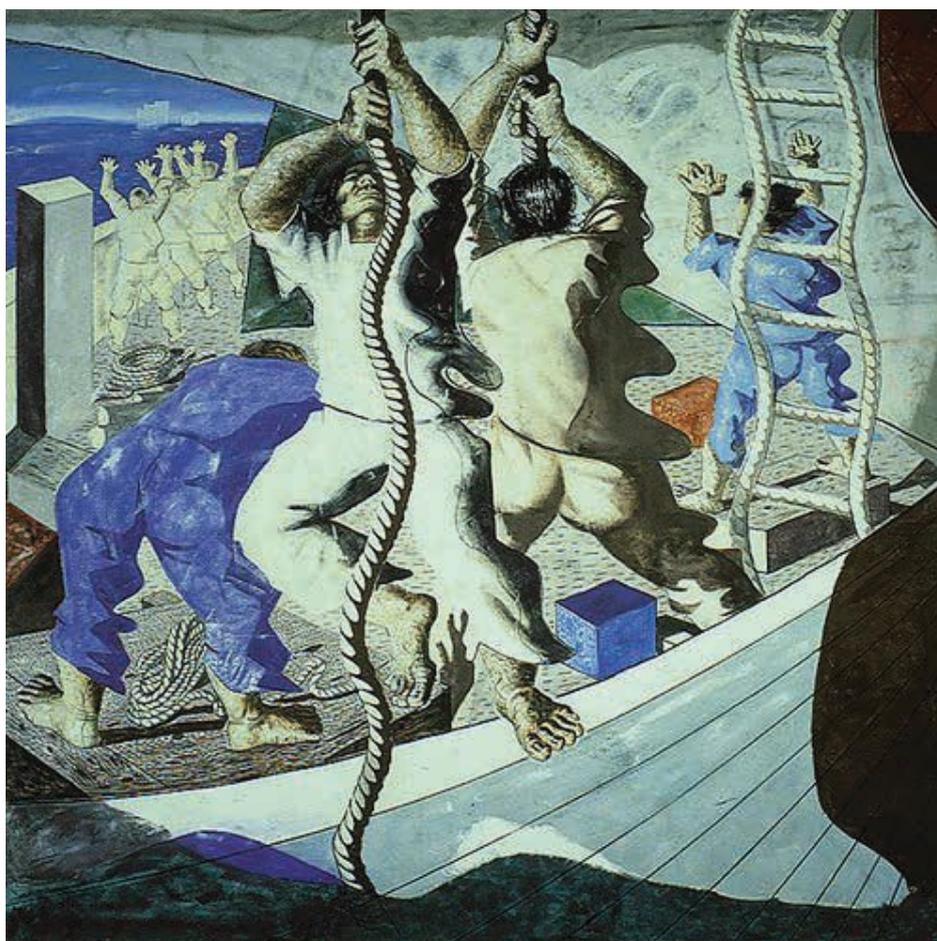
Considerações finais

Neste artigo se observou como o pensamento e o ativismo de três personalidades importantes na história da esquerda mundial convergiram para defender a liberdade na arte. Isso foi expresso por Breton e Trotsky no Manifesto da FIARI: “Nenhuma autoridade, nenhuma coação, nem o menor comando!” (1985, p. 43). Enquanto o comprometimento de Pedrosa pode ser observado em vários momentos de sua atuação como curador e crítico de arte. Por exemplo, quando comentou a tela de Portinari, *O preto da enxada* (1934), “apreciou a força expressiva demonstrada pelo pintor na tradução do drama social, aliás de mesma índole do que o exibido por Käthe Kollwitz da maturidade” (ARANTES, 2004, p. 45). Mas o que mais Pedrosa admirava no pintor de Brodóski era a sua capacidade de ficar “longe tanto da transcrição literal da realidade quanto da estilização estetizante e com fins apologéticos”(Idem, *ibid.*). Percebe-se aí os princípios que estavam por trás das ideias do crítico brasileiro, sempre afinado com o pensamento trotskista de liberdade em arte.

Em outras circunstâncias, comentando os painéis pintados por Portinari para a Biblioteca do Congresso, em Washington, Pedrosa valoriza, mais uma vez, o “sentimento interior de liberdade” do artista:

[...] em nenhum outro momento de suas realizações murais, se sentiu ele mais livre, mais desimpedido, mais disposto a fazer as ginásticas técnicas mais perigosas e as deformações mais violentas. Estas foram composições executadas sob um profundo sentimento interior de liberdade. (PEDROSA, 1942)

Figura 5: *Candido Portinari, Descobrimento, Biblioteca do Congresso, Washington, 1941.*



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/projetoportinari/5298103460>

Na mesma ocasião, ao comentar as ousadias estéticas de Portinari nesses murais de Washington, Pedrosa relata que o pintor, “com aquele seu jeitão esperto, à caipira, e bonachão, interrompe: ‘Pois é, eu aqui me sinto mais livre do que no Brasil. Os literatos me atrapalham’” (ARANTES, 2004, p. 46). Quem seriam esses “literatos” aos quais o artista de *Os Retirantes* (1944) se referia? Embora não houvesse no ambiente artístico brasileiro nada parecido com a arte oficial do “Realismo Socialista”, decretado pela União Soviética stalinista, ainda assim a arte era de certa maneira instrumentalizada no Brasil, pois havia entre os críticos reconhecidos pelo Estado Novo e a intelectualidade nacionalista um dirigismo cultural que cobrava dos artistas um alinhamento temático e estilístico que deveria necessariamente se adequar à “realidade brasileira”, com maior ou menor envolvimento social, contanto que refletisse a decantada “cor local”.

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Mário Pedrosa: Itinerário crítico**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Mario Pedrosa e a crítica de arte no Brasil. *ARS* (São Paulo), São Paulo, v. 6, n. 11, p. 40-60, 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202008000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-53202008000100004>.

BRETON-TROTSKY. Breton, Trotsky e a F.I.A.R.I. In: FACIOLI, Valentim. **Breton-Trotsky: por uma Arte Revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FACIOLI, Valentim. **Breton-Trotski: Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FISHUK, Erick. “Trotsky condena Processos de Moscou”, Blog: Traduções de Erick Fishuk. Disponível em: <<http://www.fishuk.cc/2017/06/trotsky-moscou.html>>.

ISHIBASHI, Simone. A 81 anos da histórica ‘Batalha da Sé’: a revoada dos Galinhas Verdes. In: *Esquerda Diário*. Rio de Janeiro, 7 out. 2015. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/A-81-anos-da-historia-Batalha-da-Semana-revoada-dos-Galinhas-Verdes>>.

KAREPOVS, Dainis. **Pas de Politique Mariô! Mário Pedrosa e a Política**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

MARI, Marcelo. **Estética e política em Mário Pedrosa**. Tese de Doutorado, sob a orientação de Celso Favaretto. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

PEDROSA, Mário. De Brodósqui aos murais de Washington. *Boletim da União Pan-americana*, Washington, fev. 1942.

_____. PEDROSA, Mário. Entre a Semana e as bienais. *Da Semana de Arte Moderna às bienais*. MHAC, 1970, p. 247-278.

_____. As tendências sociais da arte e Käthe Kollwitz. *Política das Artes* (Otília Beatriz Fiori Arantes). São Paulo: EDUSP, 1995.

RENAULD, Mathilde. Objective Chance and the Surrealist Object. *WorldArtWorld*. Postado em 21 de maio de 2015. Disponível em: <<https://worldartworld.wordpress.com/2015/05/21/objective-chance-and-the-surrealist-object/>>.

ROCHE, Gérard. Breton, Trotsky e a F.I.A.R.I. In: FACIOLI, Valentim, in: **Breton-Trotsky: por uma Arte Revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Michel Goulart da. “Arte e revolução em Trotsky e Breton”, in: **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.10, n.30, p. 55-64, out.2017-jan.2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/35080/24871>>. acesso em: 28/03/2020.

TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. “La bureaucratie totalitaire et l’art”, 10 de junho de 1938. **Oeuvres**, V. 18.

_____. Trotsky em carta a Philip Rahv, 12 de maio de 1939, **Ouvres**, V. 17. publicação do Instituto Leon Trotsky.

VILLELA, Thyago. O realismo socialista revisitado: parte IV (a “ortodoxia inatingível” [1934]), in: **Esquerda Diário**. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=1124>.

Por uma arte revolucionária independente

Dora Longo Bahia¹

<https://orcid.org/0000-0003-2817-7214>

Resumo: As manifestações culturais marginais do século XX foram capturadas e transformadas em mercadoria. A aceleração do tempo de giro do consumo e a superação das barreiras espaciais fizeram com que a produção de imagens e sistemas de signos se tornasse a “mercadoria” ideal para a acumulação do capital, seja ela conformista ou “subversiva”. Na atual conjuntura, qualquer “novidade” já surge obsoleta, como resultado de uma corrida frenética e infrutífera contra mercado inelutável que transforma tudo em mercadoria. Mesmo atitudes, experiências ou ações artísticas ditas “marginais” são anuladas rapidamente por meio da corporificação e mercantilização da obra e do artista, ou esvaziadas por meio de sua espetacularização. Qual seria o sentido do termo “arte revolucionária” num sistema em que o *marketing* se confunde com a arte? Como adotar uma posição revolucionária nesse sistema que tudo devora, digere e regurgita em proveito próprio?

94

Palavras-chave: Arte; Política; Revolução.

¹ Dora Longo Bahia/doralongobahia@usp.br/ é artista plástica com Doutorado em Artes Visuais e Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP. É docente do Departamento de Artes Visuais (CAP) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e do grupo de pesquisa Depois do Fim da Arte (DFA) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA USP.

Abstract: The cultural manifestations of the artist as an outsider in the early 20th century have been taken captive and transformed into merchandise. The acceleration of the consumption cycle and the overcoming of spatial barriers has turned the production of images and sign systems, be they conventional or “subversive”, into ideal “products” for accumulating capital. Today, every artistic “novelty” is born already obsolete due to a frantic and futile struggle against a market that inevitably turns everything into merchandise. Even the attitudes, experiences and actions of so-called “outsider artists” are quickly nullified as they and their works are commodified and marketed, or turned into empty spectacle. What would then be the meaning of the term “art revolutionary” in a system in which marketing confounds itself with art? How can a revolutionary position be adopted under such a system, which so greedily devours, digests and regurgitates everything for its own benefit?

Keywords: Art; Politics; Revolution.

Resumen: Las manifestaciones culturales marginales del siglo XX fueron capturadas y convertidas en mercancía. La aceleración del ciclo del consumo y la superación de las barreras espaciales ha convertido la producción de imágenes y sistemas de signos, convencionales o subversivos, en la “mercancía” ideal para la acumulación de capital. Hoy, cualquier “novedad” artística nace ya obsoleta, debido a una lucha frenética e infructuosa contra un mercado que inevitablemente convierte todo en mercancía. Incluso las actitudes, experiencias o acciones de los llamados artistas “marginales” se anulan rápidamente a través de la cosificación y comercialización de la obra y del artista, o se vacían mediante su espectacularización. ¿Cuál sería entonces el significado del término “arte revolucionario” en un sistema en que el marketing se confunde con el arte? ¿Cómo se puede adoptar una posición revolucionaria en un sistema así, que todo devora, digiere y regurgita con tanta avidez y para su propio beneficio?

96

Palabras clave: Arte; Política; Revolución.

Introdução

Em 1938, o fundador do surrealismo André Breton (1896-1966) e o intelectual marxista Leon Trotsky (1879-1940) escreveram o *Manifesto por uma arte revolucionária independente*. Na época da publicação do Manifesto, Trotsky não pode assiná-lo por razões políticas. O artista mexicano Diego Rivera (1886-1957) ocupou o seu lugar, dividindo a autoria com Breton. Em 1980, os arquivos de Trotsky foram abertos ao público na Biblioteca *Houghton*, de *Harvard*, e revelaram diversos documentos, inclusive cartas entre ele e Breton (TROTSKY, 1978) que atestaram a coautoria de Trotsky.

No manifesto, Breton e Trotsky afirmam que a arte verdadeira:

[...] a que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje, tem que ser revolucionária, tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que seja apenas para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado (BRETON; TROTSKY, 1985, pp. 37-38).

Trinta anos depois, o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) ainda acreditava que a arte poderia transformar a sociedade, sendo a única força verdadeiramente “revolucionária”. Numa declaração de 1973, afirma que “só a arte seria capaz de dismantelar os efeitos repressivos de um sistema social senil que estaria cambaleando, com os dias contados” (JOACHIMIDES, 1974, p. 48). Beuys entendia a esfera da arte como um campo multidisciplinar, que invadia a economia e a política, sendo uma forma de mobilização social. Ele dizia que todo homem é um artista, ou seja, que todo homem tem a capacidade de aplicar criatividade a diversas esferas da vida, e considerava suas aulas como parte de sua obra, uma “escultura monumental”.

Em 1974, junto com o escritor Heinrich Böll (1917-1985), Beuys fundou a *Freie Internationale Universität* (FIU) [Universidade Internacional Livre], que tinha o objetivo de ajudar a tornar real a capacidade criativa inerente a cada pessoa. A universidade de Beuys pregava a miscigenação ideal entre o emissor-professor e o receptor-aluno como o vetor de criação e circulação da memória social, sinalizando a falência do sistema educacional universitário (que precisava ser remodelado) e pregando a necessidade da interdisciplinaridade, da isonomia

política e da democratização do ensino (KUONI, 1990), pontos que ainda estão sendo reivindicados pelos estudantes brasileiros nas diversas ocupações das escolas e universidades no país, durante os últimos anos.

Uma serigrafia de 1973, intitulada *Demokratie ist lustig* [A democracia é divertida], mostra o artista com seus alunos, saindo da secretaria da *Staatliche Kunstakademie Düsseldorf* [Academia Nacional de Belas Artes de Düsseldorf]. O fato ocorrera em 10 de outubro de 1972, após a chegada da polícia. Beuys e seus alunos ocuparam a secretaria da escola, reivindicando acesso irrestrito à educação. No dia seguinte à intervenção policial, o artista foi demitido do cargo de professor, ocupado por ele desde 1961. A fotografia do confronto entre Beuys, seus alunos e a polícia foi tirada por Ernst Nanninga. Posteriormente, foi ampliada e transformada numa serigrafia sobre a qual o artista escreveu a frase *Demokratie ist lustig*, estabelecendo uma relação irônica entre a ação repressiva da universidade para frear dissidências e as ações ditas democráticas.

Arte e revolução

Mas o que seria uma “força verdadeiramente revolucionária”, no contexto do capitalismo que absorve todos os antagonismos e riscos, reorganizando-se constantemente e permanecendo como uma “verdadeira força revolucionária”?

Da mesma forma que um político ou cientista, o artista é responsável tanto por sua obra quanto por suas implicações públicas, necessitando estar ciente de suas articulações com as instituições do poder, sejam elas o Estado (que estabelece o que é digno de se tornar cultura nacional), a mídia (que decide o que é verdade, o que é pós-verdade e o que não é nenhuma das duas) ou o poder econômico privado ou corporativo, representado pelos colecionadores, investidores e instituições (que decidem quem integra as grandes coleções e exposições). Articulações inevitáveis, já que a arte, pelo menos desde a Idade Média, mantém relações cordiais com o poder, incorporado primeiro pela igreja, depois pela aristocracia, pela burguesia e, mais recentemente, pelas corporações.

Até meados do século passado, o artista tinha, mesmo imerso nos estratégias do mercado, duas alternativas: ou fazer um jogo a partir das exigências de seus poderosos patronos, tornando-se um “pintor da corte”, ou adotar uma posição marginal e vanguardista que, apesar de depreciativa das massas, proporcionaria, com o decorrer do tempo, uma iconografia crítica que funcionaria como agente desmistificador da história material.

A arte teria então um aspecto dialético que desempenharia função política vital: a mútua desmistificação entre realidade material e expressão estética. Por um lado, a arte necessitava de elementos da história material para sua interpretação, de forma que os “tesouros” culturais deixassem de ser apetrechos da classe dominante. Por outro, ela proporcionava uma iconografia crítica para decifrar essa mesma história material, de maneira que seus elementos ainda pudessem constituir, parafraseando Walter Benjamin, uma “constelação revolucionária com o presente” (BUCK-MORSS, 2005, p. 40).

A dialética é recorrente na reflexão sobre a arte pelo menos desde as vanguardas históricas. A relação conflituosa entre realidade material e expressão estética, vulgarmente conhecidas como “vida e arte”, é demonstrada pela frustração do artista ao correr “de cima para baixo entre a torre de marfim e as ruas”, num movimento esquizofrênico entre as instituições e a realidade material (LIPPARD, 1986, p. 189).

Esse movimento incansável é levado ao limite pela Internacional Situacionista (I.S.), formada em 1957 por um grupo de intelectuais e artistas. Em sua fase inicial, a I.S. propunha a superação da arte a partir de seu próprio interior, numa simultaneidade de destruição e realização. No entanto, as contradições logo se mostraram irreconciliáveis. As desavenças entre os artistas dentro da I.S. se tornaram cada vez mais evidentes. Simultaneamente a elas, Guy Debord, um dos líderes da I.S., não queria que esta fosse mais um grupo de artistas de vanguarda e concentrava seus esforços na produção teórica e no comprometimento organizacional. As divergências entre os integrantes da I.S. aumentaram de tal forma que levaram à exclusão forçada ou à saída voluntária de todos os artistas. A partir de 1962, uma versão reorganizada e recomposta da I.S. se interessava pela arte apenas com relação aos limites de sua superação na forma de uma revolução social.

Arte e ideologia

As pretensões universais e emancipatórias da modernidade se combinaram ao capitalismo liberal ao imperialismo, sendo assimiladas pelo *establishment* político e cultural. A arte acabou se tornando uma das armas ideológicas mais efetivas. As obras de artistas norte-americanos, como Jackson Pollock (1912-1956),

Robert Motherwell (1915-1991) e Mark Rothko (1903-1970) foram utilizadas pela CIA, durante a Guerra Fria, como propaganda capitalista, representando os Estados Unidos em diversas exposições internacionais (SAUNDERS, 1995). Suficientemente plena de alienação e de ansiedade, elas funcionavam como expressão da fragmentação violenta e da destruição criativa, comprovando o compromisso norte-americano com a liberdade de expressão, o individualismo, a inovação e a criatividade – ideais liberais num mundo “ameaçado” pelo totalitarismo comunista. Apesar de, nos anos 1930, o modernismo ter demonstrado amplas tendências socialistas, difundidas pelo surrealismo, pelo construtivismo e pelo realismo socialista, com o advento do expressionismo abstrato norte-americano, verifica-se uma despolitização da arte, que acaba facilitando a utilização desta como arma ideológica (HARVEY, 1992, p. 43).

O modelo teleológico modernista se tornou insustentável e acabou fornecendo o fundamento material e político para o aparecimento dos movimentos contraculturais e antimodernistas dos anos 1960. Surgidos no apogeu do capitalismo fordista², regime de acumulação de capital da “sociedade democrática, racionalista, modernista e populista”, em que impera a forma corporativa de organização de negócios, a divisão de trabalho e o aumento de produtividade, eles demonstravam resistência cosmopolita e transnacional à tendência positivista e elitista do “modernismo universal” e à rigidez do sistema econômico em vigor. O modernismo universal, hegemônico desde 1945, exibia uma relação confortável com os centros de poder dominantes, numa “sociedade em que uma versão capitalista corporativa do projeto iluminista de desenvolvimento para o progresso e a emancipação humana assumira o papel de dominante político-econômica” (HARVEY, p. 42).

“Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa, que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariante. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho” (HARVEY, p. 135).

² Ford, idealizador desse sistema, percebeu que “produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia” (Harvey, 1992, pp. 121-122).

Antagônicas às formas de poder institucionalizado (de governanças corporativas e estatais monolíticas a partidos políticos e sindicatos burocratizados), manifestações de resistência, centradas principalmente nas universidades e nas fábricas, culminaram na turbulência global de 1968, que atingiu diversas cidades ao redor do mundo, como Chicago, Paris, Praga, Cidade do México, Madri, Tóquio, Berlim... (HARVEY, 1992, p. 44).

Esse período de turbulência social foi marcado também por novas transformações nas práticas artísticas. Passou a se acreditar na efetividade do fazer artístico como resistência ao capital e na possibilidade da existência de uma obra de arte desvinculada da mercadoria. O autor, “gênio criador”, perdeu sua hegemonia e se transformou numa coletividade, num editor, num compilador, num estimulador ou mesmo num participante. A obra de arte, “aurática e eterna”, transformou-se numa ação, experiência ou prática que acontecia, muitas vezes, precisamente no momento de sua ruína, fazendo-se presente no instante de sua autodestruição.

As mudanças culturais e artísticas aconteceram como consequência da transição do chamado fordismo para a “acumulação flexível”, período caracterizado pela expansão das grandes corporações multinacionais; pela globalização dos mercados e do trabalho; pelo consumo de massa e pela intensificação dos fluxos internacionais do capital, que acentuava ainda mais o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz e o contingente da vida moderna como substitutos dos “valores sólidos” implantados na vigência do fordismo e do modernismo (HARVEY, 1992, p. 260). A “desmaterialização da arte”³, anunciada pelas neovanguardas de meados do século XX, na realidade, estava tornando visível a “desmaterialização da moeda”.

Arte ou mercadoria

Com o tempo, a situação foi se tornando ainda mais homogênea e consensual do que há algumas décadas. As manifestações contraculturais e as práticas “marginais” de meados do século XX foram capturadas, os procedimentos de resistência foram banalizados e a “subversão” artística foi transformada em mercadoria.

³ Em 1968, os críticos de arte Lucy Lippard e John Chandler publicaram artigo chamado “A desmaterialização da arte”, em que discutiam “manifestações artísticas que enfatizavam o processo de pensamento em detrimento da materialidade física” (LIPPARD, 2013).

No contexto atual, em que a aceleração do tempo de giro do consumo e a superação das barreiras espaciais fizeram com que a sociedade do espetáculo descrita por Debord se disseminasse por todo o “mundo civilizado”, as imagens e sistemas de signos (sejam eles conformistas ou “subversivos”) tornaram-se a “mercadoria” ideal para a acumulação do capital. A arte, assassinada e superada diversas vezes desde o romantismo, parece um zumbi delirante. Ela vagueia em meio à miríade de imagens-mercadorias produzidas pela indústria cultural, tentando ocupar a posição crítica que possuía até meados do século XX. Assume a interferência do mundo a que se refere, procurando se afirmar como confuso campo de intersecção entre diferentes planos contraditórios de discurso – sejam eles estéticos, éticos, teóricos, históricos ou políticos.

Hoje, toda “novidade” artística já surge obsoleta, como resultado de uma corrida frenética e infrutífera contra o mercado inelutável que transforma tudo em mercadoria. Mesmo as atitudes, experiências e ações artísticas ditas “marginais” são rapidamente anuladas (por meio da corporificação e mercantilização da obra e do artista) ou esvaziadas por meio da sua espetacularização. Pelo simples fato de existirem, tornam-se tão mercadoria quão uma pintura ou escultura tradicional. O “artista marginal” acabou por desaparecer como figura específica, uma vez que a atitude perceptual que ele anteriormente incorporava agora impregna a consciência histórica.

Os *Parangolés*, de Helio Oiticica (1937-1980), são um bom exemplo da reificação e mercantilização de uma experiência artística “desmaterializada”. Eles foram concebidos no ápice das experiências do artista sobre a relação entre cor e espaço e podiam ser uma capa, estandarte ou bandeira concebidos inicialmente para serem vestidos ou carregados por passistas da escola de samba Estação Primeira da Mangueira.

O contato com a comunidade do Morro da Mangueira estimulou Oiticica a produzir a partir da experiência com a dança, dos ritmos dionísíacos do samba e das relações organizadas em torno da criação coletiva. Como título de sua nova proposição, Oiticica se apropriou da identificação de um abrigo improvisado, construído por um morador na rua, onde se lia “Aqui é o Parangolé”. Para o artista, o *Parangolé* era a “totalidade-obra” que só existiria plenamente quando alguém a utilizasse. Só pelo movimento suas estruturas se revelariam.

Nas recentes exposições institucionais da obra de Oiticica, os *Parangolés* são mostrados em cabides, e a experiência do artista com a comunidade da Mangueira é transformada em apresentações de meia dúzia de sambistas, para meia dúzia de VIPs convidados para os vernissages privados. A totalidade-obra de Oiticica é apresentada como relíquia sagrada, como “resto” nostálgico de algo que não existe mais.

Um outro exemplo da apropriação da “subversão” artística pelo mercado da arte pode ser constatado na atualização do Projeto Cédula, do artista Cildo Meireles. Em 1968, em plena ditadura militar, Cildo realizou as chamadas Inserções em circuitos ideológicos que consistiam em objetos como vasilhames de Coca-Cola e notas de dinheiro com frases como “*Yankees go home*” ou “Quem matou Herzog?” (jornalista morto na cadeia durante a ditadura militar brasileira). Numa declaração de 1981, Cildo comenta que:

[...] a noção de público, ampla e generosa, foi substituída (por deformação) pela noção de consumidor, que seria aquela pequena fatia de público que teria o poder aquisitivo... As *Inserções em circuitos ideológicos* nasceram da necessidade de se criar um sistema de circulação, de troca de informações, que não dependesse de nenhum tipo de controle centralizado. Um sistema que, na essência, se opusesse ao da imprensa, do rádio, da televisão, [...] em cujo sistema de circulação está sempre presente um determinado controle e um determinado afunilamento da inserção. Neles, a ‘inserção’ é exercida por uma elite que tem acesso aos níveis em que o sistema se desenvolve: sofisticação tecnológica envolvendo alta soma de dinheiro e/ou poder... As ‘Inserções’ só existiriam na medida em que não fossem mais o trabalho de uma pessoa, quer dizer, na medida em que outras pessoas o pratiquem. A necessidade do anonimato é colocada, envolvendo por extensão a questão da propriedade (MEIRELES, 1981).

Em 2013, Meireles resolveu retomar o projeto carimbando em notas de dois reais a frase “Cadê Amarildo”, referindo-se ao desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza, durante uma operação policial na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Entretanto, nessa retomada do projeto, os circuitos ideológicos foram as capas de revistas de arte brasileiras e internacionais, resultando numa contradição com os próprios pressupostos do autor, de uma inserção pública e anônima num corpo social.

Muitos artistas explicitam em suas obras as relações entre a arte e o mercado, simultaneamente conflituosas e amigáveis. O artista espanhol Santiago

Sierra (1966), por exemplo, contrata colaboradores que não compartilham de suas ideias e, na maioria das vezes, nem conhecem sua pesquisa, obra ou objetivos. Alheios ao que seria o “verdadeiro sentido” da obra, cooperam com ele apenas com interesse pecuniário, sendo muitas vezes submetidos a situações aviltantes ou constrangedoras por necessidade ou ignorância. Na sociedade “pós-industrial” em que vivemos, todas as obras de arte que usam o corpo alheio, mesmo aquelas com comprometimento ideológico dos participantes, levam à reflexão sobre a natureza alienada do trabalho no mundo capitalista. A remuneração paga pelo artista aos corpos utilizados é sempre muitas vezes inferior à riqueza gerada pelo trabalho desses corpos, um dilema ético que é sabiamente explorado por Sierra.

Em *Linea de 250 cm tatuada sobre 6 personas remuneradas*, apresentada em Cuba em 1999, seis jovens cubanos desempregados se deixam tatuar por trinta dólares, sem nenhum engajamento ideológico.

Ao mesmo tempo em que o artista europeu torna visível a natureza niilista do contrato de trabalho atual e os jogos de poder implícitos na arte, ele perpetua uma situação colonialista de exploração do mais fraco, do excluído social, sem subvertê-la. Apesar do consentimento dos jovens cubanos utilizados como matéria prima pelo artista, eles estão em situação de inferioridade em relação a ele. Na época em que a obra *Linea de 250 cm tatuada en 6 personas remuneradas* foi feita, trinta dólares correspondiam a uma refeição para um artista espanhol, mas, para um cidadão cubano, era o equivalente a dois meses do salário de um médico. A desigualdade entre o empregador e o empregado retoma a tradição de exploração da América Latina, e as obras acabam por se tornar alvo da crítica que elas próprias poderiam estabelecer.

Para tentar escapar dessa armadilha do mercado de arte de transformar toda a experiência em mercadoria, o artista Tino Sehgal (1976) tenta elaborar uma série de artimanhas: suas peças são coreografias executadas por intérpretes treinados de maneira regular. Durante todo o período de suas exposições em museus ou galerias, seus materiais são a voz humana, a linguagem, o movimento e a interação, e só existem de maneira efêmera, só podendo ser documentadas na memória do observador.

Entretanto, mesmo estipulando que não existam projetos ou instruções escritas, catálogos, fotografias ou qualquer tipo de documentação de suas “situações construídas”, Tino Sehgal vende suas obras. A transação ocorre

mediante uma “conversa” entre o artista e o comprador, diante de um tabelião e de uma testemunha, reproduzindo os contratos contemporâneos de “prestação de serviço”. Apesar de reivindicar o descolamento de sua obra de qualquer objeto-fetichê, as “situações construídas” de Sehgal são disponibilizadas em edições de 6 (com uma “prova de artista”), por preços entre \$85.000 e \$145.000 (LUBOW, 2010; DEGEN, 2009). Além disso, o artista participa de exposições/projetos patrocinadas por corporações multinacionais (como a Unilever) e concorre a prêmios financiados por bancos e instituições financeiras (como o Bâloise Art Prize, financiado pelo grupo suíço Bâloise, de seguros e bancos).

Revolução ou marketing

A obra de Damien Hirst (1965), por outro lado, não é *sobre* o mercado; ela é o mercado: uma série de procedimentos feitos inteiramente ou principalmente para capturar e incorporar valor financeiro. O subproduto de suas atividades é o *corpus* mais autoritário da arte dos últimos tempos. Superfícies duras e brilhantes, animais que apodrecem e são destruídos assumem as qualidades do capital. Para Hirst, ganhar dinheiro não é suficiente, ele quer ser dinheiro: sem peso, onipresente, infinitamente circulante, imortal. Em 2008, Hirst fez uma exposição/leilão na *Sotheby's* de Londres, em que, segundo ele, promulgava a democratização do mercado de arte e se tornava um tipo de “rei Midas”. A intelectual feminista Germaine Greer, em artigo no jornal inglês *The Guardian*, escreveu:

[...]o inegável gênio do artista consiste em levar as pessoas a comprar suas obras. Damien Hirst é uma marca, porque a forma de arte do século 21 é o *marketing*. Desenvolver uma marca tão forte com uma racionalidade tão conspícua é um ato extremamente criativo – é revolucionário (GREER, 2008).

Qual seria então o significado do termo revolucionário num sistema em que o *marketing* se confunde com a arte? Num sistema que tudo devora, digere e regurgita em proveito próprio?

Nas escolas de arte, os estudantes estudam as estratégias de inserção no mercado, os procedimentos “revolucionários”, as técnicas tradicionais e as determinações históricas e aprendem a ser “jovens artistas”. O termo “jovem artista” – de uso frequente em editais, programas de residência e textos de apresentação de exposições ou projetos curatoriais – significa muito mais do que um período na vida de alguém que faz arte. Não é simplesmente a mesma coisa

que o “artista quando jovem”, de James Joyce. No primeiro romance do escritor irlandês, *Retrato do artista quando jovem*, de 1916, ele narra a “formação” de seu alter ego, Stephen Dedalus. Conforme o personagem amadurece, Joyce muda o estilo do texto, construindo um espelhamento entre conteúdo e forma. O livro é considerado um romance de “formação”, ou seja, um romance no qual é exposto o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social ou político de um personagem que, nesse caso, confunde-se o próprio autor.

Enquanto o termo “o artista quando jovem” é uma denominação retroativa que pressupõe a existência de uma obra feita por alguém que faz arte (o artista), a nomenclatura “jovem artista” prescinde da obra. Ela estabelece uma categoria que existe antes da arte, uma aposta que pode dar certo (valorizar) ou não. As escolas de arte lançam “jovens artistas” na mesma frequência que as grandes lojas lançam suas novas coleções. Surgem, então, os “jovens-artistas-mercadoria” que abastecem a demanda capitalista pelo “novo-sempre-igual”⁴. A verdade que se estabelece nas escolas de arte é, portanto, a prevalência total do fenômeno que Marx chamou de *fetichismo da mercadoria*.

Todos os objetos e todos os atos são iguais enquanto mercadorias. Eles não são nada além de quantidades maiores ou menores de trabalho acumulado e, portanto, de dinheiro. É o mercado que realiza essa homologação, para além das intenções subjetivas dos autores. O reinado da mercadoria é terrivelmente monótono e até mesmo sem conteúdo. Uma forma vazia e abstrata, sempre a mesma, uma pura quantidade sem qualidade – o dinheiro – se impõe pouco a pouco à multiplicidade infinita e concreta do mundo (JAPPE, 2012).

A relação entre arte e educação desvela, portanto, uma série de contradições não resolvidas, explicitando que, se a arte ainda incorpora algum pensamento revolucionário, é porque negocia com a memória de uma série de interrupções ambíguas. Apresenta-se como o *déjà-vu* de uma revolução esquecida, apagada, que nunca terminou de se realizar, que se emaranha e se confunde com as estruturas sociais do capitalismo (MEDINA, 2010).

Dessa confusão, entretanto, surgem promessas de realização de um novo mundo, impossíveis de serem satisfeitas no presente e fundamentadas na negatividade que se espalha na violência contraditória da contemporaneidade.

⁴ De acordo com Walter Benjamin, “o novo-sempre-igual aparece palpavelmente, pela primeira vez, na produção em massa”, quando “a ideia da eterna recorrência transforma eventos históricos em produtos de produção em massa” (BENJAMIN, 1985, pp. 48, 36 [tradução nossa]).

Elas indicam caminhos ou abrem fendas que só poderão ser identificados retroativamente. Nesse movimento, vão alterar as próprias coordenadas em que surgiram. Algumas dessas promessas poderão ser chamadas de arte revolucionária.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Central Park. *New German Critique* 34, Inverno 1985.
- _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. I*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENOIT, Alcides Hector R. As raízes (gregas) do Brasil. *Contravento*. Volume 2, Novembro, 2004.
- BRETON, André; TROTSKY, Leon. *Por uma arte revolucionária independente*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- BUCK-MORSS, Susan. *Walter Benjamin: escritor revolucionário*. Buenos Aires: Interzona Editora S.A., 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Antígona, 2012.
- DEGEN, Natasha. Making and selling ephemeral ‘situation’ art. *Financial Times*, 13 de fevereiro, 2009. Disponível em: <https://www.ft.com/content/8d4928dc-f96e-11dd-90c1-000077b07658>. Acesso em: 12 de abril de 2020.
- GREER, Germaine. Germaine Greer Note to Robert Hughes: Bob, dear, Damien Hirst is just one of many artists you don’t get. *The Guardian*, 22 de setembro, 2008. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2008/sep/22/1>. Acesso em: 12 de abril de 2020.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JAPPE, Anselm. Fin de la révolution et fin de la fin de l’art? In: *Desformas: Sessão Especial / A formação e a Espada*, São Paulo. Trabalho não publicado, 2012.
- JOACHIMIDES, Christos M.; ROSENTHAL, Norman (Ed.). *Art into society, society into art: seven German artists*, Albrecht D., Joseph Beuys, K. P. Brehmer, Hans Haacke, Dieter Hacker, Gustav Metzger, Klaus Staeck: catálogo. London: Institute of Contemporary Arts. Catálogo: Art into Society, Society into Art, 1974.
- JOYCE, James. *Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- KUONI, Carin, org. *Energy Plan for the Western Man: Joseph Beuys in America: Writings by and Interviews with the Artist*. New York: Four Walls Eight

Windows, 1990. Disponível em: <https://sites.google.com/site/socialsculptureusa/freeinternationaluniversitymanifesto>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

LIPPARD, Lucy; CHANDLER, John. A desmaterialização da arte. Tradução: Fernanda Pequeno e Maria P. Menezes de Andrade. *Arte & Ensaios*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – EBA – UFRJ. Ano XX, nº 25, maio 2013. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/12/ae25_lucy.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2020.

LUBOW, Arthur. Making art out of an encounter. *The New York Times Magazine*, 15 de janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/01/17/magazine/17seghal-t.html>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

MARX, Karl. *O Capital*: Livro 1. Posfácio à 2ª edição alemã (1863). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/prefacioseposfacios.htm>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

MEDINA, Cuauhtémoc. Contemp(t)orary: eleven theses. *E-flux journal*, nº 12, janeiro 2010. Disponível em: http://worker01.e-flux.com/pdf/article_8888103.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2020.

MEIRELES, Cildo. *Cildo Meireles*. Texto Ronaldo Brito, Eudoro Augusto Macieira de Sousa. Rio de Janeiro: FUNARTE: Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <http://passantes.redezero.org/reportagens/cildo/inserc.htm>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Exo/Editora 34, 2005.

SAUNDERS, Frances Stonor. Modern art was CIA weapon. *The Independent*, 21 de outubro, 1995. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/modern-art-was-cia-weapon-1578808.html>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

TROTSKY, Leon. *Oeuvres*. Paris: Institute Léon Trotsky, 1978.

Open Trotsky Initiative: arquivos WEB e a renovação da memória histórica trotskista

Daniel Cardoso Perseguidor de Oliveira¹

<https://orcid.org/0000-0003-1929-3926>

Resumo: A revolução tecnológica protagonizada pela hegemonia da *World Wide Web* está causando permanente transformação na sociedade em âmbito global. Com inovações digitais que prometem alterar profundamente as formas de produção de conhecimento, o legado teórico do revolucionário bolchevique-leninista Leon Trótski pode vir a ter ressignificação singular, dada as possibilidades inéditas para a análise de seu trabalho, abrigado em arquivos espalhados por bibliotecas e acervos de todo o mundo. Este artigo tem por objetivo realizar uma imersão crítica dos materiais acessíveis através de recursos da Web, a exemplo do *Internet Archive* (*WayBackMachine* - EUA), utilizando tecnologias oriundas de plataformas digitais para a pesquisa de documentos e fontes de informação. A pesquisa destaca dados para uma interpretação historiográfica da “fase mexicana” do periódico *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)* – a produção teórico-política mais madura do publicista revolucionário – com o objetivo de abrir espaço para redefinições conceituais sobre o legado de Trótski em aspectos como jornalismo e arte.

109

Palavras-chave: Arquivos Web; Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista); Jornalismo; Arte; Quarta Internacional.

¹ Daniel Cardoso Perseguidor de Oliveira. Mídia-designer, é bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e Mestre em Artes pelo Programa da Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – USP.

E-mail: danielperseguidor@gmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3708674163476338>

Open Trotsky Initiative: WEB archives and the renewal of trotskyst historical memory

Abstract: The technological revolution led by the hegemony of the Web is causing a permanent transformation in society globally. With digital innovations that promise to profoundly change the forms of knowledge production, the theoretical legacy of the revolutionary bolshevik-leninist Leon Trotsky may have a singular reverberation, given the extent of the influence of his ideas and the unprecedented possibility of analyzing his work, housed in archives spread across libraries and collections around the world. This article aims to perform a critical immersion of materials accessible through web resources, such as the Internet Archive (WayBackMachine - USA), using technologies provided by digital platforms for searching documents and information sources. The research highlights data for a historiographic interpretation of the “Mexican phase” of the *Bulletin of Opposition (Bolshevik-Leninist)* journal – the most mature theoretical-political production of the revolutionary publicist – with the aim of opening space for conceptual redefinitions of the legacy of Trotsky in aspects like journalism and art.

Keywords: Web Archives; Bulletin of Opposition (Bolshevik-Leninist); Journalism; Art; Fourth International.

Open Trotsky Initiative: archivos WEB y la renovación de la memoria histórica trotskista

Resumen: La revolución tecnológica liderada por la hegemonía de la World Wide Web está provocando una transformación permanente en la sociedad a nivel mundial. Con innovaciones digitales que prometen alterar profundamente las formas de producción de conocimiento, el legado teórico del revolucionario bolchevique-leninista Leon Trótski puede llegar a tener una resignificación única, dadas las posibilidades sin precedentes para el análisis de su obra, alojada en archivos diseminados por bibliotecas y colecciones de todo el mundo. Este artículo tiene como objetivo realizar una inmersión crítica en materiales accesibles a través de recursos web, como el *Internet Archive (WayBackMachine – EE.UU.)*, utilizando tecnologías proporcionadas por plataformas digitales para la búsqueda de documentos y fuentes de información. La investigación destaca datos para una interpretación historiográfica de la “fase mexicana” del periódico *Boletín de Oposición (Bolchevique-Leninista)* – la producción teórico-política más madura del publicista revolucionario – con el objetivo de abrir espacio para redefiniciones conceptuales del legado de Trotsky en aspectos como el periodismo y el arte.

Palabras-clave: Archivos web; Boletín de Oposición (Bolchevique-Leninista); Periodismo; Arte; Cuarta Internacional.

Introdução

O caráter internacional da vida de Leon Trótski, banido de seu país e condenado à migração forçada e ao exílio (principalmente por ser uma expressão concreta da defesa incondicional de estratégias políticas advindas do caráter mundial da classe operária) fez com que ele se transformasse em um pensador político de enorme influência.

Hoje, visto como grande teórico e escritor, Trótski (nascido Lev Davidovich Bronstein em 1879 na região da Ucrânia) contribuiu para áreas do conhecimento como política, filosofia, economia, ciência militar, literatura, arte. Ao final da sua atividade política, interrompida por um bárbaro assassinato político em agosto de 1940, dedicou todos os esforços para a construção da Quarta Internacional. Isso impulsionou sua influência ao longo do último século em grupos de diversos países ao redor do mundo, que ainda hoje mantêm importantes papéis políticos e sociais.

Em face desse legado, a revolução tecnológica protagonizada com a primazia da *Web*² – estabelecida por um amplo espectro de mudanças infraestruturais e sociais relacionadas à conexão ubíqua da internet e à evolução das plataformas digitais (Cf. OLIVEIRA, 2020) – pode ter uma reverberação singular na memória histórica de Leon Trótski. As novas possibilidades de análise de informações e trocas de dados colocam oportunidades inéditas para investigar arquivos espalhados por bibliotecas e acervos de todo o mundo, produzidos em diversas línguas e contextos históricos.

Antes, um banco de informações a serem acessadas por usuários, hoje a internet é constituída como interface multifacetada de práticas sociais. O grande acúmulo de dados produzidos ao longo da história da humanidade não é apenas inserido na internet, mas também transformado em *commodities*, em mercadorias informacionais (DOORN, 2020); dados são compartilhados, organizados e reestruturados no constante processo de evolução tecnológica.

² A World Wide Web surgiu em 1990 nos laboratórios do CERN, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear. A ideia surgiu do mesmo criador do termo *hyperlink*, Tim Berners-Lee. As origens do CERN remontam à década de 1940, quando um grupo de cientistas visionários na Europa e na América do Norte identificou a necessidade da Europa ter um centro de pesquisa em física de classe mundial. Sua visão era impedir a fuga de cérebros para a América, que havia começado durante a Segunda Guerra Mundial, e fornecer uma força para a unidade na Europa do pós-guerra que não estivesse ligada a fins militares. Disponível em: <<https://home.cern/about/who-we-are/our-history>>.

O novo contexto traz a necessidade de revisão de conceitos estabelecidos pela pesquisa acadêmica, abrindo novos caminhos para investigações e propostas científicas. Como vêm notando pesquisadores do atual universo digital, “plataformas e aplicativos notoriamente resistem ao arquivamento devido à sua efemeridade e atualizações contínuas. Como consequência, seus históricos estão sendo substituídos a cada atualização, em vez de escritos e preservados” (HELMOND; VLIST, 2020, p. 1). No caso de Trótski, essa revolução tecnológica é uma oportunidade de reconstituir a importância desse grande teórico marxista, como aponta o cientista político Álvaro Bianchi (2007, p. 4):

Ao contrário de Marx, Engels e Lenin – e até mesmo de Josef Stalin e de Mao Zedong – não existem edições padrão das obras de Trotsky. Em português, não há uma compilação das obras escolhidas e sequer uma coletânea abrangente dos textos mais importantes.

Apesar disso, a história do trotskismo no Brasil tem grande relevância. Um momento de destaque nas edições e traduções das obras de Trótski, no Brasil, ocorreu ainda na década de 1930 (Cf. BIANCHI, 2005a), com os esforços dos grandes intelectuais que constituíram o rompimento com o Partido Comunista Brasileiro para fundar o Grupo Comunista Lenin. Liderados por Trótski, o trabalho de pensadores como Mário Pedrosa, Aristides Lobo, Benjamin Péret e Lívio Xavier influenciou direta ou indiretamente a cultura brasileira e latino-americana, com análises e ações políticas na busca pela restauração do legado da Revolução Russa de 1917 (em vias de destruição pela pressão imperialista e nazifascista do exterior e pela contrarrevolução stalinista na própria União Soviética). Também expressaram influência na arte e no pensamento filosófico, a exemplo do surrealismo e da defesa incondicional da liberdade artística, ou ainda em ideias relacionadas a teorias, como as da revolução permanente e do desenvolvimento desigual e combinado.

Esses intelectuais que conformavam o primeiro grupo de orientação trotskista no país obtiveram importantes vitórias políticas – como na edificação de uma Frente Única Antifascista, ainda nos anos de 1930 (Vf. CASTRO, 2015) – e, posteriormente, tiveram importância central na construção do Partido dos Trabalhadores (PT), junto aos processos das lutas operárias e democráticas em fins dos anos 1970.

Foi um militante dessa tendência [Convergência Socialista], o metalúrgico José Maria de Almeida, o Zé Maria, quem apresentou uma

tese no Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, realizado em janeiro de 1979 na cidade de Lins, propondo a criação de um “partido de trabalhadores sem patrões”. A proposta era defendida, desde o final de 1978, pelo chamado Movimento Convergência Socialista. Lula, que até então havia se manifestado contrariamente à criação de um partido de trabalhadores, apoiou a proposta (BIANCHI, 2005b).

Hoje visto como grande teórico, Trótski na realidade teve sua principal atuação como jornalista e editor. Esse foi o foco de suas atenções desde o início de suas atividades políticas, quando copiava à mão cada um dos textos que seriam distribuídos e discutidos, dando toda a atenção para que os trabalhadores pudessem ter acesso ao universo da escrita de maneira digna.

Nos encarregamos de criar uma literatura por nós mesmos. Foi, na verdade, o começo dos meus trabalhos de escritor e coincidiu quase com o início da minha atividade revolucionária. Escrevi proclamações, artigos; copiava-os em seguida em caracteres de imprensa para o mimeógrafo. É claro que então ninguém tinha ouvido falar de máquinas de escrever. Eu desenhava as letras com o maior cuidado e fazia questão de honra de conseguir que um operário quase analfabeto pudesse decifrar sem dificuldade a proclamação saída do nosso mimeógrafo. Cada página requeria pelo menos duas horas de trabalho (TROTSKY, 1978, p. 103).

Já a partir de 1903, quando Lênin havia tentado inseri-lo no comitê editorial do *Iskra*³, Trótski trabalhou nos conselhos editoriais de jornais ao longo de uma conturbada época de revoluções, prisões e exílios, atuando sobre as distintas frações políticas dentro do Partido Social Democrata Russo e da Europa. Nesse período, no qual Trótski ainda não estava nas fileiras do partido bolchevique, o que só ocorreria tardiamente, em meados de 1917, o profícuo agitador cobriu

³ A descrição da tentativa de Lênin inserir Trótski no comitê editorial do *Iskra* aparece detalhadamente no Capítulo 12 de *Minha Vida*: “All these disagreements took place before I arrived from Russia. I never suspected them. Nor did I know that the relations among the editors of the *Iskra* had been aggravated even more by my coming. Four months after my arrival, Lenin wrote to Plekhanov: “March 2, 1903. PARIS. // “I suggest to all the members of the editorial board that they co-optate ‘Pero’ as a member of the board on the same basis as other members. I believe co-optation demands not merely a majority of votes, but a unanimous decision. We very much need a seventh member, both as a convenience in voting (six being an even number), and as an addition to our forces. ‘Pero’ has been contributing to every issue for several months now; he works in general most energetically for the *Iskra*; he gives lectures (in which he has been very successful). In the section of articles and notes on the events of the day, he will not only be very useful, but absolutely necessary. Unquestionably a man of rare abilities, he has conviction and energy, and he will go much farther. Furthermore, in the field of translations and of popular literature, he will be able to do a great deal. Possible objections: (1) His youth; (2) his leaving for Russia, possibly in a short time; (3) his pen [pero], this time without the quotation, which shows traces of the feuilleton style, and is excessively florid, etc.”

eventos como a guerra dos Bálcãs; editou o jornal *Russian Gazette*, que chegou a ter circulação de 500 mil exemplares; fez trabalhos para o periódico de intersecção menchevique *Nachalo (O início)*, na efervescência revolucionária da sublevação de 1905. (DEUTSCHER, 2006, p. 138–39).

A maioria de seus esforços foram gastos na reunião das diferentes facções mencheviques e bolcheviques no exílio. De 1908 a 1912, ele publicou no imensamente popular *Pravda* (que não deve ser confundido com o tardio *Pravda* leninista), que era ilegalmente enviado para a Rússia. Ele também contribuiu para jornais bolcheviques (*Proletário*) e mencheviques (*Luch*), bem como para periódicos socialistas alemães e belgas. No entanto, ele ganhou a vida apoiando sua família e o *Pravda* (coeditado e cofinanciado por Adolph Joffe e Matvey Skobelev), quase exclusivamente com os artigos que ele contribuiu para *Kievskaya Mysl*. Na época, este era o jornal com maior circulação em Kiev e o jornal liberal e esquerdista mais popular no sul da Rússia. Trótski escreveu sobre diversos temas, desde Ibsen, Maupassant e Nietzsche até a situação do campesinato russo. Ele cunhou de brincadeira o pseudônimo Antid Oto ao se deparar com a palavra italiana “antídoto”, a fim de “injetar o antídoto marxista em jornais [sic] legítimos” (TODOROVA, 2013, p. 5).

A fase mexicana do Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)

O que se conhece sobre Trótski se deve muito à produção do próprio autor acerca da interpretação dos fatos históricos em que tomou parte. De acordo com o renomado biógrafo e historiador Isaac Deutscher, no capítulo “O Revolucionário como Historiador”, do livro *O Profeta Banido*, foram nos anos de exílio que Trótski atingiu “eminência como escritor” e veio a ser reconhecido como historiador da Revolução de Outubro e seu principal líder. Segundo Deutscher, “havia nele um desdobramento *vis historica*: a ânsia revolucionária por fazer história e o impulso do escritor por descrevê-la e compreender o seu significado” (1970, p. 176).

A série de livros de Deutscher foi construída a partir do acesso inédito à seção fechada da *Houghton Library*, a biblioteca da *Harvard University*. O ingresso nos arquivos, em 1959, permitiu que o autor escrevesse os magníficos três volumes da biografia de Trótski: *O Profeta Armado*, *O Profeta Desarmado* e *O Profeta Banido*. Os materiais ficariam inacessíveis até 1980 por conta da possibilidade de destruição dos documentos pelos regimes totalitaristas organizados por Hitler e Stálin.

Disponibilizados ao pesquisador polonês com a permissão de Natália Sedova, ativa revolucionária e companheira de Leon Trótski durante a maior parte da sua vida, a seção fechada dos arquivos, segundo Deutscher, era composta, na época, por mais de 20 mil documentos, principalmente por correspondências políticas com amigos e partidários.

Tratava-se mais do que uma preocupação com a preservação dos materiais. No verão de 1940, quase toda a Europa estava sob ocupação nazifascista ou stalinista, e o futuro de muitos países fora da Europa parecia incerto; e então ele se sentiu obrigado a proteger seus correspondentes (Index to The Archives, s.d.). Pela pesquisa nos dados da *Web*, foi possível identificar que existe um valioso material para a história do marxismo que segue parcialmente desconhecido para os leitores de língua portuguesa: o *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*⁴, editado por Trótski ao longo do seu exílio, que se iniciou com a reclusão em Alma-Ata, ainda em território soviético no final de 1928. Dali foi expulso em 1929, para a ilha de Prinkipo, Turquia. (DANIELS, s.d.).

Como vimos anteriormente, o estudo da produção de Trótski como jornalista tem grande importância para as interpretações sobre os seus conceitos e teorias, fundamentalmente por ser o eixo de sua atividade política ao longo de toda a vida, até as últimas edições do *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*.

O material do *Boletim*, escrito em alfabeto Cirílico, acompanhou Trótski pelo exílio, circulando entre 1930 e 1941. Como forma de imersão crítica no material, este estudo propõe a adoção de uma “fase mexicana” do *Boletim de Oposição*. O período cronológico correspondente ao exílio de Trótski no México corresponde aos números 54-55 até o número 87, entre março de 1937 até agosto de 1941, quando a última edição foi publicada.

Os escritos do *Boletim* só se tornaram acessíveis no ano de 1973, com uma edição Fac-Símile, em russo, editado pela *Pathfinder Press*. Ainda assim, edições como os *Writings* – uma extensa publicação de vários volumes abrangendo grande parte das atividades de Trótski (que tem tradução para o espanhol, *Escritos*, da Editorial Pluma, de 1977) não traz de fato todos os textos publicados no *Boletim de Oposição*. Por fim, não se pode deixar de citar as *Oeuvres (Obras)*, editadas sob a responsabilidade do historiador Pierre Broué. Inicialmente publicada pela EDI e

⁴ Os materiais foram publicados em russo pela Iskra Research, a partir de 2011 e, por isso, podem ser facilmente manipulados com os novos tradutores *online*.

depois pelo *Institut Léon Trotsky*, os 27 volumes cobrem os períodos de 1928-1929 e 1930-1940. O material também teve como base para sua edição os arquivos de Leon Trótski da seção fechada da *Houghton Library*, acrescidos de informações da coleção Nicolaevsky, da biblioteca da *Stanford University*, além do apoio de antigos secretários de Leon Trótski na identificação e autenticação dos documentos.

A análise da “fase mexicana” do *Boletim* é determinada não só pela localidade, mas porque a emigração de Trótski para o México proporciona uma liberdade relativa, uma vitória parcial devido à possibilidade de que poderia novamente voltar a falar e organizar a luta de classes contra o capitalismo, em oposição à degradação reacionária promovida por Stálin.

Minha emigração para o México mudou drasticamente a relação de forças em desvantagem do Kremlin. Eu obtive a possibilidade de apelar à opinião pública mundial (Mexico. January 9, 1937. In: *Writings of Leon Trotsky – v.09 1936-37*, p.79).

A chegada de Trótski ao México abria possibilidades há muito aguardadas pelo ativo revolucionário, cuja experiência de vida estava intrinsecamente conectada às lutas sociais e a grandes eventos históricos. Ainda a bordo do barco petroleiro que saiu da Noruega em direção a Tampico, no México, Trótski voltara a trabalhar incessantemente, reunindo o material para refutar as acusações do julgamento de Moscou de agosto de 1936.

Durante a travessia no Atlântico, Trotsky trabalhou em um manuscrito onde analisou o primeiro processo de Moscou. Esse texto seria incluído em seu livro de 1937, *The Crimes of Stalin*, no qual ele expôs fraudes judiciais. Trotsky e Natalia chegaram ao porto de Tampico na manhã de 9 de janeiro de 1937. Dali, eles foram transportados no trem oficial Hidalgo – enviado pelo presidente Cárdenas – para a capital. O presidente Cárdenas não apenas concedeu asilo político a Trotsky, no México, como o declarou convidado do seu governo. No entanto, desde sua entrada, houve protestos raivosos por sua admissão no país. Estes vieram da Confederação dos Trabalhadores do México, liderada pelo líder sindical Vicente Lombardo Toledano, e do Partido Comunista Mexicano, duas fortalezas do stalinismo no país asteca. O governo de Cárdenas – que havia promovido a Reforma Agrária e que nacionalizaria o petróleo – estabeleceu como condições que Trotsky não deveria intervir nos assuntos da política interna mexicana e que se absteve de ações que prejudicaram as relações do México com outros países. Ao mesmo tempo, ele endossou seu direito de se defender contra ataques da mídia stalinista. As constantes ameaças às quais ele foi submetido

levaram as autoridades a ordenar a custódia policial de sua casa. Nesse trânsito, ele recebeu a generosa assistência de seus seguidores norte-americanos, que se mudaram para o México para servir como secretários e guarda-costas. (HIGUERAS, 2017, p. 168).

Como pode ser visto nas recordações do ano de 1935 de seu *Diário do Exílio*, Trótski demonstra a necessidade de poder voltar a se expressar livremente. É assim que Trótski inicia os seus diários, em 8 de fevereiro:

O diário íntimo não é um gênero literário de minha preferência. Eu preferiria neste momento escrever um jornal. Mas não posso... Cortado da vida política ativa, sou obrigado a recorrer a este sucedâneo do jornalismo que é o diário pessoal. No início da guerra, retido na Suíça, escrevi um diário durante algumas semanas. Depois, durante uma curta temporada na Espanha, em 1916, após a minha expulsão da França, escrevi outro. Creio que foi só. Eis-me obrigado a utilizar esse recurso novamente. Por quanto tempo? Pode ser por meses. Em todo caso, não por anos. Os acontecimentos só podem se desenvolver num ou noutro sentido – e fechar o caderno. Pode ainda ser fechado mais cedo pelo tiro, vindo de qualquer canto, de um agente de ... Stálin, de Hitler ou de seus amigos-inimigos franceses. [...] Justamente porque tive a oportunidade de participar em grandes acontecimentos, meu passado me fecha agora a possibilidade da ação. Resta-me apenas a tentativa de interpretar os acontecimentos e saber como eles irão se desenvolver no futuro (TROTSKY, 1980, p. 27).

O momento de Trótski no exílio expressa também os limites do ponto de vista do personagem político que continha monumental potência de engajamento, o que leva à necessidade da elaboração de um contexto para a compreensão do legado de Leon Trótski, como observa um de seus mais importantes secretários, Jean van Heijenoort:

O *Diário (do Exílio)* descreve um panorama vivo dos interesses e das preocupações de Trotsky. Porém, aos olhos de quem estava com ele durante este período e também, o que permite a comparação, antes e depois, as proporções entre esses diversos interesses e preocupações não são sempre as mesmas no *Diário* e na realidade. Por exemplo, grande parte do tempo de Trotsky mesmo durante o período coberto pelo *Diário*, era tomada pelos problemas organizacionais dos grupos trotskistas em quase 30 países. Na grande maioria desses grupos existia uma luta entre duas ou três dissidências, por razões ideológicas ou pessoais. Trotsky consagrava sempre grande parte de seu tempo e de sua energia a essas lutas entre facções, e isso pouco aparece, ou nem aparece, no *Diário* (HEIJENOORT, 1980, p. 15).

O *Boletim* passava a ser produzido entre Coyoacán e Paris, onde o filho de Lev Davidovich Bronstein e Natália Sedova, Lev Lvovich Sedov, organizava o trabalho político dos exilados russos. Lev Sedov havia acompanhado o exílio de Trótski para a Turquia, se estabelecendo em 1931 em Berlim e seguindo para Paris após a chegada de Adolph Hitler ao poder em 1933, onde manteve as atividades políticas até 1938. Sedov morreu em Paris, em circunstâncias que ainda hoje despertam dúvidas sombrias, mais um dos episódios dramáticos para serem considerados pela historiografia. Após uma crise de apendicite, Lev Sedov decidiu operar-se em uma clínica privada pela influência de Mark ‘Etienne’ Zborowski, agente stalinista infiltrado nas fileiras dos partidários de Trótski na França. Lev Sedov morreria em decorrência de complicações da cirurgia. Etienne, como era conhecido,

Semeou suspeitas e aprofundou divisões dentro da Oposição de Esquerda internacional, possibilitou assassinatos e teve um papel ativo na morte do filho de Trótski, Lev Sedov. Zborowski teve tanto sucesso em penetrar no círculo interno de Sedov que se tornou editor do *Boletim de Oposição* após a morte de Sedov, posicionando-se para alterar os artigos de Trótski de maneira sutil, indetectável, mas politicamente prejudicial (WEISSMANN, 2015).

119

A época do retorno ao trabalho no *Boletim de Oposição* seria de fato decisiva para a vitória de Trótski em garantir que não houvesse um apagamento histórico completo realizado pelo stalinismo. Trótski observava Stálin como o resultado de um processo social levado a cabo pelo surgimento, no campo interno da União Soviética, de um campesinato privilegiado na figura dos *NEPman*. O setor social aburguesado que emergiu com a política de incentivo capitalista agrário pós-revolução desencadeou retrocessos que, no plano nacional, culminaram na perseguição e no assassinato de importantes líderes do próprio partido bolchevique. No campo internacional, estiveram relacionados ao fracasso da rebelião espartaquista na Alemanha, em 1919; à derrota das greves italianas em 1921; ao massacre dos comunistas de Xangai, em 1927.

A “fase mexicana” é constituída pelo momento crucial da produção mais madura de Trótski. Entre outros importantes acontecimentos, nas páginas do *Boletim* são realizadas as defesas bolcheviques que estavam diante dos tribunais stalinistas dos Processos de Moscou; a denúncia do extermínio dos familiares; e os debates para a fundação da IV Internacional.

Após a construção desse contexto histórico, realizamos uma imersão crítica nos materiais acessíveis do *Boletim* através de recursos da *Web*. Para tanto, a pesquisa descreve um trabalho de mapeamento e tradução das edições do periódico, traçando como limite analítico a busca por temas relacionados à arte, que permitem apresentar a interpretação de uma “fase mexicana”, já que, em paralelo à dramática conjuntura da época, Trótski sempre manteve a publicação de materiais relacionados à cultura e à arte (em especial sobre literatura), como o Manifesto da FIARI, entre outros textos, como veremos adiante.

Arte como expressão da evolução do pensamento de Trótski

Na tentativa de estabelecer uma sustentação para pesquisas sobre o *Boletim*, deve ser notado que há um movimento nas ideias de Trótski, uma contradição dentro dos textos em si: uma luta em/entre diferentes épocas históricas.

No campo da arte, o tema selecionado para esse tipo de abordagem conceitual do periódico, a análise comparada, é importante ferramenta. As interpretações do Manifesto da FIARI (Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente) podem ser cotejadas com os documentos do *Boletim*, que tratavam das necessidades políticas mais importantes, segundo o próprio Trótski.

Assim, um exemplo de deslocamento no pensamento do autor soviético sobre a relação entre arte e política revolucionária pode ser observado a partir da formulação encontrada na obra *Literatura e Revolução*, de 1924:

O Partido, evidentemente, não pode entregar-se ao princípio liberal do *laissez-faire, laissez-passer*, mesmo na arte, mesmo por um só dia. A questão é saber quando deve intervir, em que medida e em que caso (TROTSKY, 1969, p. 9).

Já no *Manifesto da FIARI*, de 1938, escrito em parceria com o artista surrealista francês, André Breton, enfatiza-se a necessidade absoluta de criatividade artística autônoma, não mencionada em seus escritos de catorze anos antes. Fica evidente a edição pelas mãos de Trótski, que suprimira parte da elaboração de Breton, dando ênfase à liberdade total à arte:

Àqueles que nos pressionarem, hoje ou amanhã, para que consintamos que a arte seja submetida a uma disciplina que consideramos radicalmente incompatível com seus meios, opomos uma recusa inapelável e nossa vontade deliberada de apegar-nos a fórmula: toda licença em arte, exceto contra a revolução proletária (TROTSKY et. al., 1985, p. 42).

Quadro 1: *Lista de referência de ARTE encontrados na “fase mexicana” do Bulletin de l’Opposition (Bolcheviks-Léninistes)*

Número	Ano	Página	Referência	Palavras-chave
Nº 34	1933	Page 30	The Strangled revolution - French novel about the chinese revolution	Crítica literária; André Malraux.
Nº 35	1933	Page 21	Leon Trotsky: Party policy in the field of arts	Crítica de arte.
Nº 46	1935	Page 12	Romman Rolland	Romman Rolland.
Nº47	1936	Page 12	Reference to Dostoyevsky	Crítica literária.
Nº 48	1936	Page 4	Socialist Culture?	Crítica cultural.
Nº51	1936	Page 8	Maximo Gorky	Maximo Gorky.
Nº51	1936	Page 9	A letter to Andre Gide	Andre Gide.
Fase Mexicana do Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninistas)				
Nº 60-61	1937	Page 14	Texto crítico ao escritor Lion Feuchtwanger	Lion Feuchtwanger; stalinismo.
		Page 24	Texto crítico ao escritor Andrei Sedych	Andrei Sedych; stalinismo.
N 68-69	1938		Esta edição corresponde ao lançamento do <i>Manifesto da FIARI</i> , mas não há referência ao documento no <i>Boletim</i> .	FIARI; ausência.
Nº 77-78	1939	Page 4	Arte e Revolução: De uma carta aos editores da Partisan Review	Crítica cultural; crítica literária.
Nº 86	1941	Page 15	Crisis of Soviet Literature	Crítica literária; I. Yakovlev.

Fonte: Disponível em: <<http://iskra-research.org/FI/BO/index.shtml>>.

Da mesma forma que a análise comparada permite observar o movimento das ideias do revolucionário, com as lentes da nova cultura de pesquisas advindas da expressiva quantidade de arquivos na *Web*, é possível construir interpretações inovadoras e derivar outros aspectos das leituras de Trótski a que temos acesso hoje. Esse é um passo à frente em relação, por exemplo, à excelente edição de BRETON-TROTSKY, *Por uma Arte Revolucionária Independente* (1985), em que é possível observar a diferença entre os textos propostos por André Breton e Leon Trótski.

Apesar da pesquisa em um primeiro impulso ser direcionada a adotar as elaborações posteriores do autor como as mais avançadas, a argumentação pode não abranger todos os aspectos do problema em questão, já que há ainda grande quantidade de documentos a serem traduzidos, analisados e debatidos. A análise do tema da arte demonstra que, se é verdade que o pensamento de Trótski no *Manifesto da FIARI* dá ênfase à liberdade total da arte, o documento não chegou a ser citado nas teses da Quarta Internacional, por exemplo, e também parece não constar como política clara nos materiais do *Boletim*, como pode ser

observado no texto *Arte e Revolução: De uma carta aos editores da Partisan Review*, publicado no número 77-78 do *Boletim (março-julho de 1939)*, em que é possível observar que não há posição determinada para a arte, mas que “a arte só pode se tornar uma grande aliada da revolução na medida em que se mantém fiel a si mesma”.

É impossível encontrar uma saída do impasse por meio da própria arte. É uma crise de toda a cultura, começando com o fundamento econômico e terminando com as mais altas esferas da ideologia. A arte não pode sair da crise nem se isolar dela. Não pode se salvar. Ela inevitavelmente perecerá, assim como a arte grega pereceu sob as ruínas de uma cultura de escravos se a sociedade moderna falhar em se reconstruir. Essa tarefa tem um caráter completamente revolucionário.

O artigo avança para observar que uma armadilha histórica se seguiria à revolução soviética com a contrarrevolução do poder stalinista, nomeada por ele como termidor soviético, em alusão ao período histórico da revolução francesa caracterizada pelo fim da fase progressiva representada pelo poder jacobino na figura de Maximilien de Robespierre. Trótski aproveita para rebater a desvirtuação histórica levada adiante por Stálin, que se colocava como grande líder da Revolução de Outubro.

Stalin nunca entrou no Comitê Revolucionário Militar, não apareceu no Smolny, ou seja, na sede da revolução, nada tinha a ver com a preparação prática do levante, mas sentou-se na redação do Pravda e escreveu artigos cinzentos que poucas pessoas liam (idem).

No texto, para além da polêmica com a degeneração artística representada pela política da burocracia stalinista da submissão da arte e da ciência, Trótski aproveita para discutir o papel do desenvolvimento da arte e da filosofia:

Nem uma única ideia progressista começou com uma “base de massa”, caso contrário não seria progressiva. Somente na análise final a ideia encontra suas massas, é claro, se ela própria atende às necessidades de desenvolvimento. Todos os grandes movimentos começaram como “fragmentos” de movimentos antigos. O cristianismo foi inicialmente um “fragmento” do judaísmo. O protestantismo é uma “lasca” do catolicismo, isto é, Cristianismo degenerado. O grupo Marx-Engels surgiu como um fragmento da esquerda hegeliana. A Internacional Comunista foi preparada durante a guerra pelos “fragmentos” da social-democracia internacional. Se esses iniciadores foram capazes de criar uma base de massa para si mesmos, foi apenas porque não tinham medo do isolamento. Eles sabiam de

antemão que a qualidade de suas ideias se transformaria em quantidade. Esses “fragmentos” não sofriam de anemia, pelo contrário, continham a quintessência dos grandes movimentos históricos de amanhã (Ibid.).

Além do levantamento temático como o estabelecido neste estudo pelas referências à arte no *Boletim*, outro destaque pode ser dado à obra que tem bastante importância nos debates políticos do legado de Trótski: *Em Defesa do Marxismo*, um documento contendo cartas sobre as polêmicas com o *Socialist Workers Party* (no período, a seção estadunidense da IV Internacional). Já *A Petty-Bourgeois Opposition in the Socialist Workers Party (Uma oposição pequeno-burguesa no SWP)*, escrito em dezembro de 1939, trata de polêmicas envolvendo o caráter da União Soviética, que levaria à fragmentação dos agrupamentos em atividade nos EUA. Ao olharmos a edição do *Boletim* correspondente à época do texto, que seria o número 81, de janeiro de 1940, na busca de referências pelo assunto, uma estarrecedora mensagem surge para deixar o pesquisador de sobreaviso acerca dos percalços da falsificação histórica e das pressões as quais o movimento revolucionário estava submetido:

A “Nova Palavra Russa” intercepta os artigos de Leon Trótski da imprensa americana, os traduz para um idioma “desconhecido”, que os editores consideram, aparentemente, russo, e os submete a deturpações maliciosas para fins políticos. Advertimos os editores de que não toleraremos mais esses métodos de gangsterismo literário (*Opposition Bulletin (Bolshevik-Leninists)* N 81).

123

Trata-se mesmo de uma produção frenética. O material da polêmica com o *Socialist Workers Party* foi elaborado apenas 9 dias depois de um importante artigo, intitulado *As estrelas gêmeas: Hitler-Stálin*, de 4 de dezembro de 1939. São os textos disponibilizados em *Writings*, mas que podem não considerar passagens importantes relacionadas ao contexto em que se inseriam os textos do *Boletim*. Essa produção incessante chega ao fim com a edição do número 84, em que temos a notícia do trágico assassinato de Leon Trótski através do texto *Nós Acusamos Stálin!*. Depois disso, foram publicados somente mais três números do *Boletim*, até agosto de 1941, com a edição de número 87.

São questões fundamentais na discussão da teoria estética, principalmente se levarmos em conta o alcance das obras de arte na atualidade, que incorporam as comunicações, o jornalismo e até mesmo a política. Por um movimento inverso, poderíamos imaginar as concepções de Leon Trótski sobre a função da arte na

fronteira com a política e seus desdobramentos filosóficos, inclusive para o legado do marxismo.

Retornando ao tema da arte, um último artigo redigido por Trótski, *A great new writer*, foi publicado postumamente no periódico *Fourth International*, New York City, Volume II No. 1, February 1941, pp. 56-58. O texto possui uma reedição no livro *Art and Revolution*, impresso em 1970 pela *Pathfinder Press* com o título “*A masterly first novel: Jean Malaquais’s Les Javanais*”. O material está disponível no *Marxists Internet Archive*, cuja seção sobre Leon Trótski é administrada pelo diretor da *Holt Labor Library*, David Walters⁵.

A tentativa de demarcação de um período correspondente às atividades de Trótski no México, através da interpretação das páginas do *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*, ainda pode ser mais abrangente, incorporando elementos como o debate direcionado à crítica literária (um já reconhecido campo de interesse de Trótski por vários momentos da vida); concepções mais gerais sobre o papel da política no campo da arte e da crítica cultural; referências a escritores dentro de textos sobre a cultura em geral; e até mesmo destacando ausências, como pode ser notado pela falta de referências ao manifesto da FIARI no *Boletim*.

Fontes para a pesquisa de Trótski na WEB

Os desafios que as/os pesquisadoras se deparam nas análises da atualidade são imensos. Hoje, o cotidiano de estudos é composto pelo uso intensivo da internet, com várias abas abertas em janelas de navegadores, organizadores de PDFs, planilhas de *excel*, buscadores de livros digitais e plataformas com arquiteturas sofisticadas ou ultrapassadas, muitas vezes recheadas de botões de *hyperlinks* (grande diferença em relação à antigamente, quando arquivos físicos e bibliotecas eram as principais ferramentas para a produção de conhecimento).

Abrindo espaço para uma nota pessoal, em um dia de pesquisa, enquanto copio página a página as 31 seções com os resultados do tema Trótski da *Open Library*⁶, a biblioteca disponibilizada pelo *Internet Archive*, recordo-me das

⁵ Walters é filiado à seção norte-americana da IV Internacional “Socialist Organizer”, segundo a biografia disponível no próprio *site*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20191029024310/http://marxists.catbull.com/admin/volunteers/biographies/dwalters.htm>>. Acesso em 22/08/2020.

⁶ Disponível em: <<https://openlibrary.org/>>.

Sochinennia, as obras escolhidas, editadas na União Soviética antes da expulsão de Trótski. Mas as obras não estão disponíveis ali. Forço a memória e me recordo que já as vi, claro, dispostas no monumental *site* de Wolfgang e Petra Lubtiz, *TrotskyanaNet*, que nos leva por sua vez ao *site* *Magister*, que abriga a *Library Trotsky*.

A *Library Trotsky* nada mais é do que uma longa lista de *hyperlinks*, com seleção de cerca de 20 entradas e, depois, longa lista de artigos em ordem alfabética, tudo em russo. Agora sim, dou-me conta que o *site* dos Lubtiz nos carrega para o conteúdo dessa biblioteca digital. Uma imersão nos arquivos e a indicação fundamental de Sandor John – pesquisador da City University of New York, associado ao *Internationalist Group*, dos EUA, carregam-me para o *site* *Iskra Research*, mantido pela organização *World Socialist Web Site* (WSWS), onde os *Boletim* estão “mais completos”. É lá que encontro lista bibliográfica que contém o sumário das *Sochiennia*⁷, no qual vejo que a última publicação, de 1927, chama-se *Cultura de transição*, cujo *link* nos leva de volta à biblioteca *Magister*, cujos *htmls* datam pelo menos desde 2001, como consigo identificar pelas ferramentas do *Web Archive*.

⁷ De acordo com o *site* *TrotskyanaNet*, o trabalho da edição das *Sochinennia* começou em 1923, num total de 12 volumes (não numerados em sequência e alguns compostos por 2 partes). Eles foram publicados em Moscou e / ou Leningrado pelo *Gosizdat*. Embora alguns contenham principalmente material amplamente conhecido, que também está disponível em formato de livro em outros lugares, outros contêm quantidade considerável de artigos, discursos, relatórios etc., muitas vezes difíceis de serem encontrados. Disponível em: <https://www.trotskyana.net/Leon_Trotsky/Sochinennia/sochinennia.html>.

Figura 1: A ferramenta WayBackMachine exhibe recursos de comparação de páginas da web, permitindo uma imersão nos arquivos digitais. Nesta busca, foi possível ver a diferença do site entre os anos 2011 e 2020

The screenshot displays the WayBackMachine interface. At the top, it says 'INTERNET ARCHIVE Explore more than 477 billion web pages saved over time'. Below this is a search bar with the text 'Enter a URL or words related to a site's home page'. The main area shows a comparison of two captures of the URL http://www.trotskyana.net/Leon_Trotsky/Bulleten__Oppozitsii/bulleten__opozitsii.html. The left window shows the capture from 2011 (September 2), and the right window shows the capture from 2020 (September 1). Both windows display the 'Literature about the Bulletin' oppozitsii' page, which lists various references and provides information about the availability of the original printed editions. The 2020 version of the page includes a note about a digitized version of the 'Bulletin' Oppozitsii available on the website's framework.

Fonte: Captura de tela de: <http://web.archive.org/web/diff/20110922023656/20200929145602/http://www.trotskyana.net/Leon_Trotsky/Bulleten__Oppozitsii/bulleten__opozitsii.html>.

O emaranhado de dados da Web é apenas mais uma indicação da necessidade de pesquisas sistemáticas e um bom trabalho editorial, fundamentais para a manutenção dos ideais do revolucionário bolchevique e das possibilidades de reformulações acerca de suas teorias. Desse modo, são disponibilizadas aqui as indicações de algumas das principais fontes de pesquisa acessíveis na internet, de forma que outros pesquisadores possam dar continuidade à importante empreitada:

a. Trotskyana⁸

Sem dúvidas, qualquer pesquisa relacionada a Leon Trótski deve iniciar-se pelo extensivo empreendimento de Wolfgang e Petra Lubitz. Os pesquisadores transformaram um sólido trabalho bibliográfico das publicações do revolucionário bolchevique (ou realizados pela perspectiva teórica de Trótski) em uma espécie de

⁸ Disponível em: <<https://www.trotskyana.net/>>.

portal contendo não só um enorme levantamento catalográfico (de periódicos, livros e outros materiais), mas também uma lista de instituições de pesquisa e sumários de livros, como os *Sochinennia* (obras escolhidas) e os *Boletim de Oposição*.

Por ter sido iniciado em 2004, em um momento bastante diferente da internet e das tecnologias digitais, o *TrotskyanaNet* expressa muito bem os desafios advindos da constante reformulação da *Web*. O que antes parecia ser um trabalho definitivo, como o arquivamento de textos em determinado formato que estivessem para sempre acessíveis ao público, hoje ganha novas dimensões, como a possibilidade de tradução automática e de plataformas que mantêm dados de usuários através de ferramentas como cadastros. Fica clara a necessidade de constante evolução dos arquivos, de maneira que os dados mantenham acessibilidade segundo as reestruturações pelas quais as sociedades passam.

b. WebArchives: Internet Archive/ WayBackMachine

A *Internet Archive* é uma instituição estadunidense sem fins lucrativos, fundada em 1996, com o objetivo de construir uma biblioteca digital de *sites* da internet e de outros “artefatos culturais” em formato digital. A instituição promove esse objetivo através de uma ferramenta chamada *WayBackMachine* que permite, por exemplo, visualizar versões antigas de *sites* que já não estão mais disponíveis e comparar as mudanças de seus conteúdos ao longo do tempo (uma verdadeira preciosidade, se levarmos em conta que existem inúmeros grupos trotskistas que promoveram iniciativas digitais nas últimas décadas).

De acordo com a página da instituição, eles já armazenam 330 bilhões de *sites*, além de 20 milhões de livros, 4.5 milhões de gravações de áudio, 4 milhões de vídeos, 3 milhões de imagens e 2000 mil programas de *software*.

O *site* é um avançado dispositivo para pesquisas acadêmicas, já que permite não só o acesso às páginas, mas observar a sua arquitetura de informações e as mudanças que foram realizadas ao longo do tempo, bem como programar o levantamento de dados através do desenvolvimento de APIs⁹. Além disso, não é somente um repositório de dados que podem ser acessados de diferentes formas por um pesquisador (trazendo a preocupação com a metodologia a ser utilizada),

⁹ A sigla API se refere à “Application Programming Interface” (Interface de Programação de Aplicativos). API é um conjunto de rotinas e padrões de programação para acesso a um aplicativo de *software* ou plataforma baseado na *Web*.

mas um sistema que “gera” as informações no momento em que pesquisadores (ou qualquer pessoa interessada em resgatar memórias na internet) fazem a busca por um endereço da *Web*.

Além dessa ferramenta, outros *sites* semelhantes, denominados *WebArchives*, oferecem o mesmo tipo de serviço e podem servir como importantes fontes e formas de pesquisa¹⁰.

c. Hoover Institution Archives / Stanford University¹¹

A coleção foi montada pelo *Socialist Workers Party* (Partido Socialista dos Trabalhadores-SWP) e sua afiliada, a Biblioteca de História Social. A coleção esteve alojada na cidade de Nova York até ser adquirida pelo *Hoover Institution Archives*, em 1992. As principais fontes da coleção são os arquivos do SWP e documentos de líderes do partido, principalmente John G. Wright, mas também James P. Cannon, Farrell Dobbs, Albert Goldman, Joseph Hansen. Em alguns casos, existem fotocópias de documentos da Biblioteca da Universidade de Harvard, do *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis* e de outros repositórios de arquivos.

Na *Hoover Institution* também está depositada a Coleção de Boris I. Nicolaevsky, um político menchevique que foi diretor do Instituto Marx-Engels de Moscou até 1921, quando foi preso e exilado. A coleção inclui manuscritos originais de escritos de Trótski – trechos de *Vie de Lenine: Jeunesse*, *Les Crimes de Staline* e *Stalin* –, bem como cópias datilografadas e raras cópias impressas. Há ainda manuscritos originais e um grande conjunto de cópias datilografadas dos papéis de John G. Wright, principal tradutor de edições em inglês dos trabalhos de Trótski.

A coleção inclui ainda muitas cartas originais dos líderes do SWP, além de carbonos de suas respostas, e originais, carbonos e cópias datilografadas. De nota particular na coleção, é um dos três conjuntos existentes de cópias datilografadas de correspondência entre Trótski e Vladimir Ilyich Ulianov “Lenin”, preparado a partir de fontes de arquivos soviéticos.

A correspondência entre os líderes do Partido Socialista dos Trabalhadores em Nova York e os secretários e guardas no México (muitos deles membros do

¹⁰ Disponível em: <<http://timetravel.mementoweb.org/about/>>.

¹¹ Disponível em: <<http://oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/tf296n98nm>>.

partido) formam parte significativa do arquivo, assim como os registros do SWP relacionados às audiências da *Comissão Dewey* de 1937 (comissão de inquérito sobre as acusações feitas contra Leon Trótski nos Processos de Moscou); a investigação do assassinato de Trótski; a disposição de seus arquivos; e publicação póstuma de sua biografia *Stalin*.

Há ainda materiais publicados e não publicados selecionados sobre o SWP e pela Biblioteca de História Social até 1980; e folhas de pesquisa preparadas pela equipe do Partido Socialista dos Trabalhadores / Biblioteca da História Social, inventariando a correspondência na seção *Exile Papers*, na Biblioteca da Universidade de Harvard. Materiais audiovisuais incluem fotografias da família em Coyoacan, documentos de Evelyn Reed e George Novack; e uma gravação sonora de um discurso de Trótski.

d. Houghton Library – Harvard University¹²

Os *Leon Trotsky Soviet papers 1904-1959* formam uma grande coleção da biblioteca da prestigiosa universidade de Harvard (EUA), onde também existem muitos materiais digitalizados. O acervo está dividido em diversas coleções, e cada uma delas possui guias para buscas (*Online Finding Aids*), que podem ser baixados pelo pesquisador dentro do interessante *site* da biblioteca. O acervo é composto pelas seguintes seções:

- Correspondências da União Soviética (1917-1929): consiste em cartas originais e algumas cópias e transcrições escritas por Trótski e outras autoridades soviéticas, com cópias de telegramas trocados entre Trótski e Lenin, de 1917 a 1921. Os escritos de Trótski do período soviético incluem manuscritos, trechos e recortes datilografados, pronunciamentos e declarações não publicadas, além de documentos escritos durante a luta da Oposição de Esquerda contra Joseph Stalin, de 1923 a 1927
- Materiais de Leon Trótski no Exílio (1929-1940): os documentos de exílio, 1929-1940, contêm correspondência, composições, pequena quantidade de materiais da Comissão Dewey, além de documentos e coisas efêmeras relacionadas.
- Materiais adicionais (1930-1938 e sem data): esses documentos foram isolados

¹² O *Leon Trotsky Soviet papers, 1904-1959* está disponível em: <<https://guides.library.harvard.edu/soviethistoryarchives/trotsky>>.

do corpo principal dos documentos de Trótski na Europa durante a guerra, salvos por seu secretário, John Van Heijenoort, e adicionados à coleção em 1958. Eles consistem principalmente em obras do período do exílio.

- Materiais do livro *Stalin*, de Leon Trótski, relativos à tradução em inglês (1940): texto datilografado do primeiro rascunho e manuscrito final da edição em inglês de Charles Malamuth e tradução de *Stalin*, incluindo notas e outro material não utilizado na edição final. *Stalin, uma avaliação do homem e sua influência* foi publicado pela Harper & Brothers (Londres) em 1941.
- Apresentações da Comissão Dewey (1904-1938 e sem data): exposições não publicadas das audiências da Comissão de Inquérito John Dewey no México, Nova York e Paris sobre acusações feitas contra Leon Trótski, nos julgamentos de Moscou, concluídas em Nova York, em 21 de setembro de 1937.
- Documentos militares (1918-1924): das sessões do Arquivo Militar Estatal da Rússia, Moscou, Federação Russa.

e. Instituto Internacional de História Social - IISG¹³

O IISG possui uma parte dos arquivos encontrados na *Houghton Library* – Harvard University, Cambridge, Massachusetts (EUA). E também na *Hoover Institution on War, Revolution and Peace* – Stanford University, Palo Alto, Califórnia (EUA). E possui a vantagem de disponibilizar grande parte de arquivos digitalizados e disponíveis para a consulta do pesquisador através de conta onde podem ser salvas as pesquisas para posterior consulta. O acervo contém:

- Correspondências de Leon Trótski com Natália Sedova e Lev Sedov, bem como com vários trotskistas na Europa, incluindo Eugen Bauer, Jeanne Martin, Raymond Molinier, Alexandra Pfemfert; cartas de vários correspondentes na União Soviética 1931-1935; correspondências relativas à estada de Volkov na Áustria e Paris 1933-1936; manuscritos de livros e artigos de Leon Trótski, incluindo *História da Revolução Russa* e *Minha Vida*; correspondência relacionada à publicação de livros de Trótski, 1929-1933; correspondência entre Lenin e Trótski, publicada como *The Trotsky Papers 1917-1922*.
- Documentos do Secretariado Internacional: documentos sobre a pré-conferência Internacional de 1933; documentos sobre o *plenum* do SI 1933;

¹³ O *Lev Davidovič Trockij / International Left Opposition Archives* está disponível em: <<https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH01483#>>.

atas das reuniões do SI 1931-1934; correspondência, circulares e outros documentos do SI 1930-1934, contendo arquivo sobre a discussão acerca de um novo partido na Alemanha; correspondência, principalmente com SI, cartas circulares, resoluções, relatórios, folhetos e outros documentos das seções nacionais e grupos aderentes na Áustria, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Noruega, Polônia, Romênia, Espanha, Suíça, Argentina, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Cuba, Equador, Indochina, Japão, México, África do Sul e EUA; arquivos sobre o Congresso Antifascista Europeu de 1933, a Conferência Internacional das Organizações Socialistas e Comunistas de Esquerda de 1933 etc.

- Documentos de Emmanuel Loubier, trotskista francês e molinierista que, após outubro de 1936, junta-se às Brigadas Internacionais na Revolução Espanhola e é morto no *front*, entre abril e maio de 1937: documentos 1930-1935.
- A instituição contém outros materiais de relevância histórica. Entre os arquivos, pode ser destacada a correspondência de Trótski com o socialista austríaco Hugo Sonnenschein (pseudônimo Sonka) 1929-1939, cujos debates envolvendo arte podem ser um fértil campo de pesquisas, já que Sonka foi membro da agremiação antifascista “Associação dos Escritores Socialistas”. Infelizmente, a coleção ainda não está disponível digitalmente, mas certamente deve ser composta por importantes materiais para pesquisas, já que contém documentação inédita e pode vir a agregar novas perspectivas e minúcias ao legado de Trótski.

131

f. Marxists Internet Archive / Encyclopedia of Trotskyism On-Line (ETOL)

O Arquivo Marxista na Internet é uma iniciativa colaborativa de enorme abrangência, com entrada para textos de diversos pensadores marxistas em diversas línguas. No entanto, o *site* inspira cuidado. Por ser um espaço que conta principalmente com a colaboração solidária, parece não existir metodologia definitiva, de forma que existem grandes discrepâncias entre os materiais em inglês e em português, por exemplo.

No caso das obras de Leon Trótski, as inconsistências são bastante explícitas. Há apenas 125 entradas para textos em português, que não apresentam uma hierarquia das obras (colocando materiais como *História da Revolução Russa*

no mesmo patamar de cartas e de outros trabalhos menores). Já a seção em língua inglesa contém cerca de 800 entradas. No entanto, esse problema não é tão fácil de ser identificado, já que o próprio *site* apresenta uma tabela de catalogação das obras em diversas línguas, mas ela não está atualizada. Além disso, o *site* apresenta os mesmos desafios a serem superados que o *site TrotskyanaNet*: com a evolução da internet, é preciso reestruturar os materiais de acordo com os atuais padrões tecnológicos que estão sendo estabelecidos. O esforço para tradução dos textos em formato HTML é um ótimo exemplo dos percalços que o mundo digital traz para a memória e arquivamento históricos, já que a divisão da obra em *hyperlinks* por capítulo (modo como é feito em diversos materiais) impede a apreciação completa das obras. Indicamos, de toda forma, a navegação pelo imenso portal em numerosas línguas, utilizando-se de dispositivos como a tradução automática, possibilitada por alguns navegadores de internet.

g. *Iskra Research - Boletim de Oposição Bolchevique-Leninista* (completo)

O *Iskra Research* faz parte dos materiais em língua russa dos grupos organizados em torno do portal do *World Socialist Web Site*. Entre outros vários arquivos, o *site* disponibiliza o acesso mais completo aos *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*¹⁴, possíveis de serem acessados graças aos recursos de tradução dos navegadores de internet.

132

h. *Library Trotsky – Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)* (incompleto)¹⁵

A página do *Library Trotsky* é a fonte pela qual o *site TrotskyanaNet* disponibiliza o *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)*. O *site* tem uma lista de *hyperlinks* com cerca de 1400 entradas para textos de Leon Trótski, todos em russo, já disponibilizados em HTML – um recurso que facilita a tradução automática, sem a qual seria impossível o acesso para pesquisadores que não dominam a língua russa. Há ainda seleções como *Contra Stálin: 12 anos de Oposição*, que reúne artigos, discursos e cartas. A pesquisa, no entanto, revelou que há lacunas na seção dos materiais do *Boletim de Oposição (1929-1941)*, que são indicados como se estivessem completos. Pelo menos a edição de número 86 não se encontra no *site*, mas foram detectadas outras lacunas nas edições.

i. Iniciativas no Brasil e demais indicações

¹⁴ Os Boletim estão disponíveis na íntegra em: <<http://iskra-research.org/FI/BO/index.shtml>>.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.magister.msk.ru/library/trotsky/>>.

O Brasil, apesar de ter importantes acervos documentais, tais como o CEMAP (Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa), ligado à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), não possui projetos de envergadura como os apresentados acima, localizados essencialmente na Europa e EUA, apesar de contar com diversos grupos que reivindicam o legado do trotskismo desde os anos de 1930. Mais recentemente, pode ser citado o *Archivo Leon Trotsky*¹⁶, um projeto ainda inicial. Instituições governamentais como a *Biblioteca Nacional* ou o *site Domínio Público* tampouco possuem vasta documentação sobre Leon Trótski (apesar de conterem documentos interessantes). Da Argentina pode ser destacado o *Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky (CEIP)*¹⁷, que possui importantes edições e materiais de pesquisa.

Por fim, indicamos outros *sites* em que buscas podem fornecer caminhos de pesquisas digitais, tais como o *Cahiers Leon Trotsky*¹⁸; o *Centre d'Etudes et de Recherches sur les Mouvements Trotskyste et Révolutionnaires Internationaux*¹⁹; a associação *Rassembleur, diffuser les archives de révolutionnaires (RaDAR)*²⁰; o *International Institute for Research and Education*²¹; a *Holt Labour Library*²².

Conclusão: um chamado pela liberdade dos dados sobre Trótski na World Wide Web

A possibilidade de acesso e pesquisas e arquivos digitais demonstram que a internet não é um “lugar virtual” onde todo o conhecimento produzido pela humanidade pode ser livremente catalogado, unificado e acessado, mas um campo social de desenvolvimento econômico e tecnológico capitalista em permanente mutação, que implica uma complexa renovação da gestão de variadas atividades humanas, em especial relacionadas à pesquisa acadêmica e científica, devido à possibilidade de análise de grande quantidade de informações.

¹⁶ Disponível em: <<https://archivoleontrotsky.org/>>.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.ceipleontrotsky.org/>>.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.association-radar.org/>>.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.trotsky.com.fr/>>.

²⁰ Disponível em: <<http://www.association-radar.org/>>.

²¹ Disponível em : <<http://www.iire.org/>>.

²² Disponível em: <<https://hll.org/>>.

Há pouco tempo seria impossível imaginar que canais como *Netflix* e *Facebook* (ou *sites* como *YouTube*) iriam se constituir em fontes essenciais de pesquisa, com a centralidade das atividades na internet agora potencializadas pela conjuntura da crise sanitária desencadeada pelo surto de COVID-19, ainda no início deste ano²³. Por isso, é importante que a luta pela manutenção do legado de Leon Trótski compreenda o momento digital e empreenda esforços no sentido de construir educação e forma de trabalho pertinentes a esse novo patamar tecnológico.

O rico material organizado e produzido por um dos maiores literários-ideólogos do comunismo representa o esforço de comunicação e organização política, de forma que uma pesquisa mais sistemática desses materiais pode mudar o que é compreendido como o legado teórico e prático de Trótski. É importante ressaltar que, apesar do critério temporal-espacial de uma “fase mexicana” do *Boletim de Oposição (Bolchevique-Leninista)* ser uma proposta condizente com o conteúdo dos materiais, outras perspectivas poderiam resultar em diferentes resultados, como a catalogação das edições segundo a evolução do regime stalinista, por exemplo.

Felizmente, essa tarefa está ao alcance das atuais gerações de pesquisadores e ativistas, se for possível substituir a tecnofobia por uma ação abrangente de divulgação de dados e documentos. Trata-se de constituir um caminho de pesquisas e informações para as novas vanguardas e intelectuais que se interessem pelas experiências históricas levadas a cabo pela classe operária e seus aliados na luta pela emancipação social.

Ao longo das investigações, ficou evidente que existem campos de estudo em potencial a partir do universo da internet. No caso dos arquivos *Web*, como é o caso do *WayBackMachine*, os dados são gerados no momento da pesquisa: um passo além para o pesquisador que, além das incertezas de que a observação do próprio cientista modifica os dados científicos, os dados nem mesmo estavam

²³ Diante da grave crise social da COVID-19, intensificada pela trágica resposta de políticos conservadores que atualmente governam a maior parte dos países, gostaríamos de celebrar o revolucionário bolchevique Yakov Sverdlov, que foi o mais jovem não-monarquista a ser chefe de estado da União Soviética, homenageado com a posição de presidente do *Comitê Central Executivo de Todas as Rússias*, em 1922. Conhecido pela capacidade organizativa, Sverdlov foi a única pessoa a ter influência tão grande quanto a de Lênin, de acordo com o verbete [wiki/Vladimir Lenin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Lenin) do site *Wikipedia*, em sua versão inglesa, sendo considerado seu “braço direito”. Yakov Sverdlov morreu em março de 1919 possivelmente em decorrência da pandemia de gripe espanhola. Rigby 1979, pp. 168, 170; Service 2000, p. 388. (Conferir KOTKIN, Stephen (2014). *Stalin: Volume I: Paradoxes of Power, 1878-1928*. Penguin; KHRUSHCHEV, Nikita Sergeevich (2006). *Memoirs of Nikita Khrushchev*. Penn State Press).

disponíveis antes das buscas. Não se trata, assim, de acessar dados que já estavam disponíveis, mas uma inovação no sentido de que a própria busca produz os dados que sustentam as pesquisas.

Outro desdobramento das inovações tecnológicas é que, apesar de esforços para a criação de bibliotecas digitais definitivas, aspectos como “experiência do usuário” (o conjunto de elementos e fatores relativos à percepção ao se navegar pela *Web*) podem alterar sobremaneira o acesso às obras, pois, sujeitas às mudanças da internet, estão a todo momento se rearticulando em torno de protocolos e hábitos de uso. Assim, pode haver uma defasagem cada vez maior no acesso das obras de Trótski, caso esses arquivos não busquem acompanhar essas mudanças. Nesse sentido, o interessante trabalho do *Instituto Internacional de História Social - IISH* pode ser visto como exemplo a ser seguido por instituições e arquivos.

Com o objetivo de lançar um marco inicial para futura campanha denominada *Open Trotsky Initiative*, elencamos três propostas para o engajamento digital das pesquisas sobre a história social em geral, em particular para o legado de Leon Trótski:

1. Não se pode deixar de levar em consideração a continuidade de práticas revisionistas ou mesmo do auto-boicote pelo hábito burocratizado da “militância”, a exemplo do *Encyclopedia of Trotskyism On-Line (ETOL)*, em português, cujo acesso a uma quantidade minúscula de obras não chega nem mesmo a ser uma caricatura das ideias mantidas por Trótski.
2. Seria possível construir uma releitura das ideias e concepções de Leon Trótski sobre “toda a licença em arte” em seus desdobramentos políticos, filosóficos e inclusive para o legado do marxismo?
3. Estabelecer, nos 80 anos do assassinato de Leon Trótski, um chamado para organizações e ativistas ao redor do mundo unirem esforços para uma iniciativa de abertura de informações e dados históricos a partir da palavra-de-ordem: **Open Trotsky Initiative!**

*Agradeço o apoio para esta pesquisa feito pelo professor Sandor John, que cotejou indagações da pesquisa com a versão Fac-Símile dos Boletim, editados pela Pathfinder Press.

Referências

BIANCHI, Álvaro. (2005a) Trotsky em Português: esboço bibliográfico. Campinas: IFHC/UNICAMP. Col. **Textos Didáticos**, 54.

_____. (2005b) **O PT e a foto apagada**. *Jornal do Brasil*, 30/03/2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/60125/noticia.htm?sequence=1>>. Acessado em 14/06/2020.

_____. (2007) O marxismo de Leon Trotsky: notas para uma reconstrução teórica. *Idéias*, v. 14, p. 57-99.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. (2015) A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*. Rio de Janeiro, 3(5), 354–388. <<https://doi.org/10.1590/2237-101x0030050015>>.

DANIELS, Robert V. Exile And Assassination (Exílio e Assassinato). **ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Leon-Trotsky/Exile-and-assassination>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DEUTSCHER, Isaac. (2006). **The Prophet Armed - Trotsky: 1879-1921**. USA: Verso Press. <<https://doi.org/10.2307/442775>>.

_____. (1970). **The Prophet Outcast – Trotsky: 1929-1940**. New York: Oxford University Press.

Exile and assassination. **ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Leon-Trotsky/Exile-and-assassination>>.

DOORN, Niels Van. (2020) What do platforms want (and what do they need)? Apprehending the gig economy. **Maratona DigiLabour de Trabalho Digital**. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/eventos/maratona-digilabour-de-trabalho-digital-ex920258-00001>>.

HELMOND, Anne; VLIST, Van Der. (2020) Platform and app histories: assessing source availability in web archives and app repositories. **The Past Web: Exploring Web Archives**. Springer. Preprint. Disponível em: <<https://dare.uva.nl/personal/search?identifier=dd281e4f-c4b4-419b-9b1d-67b054404a81>>.

HEIJENOORT, Jean van. (1980). Prefácio à edição francesa. **Leon Trotsky. Diário do Exílio**. São Paulo: Edições Populares.

HIGUERAS, Gabriel Garcia. (2017) Trotsky en el espejode la historia (Ensayos). Serie Argumentos. México: Editorial Fontamara.

INDEX TO THE ARCHIVES. (s.d.) **Houghton Library**.

KASSOW, Samuel. (1977) Trotsky and the Bulletin of the Opposition. **Studies in comparative communism**. Vol. X, Nos. 1 & 2, spring/summer 1977. 184-197

OLIVEIRA, Daniel Cardoso Persegum de. (2020) **Plataformização cultural:**

estratégias de mídia-design para o ensino audiovisual. 274 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://contranarrativas.wordpress.com/plataformizacao-cultural-estrategias-de-midia-design-para-o-ensino-audiovisual/>>.

TODOROVA, Maria (2013) **War and Memory: Trotsky's War Correspondence from the Balkan Wars**. **PERCEPTIONS**, Summer 2013, Volume XVIII, Number 2, pp. 5-27. Disponível em: <http://sam.gov.tr/wp-content/uploads/2013/09/Maria_Todorova.pdf>.

TROTSKY, Leon. (1939) Arte e Revolução (de uma carta aos editores da Patisan Review). **Bulletin of Opposition**. Nº 77-78. Março-Junho-Julho 1939. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161005073032/http://web.mit.edu/fjk/www/FI/BO/BO-77.shtml>>.

_____. (1929-1940) **Writings of Leon Trotsky**. Published in English in Press and Bulletins. May 1955. Revised in 1959.

_____. (1941) A great new writer. **Fourth International**, New York City, Volume II No. 1, February, pp.56-58. Disponível em: <<https://marxists.catbull.com/archive/trotsky/1939/08/writer.htm>>.

_____. (1969) **Literatura e Revolução**. São Paulo: Jorge Zahar Editor.

_____. (1978) **Minha vida**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1979) **Escritos**. Colômbia: Pluma Editorial.

_____. (1980) **Diário do Exílio**. São Paulo: Edições Populares.

_____. (1992) **Art and Revolution: writing on Literature, Politics, and Culture**. New York: Pathfinder Press.

_____. (2005) **Literature and Revolution**. Chicago: Haymarket Books. 2005.

_____. **OUVRES**. Institut Léon Trotsy. 1928-1929; 1930-1940.

TROTSKY, Leon; BRETON, André; GALVÃO, Patrícia et. al. (1985). **Por uma arte revolucionária independente**. São Paulo: Paz e Terra: CEMAP.

WEISSMAN, Susan. (2015) Mark 'Etienne' Zborowski: Portrait of Deception—Part Two. **Critique, Journal of Socialist Theory**. Volume 43, 2015 - Issue 2: Greece. <<https://doi.org/10.1080/03017605.2015.1051783>>.

Ogum vai a Coyoacán para enfrentar Tio Sam: os trotskistas brasileiros e a América Latina, 1930-1947

Dainis Karepovs¹

<https://orcid.org/0000-0002-3641-7241>

Resumo: Este texto discute como os seguidores de Leon Trotsky, no Brasil, foram incorporando, entre 1930 e 1947, às suas concepções teóricas e políticas, a compreensão da existência de uma unidade continental entre os países latino-americanos e a sua importância no enfrentamento ao imperialismo estadunidense.

138

Palavras-chave: Trotskismo – Brasil; América Latina; Estados Unidos – Imperialismo; Mario Pedrosa.

¹ Mestre e doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Coautor de *Na Contracorrente da História* (Sundermann, 2015) e autor de *Pas de politique Mariô! Mario Pedrosa e a política* (Ateliê; Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017). Este texto é uma versão desenvolvida a partir de trabalho apresentado no seminário “The Impact of Leon Trotsky on the Thought and Politics of Latin America”, patrocinado pelo Stanford Center for Latin American Studies, ocorrido na Universidade de Stanford – Estados Unidos, em 23 de março de 2017, e conferência realizada nas Xas. Jornadas de Historia de las Izquierdas – Dos décadas de historia de las izquierdas latinoamericanas. aniversario y balance, patrocinadas pelo Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierda, em 21 de novembro de 2019, ocorrida em Buenos Aires – Argentina.

Abstract: This text discusses how Leon Trotsky's followers in Brazil incorporated, between 1930 and 1947, into their theoretical and political conceptions the understanding of the existence of a continental unity among Latin American countries and its importance in the confrontation with American imperialism.

Keywords: Trotskyism - Brazil; Latin America; United States - Imperialism; Mario Pedrosa.

Resumen: Este texto analiza cómo los seguidores de León Trotsky en Brasil incorporaron, entre 1930 y 1947, a sus concepciones teóricas y políticas la comprensión de la existencia de una unidad continental entre los países latinoamericanos y su importancia en el enfrentamiento con el imperialismo estadounidense.

Palabras clave: Trotskismo - Brasil; América Latina; Estados Unidos; imperialismo; Mario Pedrosa.

No final do ano de 1940, Joseph Hansen, jornalista e dirigente da seção estadunidense da IV Internacional, o Socialist Workers Party (SWP), comentava em sua coluna no jornal do partido a respeito de uma informação que circulava na época. Dizia-se que o vice-presidente dos Estados Unidos, Henry Wallace, estava estudando castelhano. Hansen afirmava que o suposto interesse de Wallace não era apenas cultural. Mais do que isso, o vice de Franklin Roosevelt se dedicaria ao castelhano “para melhor representar os interesses do imperialismo americano”. Afinal, declarava o jornalista, o imperialismo estadunidense obedecia a um dos princípios elementares das expansões, o de seguir as linhas geográficas, já que, no início da II Guerra Mundial, “a primeira área de conquista do imperialismo estadunidense é a América Latina”. Além disso, Hansen afirmava era importante para os trabalhadores estadunidenses extraírem uma orientação desse fato:

Para os trabalhadores dos Estados Unidos, a expansão do imperialismo estadunidense para o sul aumenta a necessidade de laços mais fortes com os trabalhadores da América Latina, a fim de obter maior unidade e poder de ataque contra o inimigo comum. O exemplo de Wallace não é ruim – é hora de aprender a falar espanhol!²

Não sabemos se o conselho de Hansen surtiu algum efeito, mas se imagina que a sugestão era dada, naquele mesmo momento (ou antes, pois naquela ocasião já se vivia sob as trevas do Estado Novo varguista), aos trabalhadores e militantes de esquerda brasileiros.

O Brasil, ao contrário das relações de subordinação com os Estados Unidos, teve longa trajetória de comedido relacionamento com os demais países do continente americano. É senso comum dizer que os brasileiros não se veem como latino-americanos, embora também se possa objetar que a recíproca seja verdadeira, ou seja, que os demais países, ao sul do Rio Grande, não enxergam o Brasil como integrante do universo latino-americano.

Essa mútua compreensão se consolidou ao longo do primeiro século, depois das independências das colônias espanholas e portuguesa, nas primeiras décadas do século XIX. Nesse período, as relações do Brasil com os demais países da América do Sul se davam em torno de questões isoladas e, em especial, em torno de questões

² HANSEN, Joseph. Go Forward – Time to learn Spanish! *Socialist Appeal* (Órgão oficial semanal do Socialist Workers Party, seção estadunidense da Quarta Internacional). Nova Iorque, vol. IV, nº 48, 30/11/1940, p. 4.

relativas às fronteiras. Relações econômicas ou culturais eram extremamente reduzidas. Além disso, o Brasil se enxergava como um império - embora seus dirigentes lamentassem que fosse tropical e longínquo -, que se assemelhava mais às monarquias da Europa, as quais eram por eles entendidas como sinônimos de “civilização”, contrapondo-se aos seus “selvagens e tumultuosos vizinhos”³. Por sua parte, os vizinhos do Brasil viam com desconfiança a monarquia escravista brasileira, onde as ideias da Revolução Francesa não encontravam o menor eco. Nas primeiras décadas após o fim da monarquia da brasileira, *grosso modo*, as relações continuaram se dando no campo das discussões sobre fronteiras, embora o Brasil de então já se dispusesse a servir de mediador nos conflitos entre os vizinhos. O final da monarquia evidenciou, nos altos estratos diplomáticos brasileiros, a

Convicção radicada em todos nós de que as ideias, para ser aceitáveis, necessitam trazer a marca europeia e transpor os mares nos bojos dos transatlânticos; o descaso injustificável pelas coisas do nosso Continente; a indiferença pela sua história; o desamor às suas tradições; o desprezo pelos incontáveis aspectos da sua natureza.⁴

A preocupação com o continente americano vinha no bojo do enquadramento do Brasil no horizonte da chamada “Doutrina Monroe”, a qual, como se sabe, estabelecia a hegemonia estadunidense na América Latina. Mas as questões relativas à formulação de posições ou estratégias comuns, seja do ponto de vista regional, continental ou internacional, continuaram praticamente estáticas durante décadas após o fim da monarquia. Somente no final dos anos 1990, o contexto começou a tomar novo rumo⁵. Porém, a partir de 2019, esse quadro recebeu uma brutal retrogradação, com a instauração do governo de extrema-direita brasileira.

Já no campo cultural e intelectual, pode-se assinalar aqui o comentário de Carlos Pereyra, o prefaciador da versão espanhola, de 1919, do conhecido livro de Manoel Oliveira Lima, *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*: “Quem

³ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. *A América do Sul no discurso diplomático brasileiro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014, p. 25-26.

⁴ A REDAÇÃO. A “Revista Americana”. In: FUNDAÇÃO Alexandre de Gusmão (Org.). *Revista Americana: Uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919)*. Brasília: Senado Federal, 2001, p. 19.

⁵ HOFMEISTER, Wilhelm. No obediencia, pero mayor interdependencia: la relación del Brasil con sus vecinos. In: COSTA, Sérgio; SANGMEISTER, Hartmut; e STECKBAUER, Sonja (Orgs.). *O Brasil na América Latina: Interações, percepções, interdependências*. São Paulo: Annablume; Adlaf; Fundação Heinrich Böll, 2007, p. 66.

falou do Brasil à América Espanhola? O Brasil é tão desconhecido para a América Espanhola quanto qualquer país asiático. [...] Todo o Brasil é tão desconhecido quanto nos primeiros anos do século XVI”⁶. Quase quarenta anos mais tarde, nos anos 1950, a assertiva ainda se repetia. Basta destacar a observação do jornalista Constantino Paleologo, tratando de sua incumbência de preparar a edição latino-americana de uma revista do conglomerado jornalístico Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ele deixava claro que a situação não havia se alterado substancialmente:

O que se sabia, naquele momento, sobre a América Hispânica? Nada. O desconhecimento dos jornalistas era tão profundo como o de qualquer brasileiro de cultura mediana. Havíamos estudado as antigas civilizações, conhecíamos os principais países da Europa com certo requinte de detalhes, podíamos analisar com vagar a evolução da sociedade estadunidense desde seus primórdios, mas de nossos companheiros de raça do Novo Mundo tínhamos apenas vagas, imprecisas e confusas informações. Não foi difícil concluir que nos ignoravam, tanto como nós a eles. O que pensariam do Brasil e dos brasileiros?⁷

Embora não seja o caso de examinarmos as origens e causas desse comportamento, deve-se enfatizar que essa postura apenas começou a mudar nos últimos anos do século XX e, principalmente, nos quinze primeiros do século XXI, durante o governo do Partido dos Trabalhadores.

Quando se examina essa questão do isolamento e do desconhecimento a respeito da América Latina, no campo da esquerda brasileira, percebe-se que as coisas não foram muito diferentes. Nas fileiras anarcossindicalistas, as quais conformaram hegemonicamente o campo revolucionário brasileiro, no alvorecer do século XX até os anos 1920 (quando surgiu o Partido Comunista Brasileiro), as relações com seus congêneres latino-americanos se desenhavam mais no campo da solidariedade proletária do que no de uma identidade cultural e histórica entre antigos países submetidos ao colonialismo⁸.

⁶ PEREYRA, Carlos. Prologo. In: LIMA, Manoel Oliveira. *Formación histórica de la nacionalidad brasileña*. Madrid: Editorial-América, 1918, p. 13.

⁷ PALEOLOGO, Constantino. *Brasil en América Latina: Una experiencia de periodismo internacional*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 14. A revista mencionada é a edição latino-americana de *O Cruzeiro*.

⁸ Formulada em 1905, a análise de Manoel Bonfim punha em xeque a noção de que o atraso político e econômico da América Latina resultava da alegada “inferioridade” de seus povos e da alegada

Indo ao campo comunista, além do mútuo desconhecimento, começemos por destacar outro ponto em comum: o fato de a cultura de esquerda, em especial a marxista, ter chegado ao nosso continente através da língua francesa. Um militante trotskista latino-americano, dos anos 1940, em texto comemorativo dos dez anos de circulação da revista trotskista estadunidense *The New Internacional*, assim se referia a propósito da influência do idioma francês na cultura marxista latino-americana:

A influência ideológica da Revolução Russa veio principalmente através da língua francesa. O francês tornou-se a linguagem “internacional” do comunismo na América do Sul. Isso se deve basicamente a dois fatores: os novos estratos de intelectuais, principalmente estudantes, que foram atraídos ao movimento operário pela Revolução Russa e a falta de uma forte tradição marxista entre os trabalhadores da Espanha, Portugal e Itália. Os estudantes, que vinham das classes burguesas e pequeno-burguesas, conheciam o francês como segunda língua. O francês era sua língua “cultural”, especialmente no único país de língua portuguesa da América Latina, o Brasil. [...]

Foi ao passado acima mencionado que um velho revolucionário, um camarada argentino, se referiu quando, no final de 1940, recebeu em seu país uma cópia de *The New Internacional*. Assim ele disse:

“Antes da Primeira Guerra Mundial todos nós líamos publicações radicais italianas e espanholas. Depois, com a Revolução Russa, tive de aprender francês para poder acompanhar o desenvolvimento do movimento revolucionário internacional. Agora, com a degeneração da antiga Internacional Comunista e a vitória do nazismo na Europa, temos de aprender o inglês, o ‘novo’ idioma revolucionário.”⁹

inaptidão de seus habitantes ao progresso e à vida “civilizada e culta”; na verdade seriam vítimas do “parasitismo colonial” e do projeto oportunista das classes dirigentes locais de lhes retirar o máximo de proveito possível. Por serem fundadas em analogias biológicas, além de outras críticas que lhe foram endereçadas, as análises de Manoel Bonfim, formuladas em *A América Latina: Males de Origem*, não tiveram repercussão nas fileiras de esquerda naquele momento, somente obtendo atenção nos anos 1980.

⁹ MORENO, M. *The N. I.* in *Latin America. The New Internacional*. Nova Iorque, vol. X, nº 7 (88), jul. 1944, p. 233. Não se pôde identificar o autor, porém, certamente não se trata do argentino Nahuel Moreno, pois em 1944, aos 20 anos de idade, ele mal acabara de se aproximar do *trotskismo*, com a criação do Grupo Obrero Marxista (GOM), não tendo, portanto, nem idade e tampouco a suficiente bagagem para escrever texto com essa temática.

Em meados dos anos 1930, no entanto, como resultado do trabalho desenvolvido pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista, o idioma castelhano começou a ganhar espaço como fonte de informação, de documentos e de bibliografia para o movimento marxista no continente:

Com efeito, até 1934, o marxismo militante veio para a América Latina principalmente através da língua francesa. Por certo tempo, quando o secretariado latino-americano [na verdade sul-americano, dk] do Comintern estava funcionando, primeiro em Buenos Aires e depois em Montevidéu, através do *Boletim Sud Americano* [na verdade *La Correspondencia Sudamericana*, dk], publicado pelo mesmo secretariado, o idioma espanhol tornou-se o idioma “oficial” do movimento comunista em nosso continente.¹⁰

Apesar disso, como ressaltava Moreno, a formação dos grupos da Oposição de Esquerda, no final dos anos 1920 e início dos 1930, nos principais países latino-americanos, fez com que a importância do idioma francês ainda persistisse, em especial na Liga Comunista Brasileira. Para esta, a influência da Oposição de Esquerda espanhola, que se exercera sobre as de língua castelhana, não se sentiu significativamente:

Com a ascensão da Oposição de Esquerda da Rússia, no entanto, o francês se tornou a principal língua entre os pequenos círculos de opositoristas de esquerda na América Latina. Com a organização da Oposição de Esquerda na Espanha, que ocorreu com o estabelecimento da República, *Comunismo*, órgão oficial dos opositoristas de esquerda espanhóis, editado pelos camaradas Nin e Andrade, contrabalançou com a imprensa francesa entre os pequenos quadros dos bolcheviques-leninistas. Isso, no entanto, não se passou assim com os opositoristas brasileiros. Mas logo o grupo de Nin se afastou do movimento trotskista e *Comunismo* deixou de ser o órgão teórico das organizações dos militantes da Quarta Internacional na América do Sul.¹¹

¹⁰ *Idem.* Moreno comete aqui dois equívocos. O primeiro é que o organismo da Internacional Comunista se chamava Secretariado Sul-Americano (e não Secretariado Latino-Americano), que funcionou, de 1925 a 1930, em Buenos Aires e, de 1930 a 1935, em Montevidéu. Em especial após 1930, em vez de Secretariado, este organismo era tratado como Bureau. O segundo equívoco é que o órgão oficial era, não *Boletín Sud Americano*, mas sim *La Correspondencia Sudamericana*, que circulou de 1926 a 1927 (primeira fase) e de 1928 a 1930 (segunda fase), sendo sucedido por *Comunismo*, que circulou entre 1930 e 1932. Depois de 1935, com a reformulação organizativa decidida no VII Congresso da Internacional Comunista, o Secretariado/Bureau Latino-Americano deixou de existir, passando os assuntos relativos aos partidos comunistas latino-americanos a serem examinados pelos chamados “secretariados pessoais”, sediados em Moscou, sob a responsabilidade do chinês Van Min (1935-1937) e depois de Dolores Ibarruri (1939-1943).

¹¹ *Idem.*

No entanto, é fácil de observar que Moreno, em seu depoimento, ao se referir à seção brasileira, “carrega nas tintas”. Os trotskistas brasileiros recebiam materiais das seções de língua castelhana, principalmente periódicos, e inclusive *Comunismo*. Tanto no acervo de Livio Xavier, como nos autos de apreensão da polícia política brasileira, é possível encontrarmos periódicos chilenos, espanhóis e mexicanos. Mas é importante não esquecer aqui que os Secretariados Internacionais da Oposição Internacional de Esquerda, e das organizações que a sucederam, faziam uso (tanto em suas comunicações como nos documentos e periódicos) de três idiomas: o francês, o inglês e o alemão, além do russo. Assim sendo, especialmente por essa razão, o francês permanecera naquele momento hegemônico nas fileiras trotskistas latino-americanas. E isso também ocorrera com as seções sul-americanas de língua espanhola.

Enfim, não é difícil perceber que, a julgar pelas fontes externas disponíveis aos militantes brasileiros defensores das posições de Trotsky, havia ainda uma importante ênfase eurocentrista.

É importante, na verdade, salientar que tanto para stalinistas como para trotskistas esse panorama pode ser entendido de modo idêntico, no que se refere à questão aqui tratada. Os stalinistas brasileiros, nos primeiros anos após a fundação do PCB, em 1922, recebiam os influxos da Internacional Comunista e, num primeiro momento, buscaram aplicá-los, interpretando-os a partir do seu ponto de vista e sem maiores interferências em sua atuação. Porém, na virada entre os anos 1920 e 1930, com a influência mais direta da IC, através dos “assistentes” soviéticos e do aparato do Secretariado Sul-Americano, a atuação do PCB se enquadrava na política internacional da União Soviética (os partidos comunistas eram elementos do jogo diplomático soviético, em que a futura guerra europeia tinha peso preponderante). Mas, tanto em um momento como em outro, objetivamente, o quadro geral do comunismo brasileiro não se alterou.

No que se refere à atuação dos stalinistas brasileiros em relação à solidariedade com os demais países latino-americanos, é suficiente indicador de suas dificuldades com o tema a quase completa ausência de atuação na Liga Anti-Imperialista das Américas¹². Passou-se do agrarismo versus industrialismo, decorrente da visão do suposto confronto, em terras brasileiras, entre os

¹² Cf. Daniel KERSFFELD. *Contra el império: Historia de la Liga Antimperialista de las Américas*. México (DF): Siglo XXI, 2012.

imperialismos britânico e estadunidense, ignorando-se as injunções brasileiras para uma disciplinada atuação com respeito aos ditames da III Internacional no que se referia à política internacional.

Foi-se do sectarismo do “terceiro período” à busca de alianças antifascistas sem qualquer caráter classista. Assim, num primeiro momento, desenvolveu-se a sectária política do chamado “terceiro período” e do “social-fascismo”, com revoluções a cada esquina. Sob suas asas, o PCB chegou, em sua I Conferência Nacional de 1934, a “desenhar” o “mapa” de um futuro Brasil Soviético, em que existiriam repúblicas nacionais negras e indígenas e outros artefatos stalinistas exportados sem a menor cerimônia. Depois, os comunistas brasileiros rumaram “bovinamente”, apesar do “desvio” das insurreições de novembro de 1935, para a chamada frente popular (em que a luta de classes era abandonada pelo antifascismo) e suas variáveis “táticas”, como o tratado firmado pela URSS com a Alemanha nazista, às vésperas da II Guerra.

Retornando ao nosso tema, quando se examina mais detidamente a produção dos trotskistas brasileiros sobre a América Latina, podem-se fazer observações de algum interesse. Em primeiro lugar, constatar o seu pequeno volume. Em levantamento feito nos quatorze periódicos da imprensa trotskista brasileira¹³, que circularam no período de 1930 a 1951, verifica-se o total de apenas 32 textos dedicados à América Latina, seja abordando-a como um todo ou se dedicando a um de seus países isoladamente¹⁴. Esse diminuto universo se

¹³ Nesse período, de 1930 a 1951, as várias organizações trotskistas brasileiras publicaram, até onde se sabe, quatorze títulos: 1 – *A Luta de Classe* (1930-1939, órgão, respectivamente, do Grupo Comunista Lenine, Liga Comunista do Brasil, Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas), Partido Operário Leninista, Partido Socialista Revolucionário); 2 – *Boletim* (1939, órgão do Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil); 3 – *Boletim* (1939, órgão do Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)); 4 – *Boletim* (1939, órgão do Partido Socialista Revolucionário); 5 – *Boletim Interior* (1935, órgão da Liga Comunista Internacionalista); 6 – *Boletim da Oposição* (1931-1932, órgão da Liga Comunista do Brasil); 7 – *Boletim de Informações Internacionais* (1937, órgão do Partido Operário Leninista); 8 – *Luta Proletária* (1945 e 1951, órgão do Partido Socialista Revolucionário); 9 – *O Comunista* (1934, Liga Comunista Internacionalista (Região do Rio)); 10 – *O Homem Livre* (1933-1934, órgão da Frente Única Antifascista); 11 – *Orientação Socialista* (1946-1948, Partido Socialista Revolucionário); 12 – *O Proletário* (1935-1936, órgão do Comitê Regional de São Paulo da Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas)); 13 – *Pela Quarta Internacional* (1935-1937, órgão, respectivamente, da Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas), Grupo Bolchevique-Leninista); e 14 – *Sob Nova Bandeira* (1937, órgão do Partido Operário Leninista).

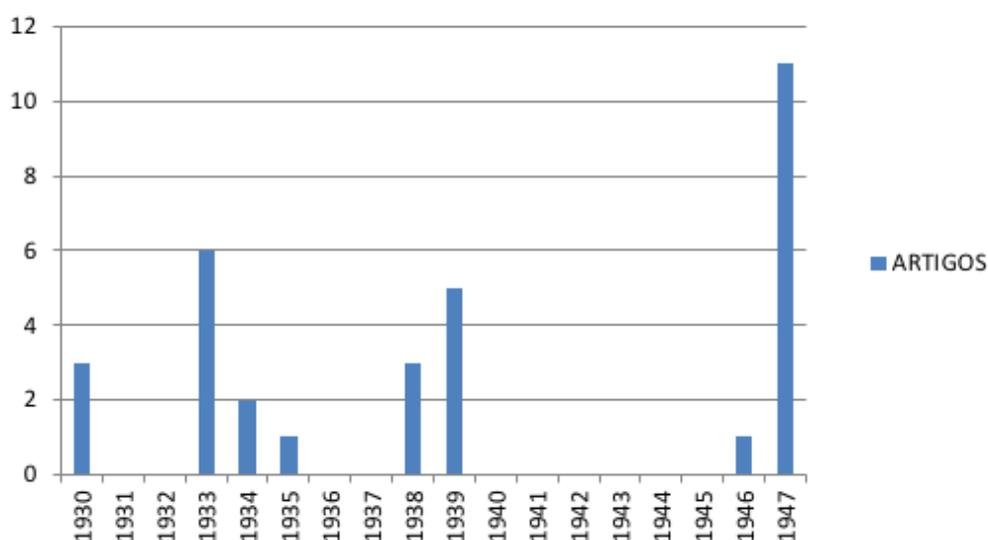
¹⁴ 1 – A ideologia “kuomingtanguista” e as Ligas Anti-Imperialistas. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul.1930, p. 1-2; 2 – LYON [pseudônimo de Livio XAVIER]. A última agitação política e as novas posições do imperialismo. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº

encontra em meio a um total de cerca de 1.200 textos, dentre os periódicos que hoje ainda podem ser consultados e que escaparam à sanha devastadora da repressão brasileira. Nesse conjunto, em torno de 1.200 textos, excluindo-se os dedicados à América Latina, encontra-se uma parte significativa, é óbvio, que é dedicada à política brasileira e à atuação dos stalinistas brasileiros; outra, evidentemente, dedica-se às questões internacionais, tendo em boa parte o continente europeu

3, jul.1930, p. 2; 3 – Na Argentina, *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul.1930, p. 3; 4 – LOTANA, José. O que é a ditadura de Gomes, na Venezuela. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 4, 17/06/1933, p. 1; 5 – Mais desempregados que habitantes: este recorde pertence a Antofagasta – Chile. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 9, 24/07/1933, p. 5; 6 – LIGA Comunista Internacionalista. Situação Internacional (Texto adotado pela Conferência Nacional). *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, 29/07/1933, p. 2; 7 – A América do Sul na política mundial. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 11, 14/08/1933, p. 1 e 4; 8 – Cuba, ou o fim de um “governo forte”. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 12, 22/08/1933, p. 3; 9 – R. M. [pseudônimo de Mario Pedrosa] O dilema de Cuba. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 15, 23/09/1933, p. 2; 10 – Cuba e a Internacional Comunista. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 19, 22/02/1934, p. 8 [extraído de *Claridad Proletária*, órgão da Liga Comunista da América do Norte, em espanhol, nº 5, jan.1934]; 11 – A vida de nossa organização internacional: Chile. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 21, ago. 1934, p. 2; 12 – A luta contra o imperialismo. *A Luta de Classe*. S.l. [São Paulo], abr. 1935, p. 1-2; 13 – N. Defesa do povo brasileiro ou a defesa do imperialismo Anglo-Americano: A propósito do “16 de Julho”. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 36 (I), 01/01/1938, p. 3-5; 14 – ANDRADE [pseudônimo de Febus Gikovate]. Sob o tacho do imperialismo ianque. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 39 (5), 23/04/1938, p. 1-2; 15 – TROTSKY, Leon. México e o imperialismo britânico. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], s/nº [40], 25/09/1938, p. 5-6; 16 – O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 1, 2,3; 17 – O acordo econômico entre os Estados Unidos e o Brasil. *Boletim* (Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)). São Paulo, ano I, nº 3, 01/05/1939, p. 4-6; 18 – TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 1, 4, 5, 6; 19 – PARTIDO Socialista dos Operários dos Estados Unidos [MARIO PEDROSA]. O Imperialismo americano em Lima. *Boletim* (Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil). Rio de Janeiro [São Paulo], ano I, s/nº, 06/08/1939, p. 1-7; 20 – QUARTA Internacional. Bureau-Americano Oriental [MARIO PEDROSA]. Manifesto do Bureau Americano-Oriental, Subsecretariado da IV Internacional. *Boletim* (PSR). Belo Horizonte [São Paulo], ano I, nº 3, 01/11/1939, p. 1-3; 21 – ANTONIO. Tribuna Proletária Livre: A industrialização dos países coloniais e semicoloniais. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 3, 05/12/1946, p. 2; 22 – Dois deputados e um senador trotskistas na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 6, 03/02/1947, p. 1; 23 – As últimas eleições na Bolívia: deputados e senadores trotskistas. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 7, 05/03/1947, p. 4 e 3; 24 – O proletariado do Peru em luta. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 8, 20/03/1947, p.4; 25 – A revolução no Paraguai. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 8, 20/03/1947, p. 4; 26 – Conferenciam em Quitandinha o leão e as ovelhas: O “acordo” em preparo Brasil – Estados Unidos. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 16, 20/08/1947, p. 4 e 2; 27 – HORÁCIO. O poder dos sindicatos na Argentina. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 2; 28 – Videla massacra os trabalhadores chilenos. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 4; 29 – Terror governamental contra os Trotskistas na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 4; 30 – Flagrantes das Lutas Proletárias: Poderosas greves na Argentina. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 19, 2ª quinzena nov.1947, p. 2; 31 – Anti-imperialismo e burguesia “progressista”. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 20, 2ª quinzena dez. 1947, p. 1 e 2; 32 - Flagrantes das Lutas Proletárias: recrudescer o terror de Herzog na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 20, 2ª quinzena dez. 1947, p. 3.

em perspectiva (Alemanha, Espanha, França e União Soviética, em especial) e outros continentes, em particular o asiático, com a China. Além disso, há textos dedicados a questões teóricas e aqueles consagrados às Internacionais, à Segunda, à Terceira e à Quarta, essas últimas em maior volume, mas não enfocados em questões nacionais e sim gerais. Cronologicamente, os 32 textos se dividem como exibido no gráfico abaixo:

ARTIGOS SOBRE AMÉRICA LATINA



Fonte: Gráfico organizado pelo autor, com base nos artigos indicados na nota 13.

Em segundo lugar, tais textos podem ser acomodados cronologicamente em duas fases distintas divididas em três períodos. À primeira fase pertencem aqueles textos em que o continente ou os seus países isoladamente (além, por óbvio, daqueles que noticiam apenas as atividades ou o surgimento das seções latino-americanas da internacional trotskista) inserem-se no âmbito de uma crítica à orientação stalinista para os países “coloniais e semicoloniais”. A segunda é a dos textos que tratam da América Latina como um todo, dentro do qual se insere o Brasil. Já os três períodos são os que vão de 1930-1935 (com uma interrupção entre 1931 e 1932), de 1938-1939, e de 1946-1947. Eles podem ser subdivididos em relação às fases: na primeira, podem ser incluídos os textos produzidos de 1930-1935 e de 1946-1947 e, na segunda, os de 1938-1939.

A crítica que marca o primeiro período, em especial nos anos 1930-1935, é a referente à orientação dedicada pela Internacional Comunista aos países coloniais e semicoloniais, em especial aos semicoloniais, categoria na qual o

Brasil fora inserido no VI Congresso da IC, de 1928. Tal orientação perdurou até 1935, mesmo que, ao seu final, de forma mitigada. Tal diretriz se fundava no pressuposto de que em tais países a revolução socialista deveria se dar através de fases específicas e seguir, necessariamente, determinada ordem e sequência.

Sempre tendo como trágico exemplo a chamada “revolução a retalhos” (forma como os trotskistas brasileiros denominavam a revolução em etapas), o caso da China, os trotskistas em todo esse primeiro período evocavam a América Latina ou a questão do imperialismo lançando sua crítica a tal concepção:

O imperialismo é uma tendência inata ao capitalismo, e que com ele se desenvolve. É, pois, impossível extinguir o imperialismo sem destruir o capitalismo, abolir a propriedade privada dos meios de produção. Pretender o contrário, como a Aliança Nacional Libertadora; pretender lutar contra o imperialismo sem lutar contra a burguesia nacional; pretender extinguir o imperialismo no território nacional sem abolir a propriedade privada, sem transformá-la em propriedade socialista, é caminhar para um fracasso certo ou, apenas, favorecer o imperialismo de uma potência, em detrimento do de outras. É o que prova a dura experiência chinesa. [...] O que se processou na China na escala da tragédia, reproduz-se no Brasil, na escala de comédia.¹⁵

149

Às vezes, a crítica assumia tom sarcástico, como o fazia Livio Xavier:

O P.C.B. tem saltado da coceira “kuomingtanguista” de 1927 à Coluna Prestes, da *aliança orgânica* à ligação com a *vanguarda* da pequena burguesia (?), do “*Agrarismo e Industrialismo*”, do camarada Brandão, à última “pastoral” da I.C. sobre a questão brasileira. Por este último modelo de previsão marxista, tem-se ideia do que podem ser a teoria e a prática do setor brasileiro. Mas nós sabemos todos que este não tem desmerecido o quartel general.¹⁶

Com vívida percepção de que a luta contra o imperialismo não se fazia seguindo “etapas”, Livio Xavier conseguiu antever, em 1930, o que ocorreria, no caso brasileiro, em 1935:

Mas os interesses primordiais da burguesia *yankee* relativamente à América do Sul não mudaram: a monopolização desta parte do mundo como produtora de matérias-primas e como escoadouro para a sua formidável produção industrial a qual não pode deixar de tender para a abertura pacífica ou guerreira de novos mercados.

¹⁵ A luta contra o imperialismo. *A Luta de Classe*. S.l. [São Paulo], ano V, nº 22, abr.1935, p. 2.

¹⁶ LYON [pseudônimo de Livio Xavier]. A última agitação política e as novas posições do imperialismo. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul. 1930, p. 2. Grifos do original.

De como se dá essa penetração “pacífica” do capital *yankee* no Brasil tem mais consciência o cônsul dos Estados Unidos em São Paulo do que as resoluções da I.C. e do P.C.B. que pregam uma abstrusa concepção de imperialismo a qual leva direto à “ação anti-imperialista” (manifestos, ligas e partidos), caminho certo pelo pior confucionismo ao “putschismo” (por exemplo, o caso recente da Bolívia).¹⁷

Curiosamente, embora separados pelo tempo, os escritos de 1946-1947 possuem esse mesmo espírito. Dedicam-se mais a fustigar as orientações do PCB, e sua visão sobre o imperialismo, que buscar enxergar e compreender a América Latina e suas conexões com o Brasil. Na verdade, só aqui há uns poucos textos que têm essa perspectiva, pois a maioria esmagadora dos textos desse período se dedica a noticiar e comentar ou a ação das organizações trotskistas, especificamente no caso da Bolívia, ou episódios conjunturais envolvendo a luta dos trabalhadores de países sul-americanos.

Há aqui, no entanto, um sutil movimento de mudança, que se concretizaria no segundo período, mas que não introduziu alterações nas características desse primeiro momento. Os trotskistas brasileiros haviam iniciado em 1930 “a mais consistente reflexão do ponto de vista marxista sobre a formação social brasileira”¹⁸, com o texto de Mario Pedrosa e Livio Xavier, “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”¹⁹.

Particularmente para a conjuntura de 1930, a supracitada obra deixou de lado as formulações e a visão simplista do PCB, tomadas dos modelos da Internacional Comunista, que haviam sido criados para os “países coloniais e semicoloniais”, durante a hegemonia do chamado “Terceiro Período”. Aquelas análises viam no Brasil apenas confrontos entre campo e cidade, entre conservadores e progressistas, entre os imperialismos inglês e americano.

O texto de Pedrosa e Xavier aponta, de um lado, que o desenvolvimento das forças produtivas brasileiras resultou em centralização do aparelho de Estado e, de outro, nos acordos de compromisso e conciliação entre as facções políticas

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 171.

¹⁹ Datado de 12 de outubro de 1930, foi publicado em 1931, na França e no Brasil, nos órgãos oficiais das respectivas seções da Oposição de Esquerda Internacional. M. C. [Mario Pedrosa] e L. L. [Livio Xavier] Esboço de análise da situação brasileira. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano II, nº 6, fev.-mar. 1931, p. 3-4; M. Camboia e L. Lyon. Esquisse d'une analyse de la situation économique et sociale au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, 4.e année, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158.

burguesas regionais em disputa. Mas os trotskistas consideraram que era necessário aprofundar a análise. Mario Pedrosa, em 1938, em uma carta a Livio Xavier, narra-nos esta mudança:

Não se pode abstrair nem por um minuto a contradição das duas tendências fundamentais da economia do Brasil: direção do mercado interno, direção do mercado externo. Aliás, essa contradição tão visível já agora é determinante [...] Aliás, como explicar a irreconciliabilidade, diante de tudo, apesar de tudo, permanente, entre PRP e PC aí em S. Paulo, por exemplo? Outro fator que não se pode abstrair nem subestimar é o fenômeno constante da queda da hegemonia do café, apenas iniciada em 30 mas sobretudo pronunciada depois de 1932, com a nova conjuntura favorável surgida em 1934. [...] Não se pode também menosprezar o surto industrial havido desde 1930 (sobretudo 1932) e teve como consequência uma luta muito mais pronunciada entre interesses industriais e agrários do que em 1930 que apenas se esboçara. [...] Por todos esses fatores econômicos de enorme importância e que em 30 apenas se esboçavam, é que temo que colocar o problema exclusivamente nas bases da análise de 30 é arriscar-se a não apreender a situação em toda a sua complexidade econômica atual, ficando em termos muito gerais e talvez demasiadamente políticos. Havia na análise de 30 (e algumas vezes trocamos ideias a respeito, e se lembre que por assim dizer tacitamente, principalmente a partir de 32, nós, eu e você, sempre procuramos completar as deficiências daquela análise a esse respeito) uma relativa deficiência na questão do imperialismo que ao fazer uma reação justa às fantasias maníaco-depressivas de Brandão – Ast.[rojildo] de 1929-30 em matéria de imp.[erialismo] não conseguia, entretanto, apesar dos esforços, sair de uma definição quase doutrinária e abstrata do fator imperialista. [...] Depois, diante do fracasso por demais escandaloso do esquema Brand.[ão], o próprio p.[artido] fez uma reviravolta e não só adotou as n.[ossas] posições sobre a questão como acabou por ir muito além. Conosco se dava precisamente o contrário, pelo menos o nosso esforço era num sentido contrário – partir das generalizações de 30 para chegar a uma aproximação bastante concreta ou precisa das posições dos diversos imp.[erialismos] no país. E quando todo mundo desatou a só falar em lutas de blocos regionais em torno do bloco central como única explicação dos acontecimentos pol.[íticos] desde 30, nós, ao contrário, sentíamos cada vez maior necessidade de completar o esquema de 30 e sobretudo evitar por todos os meios a sua simplificação.²⁰

²⁰ Carta de Alberto [Mario Pedrosa] a Meu velho [Livio Xavier]. Paris, 06/08/1938 (Fundo Livio Xavier – Acervo CEMAP/INTERLUDIUM-CEDEM).

A mudança de foco é perceptível em artigos, a maioria deles sem assinatura, publicados nas páginas de *O Homem Livre*, o órgão da Frente Única Antifascista, onde se examinam os imperialismos britânico ou estadunidense, tanto na esfera mundial como no continente americano e na América Latina. Mas é essencial se entender tais textos como integrantes desse movimento de compreensão mais amplo do fenômeno imperialista, sem que houvesse, todavia, foco específico na América Latina, compreendida como unidade cultural e política da qual o Brasil fazia parte.

Já para o segundo período, há mudança substancial na apreciação dos trotskistas brasileiros a respeito da América Latina. Em seu início, ainda é possível encontrar, no exame da questão do imperialismo, texto em afinidade com a postura prevalente até 1935. Nele, o foco fica restrito à luta de genéricos “países coloniais ou semicoloniais”, na defesa de seus interesses em favor da ditadura do proletariado e contra os posicionamentos do stalinismo em favor do chamado “imperialismo democrático”, ou seja, dos Estados Unidos:

A saída da situação atual não está na democracia vaga que nunca existiu no Brasil, nem em algum outro país colonial ou semicolonial, mas sim na ditadura do proletariado, que à testa de todos os explorados e encarnando os interesses de todo o povo, levará a efeito as tarefas da revolução democrática e nacional libertadora, tarefas que a burguesia nacional não está mais em condições de realizar. [...] O problema consiste, pois, na escolha entre as duas alternativas seguintes: Ou marchar com o “grupo de republicanos” do [jornal, dk] *16 de Julho*, com o stalinismo, com os Pedro Aleixo, generais Pantaleão Pessoa e Cia. para a defesa do imperialismo “democrático” e para a restauração das misérias e infâmias da 2ª República; ou caminhar com o proletariado e com as massas trabalhadoras das cidades e dos campos, sob a bandeira da revolução proletária, sob a bandeira de Marx-Lênin-Trotsky, sob a bandeira da 4ª Internacional, para a libertação de todos os explorados, para a ditadura do proletariado e para o socialismo.²¹

²¹ N. Defesa do povo brasileiro ou a defesa do imperialismo anglo-americano: a propósito do “16 de Julho”. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 36 (I), 01/01/1938, p. 4-5. *16 de Julho* é o título de um periódico que em seu nome alude à data de promulgação da constituição de 1934. Pedro Aleixo (1901-1975), político de Minas Gerais. Foi membro da UDN e vice-presidente da República no governo do golpista general Costa e Silva, de 1967 a 1969. Pantaleão Pessoa (1885-1980), militar. Foi chefe do gabinete militar da Presidência da República, de 1932 a 1935 e, posteriormente, chefe do Estado-Maior do Exército, entre 1935 e 1936. Ligado aos integralistas, participou da conspiração para derrubar Getúlio Vargas no *putsch* tentado pelos fascistas brasileiros de maio de 1938.

Pouco tempo depois, no entanto, esse enfoque começou a se alterar. O Brasil, com referência ao imperialismo estadunidense, passou a ser examinado em comparação com outros países latino-americanos. O dirigente do Partido Operário Leninista, Febus Gikovate, destacava o paradoxo de uma medida de Vargas (o decreto de fechamento das escolas estrangeiras - alemãs, italianas, japonesas, judaicas etc.) que era apresentada como ato contra a infiltração fascista, quando, na verdade, tratava-se de ação realizada por “ditadura policial-militar que copia os métodos fascistas”: “não se pode combater o fascismo em nome de princípios brutais e reacionários”. Gikovate amplifica o paradoxo quando, ao destacar que tal ação foi uma demanda do imperialismo estadunidense, compara a atuação dos Estados Unidos com México e Brasil:

Os Estados Unidos que impõem a Getulio esta medida “democrática” se arvoram neste momento em defensores dos magnatas americanos, donos das explorações petrolíferas, expropriadas pelo governo do México, que há decênios sugam o sangue do proletariado e do povo mexicano. O ato de Cárdenas, tipicamente anti-imperialista e imposto pelas organizações operárias e populares do México, encontra a mais viva oposição por parte do “campeão da democracia Roosevelt”. Como esperar de um governo inteiramente enfeudado aos Estados Unidos medidas que possam vir a beneficiar direta ou indiretamente as massas trabalhadoras? Como aplaudir um ato que traz o selo da luta anti-imperialista que atinge uma agudez extrema nas vésperas da guerra, no período de preparação febril para a carnificina mundial? ²²

Além de tomar um país latino-americano como elemento de comparação com o Brasil (lembremos que anteriormente o termo preferencial de comparação era a China), aqui já é importante reter outra questão: a da conexão entre os visíveis preparativos para os futuros combates da II Guerra Mundial e as iniciativas de controle político e econômico que os Estados Unidos já realizavam para consolidar seu poder no continente latino-americano. E, por fim, com o paradoxo ressaltado por Gikovate, ou seja, o de defender a “democracia” contra o fascismo para efeitos externos e internamente continuar a empregar métodos fascistas. Cumpre destacar que essa forma de compreensão sobre o governo de Vargas, destacada pelos trotskistas, somente foi utilizada por outras correntes políticas, inclusive conservadoras (num primeiro momento de modo cauteloso e brando), quando da

²² ANDRADE [pseudônimo de Febus GIKOVATE]. Sob o tacho do imperialismo ianque. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, n° 39 (5), 23/04/1938, p. 1.

campanha pela entrada do Brasil na Segunda Guerra, em 1942, e, mais tarde, em 1945, de forma enfática, para a derrubada de Vargas.

No número seguinte de *A Luta de Classe*, em setembro de 1938, o POL retomou a questão mexicana. Dessa vez, fazendo uso de um texto do próprio Trotsky sobre o boicote da Grã-Bretanha ao petróleo do México. Ali, o dirigente da IV Internacional identificava o governo inglês como agente dos exploradores do petróleo e integrante de uma campanha internacional contra o governo Cárdenas:

O governo do Sr. Chamberlain mostrou com um cinismo absolutamente sem precedentes que os lucros dos bandidos imperialistas estão para ele acima dos interesses do Estado. É esta a conclusão fundamental de que as massas e os povos oprimidos devem se lembrar!²³

No ano seguinte, os trotskistas brasileiros tornaram ainda mais clara sua aproximação às questões latino-americanas. Em dezembro de 1938, na cidade de Lima, no Peru, ocorrera a VIII Conferência Pan-Americana. Em seu documento final, apesar de seu caráter de recomendação (como resultado das resistências da Argentina), a conferência reafirmava a solidariedade continental, enfatizando que, em caso de intervenção exterior no continente, no que se refere a questões americanas e, mais, em caso de haver ameaças à paz e à integridade territorial de qualquer país-membro, os demais países deveriam se unir para repeli-las. Além disso, a conferência adotou princípios que tinham como alvo as atividades da Alemanha, do Japão e da Itália no continente, como a restrição aos direitos de minoria e às atividades políticas dos estrangeiros. Além disso, no campo econômico, condenou os tratados comerciais baseados em permuta, incluiu produtos alemães em “lista negra” etc. Frente aos resultados da conferência, os trotskistas deixaram claro o que se passara ali:

A recente conferência de Lima marca o início da vigorosa contraofensiva do capital financeiro norte-americano à penetração dos imperialismos alemão e japonês na América. Representa também uma etapa avançada da realização do plano de por em prática a doutrina de Monroe: a América para o imperialismo ianque. Na nova fase de redistribuição do mundo entre as potências imperialistas [...] o imperialismo iaque toma posição e reserva a América para sua influência exclusiva.²⁴

²³ TROTSKY, Leon. México e o imperialismo britânico. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], s/nº [40], 25/09/1938, p. 5. O texto de Trotsky, como informava *A Luta de Classe*, foi traduzido do órgão da seção francesa da IV Internacional *Lutte Ouvrière*, de 01/07/1938.

²⁴ O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 1.

O artigo prosseguia afirmando que a conferência fora mais uma batalha travada na guerra entre o que se chamava de “imperialismos famintos” (Alemanha, Itália e Japão) e os imperialismos coloniais (França e Inglaterra) e o estadunidense²⁵. Retardatários na “partilha do mundo”, os “famintos” se voltaram àquelas regiões que estavam fora dos “impérios coloniais fechados” e, por isso, encontraram na América Latina campo promissor. Tal forma de ação se revelara para a Alemanha, em particular. No Brasil, em 1937, a Alemanha chegara a alcançar o primeiro lugar entre os exportadores, embora seja importante ressaltar que parte significativa do incremento da Alemanha, da Itália e do Japão tivesse se dado em detrimento da França e da Inglaterra e como resultado das novas formas de comércio adotadas pelos “famintos”. Frente a essa penetração nos países latino-americanos, prossegue o texto, o imperialismo decidira contra-atacar os “famintos”:

A bandeira para essa ofensiva já estava pronta. Tratava-se de opor a democracia burguesa ao fascismo como dois regimes políticos irreconciliáveis entre os quais iria travar-se a batalha da qual dependeria o destino da humanidade. Escamoteava-se o conteúdo econômico da luta interimperialista, surgindo em seu lugar duas ideologias despidas inteiramente de qualquer base material. [...] Também o imperialismo americano resolveu lançar-se à ofensiva em nome da democracia, erigindo-se em defensor de toda a América, contra as ameaças iminentes de invasões fascistas partidas da Europa.²⁶

155

Os trotskistas, mais uma vez, desmontaram o discurso de “democracia” versus fascismo ao lembrar que, dos vinte países latino-americanos reunidos em Lima, somente três deles (Chile, Colômbia e México) possuíam regime democrático, além de outros dois (Argentina e Cuba) serem o que se poderia chamar de semiditaduras. Nos quinze restantes, “campeia sem rebuços a ditadura policial-militar mais feroz”, apesar de, na conferência, ficarem discursando em defesa da “democracia” contra o fascismo. No caso do Brasil, os trotskistas consideravam que defender a democracia sob o regime do Estado Novo era “um verdadeiro escárnio lançado à classe trabalhadora e ao povo trabalhador do Brasil”²⁷.

²⁵ Estas categorizações reproduzem aquelas dadas aos imperialismos no texto fundacional do POL: [PEDROSA, Mario]. A situação nacional. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em Junho de 1937. [RJ]: Partido Operário Leninista, 1937.

²⁶ O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 2.

²⁷ *Ibidem*, p. 3.

Enfim, deixavam claros os objetivos do imperialismo estadunidense e do seu presidente Roosevelt, que eram os de assegurar “o domínio econômico e militar de toda a América, como primeiro passo para a luta pela hegemonia mundial”. Isso garantiria a riqueza almejada pelo imperialismo estadunidense:

Na realidade o Brasil e os outros países semicoloniais são o campo de batalha *da luta interimperialista que atingiu agora uma intensidade nunca vista*. Americanos, ingleses, alemães e italianos veem nestes países fontes de matérias-primas e possibilidades duma taxa de exploração tentadora para o excesso dos capitais, em virtude do preço vil da força de trabalho nacional. O atraso econômico destes países, a miséria dos trabalhadores da cidade e das populações do campo, são as conseqüências inevitáveis da exploração imperialista, quer se trate de exploradores americanos ou alemães. Os governos de opressão do tipo Getulio ou Benavides são indispensáveis para impedir a revolta das massas oprimidas contra os exploradores imperialistas e os seus aliados, os burgueses e latifundiários nacionais²⁸.

Encerrando o texto ao lançar um apelo à revolução, os trotskistas não deixavam de criticar os stalinistas latino-americanos por sua postura, caudatária da política de frente popular, de enxergar como benéfica a proteção dos Estados Unidos frente à agressão fascista. Para *A Luta de Classe*, tal fato abriria “caminho para a intensificação da exploração imperialista e para o reforço das cliques dirigentes locais”, colocando de lado o verdadeiro inimigo: o imperialismo, “com ou sem camisa aliado das ditaduras policiais-militares”²⁹.

Na sequência, agora nas páginas do órgão do Comitê Regional do PCB de S. Paulo (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)³⁰, discutiu-se o acordo econômico assinado entre Brasil e Estados Unidos, logo após a Conferência de Lima. O acordo, em seus principais pontos, tratava da liberação do câmbio para facilitar a transferência de lucros de capitais empregados no Brasil por cidadãos estadunidenses e da retomada do pagamento da dívida externa brasileira, que havia sido suspenso há alguns anos. O trato marcava a “sujeição

²⁸ *Idem*. Grifos do original. Óscar Raimundo Benavides Larrea (1876-1945), presidente peruano por duas vezes, 1914-195 e 1933-1939, sendo que no segundo mandato o seu governo tomou formas ditatoriais.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Na edição da publicação, o comitê já deixara de existir. Constatando a completa falência da IC, acabara de constituir com o POL o Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil, o qual poucos meses depois daria origem ao PSR.

completa da economia brasileira ao imperialismo ianque”, o qual, por sua vez, garantia com isso uma importante conquista no processo de assegurar o controle da América Latina. Para fazer frente a esse quadro, os trotskistas propunham um programa anti-imperialista, cuja base seria a conquista das “mais leves concessões democráticas”, que, por sua vez, produziriam a mobilização dos trabalhadores

contra a proteção escandalosa às gananciosas empresas imperialistas americanas; contra a exportação do nosso ouro para as arcas dos banqueiros de Wall Street; contra o reinício de pagamento das dívidas externas; contra a transformação do Brasil em apêndice dos Estados Unidos; contra a deformação intencional da nossa economia; contra a mutilação das possibilidades de desenvolver, por pouco que seja, a indústria e o mercado interno. [...] A luta contra o imperialismo americano não permite transigência de espécie alguma com os agentes famintos dos imperialismos esfomeados. A luta anti-imperialista é uma só. O proletariado e as massas trabalhadoras não distinguem entre exploradores fascistas e “democráticos”.³¹

Frente ao iminente desencadeamento da guerra, os trotskistas brasileiros julgaram importante divulgar artigo de Leon Trotsky, publicado originalmente em dezembro de 1938, em que ele apresentava as posições defendidas por Lênin quando do desencadeamento da Primeira Guerra Mundial. Nele, Trotsky ressaltava as ideias de Lênin para mostrar como a guerra de 1914-1918 não era mais como as anteriores, de caráter nacional, quando se formaram Estados em que as forças produtivas e culturais puderam se desenvolver. A transformação, em especial no continente europeu, em Estados de capitalismo monopolista ou imperialista, levou à decadência, pois as forças produtivas não mais eram limitadas ao Estado nacional. Isso fez com que os imperialismos buscassem, através de novas guerras, redividir e redesenhar o mapa do planeta. As guerras nacionais cederam espaço às guerras imperialistas, desenvolvendo caráter completamente reacionário.

Trotsky aproveitou para examinar, a partir dos problemas tratados por Lênin, questões que se colocavam no âmbito dos chamados países coloniais e semicoloniais:

O imperialismo despótico das nações avançadas não pode existir senão porque em nosso planeta existem nações atrasadas, povos oprimidos, países coloniais e semicoloniais. A luta dos povos

³¹ O acordo econômico entre os Estados Unidos e o Brasil. *Boletim* (Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)). São Paulo, ano I, nº 3, 01/05/1939, p. 6.

oprimidos por sua unificação e independência nacionais tem um caráter duplamente progressista, já que, por um lado, prepara para eles mesmos condições propícias para sua evolução e que, por outro lado, assesta golpes no imperialismo. Disso resulta, em particular, que na luta entre uma civilizada e democrática república imperialista e uma monarquia atrasada, bárbara, num país colonial, os socialistas estarão inteiramente do lado do país oprimido, apesar de ser uma monarquia, contra o país opressor embora seja uma “democracia”.³²

A esse propósito, em entrevista concedida ao sindicalista argentino Mateo Fossa (1896-1973) em setembro de 1938, no México, Trotsky desenvolveu o mesmo argumento, utilizando o Brasil como exemplo:

Tomo um exemplo simples e claro. No Brasil governa um regime semifascista, o qual todo revolucionário deve odiar. Suponhamos, no entanto, que amanhã a Inglaterra entrasse em conflito militar com o Brasil. Eu lhe pergunto: De que lado do conflito deveria estar a classe trabalhadora? De minha parte eu lhe respondo: Neste caso estarei ao lado do Brasil “fascista” contra a Inglaterra “democrática”. Por quê? Porque no conflito entre eles não se trata, de modo algum, de uma questão de democracia ou de fascismo. Se a Inglaterra vencesse, instalaria outro fascista no Rio de Janeiro e colocaria novas e mais pesadas cadeias ao Brasil. Ao contrário, se o Brasil triunfasse isto daria um poderoso impulso à consciência nacional e democrática do país e levaria à derrubada da ditadura de Vargas. Ao mesmo tempo, a derrota da Inglaterra seria um golpe no imperialismo britânico. Enfim, é preciso ter uma cabeça vazia para reduzir os antagonismos mundiais e os conflitos militares à luta entre fascismo e democracia. É preciso saber reconhecer os exploradores, os escravistas e os bandidos debaixo de quaisquer máscaras.³³

Todavia, aparentemente os seus camaradas do Brasil não viram com bons olhos a analogia, entendendo estar ali uma espécie de concessão a Vargas, a quem os trotskistas brasileiros rejeitavam completa e incondicionalmente. Isso fez com que essa entrevista só fosse publicada no Brasil mais de meio século depois. Como sabemos, por sua correspondência com Charles Curtiss, Pedrosa vinha enviando o *Boletín de Información* do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional aos

³² TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 4.

³³ TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Entrevista Trotzky-Fossa. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 4, s.d. [Dez.1938 ou Jan.1939?], p. 23-24. Esta entrevista foi publicada pouco antes no órgão da seção estadunidense (TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Anti-Imperialist Struggle is Key To Liberation, Trotsky Tells Mateo Fossa. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. II, nº 48, 05/11/1938, p. 3).

seus camaradas do Brasil (como foi possível confirmar através da tradução e da publicação de uma série de artigos do *Boletín* na imprensa trotskista brasileira). Por isso, é muito improvável que os trotskistas brasileiros não tenham tido acesso à entrevista de Fossa com Trotsky, já que ela foi publicada tanto no *Boletín de Información*, dedicado ao Congresso de fundação da IV Internacional, como no semanário do SWP, o *Socialist Appeal*.

Trotsky prossegue seu texto relembrando que os objetivos do imperialismo não haviam se alterado. A conquista de colônias, de mercados, de fontes de matérias-primas e o domínio de segmentos de influência eram encobertos com o discurso chauvinista de defesa da pátria, da paz e da democracia. Contudo, Trotsky destacava também o que havia mudado, ao longo dos vinte e cinco desde que Lênin havia discutido a questão, em especial em relação aos países coloniais:

O imperialismo assumiu um caráter ainda mais despótico e opressor. Sua expressão mais lógica chegou a ser o fascismo. As democracias imperialistas baixaram alguns graus e se converteram, de modo natural e orgânico, em fascismo. A opressão colonial torna-se tanto mais insuportável quanto mais vai despertando, nos povos coloniais, o afã de independência nacional. Em outras palavras, todos aqueles traços que estão na base da doutrina de Lênin sobre a guerra imperialista assumiram agora um caráter incomparavelmente mais forte e agudo.³⁴

Além disso, Trotsky não deixava de destacar o que se acrescera naqueles vinte e cinco anos no que se refere ao campo do movimento dos trabalhadores:

Se Lênin, um quarto de século atrás, classificou de social-chauvinismo e social-traição a passagem dos socialistas para o lado do imperialismo nacional, sob o pretexto de defesa da democracia e da cultura, na hora atual resulta, conforme os princípios de Lênin, muito mais criminoso. Não é difícil adivinhar como chamaria Lênin os atuais dirigentes da Internacional Comunista – que ressuscitaram todos os sofismas da II Internacional, agora quando a decomposição da civilização capitalista é muito mais profunda. O paradoxo fatal consiste em que os mesmos epígonos da Internacional Comunista, tendo convertido sua bandeira em um trapo sujo para varrer o chão atrás da oligarquia do Kremlin, chamam de “renegados” aqueles que permanecem fieis à doutrina do fundador da Internacional Comunista.³⁵

³⁴ TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 6.

³⁵ *Idem*.

Enfim, os trotskistas brasileiros adicionaram mais um elemento ao seu arsenal teórico no sentido da compreensão das peculiaridades vividas nos países latino-americanos, em especial o peso adicionado pelo imperialismo estadunidense no sentido de reforçar seus poderes no continente.

Curiosamente, os dois últimos textos que tratavam da América Latina eram de Mario Pedrosa (embora dificilmente os trotskistas brasileiros soubessem naquele momento de sua real autoria). Esses manifestos de Pedrosa levavam a assinatura, respectivamente, da seção estadunidense da IV Internacional, do SWP e do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional. Apesar de datados e publicados originalmente por conta de circunstâncias distintas (logo após a Conferência de Lima e do início da Segunda Guerra Mundial, respectivamente), em ambos o foco estava no quadro que se desenhava nos países latino-americanos. Em outras palavras: em suas relações com o imperialismo estadunidense, com mais intenso e incisivo controle deste sobre aqueles.

O manifesto de Pedrosa, assinado pelo SWP, foi publicado no Brasil em boletim do Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil, composto pelo POL e pelo Comitê Regional do PCB da Região de São Paulo (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda), que naquele mesmo mês de agosto de 1939 se transformaria no Partido Socialista Revolucionário³⁶.

No manifesto, Pedrosa e o SWP chamavam a atenção para uma particularidade em relação à América Latina nas ações dos Estados Unidos com vistas à guerra que então se desenhava. Enquanto em outras partes do mundo o governo estadunidense desenvolvia ações de forma puramente econômica (“guerra contra o controle comercial, restauração da completa liberdade de comércio, pela redução dos direitos de importação, empréstimos etc.”), no continente americano elas eram mais políticas. Isso é, a ação estadunidense se voltava para a busca de “declarações coletivas contra os agressores e propostas de formação de alianças defensivas com planos de estratégia militar”.

³⁶ [PEDROSA, Mario] PARTIDO Socialista Operário dos Estados Unidos (SWP). O imperialismo americano em Lima. Declaração do Partido Socialista Operário dos Estados Unidos. *Boletim*. Rio de Janeiro [São Paulo], 06/08/1939, p. 1-7. Esse manifesto de Pedrosa também foi publicado em: [_____] SOCIALIST Workers Party. Yankee imperialism at Lima. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. III, nº 1, 07/01/1939, p. 1 e 3. [Datado de dezembro de 1938, sua autoria, bem como sua reprodução integral também estão em BREITMAN, George (Ed.). *The Founding of the Socialist Workers Party: Minutes and resolutions, 1938-1939*. Nova Iorque: Pathfinder, 1982, p. 394-406]; e [_____] Partido Socialista Obrero de los Estados Unidos. El imperialismo yanqui en Lima. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 5, maio 1939, p. 1-10.

As ações na América Latina, além de monopolizar mercados e suas respectivas matérias-primas, especialmente as destinadas a fins bélicos, tinham como meta transformar o continente latino-americano na “base físico-econômica e estratégica” das batalhas pela dominação mundial. Além disso, o conjunto das ações estadunidenses, em primeiro lugar, colocava objetivamente os países latino-americanos na condição de neocolônias. E, em segundo, ao utilizar as matérias-primas para fins bélicos na fabricação de um imenso arsenal e oferecer sua proteção militar em razão da iminente guerra, utilizaria essas armas “a fim de sufocar o movimento revolucionário de massas na luta pela independência nacional dos países semicoloniais”. Tais ações também contavam, na defesa da “democracia”, com o apoio dos governos do continente (em sua maioria, ditaduras).

O manifesto conclui afirmando que somente o combate anti-imperialista, nas suas variedades “fascistas” e “democráticas”, seria capaz de colocar fim à dominação neocolonial:

Nos países dependentes e semicoloniais da América Latina, a luta contra o fascismo não se pode manifestar de outra forma senão pela luta contra o capital financeiro, isto é, contra o capital financeiro americano que é nosso principal dominador e opressor nos dois continentes, e contra seus agentes nativos. A burguesia nacional dos países da América Latina não só não pode conduzir a luta pela independência nacional como se transforma num simples agente do imperialismo yanque. Toda a tarefa da libertação dos países da América Latina recai portanto sobre os ombros dos operários e camponeses, na sua luta contra os imperialistas e seus exploradores nacionais. [...] Mas esta luta tem de ser dirigida pela independência nacional; pela revolução agrária, distribuindo a terra entre os que a trabalham; pela expropriação dos monopólios estrangeiros; pelos direitos democráticos ilimitados ao povo e pela melhoria das condições de vida das massas. Este é o único programa que pode emancipar os milhões de escravos latino-americanos da opressão imperialista, do fascismo e das ditaduras crioulas.³⁷

O manifesto de Pedrosa não se encerrava sem denunciar a participação do stalinismo como força auxiliar do imperialismo estadunidense:

O *Pravda*, órgão pessoal de Stalin, em sua edição de 17 de abril deste ano [1938, dk], incita os Estados Unidos a adotarem uma “política exterior mais ativa” e a entrarem em uma “ação comum com todos os elementos democráticos da América Latina, como o

³⁷ *Ibidem*, p. 4 e 5.

único meio possível para resistir às forças destruidoras do fascismo”. Assim, enquanto Roosevelt arrasta os ditadores e *fíbrers* da América Latina para a “frente democrática antifascista”, os stalinistas, por sua vez, tratam de arrastar para ele mesmo os líderes populares anti-imperialistas. A suprema esperança de Stalin está em Wall Street, e ele se esforça por demonstrar o quanto pode ser útil a esta cidadela imperialista.³⁸

O derradeiro texto dessa fase “latino-americana” é outro manifesto, também de autoria de Mario Pedrosa, agora com a assinatura do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional³⁹. Tal manifesto foi escrito e divulgado imediatamente após o desencadeamento do Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelo Exército alemão. No manifesto de Pedrosa e do Bureau, reitera-se que os latino-americanos não deveriam se deixar seduzir pelos discursos patrióticos, pela paz ou pela democracia e, portanto, não deveriam se posicionar ao lado de Hitler e de Stalin e tampouco de Chamberlain, Daladier e Roosevelt. Cabia aos trabalhadores defender os seus próprios interesses, confrontando os interesses imperialistas e aproveitando essa nova guerra mundial, promovida pelos imperialismos, para realizar nova divisão no planeta, a fim de conseguir seus objetivos.

162

Novamente, os trotskistas clamavam aos trabalhadores para que não se esquecessem dos stalinistas, aqueles que pouco antes os haviam deixado indefesos frente ao fascismo, por haver concertado uma aliança com os nazistas: “Expulsai de vossas fileiras, com igual energia, aos fiéis agentes do traidor Stalin, furibundos partidários, ontem, da guerra ‘democrática’ contra o agressor fascista e hoje defensores da pérfida aliança entre Stalin e Hitler”⁴⁰.

³⁸ *Ibidem*, p. 6. Pedrosa, quando menciona “líderes populares anti-imperialistas” refere-se ao peruano Haya de La Torre, que declarou acreditar sinceramente nas declarações de Roosevelt em defesa da democracia e contra os fascistas.

³⁹ [Mario PEDROSA] QUARTA Internacional. Bureau Americano-Oriental. Manifesto do Bureau Americano-Oriental, Subsecretariado da IV Internacional. *Boletim* (editado pelo PSR). Belo Horizonte [São Paulo], ano I, nº 3, 01/11/1939, p. 1-3; [PEDROSA, Mario]. BURO Americano-Oriental, Sub-Secretariado de la Cuarta Internacional. Manifesto a los pueblos oprimidos de Latinoamérica, Asia y África! *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 6, set. 1939, p. 1-4; [_____] BURO Americano-Oriental, Sub-Secretariado da IV Internacional. A Manifesto to the Oppressed Peoples of Latin America, Asia, Africa! *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. III, nº 70, 15/09/1939, p. 1 e 4; [PEDROSA, Mario]. BUREAU Panamericano y del Pacífico. Subsecretariado de la Cuarta Internacional. Manifesto a los Pueblos Oprimidos de América Latina, de Asia y África. *Clave*. Cidade do México, nº 2, 2ª época, out. 1939, p. 46-49.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 2.

Quando Pedrosa redigira o manifesto, apenas se sabia da convocação de uma reunião continental de Ministros das Relações Exteriores para o Panamá, mas já era possível deduzir que os Estados Unidos fariam enfáticos movimentos no sentido de dar os passos finais para o absoluto controle sobre os países latino-americanos. Na I Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, realizada no Panamá entre 23 de setembro e 3 de outubro de 1939, como se sabe, decidiu-se que o continente manteria sua neutralidade frente ao conflito europeu. Em seguida, na II Reunião de Consulta, realizada em Havana entre 21 a 31 de julho de 1940, discutiu-se a ocupação da França e da Holanda pelos alemães. Isso porque ambos os países tinham colônias na América Latina. Assim, decidiu-se que qualquer tentativa de um Estado não americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado americano seria tomada como agressão aos demais. Na III Reunião, ocorrida no Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942, logo após a entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro do ano anterior, os estadunidenses ali encaminharam decisivos passos no rompimento de relações diplomáticas do continente com os países do Eixo. O Canadá já entrara em guerra no início, em setembro de 1939. Depois, já antes da III Reunião, e logo após o ataque de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, Panamá, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Haiti, Honduras, Nicarágua, Guatemala e Cuba declararam guerra aos países do Eixo. Ao longo de 1942, México e Brasil fizeram o mesmo. No ano seguinte, foi a vez de Bolívia, Colômbia e Equador. No período final da guerra, em 1945, praticamente *pro forma*, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Argentina e Chile declararam guerra.

Para compreender melhor o movimento de acentuação da percepção do papel do Brasil, no continente latino-americano, é importante levantar algumas questões. Tal mudança de enfoque não se pode dizer que seja uma decorrência direta, mas sem dúvida recebeu influência de três fatores, que se conjugam e se superpõem, sem que haja acentuada predominância deste ou daquele ou de outro.

O primeiro deles foi a chegada de Leon Trotsky ao México, no início de 1937. Quando o revolucionário soviético chegou ao México, em 9 de janeiro de 1937, em sua primeira declaração feita em solo latino-americano, Trotsky afirmou que entre seus planos estava o de adquirir profundo conhecimento sobre o México e a América Latina, pois avaliava que seu domínio sobre essas regiões era

insuficiente⁴¹. Quando o local de exílio de seu principal militante se deslocou da Europa para a América Latina, o conjunto da militância trotskista passou a buscar ampliar e solidificar sua compreensão por aquele continente. Esse conhecimento, como se pode perceber pelas publicações dos trotskistas e pela criação de vários outros periódicos, como *Clave*, dirigida por Trotsky e seus companheiros mexicanos, sofreu significativo crescimento⁴².

Àquele se conectou o segundo fator: a ida de Mario Pedrosa ao exterior para exílio, em 1938, e sua atuação no Secretariado Internacional da IV Internacional. A estadia de Pedrosa, num primeiro momento em Paris, onde foi um dos organizadores do Congresso de fundação da IV Internacional, e depois em Nova Iorque, onde assumiu a responsabilidade atribuída no Congresso de Paris de dirigir as seções latino-americanas, também fez com que buscasse compreender mais profundamente o continente. Isso colaborou para que, primeiro, Pedrosa aprofundasse a atenção ao papel do imperialismo, em especial do estadunidense. E, depois, para que aperfeiçoasse a compreensão de seu papel no Brasil. Isso o levou, como já vimos, a valorizar a função do poderio ianque no desenvolvimento político recente do Brasil, fazendo com que revisse alguns pontos do já mencionado “Esboço...”, escrito em parceria com Livio Xavier, em que inicialmente se havia posto em primeiro plano as relações regionais no Brasil⁴³.

O exame mais aprofundado da atuação do imperialismo estadunidense em relação ao Brasil e à América Latina foi realizado no exílio por Pedrosa. Como responsável pelas questões latino-americanas, no âmbito da direção da IV Internacional, vai ressaltar as disputas entre os diversos imperialismos e, em particular, a atuação estadunidense na América Latina. Isso deixará na trajetória de Pedrosa uma marca que não se apagará. Tais reflexões a respeito da atuação do imperialismo ianque na América Latina e, em especial, no Brasil, levaram Pedrosa a aprofundar a compreensão de seu papel no continente latino-americano.

⁴¹ TROTSKY, Leon. Déclaration a Tampico. In: _____. *Oeuvres*. Volume 12: Décembre 1936 à février 1937. Grenoble; Paris: Institut Leon Trotsky; EDI, 1982, p. 84.

⁴² Ver GALL, Olivia. *Trotsky en México y la vida política en el período de Cárdenas, 1937-1940*. México (DF): Era, 1991.

⁴³ M. Camboa e L. Lyon. Esquisse d’une analyse de la situation économique et sociale au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, ano IV, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158. In: ABRAMO, Fulvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). *Na contracorrente da história: Documentos do trotskismo brasileiro, 1930-1940*. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015, p. 62-74.

As reflexões tomaram forma, décadas depois, na publicação de seus livros *A opção brasileira* e *A opção imperialista*⁴⁴.

E, por fim, o último fator a ser destacado esteve nos prenúncios, nos preparativos e no início da Segunda Guerra Mundial, em particular tendo como foco as ações do imperialismo ianque no sentido de fazer com que os países latino-americanos ficassem a seu talante de modo incondicional. A construção desse férreo controle por parte do imperialismo estadunidense, com suas medidas políticas e econômicas, permitiu compreensão mais clara de que o conjunto dos países latino-americanos tinha mais laços em comum do que se acreditava em terras brasileiras. Isso permitiu vislumbrar com mais clareza tais laços como resultado de sua condição “semicolonial”, colocando em xeque as enganosas aparências de origens culturais e políticas diferenciadas em razão da colonização espanhola ou portuguesa.

Inegavelmente, esse conjunto de textos apontava para passos concretos no sentido de uma integração continental, a partir do ângulo do movimento operário, em especial no campo trotskista. No entanto, tal como ocorrera na época da frente única antifascista em 1934, ocorreria um novo anticlímax. Dessa vez, como sabemos, ele conjugou diversos fatores cuja combinação determinou um recuo em relação ao que se erigira em 1938-1939. Referimos-nos aqui à cisão da qual Mario Pedrosa tomou parte, no início de 1940, nos Estados Unidos, no âmbito da direção da IV Internacional e do SWP, e que determinou seu afastamento da direção e das fileiras trotskistas, com a consequente quebra de comunicações entre a IV Internacional e sua seção brasileira. Tal rompimento agravou-se em decorrência do recrudescimento da Segunda Guerra. A isso se somou a constante repressão do governo de Getúlio Vargas contra o movimento dos trabalhadores. Como já apontamos, tais episódios tiveram como resultado uma espécie de “recuo”, em meados dos anos 1940, a concepções mais próximas daquelas que os trotskistas brasileiros externavam no início dos anos 1930. Tal quadro, no entanto, acabaria sendo superado nos anos 1950, quando uma nova geração do trotskismo brasileiro, sua terceira geração, reunida em torno do Partido Operário Revolucionário (POR), passou a desenvolver uma atuação em que a questão latino-americana foi retomada com ênfase, em especial por conta dos vínculos estabelecidos com a seção argentina da IV Internacional.

⁴⁴ PEDROSA, Mario. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; PEDROSA, Mario. *A opção imperialista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Referências

ABRAMO, Fulvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). **Na contracorrente da história: Documentos do trotskismo brasileiro, 1930-1940**. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

BREITMAN, George (Ed.). **The Founding of the Socialist Workers Party: Minutes and resolutions, 1938-1939**. Nova Iorque: Pathfinder, 1982,

COSTA, Sérgio; SANGMEISTER, Hartmut; e STECKBAUER, Sonja (Orgs.). **O Brasil na América Latina: Interações, percepções, interdependências**. São Paulo: Annablume; Adlaf; Fundação Heinrich Böll, 2007.

DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

FUNDAÇÃO Alexandre de Gusmão (Org.). **Revista Americana: Uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919)**. Brasília: Senado Federal, 2001.

GALL, Olivia. **Trotsky en México y la vida política en el período de Cárdenas, 1937-1940**. México (DF): Era, 1991.

HANSEN, Joseph. **Go Forward – Time to learn Spanish! Socialist Appeal**. Nova Iorque, vol. IV, nº 48, 30/11/1940, p. 4.

KERSFFELD, Daniel. **Contra el império: Historia de la Liga Antimperialista de las Américas**. México (DF): Siglo XXI, 2012.

LIMA, Manoel Oliveira. **Formación histórica de la nacionalidad brasileña**. Madrid: Editorial-América, 1918.

MORENO, M.. **The N. I. in Latin America. The New International**. Nova Iorque, vol. X, nº 7 (88), jul. 1944.

PALEOLOGO, Constantino. **Brasil en América Latina: Una experiencia de periodismo internacional**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960.

PEDROSA, Mario. Carta de Alberto [Mario Pedrosa] a Meu velho [Livio Xavier]. Paris, 06/08/1938 (Fundo Livio Xavier – Acervo CEMAP/INTERLUDIUM-CEDEM).

PEDROSA, Mario. **A situação nacional**. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em Junho de 1937. [RJ]: Partido Operário Leninista, 1937.

PEDROSA, Mario. **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PEDROSA, Mario. **A opção imperialista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PEDROSA, Mario e XAVIER, Livio [sob os pseudônimos, respectivamente, de M. Camboa e L. Lyon]. **Esquisse d'une analyse de la situation économique et sociale**

au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, ano IV, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158.

PEDROSA, Mario e XAVIER, Livio [sob os pseudônimos, respectivamente, de M. C. e L. L.]. Esboço de análise da situação brasileira. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano II, nº 6, fev.-mar. 1931, p. 3-4;

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. *A América do Sul no discurso diplomático brasileiro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

TROTSKY, Leon. Déclaration a Tampico. In: _____. *Oeuvres*. Volume 12: Décembre 1936 à février 1937. Grenoble; Paris: Institut Leon Trotsky; EDI, 1982.

TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Entrevista Trotzky-Fossa. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 4, s.d. [Dez.1938 ou Jan.1939?], p. 23-24. Esta entrevista foi publicada pouco antes no órgão da seção estadunidense (TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Anti-Imperialist Struggle is Key To Liberation, Trotsky Tells Mateo Fossa. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. II, nº 48, 05/11/1938, p. 3).

O Stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky¹

Morgana Moura Romão²

<https://orcid.org/0000-0002-9172-6768>

Marcio Lauria Monteiro³

<https://orcid.org/0000-0002-9412-7250>

Resumo: Este artigo é uma análise da interpretação de Leon Trotsky sobre o stalinismo e a União Soviética (URSS). Seguiu-se aqui o mesmo procedimento feito por Perry Anderson (1983): dividir em etapas o pensamento de Trotsky para estabelecer as devidas correspondências entre as formulações do revolucionário e os acontecimentos nacionais e internacionais que o cercavam. Assim, foi possível apresentar de forma mais apropriada a interpretação de Trotsky sobre os mencionados fenômenos e também as transformações pelas quais ela passou entre os anos de 1923 e 1940. Os estudos realizados para a escrita deste trabalho permitiram concluir que a chamada “fase madura” da interpretação de Trotsky sobre o stalinismo e a URSS, formulada ao final da década de 1930, é a mais completa, proporcionando as bases fundamentais para compreender as suas variantes no período após a Segunda Guerra Mundial.

168

Palavras-chave: 1. Leon Trotsky; 2. Stalinismo; 3. URSS; 4. Revolução Russa.

¹ Agradecimentos ao Carlos Prado e ao Marcio Monteiro pelas suas opiniões e sugestões para este artigo, e também ao meu pai, João Soares de Lima (*in memoriam*), pela sempre atenciosa revisão gramatical. (M.R.)

² Graduanda em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista de Iniciação Científica do PROPPI-UFF. Dedicar-se a estudar o pensamento de Leon Trotsky e a história da União Soviética, especialmente no período de seu colapso. E-mail para contato: morganaromao@tutanota.com

³ Doutorando em História Social no PPGH UFF, com bolsa CNPq, e professor na Rede Municipal de Ensino de Niterói. Contato: marciolmonteiro@gmail.com e <http://uff.academia.edu/Marcio-LauriaMonteiro>

Abstract: This article is an analysis about Trotsky's interpretation of Stalinism and the Soviet Union (USSR). It was used the same procedure of Perry Anderson (1983), dividing Trotsky's thinking into stages and establishing the proper correspondences between this revolutionary's formulations and the national and international events that surrounded him. Thus, it was possible to present Trotsky's interpretation of the aforementioned phenomena in a more appropriate way and also the transformations it underwent between the years 1923 and 1940. The studies for the writing of this work allowed us to conclude that the so-called "mature phase" of Trotsky's interpretation of Stalinism and the USSR, formulated at the end of the 1930s, is the most complete and the one that also provides the fundamental basis to understand its variants in the period after the Second World War.

Keywords: 1. Leon Trotsky; 2. Stalinism; 3. USSR. 4; Russian Revolution.

Resumen: Este artículo es una análisis sobre la interpretación de Leon Trotsky acerca del estalinismo y la Unión Soviética (URSS). Fue utilizado el procedimiento de Perry Anderson (1983), quien divide en etapas el pensamiento de Trotsky y establece las correspondencias entre las formulaciones de este revolucionario y los hechos nacionales e internacionales que los influenciaron. Así, fue posible presentar de una forma más apropiada la interpretación de Trotsky sobre los referidos fenómenos y también las transformaciones por las cuales esta ha pasado entre los años 1923 y 1940. Las investigación desarrollada para la escrita de este trabajo permitieron concluir que la llamada "fase madura" de la interpretación de Trotsky sobre el estalinismo y la URSS, formulada al final de la década de 1930, es la más completa y también la que proporciona las bases fundamentales para comprender sus variantes en el período pós Segunda Guerra Mundial.

Palavras-clave: 1. Leon Trotsky; 2. Estalinismo; 3. URSS; 4. Revolución Rusa.

Introdução

O mundo foi sacudido, em outubro de 1917, por uma revolução socialista levada às vias de fato em um frágil elo do capitalismo europeu, a Rússia, lugar onde ainda perduravam elementos arcaicos e não resolvidos do feudalismo e do absolutismo, em uma contraditória convivência com a última palavra da técnica e da civilização capitalista. A União Soviética, o fruto mais direto desse processo, cumpriu uma função decisiva na formação histórica do século XX, seja devido ao espaço que ocupou na relação de forças do período, seja em virtude de sua influência nas esquerdas ao redor do mundo, inspirando outros processos revolucionários. Assim, não é por razão fortuita que o prestigiado historiador Eric Hobsbawm (1995), por exemplo, reconheça a Revolução Russa como o evento definidor do “curto” século 20. Conclusão semelhante tem o especialista em história soviética, Moshe Lewin, ao referir-se ao período como o “século soviético” (2005).

A contradição entre resultados e expectativas em torno da Revolução Russa estimulou intensas divergências sobre o seu legado; a caracterização do tipo de formação social por ela gerada; as posições políticas daí decorrentes. Tais questões, para muito além de fortuitas polêmicas, envolviam consigo o conflito entre programas políticos e formas de análise do Estado e da luta de classes. Nesse sentido, a forma de caracterizar e compreender a sociedade soviética impulsionou diferenças e rupturas organizacionais entre diversas forças socialistas. Semelhante é o caso, ademais, no que concerne às formações socioeconômicas emergidas das revoluções do período após a Segunda Guerra Mundial, afinadas com o regime soviético a partir de um ponto de vista de controle político e de reprodução social.

A construção de uma correta compreensão das experiências revolucionárias do último século demanda uma análise do fenômeno social que as relaciona na maioria dos casos, que é o stalinismo. Sem cumprir esta etapa, cai-se no risco de incompreender os rumos hostis à democracia operária que seguiram as sociedades pós-revolucionárias ou até mesmo de obscurecer o enorme contraste entre stalinismo e bolchevismo.

O resgate das contribuições de Leon Trotsky, uma das principais figuras de oposição ao stalinismo e um dos principais dirigentes da Revolução Russa, é fundamental para a análise sofisticada do fenômeno. No entanto, como um militante internacionalista envolvido nos acontecimentos mais importantes de

sua época, Trotsky não produziu ao longo de sua vida uma obra coesa. O conjunto de sua produção revela rupturas, continuidades e muitas transformações, que encontram correspondência com os acontecimentos nacionais e internacionais ao seu redor. Ao considerar esses elementos, a finalidade deste artigo é analisar a interpretação da referida figura revolucionária sobre o stalinismo, atentando-se para as suas transformações, entre os anos de 1923 e 1940. Para isso, será seguido o mesmo procedimento adotado por Perry Anderson (1983): dividir as etapas das análises de Trotsky em três fases distintas: inicial, intermediária e madura.

O que é um “Estado Operário”?

O conceito de “Estado Operário” é elementar no pensamento de Trotsky e da primeira geração de lideranças bolcheviques no entendimento da formação socioeconômica nascida da Revolução de Outubro. Esse conceito designa uma “sociedade de transição”, entre o capitalismo e o socialismo, conferida pela ditadura revolucionária do proletariado. (LÊNIN, 2017) Para compreendê-lo de melhor forma, é indicado mencionar de modo muito sintético que o Estado é produto e manifestação do caráter inconciliável das contradições de uma sociedade de classes. O seu propósito é conter esses antagonismos nos limites de uma ordem que legaliza e consolida a dominação de uma classe sobre outra, mediante, somente para citar elementos do âmbito da coerção direta, destacamentos especiais de corpos armados, cárceres e instituições coercitivas variadas. Como um derivado da divisão de classes, essa sua “força” é essencial tanto para impedir organizações populares autônomas como para defender a propriedade privada.

Desse modo, segundo previam os marxistas, o despertar revolucionário e a chegada do proletariado ao poder, com seu exército de trabalhadores, conseguem extinguir o Estado burguês, ao passo que a organização política ulterior (proletária) começa a entrar em um estágio de “definhamento” que não a permite ser qualificada como um Estado propriamente dito, mas, em conformidade com a expressão de Lênin, como “semi-Estado”. (*Ibidem*) A socialização dos meios de produção é o último ato autônomo do Estado como tal, pois, sem propriedade privada e sem uma “força especial” de repressão, ele não seria mais um instrumento a serviço da classe economicamente dominante, já expropriada. Essa socialização também impulsiona o desenvolvimento de uma economia baseada nas formas coletivizadas

de produção e de distribuição, além da reestruturação das bases familiares e educacionais, que possibilitam a reprodução em diferentes âmbitos dessa nova formação social.

O Estado é substituído por um tipo de “democracia mais ampla” em que a polícia e o exército permanentes são substituídos por milícias proletárias e por conselhos escolhidos mediante plena elegibilidade e revogabilidade de seus funcionários. De forma paulatina, a organização política anterior se torna desnecessária, na medida em que suas funções são realizadas de forma direta pela população através de seus conselhos. Isso significa que o perecimento do Estado está relacionado ao fortalecimento político da classe trabalhadora. Essa forma “mais completa” de democracia não somente envolve uma profunda substituição de instituições de novo gênero, mas também designa a transformação da democracia burguesa para uma democracia proletária, ou seja, trata-se de uma transformação da democracia em um período *transitório*. (*Ibidem*) Dito isso, a finalidade do Estado Operário é ser um instrumento de intervenção de temporária duração a serviço das massas, submetido à regulação dos produtores e de suas formas de organização política, ao exemplo dos soviets. (VERN, 1951) É essa a compreensão presente, por exemplo, no clássico “O Estado e a Revolução”, de Lênin, escrito às portas da Revolução de Outubro. (LÊNIN, 2017).

172

Essas transformações, entretanto, não suprimem, por si mesmas, a desigualdade e os privilégios que ainda existem nessa chamada “fase inferior” do comunismo. A propriedade privada, defendida e “atribuída” a indivíduos pelo direito burguês, é, de fato, abolida e socializada pela iniciativa revolucionária, mas é somente nesse âmbito que o direito é suprimido na sociedade transitória recém saída do ventre do capitalismo. Tais resquícios também remetem a um período conflitante entre economia e Estado, em que o proletariado se estabelece sobre os escombros da economia burguesa (o que é inevitável em um período transitório e também ainda mais dramático em um Estado proletário isolado).

As sociedades transitórias podem variar entre si a depender de suas próprias realidades nacionais e da conjuntura internacional, mas sempre carregam consigo a permanência de elementos sociais precedentes, como o regimento salarial; produção de mercadorias; elementos burocráticos; estrutura jurídica; e assim em diante, que podem perdurar durante séculos até mesmo em formações sociais historicamente desenvolvidas do ponto de vista produtivo. Essas sociedades, a despeito dos resquícios de continuidade, expropriaram a burguesia e suprimiram

a propriedade privada a partir de revoluções mobilizadas por proletários armados e politicamente organizados, o que já lhes confere formas de reprodução qualitativamente distintas daquelas próprias de uma sociedade capitalista.

No curso das afirmações precedentes, é elucidativo mencionar que o Estado Soviético favoreceu setores privados no período da Nova Política Econômica (NEP), mas de forma planejadamente excepcional. O propósito dessa política foi fortalecer o poder estatal dos trabalhadores em um período de hostil isolamento internacional, generalizada escassez de recursos e esvaziamento dos soviets, após a Guerra-Civil (1918-1921). A continuidade do favorecimento de setores privados, para além das fronteiras temporais primariamente estabelecidas pela NEP, foi um dos fatores que favoreceu intensa luta política no interior do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A partir de então, futuras tradições políticas conflitantes começaram a ser esboçadas, o trotskismo e o stalinismo. Assim, em breves palavras, o período da NEP é um exemplo de conflito temporário entre economia e Estado, em que há controle proletário sobre a base de uma economia burguesa até ser possível reconstruir a economia segundo seus interesses como classe vitoriosa, o que não é, obviamente, um caminho pacífico. (VERN, 1951)

Esse tipo de conflito é marca de um período transicional, que se expressa em maior relevo em um Estado Operário *isolado*, mais suscetível a sofrer contrarrevoluções e a desenvolver setores privilegiados em condições de dificuldades de captação de recursos. A socialização econômica é, por conseguinte, uma forma transitória para o socialismo, que não elimina imediatamente o renascimento de uma burguesia em virtude de haver uma totalidade contraditória de antigas e novas relações de produção. Por isso é que o Estado Operário, em sua plena forma, só está habilitado a existir mediante a vitória da revolução *internacional*.

No que concerne à experiência soviética, as intempéries conjunturais mencionadas lhe inferiram deformidades burocráticas, que, conforme será mencionado mais adiante, entram em contradição com as bases de reprodução social de seu regime.

Trotsky e o “burocratismo”

Uma vasta produção escrita é reservada ao processo de burocratização da União Soviética, a começar pelos seus próprios oponentes, inseridos na disputa pelos rumos dos capítulos subsequentes dessa experiência inédita na história. É inegável que as reflexões de Trotsky ocuparam um lugar de destaque absoluto entre as

produções de seus contemporâneos da Oposição de Esquerda. Sua produção mais significativa, no período inicial desse processo, é o folheto “O Novo Curso” (2015), de 1923, que remonta ao começo da Oposição no interior do PCUS. A finalidade dessa obra é corrigir os rumos da democracia interna do partido por intermédio do alerta sobre os perigos do burocratismo.

O stalinismo, antes de ser assim conceituado por Trotsky, foi chamado de “burocratismo”, o que designava uma estrutura levantada sobre as bases da desagregação da indústria russa e da dispersão do proletariado e de seus mais notáveis representantes em um momento de colapso econômico e de isolamento internacional. Esse fenômeno seria proveniente da existência do partido isolado em relação às massas e da diferença entre seus membros e gerações nas tomadas de decisão no aparato a partir do papel que cumpriam na história do bolchevismo. (*Ibidem*) Foram profundas as consequências desse processo, como o perecimento da perspectiva internacionalista da revolução; um maior distanciamento entre a camada de dirigentes e a base proletária; e uma lenta morte da democracia interna do PCUS, que contou com a ampliação de poderes do secretariado, perseguição e calúnia de críticos e opositores e a substituição da eleição pela nomeação.

174

Burocratismo sugere, logo de princípio, uma falta de associação entre o processo e a *persona* de Stálin, que não era o principal articulador, tendo em vista seu papel de menor proeminência diante das figuras mais destacadas de Zinoviev e Kamenev, na história do bolchevismo.

A despeito da pretendida aliança entre Lenin e Trotsky, a forma como ambos apreenderam as origens do mencionado fenômeno burocrático não era inteiramente correspondente. Segundo Lenin, as deformidades burocráticas do novo Estado seriam uma reminiscência cultural do czarismo, passível de solução através de reformas que controlassem os privilégios e que aumentassem a quantidade de proletários em postos-chave no aparato estatal e no partido. Trotsky, por sua vez, ater-se-ia principalmente às causas de matriz político-econômicas e, por conseguinte, o concebia o fenômeno como novo, surgido em uma nova fase de desenvolvimento da revolução e do partido, cuja solução demandava a aplicação de uma planificação como medida elementar para o desenvolvimento econômico, a partir do qual seria possível reavivar a indústria e a fluência operária no partido. (*Ibidem*). Para além disso, segundo Trotsky, seria também necessário o estabelecimento de relações mais sadias entre antigos e novos quadros partidários

a fim de não afetar negativamente a participação das novas gerações (pós-Outubro) na vida política do partido. Caso contrário, sem a satisfação de suas aspirações de participação, essas novas bases operárias e estudantis poderiam vir ao encontro de grupos ou frações de todo gênero.

No folheto supracitado (*Ibidem*), Trotsky procura entender a ampliação do aparato partidário e da economia soviética em seu desenvolvimento histórico. São assim aludidas as consequências da reduzida composição operária do partido; as suas desigualdades internas; a linha econômica empirista da tendência burocrática; além das outras problemáticas aqui mencionadas. No entanto, é também aludido o vertiginoso crescimento do partido, que tornara inevitável o aparecimento de divergências internas e de grupos opositores. Em um regime de partido único, esses grupos, ao se oporem ao partido, poderiam se transformar em frações provisórias ou permanentes e se constituir em suportes para pressões exteriores hostis ao governo soviético. A fim de evitar esse problema, deveria o partido monopolizar a direção da vida política e seria também necessária a democracia operária. (*Ibidem*)

Trotsky reivindicava uma democracia operária restrita à liberdade de críticas, realização de debates internos e retomada às eleições de base, sem fazer referência à restauração do funcionamento dos soviets como órgãos de democracia direta dos trabalhadores. Em sua concepção, a postura burocrática de hostilizar críticas como manifestações de espírito fracionário era profundamente insuficiente e condenável, pois o desaparecimento das divergências só poderia ser conferido pela reaproximação do partido com as massas trabalhadoras a fim de abrir caminho para a democracia e a unidade. (*Ibidem*)

Em contrapartida, a condenação de Trotsky no que concerne à restauração do direito de formação de tendências e frações partidárias contribuiu para uma associação substituísta da ditadura do proletariado pela ditadura do partido. Preconizar o partido, com uma parcial democracia em seu interior, como agente condutor da planificação econômica, mas não os trabalhadores, por intermédio de seus soviets, foi uma defesa de Trotsky até 1933, cinco anos após a sua expulsão do partido e de um histórico já bastante consistente sobre os erros da Internacional Comunista (IC). Segundo o próprio autor reconheceu em obra tardia, “A Revolução Traída” (Idem, 1977), essa medida excepcional foi de encontro ao gosto do governo burocrático em virtude de proporcionar uma

vida organizacional internamente cômoda, de modo a transformar a tradição bolchevique do centralismo democrático em centralismo burocrático.

Trotsky, no momento inicial de sua luta contra a burocratização, não era afeito à atuação clandestina e recorreu à agitação contra a “linha geral” nos marcos da legalidade, conforme aponta Miklós Kun (1994). Apenas em 1925, o referido revolucionário e seus aliados reconheceram que o uso dos meios exclusivamente legais teria pouca eficácia contra o aparelho da direção partidária, devido à proibição de formação de frações e tendências e, também, ao crescente controle sobre o aparato do partido. Tal reconhecimento se deu após o choque entre Zinoviev e Kamenev contra a linha política geral de Stálin e Bukharin, em meio ao contexto da “greve” dos *kulaks*, que retiveram o trigo e ameaçaram desabastecer as cidades. (*Ibidem*)

A Oposição de Leningrado, de Zinoviev e Kamenev, e os “decistas”⁴ eram mais propensos a recorrer às antigas tradições de clandestinidade dos bolcheviques do que o Trotsky. (*Ibidem*) Assim, não fortuitamente, após a formação da Oposição Unificada (1926) entre esses agrupamentos, adotou-se a agitação de propaganda nas fileiras dos trabalhadores extra-partidários; a organização de gráficas secretas; uma importante rede de aliados no exterior, além da convocação de assembleias populares ilegais nos bairros operários. (*Ibidem*)

No entanto, sem ater-se de formas aprofundadas às limitações dos bolchevique-leninistas, conforme se autodenominavam os membros dessa oposição, a sua atuação foi restrita ao propósito de reerguer as normas democráticas partidárias, sem a pretensão de conduzir a sua consolidação para toda a sociedade soviética. Para eles, a regeneração da democracia soviética deveria começar pela regeneração do regime interno do partido.

Esses opositores não estabeleceram relações perduráveis e próximas com tendências que se apresentavam contrárias à “linha geral” do partido, com a exceção dos “decistas”. Além disso, a considerar que era uma luta direcionada para o interior do partido, a oposição mantinha as suas reservas em relação a “elementos descontentes” externos que pudessem vir a partilhar das críticas habituais da plataforma oposicionista à direção, o que contribuiu para o seu isolamento.

⁴ Os “decistas” (grupo do centralismo democrático) eram uma fração bolchevique liderada por Vladimir Smirnov, Timofei Saponov e outros “velhos” bolcheviques. Foi formada em 1919. O grupo juntou-se à Oposição de Esquerda e posteriormente à Oposição Unificada, na luta contra a abolição gradual da democracia interna do PCUS.

(*Ibidem*) Desse modo, os bolchevique-leninistas não conseguiram angariar em seu trabalho clandestino um significativo apoio entre as massas e não conseguiram formar uma ampla rede de simpatizantes. Até mesmo os contatos conquistados se deram de modo custoso e claudicante, especialmente entre os trabalhadores sem partido e descontentes com as suas condições de vida adversas às promessas da Revolução de Outubro. (*Ibidem*).

A fase “intermediária” das análises de Trotsky sobre o Stalinismo

A obra “Stálin, o Grande Organizador de Derrotas” (1974), de 1928, às vezes intitulada de “A III Internacional Depois de Lenin”, representa uma fase intermediária das formulações de Trotsky sobre o stalinismo e está situada no período posterior à derrota da Oposição Unificada e no calor do momento das discussões sobre o Comitê Anglo-Russo e a Revolução Chinesa (1927).

Essa obra é fundamental por conter a constatação de Trotsky sobre uma mudança qualitativa na natureza das derrotas do proletariado internacional, que não mais eram provenientes de inexperiência ou inexistência de partidos comunistas, mas de incorretas diretrizes políticas da IC. (*Ibidem*) O conceito de centrismo é aqui utilizado pelo referido revolucionário com a finalidade de caracterizar a natureza política do grupo de Stálin e de suas súbitas mudanças, que oscilavam entre apresentar uma política ultraesquerdista ou uma política conciliatória e reformista. (*Ibidem*)

O internacionalismo de Trotsky adquire uma essencial relevância para as suas análises. O autor relaciona a derrota da Oposição de Esquerda a uma desfavorável relação de forças no âmbito internacional para o despertar da revolução mundial. A constatação veio depois de observar as diversas sublevações proletárias fracassadas na Alemanha, China, Inglaterra e no leste da Europa (ANDERSON, 1983). Além disso, segundo Trotsky, somente a restauração da democracia na Internacional, e em seus partidos nacionais, viria corrigir a degeneração burocrática na União Soviética e possibilitar o triunfo da revolução internacional e o desenvolvimento da economia soviética com um aumento de peso social do proletariado. (*Ibidem*) Dessa forma, o triunfo da IC e do Estado Soviético seria decidido na arena internacional. Por ainda apostar na possibilidade da reforma de ambos, Trotsky não pretendia fundar uma nova Internacional e se

empenhou em organizar a Oposição Internacional com o apoio de uma rede de aliados em diversas localidades, herdados, em grande medida, da finada Oposição Unificada.

Há dois conceitos de primeira importância na publicação supracitada: termidor e stalinismo. A burocracia é aqui compreendida como instrumento de pressão dos setores privados “termidorianos”, isto é, pró-capitalistas, que reservam em si uma grande hostilidade em relação ao regime soviético. Essa contrariedade expressa nas numerosas sabotagens realizadas pelos camponeses ricos no fornecimento de alimentos e na estocagem de grãos poderia abrir caminho para a restauração capitalista. O uso do conceito de “stalinismo” por Trotsky, em conformidade ao entendimento da Oposição Unificada, designa práticas não democráticas do grupo ao redor de Stálin, que favoreciam os setores privados. (TWISS, 2014)

Compreendido dessa maneira, o stalinismo não seria a principal ameaça à sobrevivência do Estado Soviético, função ocupada pelos setores que poderiam germinar uma reação termidoriana. A derrota da Oposição de Esquerda, que antes fortaleceu os setores privados e a desintegração do centralismo democrático do PCUS, não deixaria, obviamente, de favorecer uma restauração capitalista.

O conceito de termidor foi revisitado após a coletivização forçada e a industrialização acelerada, quando o regime de Stálin seguiu de forma repentina em direção a uma política ultraesquerdista de “classe contra classe” (1929), que estabelecia a radicalização das massas como princípio de aplicação mecânica e não como estado de caracterização do desenvolvimento do proletariado e da sociedade capitalista, rompendo assim com o programa econômico de Bukharin. O seu repentino, mas vacilante distanciamento dos setores privados, demonstrou uma autonomia relativa da burocracia em relação às classes sociais, de forma que ela não mais se definiria como instrumento de pressão de estratos pró-capitalistas. A burocracia stalinista, por conseguinte, não seria resultante centrista do burocratismo, mas das contradições de uma sociedade de transição. (*Ibidem*)

Desse modo, a percepção do termidor veio a se tornar uma analogia histórica mais precisa e passou a compreender uma mudança de poder dos setores que lideraram a Revolução de Outubro para um setor mais conservador, que não pretendia destruir as conquistas revolucionárias de Outubro.

O termidor é um conceito que remonta à analogia histórica da experiência soviética com a Revolução Francesa, cujo propósito *primário* era fundamentar uma

ideia de ameaça contrarrevolucionária aos fundamentos sociais estabelecidos pela Revolução de Outubro. (*Ibidem*) O chamado perigo do termidor, que constituía a principal ameaça às conquistas da Revolução de Outubro, desenvolveu-se após a vitória da ala majoritária do PCUS sobre o controle do processo revolucionário, em 1924, e a partir de uma acentuada desproporção entre a agricultura e a indústria, o que suscitara o crescimento de tendências pró-capitalistas formadas na base da NEP. A crise econômica lhes concedeu um poderoso instrumento de desorganização da economia socialista, de forma a possibilitar *a primeira etapa da contrarrevolução burguesa*, dirigida contra a base social do Estado Operário. (TROTSKY, 1935) A forma como a burocracia lidava com a questão da industrialização revelava a influência das novas camadas burguesas no aparelho de Estado. (*Ibidem*)

Nesse primeiro momento, portanto, o que Trotsky chama de “reação termidoriana” é o risco de restauração capitalista proveniente do perecimento da política revolucionária pela burocracia, com o pesado fardo dos *nepmen* e do *kulak* sobre as suas costas (Idem, 2017). Assim como os jacobinos foram substituídos pelos termidorianos e pelos bonapartistas, o esmagamento da Oposição seria um passo imprescindível para a consolidação do poder dos elementos mais conservadores da burocracia e do estrato superior da classe operária. Esse processo, datado de 1924, é o que pode ser chamado de *começo* do Termidor. Essa questão se relaciona, por conseguinte, à história da Oposição de Esquerda como condutora e representante das tendências históricas progressivas do proletariado durante o período “jacobino” da Revolução Russa (1917-1924). (DEMIER, 2015).

No entanto, Trotsky, em 1935, corrigiu-se em relação à utilização inadequada dessa terminologia sobre a burocracia stalinista: no caso francês, o termidor não envolvia a restauração de velhas formas de propriedade e do poder de antigos setores dominantes. O fenômeno não consistia em um atentado contra as conquistas sociais da Revolução Francesa, mas em seu fortalecimento a fim de organizá-las e de estabilizá-las. (TROTSKY, 1935) Assim, a menção de uma “contrarrevolução” em referência ao processo revolucionário francês significaria o restabelecimento da propriedade feudal.

Essa analogia histórica, ademais, entrou em contradição com a análise posterior da evolução da União Soviética e do regime de Stálin como uma forma peculiar de bonapartismo, o qual, em sua variante francesa, veio a se consolidar somente depois do termidor. Nesse sentido, em sua fase tardia de análise sobre a

União Soviética, Trotsky considerou que a analogia feita, anteriormente, poderia alimentar mais confusões do que esclarecimentos. (*Ibidem*)

É importante salientar, ademais, que o fim da NEP e a chegada da coletivização foram uma grande quebra não somente no sentido econômico, mas também político, em virtude da firme transformação do PCUS em um dócil instrumento do regime de Stálin e das mudanças nas formas de atuação da oposição dos bolchevique-leninistas. (GUSEV, 2008)

A segunda metade da década de 1920 foi atravessada pela redução de salários, aumento dos preços dos bens de consumo, escassez de produtos e aumento da exploração. Houve, da parte dos trabalhadores, a organização de protestos e de resistências (ativas e passivas), que ocorriam, muitas vezes, com prévia articulação preparatória com outras fábricas, e também mobilizadas por sentimento de profunda hostilidade em relação aos gerentes de fábrica, sindicatos e ao PCUS. A tendência dos trabalhadores para a auto-organização era muito evidente, e os bolchevique-leninistas se dirigiram ativamente para as fábricas e para a “questão do trabalhador”, e, assim, esses opositores passam a corroborar as demandas dos trabalhadores por aumento salarial e melhorias das condições de vida. As críticas às políticas do governo e aos privilégios da burocracia fortaleceram a posição dos bolcheviques-leninistas entre os trabalhadores, os quais eram majoritariamente indiferentes às polêmicas internas ao partido. (*Ibidem*)

O sucesso desses opositores entre os operários germinava uma oportunidade de organizá-los em números muito significativos. Não havia, entretanto, nenhum claro e consistente programa de ação contra o regime burocrático, além do fato de os opositoristas limitarem-se à demanda de ampliar a “democracia operária” nos espaços dominados por completo pela burocracia. Nesse sentido, aquela seria uma luta pela legalidade dentro das estruturas oficiais já burocratizadas, sem uma explicação consistente sobre como tal feito seria alcançado. Essa demanda por reforma e democracia estava endereçada à própria burocracia, e já naquele momento era uma grande ilusão em virtude de toda a estrutura do aparato estatal burocrático se encontrar verticalmente organizada e submetida a um pequeno punhado de lideranças parasitárias. (*Ibidem*)

O referido grupo, até mesmo quando os proeminentes membros da oposição já haviam sido expulsos do partido e posteriormente exilados, temia a possibilidade de maior radicalização dos trabalhadores com o receio de destruir

o novo Estado Operário. Trotsky, por conseguinte, rejeitava a organização de um novo partido com os trabalhadores descontentes com as adversidades pós-Outubro, e, em especial, com o PCUS, apesar de haver meios para tal empreitada em novas bases geracionais. Os bolchevique-leninistas ainda se apresentavam como uma fração do partido e tentavam conquistar os trabalhadores para lutar por uma influência nas células da organização, que era profundamente hostilizada por eles.

Assim, na melhor das circunstâncias, o referido grupo admitia a possibilidade de greve com demandas de matriz econômica, enquanto opunha-se às demandas de matriz política contra o PCUS. (*Ibidem*) A prioridade das reformas no aparato, portanto, fez esmorecer um grande potencial proveniente das mais novas gerações trabalhadoras para lutar contra o poder burocrático.

A IV Internacional e o “amadurecimento” de Trotsky

A luta pela construção da Quarta Internacional foi o momento mais significativo do amadurecimento político de Trotsky na construção do socialismo e da revolução internacional. O ponto de partida para essa sua conclusão foi a desmoralizante vitória do fascismo na Alemanha, que não contou com nenhuma luta efetiva liderada pelo Partido Comunista Alemão (KPD). A partir dessa derrota para a humanidade, Trotsky concluiu que a IC e o PCUS não eram passíveis de reformas e que ambos não eram mais capazes nem de cumprir uma função anticapitalista na luta contra o imperialismo nem de serem a vanguarda da revolução mundial. Fazia-se necessária uma liderança internacional alternativa aos stalinistas e socialdemocratas, pois essas lideranças “oportunistas”, que continham em seu histórico a responsabilidade por uma série de derrotas do proletariado internacional, eram obstáculo para a transformação de situação pré-revolucionária em situação revolucionária. Desse modo, portanto, a tarefa de primeira importância dos revolucionários seria a construção do partido da revolução mundial, que fosse capaz de liderar o proletariado em direção ao socialismo, bem como a uma luta intensa contra todas as lideranças traidoras inseridas no movimento “operário” (TROTSKY, 2008).

No curso dessas afirmações, torna-se evidente que, para Trotsky, a degeneração burocrática já havia atingido um patamar qualitativo. Dessa forma,

seria elementar uma revolução política para tirar a burocracia do controle político a fim de preservar as conquistas da revolução a longo prazo, de modo a construir um partido revolucionário e a restaurar a democracia direta dos soviets.

Essa burocracia seria gestora das formas de propriedade coletiva e dos monopólios comerciais, mas não teria papel independente nas relações de produção. Os seus métodos de gestão, agressivos e pouco eficientes, por não serem regulados pela lógica do mercado ou pela gestão social da produção, criavam desequilíbrios e serviam como freio para o desenvolvimento econômico e cultural da sociedade soviética. (Idem, 1977) Além desses elementos, não havia projeto independente de sociedade a longo prazo que fosse mobilizado por esse corpo burocrático, a despeito da aplicação discursiva de um socialismo sobre a União Soviética. Sem propriedade privada, os privilégios e as condições de subsistência da burocracia eram provenientes de seu parasitismo na gestão da economia. A sua influência no movimento “operário” tinha como finalidade o controle sobre a classe trabalhadora para a manutenção do poder político. Essa posição de gestora criava na burocracia uma dependência de relações políticas para a ascensão na hierarquia de diferentes setores que a compunham a fim de parasitar privilégios concedidos pela produção social do proletariado. Em virtude disso, a burocracia não conformaria, segundo Trotsky, uma classe social, mas uma “casta” parasitária. (*Ibidem*)

O parasitismo sobre as formas de propriedade estabelecidas pela Revolução de Outubro e a defesa desta contra o imperialismo, mesmo que através de métodos pouco eficientes de aparato burocrático, não criavam incompatibilidade imediata entre o regime soviético e a preservação de sua natureza proletária. (*Ibidem*) Dessa forma, a defesa da União Soviética era, para Trotsky, um princípio de primeira importância, uma vez que se tratava de um Estado Operário, ainda que burocraticamente deformado. Essa defesa, que deveria ser de caráter militar, mas não se configurava em defesa política do regime, seria incondicional contra qualquer ameaça imperialista e qualquer tentativa de restauração capitalista. (Idem, 2011)

No artigo “A Natureza de Classe do Estado Soviético” (1933), o supracitado revolucionário compreende a União Soviética como uma ditadura do proletariado adocida, governada por uma burocracia que havia usurpado o poder político daquela classe a fim de preservar, mediante seus próprios métodos coercitivos,

as relações de propriedade proletárias. (*Ibidem*) O proletariado permanecia como classe dominante em função da existência dessas relações, sobre as quais se assentavam as bases de sobrevivência e de reprodução social da burocracia stalinista. Por isso é que o stalinismo é apresentado, no referido texto, como fenômeno social progressivo nos marcos nacionais, mas contrarrevolucionário no âmbito internacional, em função de suas inúmeras traições, o que os casos na China (1927), Espanha (1936-1939) e Alemanha (1933) deixavam em evidência. (ANDERSON, 1983)

Essa característica “contrarrevolucionária” do referido fenômeno não será reformulada, mas complementada por Trotsky na segunda metade da década de 1930, de forma a precisar que, em situações excepcionais de guerra, quebra financeira e assim em diante, as lideranças stalinistas e socialdemocratas poderiam liderar revoluções e prosseguir com a expropriação da burguesia, de forma a fundar, assim, Estados Operários. No entanto, o rito clássico de ambas seria não excitar em apagar as chamas revolucionárias em proveito de estender as mãos para salvar a burguesia.

Essa constatação de Trotsky, fundamentada a partir de suas observações sobre a ocupação militar soviética na Polônia e na Finlândia, estão presentes em seu “Programa de Transição” (2008) e também em sua compilação de artigos “Em Defesa do Marxismo” (2011). Mostrou-se correta na conjuntura de maior levante popular da história, que foi o fim da Segunda Guerra Mundial. A despeito de liderar a criação de Estados Operários deformados no pós-Guerra (China e Iugoslávia), a principal característica que marcou a atuação da burocracia e dos partidos stalinistas desse período foi a traição de inúmeras situações revolucionárias na Europa e na Ásia e a prestação de suporte a lideranças burguesas nos países latino-americanos. (MONTEIRO, 2016). Essas traições se expressaram em capitulações à burguesia e em desvios das lutas proletárias para a reconstrução do capitalismo no pós-Guerra. As exceções a essa prática resultaram em revoluções lideradas por stalinistas que conseguiram expropriar a burguesia, mas em localidades de capitalismo devastado, em que não havia outro poder a emergir além do Exército Vermelho.

Essas vitórias, no entanto, não findaram políticas de “coexistência pacífica” com o imperialismo e de “socialismo em um só país”, que colocavam em evidência o temor do internacionalismo proletário pela burocracia stalinista. Além disso, os

Estados Operários nascidos no pós-Guerra ficaram imediatamente submetidos ao controle de uma casta de burocratas, podendo ser enquadrados, desde o princípio, como Estados Operários deformados. Essa necessidade do controle sobre a classe trabalhadora se expressou também em suas formas predominantes de organização em estruturas rurais de guerrilha durante esses processos revolucionários. Os soviets e os partidos de vanguarda, em contraste aos movimentos guerrilheiros, são muito mais difíceis de serem submetidos à subserviência do controle burocrático. Por isso é que Trotsky estava correto em não transformar em regra possíveis excepcionalidades, ao apontar que a possibilidade de os stalinistas liderarem revoluções anticapitalistas não deveria figurar no primeiro plano das análises políticas dos revolucionários (TROTSKY, 2008).

O Stalinismo como regime bonapartista

No artigo de 1933, Trotsky constatou a existência de “elementos bonapartistas” no regime de Stálin, assim como a possibilidade de analisá-lo a partir dessa perspectiva. No entanto, foi no artigo “Estado, Termidor e Bonapartismo” (Idem, 1935) que o revolucionário caracterizou, de forma mais consistente e precisa, o stalinismo como peculiar forma de “bonapartismo” soviético.

O bonapartismo é um “regime de crise” que manobra entre as classes sociais, mas sempre preserva a mesma base social, a propriedade burguesa. Seria possível observar um fenômeno de configuração semelhante na União Soviética sob o comando de Stálin, isto é, um regime burocrático, que, cada vez mais autônomo, “plebiscitário” e personalista, manobra entre as classes, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, mas estabelecido nas formas de propriedade de natureza proletária. (DEMIER, 2015)

Os giros políticos eram uma marca do regime stalinista para se equilibrar sobre o antagonismo entre o proletariado e os camponeses, e entre o Estado Operário e o imperialismo. Da necessidade de se equilibrar sobre o antagonismo de diferentes forças provinha a base do centrismo burocrático, assim como de seu poder, de sua debilidade e de sua influência sobre o proletariado internacional. Segundo Trotsky, conforme a burocracia se tornava cada vez mais autônoma, mais seu poder se concentrava em uma só pessoa e, por conseguinte, mais o centrismo se transformava em bonapartismo. (TROTSKY, 1935)

A peculiaridade do bonapartismo soviético era consolidar a revolução

proletária através da liquidação de seus dirigentes, de seu programa internacionalista, de seus soviets e do próprio bolchevismo. Em uma sociedade de transição, o colapso do bonapartismo poderia significar a abertura para o caminho do socialismo ou para a restauração capitalista (*Ibidem*). Por isso é que a ênfase sobre a necessidade de restauração da democracia direta dos soviets e a fundação da Quarta Internacional é parte elementar do pensamento e do programa político de Trotsky em sua fase plenamente amadurecida.

A resignificação do termidor em Trotsky é outro elemento digno de nota. Tal processo se consolidou em 1924, mediante a derrota da Oposição de Esquerda e da transferência do poder das mãos da vanguarda do proletariado para os elementos mais conservadores da burocracia e de seus setores superiores da aristocracia operária. Assim, a principal base material do termidor soviético e do fenômeno do stalinismo seria o desenvolvimento econômico alcançado a partir de 1923, abrindo as portas para o surgimento de uma camada privilegiada de administradores, que, em conjuntura de duras contradições, conferiram a essa casta uma crescente autonomia relativa diante da dispersão do proletariado e do isolamento internacional.

O stalinismo seria, portanto, uma resultante do termidor soviético, e conformaria um regime de tipo bonapartista em virtude do seu caráter de árbitro dos conflitos sociais e protetor das bases sociais estabelecidas pela revolução contra a burguesia, mas também contra as próprias massas proletárias. (*Ibidem*; Idem, 1977) Esse regime atacou a ala esquerda dos revolucionários soviéticos e criou uma aristocracia operária sobre a qual estabelecia um de seus pilares de sustentação. Essas análises não somente estão sintetizadas no artigo de 1935, mas também presentes na obra “A Revolução Traída”, de 1936, que é o material mais detalhado de Trotsky sobre a União Soviética e o stalinismo.

Considerações finais

Este é um estudo parcial de pesquisa em andamento sobre a experiência soviética, baseada nas formulações de Leon Trotsky, para melhor compreensão do fenômeno social em comum entre as sociedades pós-revolucionárias do século 20. Concebe-se a fase amadurecida das formulações do referido autor como a mais consistente interpretação do stalinismo e se espera, com este artigo, fornecer contribuição de base para futuros estudos relacionados a um dos principais pilares estruturantes da história do mencionado século, que foi a União Soviética.

Referências

- ANDERSON, Perry. Trotsky's Interpretation of Stalinism. *New Left Review*, Londres, v. 1, n. 139, p. 49-58, Mai-Jun, 1983.
- BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Editora Sundermann, 2014.
- DEMIER, Felipe. *Trotsky e o bonapartismo soviético*. [S.I.], 2015. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/trotsky-e-o-bonapartismo-sovietico/> Acesso em: 23/03/2020.
- DEUTSCHER, Isaac. *O Profeta Desarmado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GUSEV, Aleksei. The 'Bolshevik Leninist' Opposition and the Working Class, 1928-1929. In: FILTZER, D. et al. *A Dream Deffered: New Studies in Russian and Soviet Labour History*. Bern: Peter Lang, 2008.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KUN, Miklós. Trotsky e o movimento clandestino anti-estalinista nas décadas de 1920 e 1930. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- LÊNIN, Vladimir Illitch. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LEWIN, Moshe. *The Soviet Century*. London: Verso, 2005.
- _____. *Lenin's last struggle*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2008.
- MONTEIRO, Marcio Lauria. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re) leituras teóricas e programáticas (1944-1963)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.
- PODTCHIKOLDIN, Aleksandr. "O Novo curso: prólogo da tragédia". In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Op. Cit.*
- PAULINO, Robério. *Socialismo no Século XX: O que deu errado?*. Goiânia: Kelps, 2008.
- PRADO, Carlos. O Novo Curso: Trotski e a crítica à degeneração burocrática do partido. *Eleuthería*, Mato Grosso do Sul, v. 2, n. 3, p. 88-103, dez. 2017-mai. 2018.
- TROTSKY, Leon. A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional (Programa de Transição). In: *Documentos de fundação da IV Internacional*. São Paulo: Editora Sundermann, 2008.

_____. **Stálin: uma análise do homem e de sua influência.** (v.2) São Paulo: EM Livraria; Porto Alegre: Editora Movimento, 2017.

_____. **A Revolução Traída.** Lisboa: Editora Antídoto, 1977.

_____. **Em Defesa do Marxismo.** São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

_____. **O Novo Curso.** São Paulo: POR-MASSAS, 2015.

_____. **Stalin, el gran organizador de derrotas – la III Internacional despues de Lenin.** Buenos Aires: El Yunque Editora, 1974.

_____. **La Naturaleza de Clase del Estado Soviético.** [S.I.], 1933. Disponível em: <http://www.ceip.org.ar/escritos/Libro3/html/T05V127.htm>. Acesso em: 23/03/2020.

_____. **El estado obrero, termidor y bonapartismo.** [S.I.], 1935. Disponível em: <http://www.ceip.org.ar/escritos/Libro4/html/T06V127.htm>. Acesso em: 25/03/2020.

TWISS, Thomas M. **Trotsky and the problem of Soviet bureaucracy.** Boston: Brill, 2014.

VERN, Dennis. Method, Doctrine and “The Buffer States”. **Discussion Bulletin**, 1951. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/swp-us/idb/swp-1946-59/db/n08-1951-db.pdf>. Acesso em: 25/03/2020.

O Grupo Comunista Lenine e a luta sindical nas páginas do jornal *A Luta de Classe*

Carlos Prado¹

<https://orcid.org/0000-0001-9260-6517>

Resumo: O Grupo Comunista Lenine foi a primeira organização brasileira vinculada à Oposição de Esquerda Internacional. Surgiu em 1930, a partir de diversas cisões que ocorreram no PCB entre 1928 e 1929. O grupo se identificou como fração e lançou diversas críticas aos comunistas, apontando a burocratização do partido, que se afastava das teses fundamentais do bolchevismo. O presente trabalho tem o objetivo de, a partir da análise do jornal *A Luta de Classe*, apresentar a concepção do Grupo Comunista Lenine em torno do movimento sindical brasileiro em 1930. Num primeiro momento, busca-se caracterizar a crítica lançada pelos trotskistas à política do PCB, que apontava para uma “radicalização das massas” e convocava os trabalhadores à luta armada imediata. Posteriormente, investiga-se a concepção dos opositoristas em torno do papel dos sindicatos e de sua relação com o partido, bem como a relação entre luta econômica e luta política.

188

Palavras-chave: Marxismo no Brasil; Trotskismo; Sindicatos; Luta de classe.

¹ Doutor em História pela PPGH-UFF e professor do curso de História da FACH-UFMS.

Abstract: The Grupo Comunista Lenine was the first Brazilian organization linked to the International Left Opposition. It emerged in 1930 from several divisions that occurred in the PCB between 1928 and 1929. The group identified itself as a fraction and launched several criticisms of the communists, pointing at the bureaucratization of the party, which had moved away from the fundamental theses of bolshevism. The purpose of this paper is, based on the analysis of the newspaper *A Luta de Classe*, to present the conception of the Grupo Comunista Lenine around the Brazilian syndicate movement in 1930. At first, it aims to characterize the criticism launched by trotskysts to the policy of the PCB, which pointed towards a radicalization of the masses and called the workers to an immediate armed struggle. Subsequently, it features the oppositionist's conception of the role of syndicate and their relationship between economic struggle and political struggle.

Keywords: Marxism in Brazil; Trotskism; Syndicates; Class Struggle.

Resumem: El Grupo Comunista Lenine fue la primera organización brasileña vinculada a la Oposición de Izquierda Internacional. Surgió en 1930 a partir de varias divisiones ocurridas en el PCB entre 1928 y 1929. El grupo se identificó como una fracción y lanzó varias críticas a los comunistas, apuntando a la burocratización del partido que se alejó de las tesis fundamentales del bolchevismo. El propósito de este artículo es, basado en el análisis del diario *A Luta de Classe*, presentar la concepción del Grupo Comunista Lenin en torno del movimiento sindical brasileño en 1930. En un primer momento, busca caracterizar la crítica lanzada por los trotskistas contra la política del PCB que apuntaba a una “radicalización de las masas” y llamaba a los trabajadores a una lucha armada inmediata. Posteriormente, se investiga la concepción opositora del rol de los sindicatos y su relación con el partido, así como la relación entre lucha económica y lucha política.

Palabras clave: Marxismo en el Brasil; Trotskismo; Sindicatos; Luchas de Clases.

Introdução

Em 8 de maio de 1930, o Grupo Comunista Lenine (GCL) se lançou oficialmente por meio da publicação do primeiro número do jornal *A Luta de Classe*.² De imediato, o GCL estabeleceu contato com o Secretariado Provisório da Oposição de Esquerda Internacional (OEI) e se apresentou como “fração externa” do PCB. Destacando o contexto internacional, a organização se reivindicou “bolchevique-leninista”, apresentando-se como “núcleo de resistência à degenerescência burocrático-ideológica” da Internacional Comunista (IC). (GCL, 1930d, p. 1).

O GCL era composto por diversos ex-militantes do PCB, que haviam rompido ou sido expulsos do partido entre 1928 e 1929, devido a divergências latentes. Como apontou Marques Neto (1993), a origem da OEI no Brasil está relacionada a diferenças políticas no interior do PCB, que diziam respeito ao regime interno, à tática de alianças e à orientação sindical. A cisão não foi resultado direto dos debates no interior do Partido Bolchevique ou da tomada de posição dos militantes brasileiros em favor de Trotsky. A princípio, as questões parecem girar em torno apenas de problemáticas nacionais. Mas, como apontaram Karepovs e Marques Neto (2007), há sim relação direta, uma vez que a interpretação da teoria revolucionária, a aliança com a pequena-burguesia e a burocratização do partido foram temas que aproximaram os dissidentes brasileiros das teses trotskistas.³

Após a cisão, os opositoristas brasileiros não se organizaram de forma imediata. Foi apenas após o retorno de Mário Pedrosa, que estava na Europa, que os ex-membros do PCB se reuniram em nova organização. A historiografia aponta a atuação de Pedrosa como fundamental para que os dissidentes brasileiros percebessem que os conflitos no Brasil não expressavam questões meramente nacionais, mas evidenciavam uma crise maior dos PCs, revelando o contexto internacional da degeneração burocrática.

² Esperava-se que a primeira edição do jornal *A Luta de Classe* fosse publicada em 1º de maio, junto às comemorações do dia do trabalhador, mas o número inaugural só foi publicado na semana seguinte.

³ O termo “trotskista” é utilizado aqui como referência aos membros da OEI. Todavia, é necessário esclarecer que estes opositoristas se autodenominavam “bolcheviques-leninistas” num esforço para afirmarem sua vinculação político-ideológica com a tradição da Revolução de 1917. Nas décadas de 1920 e 1930, marcadas por disputas no interior do partido russo e da Internacional, o termo “trotskista” foi utilizado de forma pejorativa pela burocracia stalinista e remonta às críticas direcionadas a Trotsky desde as primeiras divergências em 1904. Apenas após o assassinato de Trotsky, em 1940, o termo perdeu o caráter negativo e passou a ser aceito pelos militantes que reivindicavam o seu legado teórico.

Karepovs, Marques Neto e Löwy (2007) apontaram que a história do movimento trotskista brasileiro, a partir de suas características e períodos, pode ser dividida em “cinco gerações”. A primeira é justamente essa que surgiu com o GCL e que tem como principais representantes, além de Pedrosa, nomes como os de Lívio Xavier, Rodolpho Coutinho, João da Costa Pimenta, Aristides Lobo, entre outros.

O GCL teve existência curta, cerca de sete meses, entre maio e novembro de 1930. As fontes sobre a organização são escassas. Não há atas, resoluções ou outros documentos que nos forneçam informações mais precisas sobre o funcionamento interno da organização, seus membros etc. Assim, a principal fonte é o jornal *A Luta de Classe*. Entre os meses de maio e outubro de 1930, foram publicados cinco números. Todavia, temos acesso apenas aos quatro primeiros, pois o quinto foi apreendido pelos aliancistas durante a luta armada em outubro. Por conseguinte, é mediante a investigação dessas publicações que podemos analisar a sua atuação. O jornal apresentava diagramação bastante simples, suas edições contavam com 4 ou 6 páginas e cerca de uma dezena de artigos. No cabeçalho, havia apenas o nome da publicação e a indicação “Órgão do Grupo Comunista Lenine”, seguido por número, cidade e data. As primeiras publicações buscaram caracterizar a própria organização, em esforço para esclarecer qual era a posição do grupo diante do PCB. O GCL pensava a publicação a partir de uma perspectiva pedagógica. *A Luta de Classe* seria o instrumento para levar esclarecimento e elevar a consciência dos seus leitores, buscando ampliar suas influências, conquistando novos simpatizantes e militantes.

As edições do jornal *A Luta de Classe* estão disponíveis no Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa (CEMAP), que atualmente se encontra no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Unesp. Esse acervo, disponível desde 1981, foi fundamental para a fomentação de novos estudos sobre a trajetória dos trotskistas brasileiros, muitos deles publicados pelo próprio CEMAP. Em 1987, por exemplo, o CEMAP editou o livro *Na Contracorrente da História*. Organizado por Fúlvio Abramo e Dainis Karepovs. Essa publicação, além de apresentar vários documentos da Liga Comunista Internacionalista, ainda continha prefácio assinado por Pierre Broué. Em 2015, foi lançada nova edição, revista e ampliada, da coletânea. Essa obra foi pioneira e impulsionou novas pesquisas.

A organização do movimento operário e os sindicatos foram pontos bastante debatidos nas primeiras edições de *A Luta de Classe*. O GCL publicou vários artigos analisando a situação das associações operárias e as condições de luta daquele período. A crítica à orientação sindical do PCB e a tática do Terceiro Período⁴, que apontava para uma suposta “radicalização das massas”, foram temas constantes. Mas além de destacar e descrever uma série de fatos em torno da organização sindical, os opositoristas também buscaram aprofundar o debate sobre a questão, discutindo a problemática dos fatores subjetivos, da luta econômica e o conturbado tema da relação entre partido e sindicatos. A organização dos trabalhadores e seus sindicatos eram questões urgentes para a nascente organização trotskista.

O presente artigo tem o objetivo de, a partir da análise do jornal *A Luta de Classe*, apresentar a concepção do GCL sobre o movimento sindical brasileiro em 1930. Num primeiro momento, busca-se caracterizar a crítica lançada pelo grupo à política do PCB, que apontava para uma “radicalização das massas” e convocava os trabalhadores para uma luta armada imediata. Posteriormente, investiga-se a concepção dos opositoristas em torno do papel dos sindicatos e de sua relação com o partido, bem como a relação entre luta econômica e luta política.

A crítica à política de “radicalização das massas” do PCB

As primeiras duas edições de *A Luta de Classe* destacaram a análise sobre as comemorações do 1º de maio de 1930. Como ocorria tradicionalmente, o PCB convocou os trabalhadores para o que denominaram “comício monstro” na Praça Mauá. De acordo com os trotskistas, a atividade programada pelos comunistas resultou num grande fracasso. Além do ato reunir um pequeno grupo de operários, a ação foi vítima da polícia, que invadiu a praça, agrediu os manifestantes e ainda prendeu 30 trabalhadores. Para os trotskistas, o malogro da ação era “resultado da política errônea, *putchista*, anticomunista da direção” do PCB (GCL, 1930f, p. 1).

⁴ O VI Congresso da IC, realizado em 1928, é notadamente reconhecido pela teoria do “Terceiro Período”, que indicou o fim da estabilidade capitalista e o início a uma nova crise que deveria ser acompanhada pela radicalização das massas. De acordo com a direção da IC, o Primeiro Período correspondeu ao pós-guerra, caracterizando-se pela fragilidade das economias capitalistas e a ascensão do movimento operário em toda a Europa. Esse momento se encerrou com a derrota da Revolução Alemã em 1923, princípio do Segundo Período, que foi marcado pela estabilização capitalista e pela adoção da frente única. O Terceiro Período apontava para o amadurecimento das contradições do capital e para ascensão do movimento operário em direção à luta revolucionária.

Um dos principais pontos contestados pelos membros do GCL foi a interpretação em torno da “radicalização das massas”. Segundo os opositoristas, os comunistas se orientavam unicamente pelos ditames da IC e não pela realidade do movimento operário nacional. Acrescentaram que a política de radicalização se baseava numa crise revolucionária inexistente, pois era apenas um *slogan* introduzido em todos os países, independente da realidade regional. Assim, apontaram que as manifestações públicas operárias não buscavam expressar as necessidades ou interesses do proletariado, mas apenas reafirmar as teses que eram lançadas pela burocracia stalinista:

Tendo, de acordo com as instruções que recebeu da direção stalinista, elaborado um plano mirabolante de “comício monstro” e comemoração “custe o que custar” deste 1º de Maio, que justificaria a “descoberta” sobre a radicalização das massas, a direção do partido, como já esperavam os que sabem ver as coisas pelo seu lado prático, não conseguiu ainda desta vez a realização de suas miragens. Para os dirigentes do PC uma demonstração pública deve realizar-se não pela necessidade que existe do proletariado demonstrar a sua consciência de classe e sim pelos simples fato de sua realização. Para eles isto basta. (Ibidem).

O GCL denunciou que o PCB estava sendo guiado exclusivamente pelo calendário e pela fidelidade a Moscou. Ainda acrescentou que a política ultra esquerdista introduzida pela IC e seguida pelos comunistas brasileiros era inaplicável nas condições existentes. Afirmaram que, em vez de radicalização, o que existia era a desorganização. No início de 1930, diante do conturbado período eleitoral, as organizações sindicais foram novamente vítimas das forças repressivas do Estado. A realidade apontava para a ausência de organização da base operária nas empresas e nos sindicatos, e para a diminuição da influência comunista nas fileiras proletárias.

Nesse cenário, os trotskistas argumentaram que a tática de realizar grandes ações públicas acabava cumprindo papel contrarrevolucionário, ao expor os trabalhadores à polícia: “Os nossos comunistas têm resumido sua atividade no seguinte: barulho, prisões e deportações, sem nenhum resultado prático. Obra inconscientemente policial”. (Ibidem). De acordo com os opositoristas, as orientações radicais, que aconselhavam os operários a resistir à polícia e tomar o poder, serviam de combustível para a reação. Nessa perspectiva, apontaram que “A classe proletária não é composta de apóstolos ou mártires com tendências ao

sacrifício pela humanidade. Todas as façanhas do PCB nestes últimos anos têm acabado na 4ª delegacia”. (Idem, 1930g, p. 1).

O GCL argumentou que, embebidos pela tese do Terceiro Período, os comunistas acreditavam na existência de uma crise revolucionária iminente e se esqueciam de realizar o trabalho mais elementar, ou seja, o trabalho de base nas fábricas e empresas. Ao contrário da “radicalização das massas”, os opositoristas afirmaram que faltava ao proletariado brasileiro justamente o desenvolvimento do fator subjetivo:

É evidente que não havendo base séria nas empresas, nunca se conseguirá nada. Os trabalhadores só comparecem à praça pública para demonstrar a sua consciência, se esta consciência existe, isto é, se eles estão fortemente organizados sindicalmente e revolucionariamente. E o que vemos no Brasil? Um proletariado inorganizado, a ser chamado inutilmente, por muitos inadequadamente, à luta para a qual não foi preparado. (Idem, 1930f, p. 1).

Nos últimos anos da década de 1920, o PCB conseguiu criar duas federações sindicais regionais e uma confederação sindical nacional. Parecia que o trabalho no interior do movimento operário começava a dar resultado e aumentava a influência comunista. Não obstante, na segunda metade de 1929 e início de 1930, o movimento sindical comunista entrou em período de estagnação e recuo: “De nada nos adiantou termos fundado sucessivas e burocráticas federações e confederações, que acabaram existindo apenas no papel, sem termos adquirido a capacidade de orientá-las e torná-las organismos em condições de defender a classe trabalhadora”. (Idem, 1930a, p. 6).

Ao comentar os resultados da criação da Confederação Geral dos Trabalhadores, os opositoristas apontaram que ela se tornou um símbolo, não do avanço das forças comunistas, mas do seu desgaste: “Essa iniciativa que devia marcar o ponto de partida de um grande trabalho, marcou justamente o inverso: o início do desbaratamento do pouco que já se havia feito”. (Ibidem). Para o GCL, o principal fator que motivou as derrotas e a desorganização do movimento operário foi a orientação política equivocada apresentada pelo partido.

Não obstante, argumentaram que a direção comunista não realizava qualquer autocrítica para buscar verificar os erros e corrigi-los. Ao invés disso, apenas reafirmava as concepções em torno do avanço do proletariado em direção à revolução:

Cegos de vaidade, os homens da direção chegam ao cúmulo de dizer que o 1º de maio, ao contrário de ter sido um fracasso, serviu para demonstrar que a massa está “radicalizada” e “preparada” para “a revolução agrária... que já começou!” [...] Em lugar de, à bolchevista, confessar os seus inúmeros erros e estudar as verdadeiras causas desses erros, para logo traçar uma linha justa, rigorosamente marxista, a direção trata de inverter os fatos e lança a confusão, para poder continuar a ilusão de dominar a massa do Partido, a conquistar a “fama” exigida por seu cabotinismo e, conseqüentemente, a prejudicar o proletariado em seus interesses de classe revolucionária. (GCL, 1930b, p. 1).

Para o 1º de agosto de 1930, os comunistas prepararam e convocaram nova manifestação pública. O comício foi anunciado em acordo com o calendário de manifestações da IC, que havia determinado a data como “dia da jornada internacional de luta dos explorados do mundo inteiro contra a exploração e a guerra imperialista”. (PCB, 1930, p. 1). Assim, mesmo com palavras de ordem estranhas e distantes das necessidades imediatas dos trabalhadores brasileiros, o PCB almejava mobilizar e comprovar a tese da radicalização. No nº 4 de *A Luta de Classe*, os opositoristas se dedicaram a comentar sobre a manifestação. Mais uma vez, eles reafirmaram as críticas à linha ultra esquerdista que se consolidava naquele momento, junto ao processo de depuração interna, resultado do “obreirismo”⁵ e do combate aos “desvios de direita”.

O artigo destacou a impertinência da convocação de uma manifestação para data que não era capaz de mobilizar os trabalhadores. Segundo os trotskistas, a luta contra a guerra e o imperialismo não dizia nada aos trabalhadores sobre as suas imediatas condições de vida. Assim, o PCB esquecia de apresentar as demandas econômicas dos trabalhadores e importava uma palavra de ordem, buscando aplicá-la mecanicamente sobre outra realidade. De acordo com o GCL, o comício estava esvaziado, e os presentes pouco entendiam sobre as discussões: “os oradores do Partido não conseguiram prender a atenção dos operários, com a eterna falação sobre o imperialismo, perigo de guerra na América do Sul e etc”. (GCL, 1930g, p. 1). Os trabalhadores brasileiros viviam os efeitos da crise de 1929 e da queda da produção do café. Suas demandas econômicas, por emprego

⁵ O “obreirismo” partia da concepção de que os partidos eram controlados por intelectuais e que a mentalidade pequeno-burguesa destes havia sido o grande obstáculo para o avanço comunista entre as massas trabalhadoras. Para transformar o partido numa verdadeira organização da classe operária, assinalou-se que era preciso colocar os trabalhadores na sua direção.

e salários, eram urgentes. Mas, de acordo com a Oposição, o partido virava as costas para essas questões imediatas: “[...] o proletariado brasileiro está a braços com problemas prementes que interessam direta e profundamente não só a vida do operário individualmente como a sua existência coletiva. Enquanto não tratar destes últimos assuntos, o PC, não mobilizará nenhuma massa”. (Ibidem).

Quando os comunistas anunciaram mudanças táticas, rompendo com a pequena-burguesia, com Prestes, e aniquilando o Bloco Operário e Camponês (BOC), os trotskistas afirmaram que era uma orientação que vinha de Moscou, mas que não significava nenhuma alteração profunda nas concepções do partido: “Afastou-se, talvez, um ou outro membro do CC, e modificou-se talvez ligeiramente a redação de alguns dos artigos que a Classe Operária vinha a muitos meses repetindo. E foi tudo”. (Ibidem). Apesar de se falar em mudança da linha política, o GCL destacou que a consolidação das orientações do VI Congresso da IC não representava uma ruptura, mas a continuidade dos erros:

Não houve mudança, nem poderia haver, primeiramente porque o Partido, debaixo da atual orientação da Internacional tem de continuar a errar. Desvirtuado pela burocracia dirigente, a Internacional nesses últimos anos tem se afastado completamente da linha marxista revolucionária, e baseia sua ação em falsas deduções, tais como a “radicalização” decretada para todo o mundo, mas não constatada, o socialismo num país só, e etc. Com tais descobertas ela traça para os Partido nacionais linhas que só podem ser erradas, e depois, quando os acontecimentos a forçam a ver que os resultados foram maus, responsabiliza pelos fracassos os partidos. (Ibidem).

Diante do aprofundamento da linha política do Terceiro Período, o GCL reafirmou suas críticas à utilização de palavras de ordem radicais. Apontaram ainda que essas iniciativas só poderiam ser lançadas se houvesse verdadeira crise revolucionária e real possibilidade de vitória para o proletariado. Isso exigiria um partido bem organizado, uma vanguarda de operários preparados e amplo apoio entre a base. Mas essa era uma realidade distante naquele momento, o que acabava por levar o movimento operário ao confronto direto com a polícia: “O proletariado tinha como palavra de ordem tomar as fábricas e resistir à polícia, o que conduziria forçosamente a luta armada, do qual um dos dois sairia vitorioso e o outro esmagado”. (Ibidem). Tal orientação aparecia como medida suicida, semelhante ao que ocorreu na China em dezembro de 1927, quando se convocou a insurreição em Cantão.

No interior dos sindicatos, o PCB se apresentava como corrente majoritária e forjava uma crise revolucionária. Por sua vez, os opositoristas denunciavam o discurso fantasioso e afirmavam que as demais tendências sindicais, reformistas e anarquistas estavam se fortalecendo. A política sectária de enfrentamento e ataque direto a essas correntes acabou por reforçar ainda mais a posição delas, pois os trabalhadores não viam com simpatias as provocações lançadas pelos comunistas: “Os nossos *‘leaders’* pensaram sempre que o melhor meio de conquistar a massa desses sindicatos era dizer desaforos aos seus chefes, taxá-los de traidores etc., sem se preocupar com fazer despertar na base o espírito e a consciência de classe.” (GCL, 1930a, p. 6).

Nas eleições de 1930, Minervino de Oliveira, que havia sido lançado como candidato à presidência pelo BOC, teve votação irrisória. Nesse cenário, no momento que antecedeu outubro, o PCB permaneceu isolado, enquanto a Aliança Liberal e o movimento tenentista conseguiram apoio e derrubaram Washington Luiz. O que os trotskistas afirmavam era que a política sindical do PCB, que deveria ser o principal meio para atingir a classe trabalhadora, havia fracassado e que, no momento decisivo de 1930, os sindicatos estavam desorganizados: “Quando lhes pareceu tudo pronto para irromper a sonhada revolução “agrária e anti-imperialista” [...] Os sindicatos foram abandonados a sua sorte”. (Idem, 1930e, p. 1).

Logo, concluíram os opositoristas, não era de se espantar que o proletariado “lendo os fabulosos convites do Partido e sabendo onde eles os levariam preferiam ficar como estão até encontrar outra solução melhor”. (Idem, 1930g, p. 3). Para o GCL, a política de radicalização acabou por expor os operários engajados à ação da polícia e, ao mesmo tempo que levava os trabalhadores para as prisões, ainda fazia uma verdadeira propaganda contra o comunismo, disseminando o desânimo e a desconfiança entre os trabalhadores:

Quer conhecer os índices da nossa influência progressiva no seio da massa? Pois leia: nas eleições para intendentess de 1928 cerca de quatro mil indivíduos votaram nos nossos candidatos. Nas eleições de 1930, que foram duas, obtivemos na 1ª, 534 votos e, na 2ª, 162. Eis a que se reduz a nossa influência política no seio da massa, na capital do país. Em matéria sindical a coisa é pior. Presentemente temos: 0, mais 0, mais 0 igual a 0. (Idem. 1930a, p. 6).

No artigo intitulado “Notas sindicais”, os trotskistas ressaltaram a facilidade que os agentes da repressão de Washington Luiz tiveram para fechar

sindicatos, confiscar os arquivos e levar militantes e operários às prisões. É importante destacar que, em março de 1930, realizaram-se as eleições presidenciais e, diante da instabilidade política, ocorreu uma forte reação contra as associações operárias. Assim, no período que antecedeu as eleições, diversos sindicatos foram invadidos e impedidos de funcionar: o sindicato dos gráficos, dos alfaiates, dos tecelões, o Centro Cosmopolita, foram apenas algumas das organizações fechadas.

De acordo com os opositoristas, a repressão havia triunfado sobre as organizações operárias, e os sindicatos revolucionários se encontravam totalmente desorganizados. Não obstante, argumentaram que a ação repressiva teve seu trabalho facilitado pelos próprios comunistas, que devido a inexperiência não souberam trabalhar de forma a conciliar a ação legal e clandestina. Manifestações públicas e a utilização de palavras de ordem radicais levaram o temor à burguesia, que reagiu com força policial, dissolvendo as associações operárias e perseguindo militantes e operários. Nesse sentido, o GCL destacou que o discurso ultra esquerdista da direção comunista fomentou a ação repressiva e, quando a ação policial veio à tona, os sindicatos estavam expostos e desprotegidos.

Quando lhes pareceu tudo pronto para irromper a sonhada revolução “agraria e anti-imperialista”, veio em cima a reação e pôs em evidência toda a incapacidade dos encenadores da imaginária aventura. Os sindicatos foram abandonados a sua sorte, enquanto o grupelho que há de tornar célebre pela imensa quantidade de mancadas cometidas, procurava compreender aquilo que suas mentalidades ainda não conseguiam discernir. (Ibidem).

A grande crítica da Oposição era a de que a política desenvolvida pelos comunistas havia contribuído para o esfacelamento dos sindicatos. Nessas circunstâncias, o patronato havia encontrado as melhores condições para aumentar a exploração sobre os trabalhadores. Afinal, a crise econômica somada à ausência de associações operárias deixava o terreno livre para a burguesia aumentar a taxa de mais valia absoluta.

O papel dos sindicatos e a relação com o Partido

Desvelando o clima de entusiasmo e otimismo lançado pelos comunistas, o GCL apontou que o movimento operário não estava em condições de preparar um levante e que a tarefa imediata não era a de preparar uma insurreição, mas a de analisar as razões para a não consolidação do movimento sindical revolucionário

no país. Argumentaram que em vez de mistificar a realidade era necessário rediscutir sua organização, apontar suas fraquezas e falhas: “Mas esse trabalho não se fará, aqui, com a atual direção. Ela não tem a hombridade de confessar seus erros e arcar com as responsabilidades da derrocada que sofremos [...]”. (Ibidem). Em uma interessante passagem, os trotskistas buscaram resumir o problema da política sindical realizada pelo PCB e destacaram o predomínio da política e o menosprezo pela luta econômica e pela organização da base operária:

O fracasso da política sindical é fruto da mentalidade predominante na direção do partido a partir do III Congresso. De lá para cá, não se fez outra coisa senão inutilizar todo o trabalho já feito nas organizações sindicais de classe, num trabalho sistematizado de desprestígio dos militantes sindicais, de abandono das organizações, porque a maioria absoluta do *Presidium* e os “*leaders*” da juventude entendiam que o trabalho de organização de massas devia ser relegado para... depois da revolução. Para eles a ação “política” era tudo. (Ibidem).

No texto intitulado “Marx e a questão sindical”, publicado no segundo número de *A Luta de Classe*, o GCL buscou desenvolver melhor a problemática em torno da relação entre a luta política e a econômica e a relação entre partido e sindicato. O artigo apresentou uma longa passagem da *Resolução da Associação Internacional dos Trabalhadores sobre os sindicatos*, na qual Marx lançou olhar mais atento sobre a questão sindical. Nesse documento, encontramos uma análise sobre o passado, o presente e o futuro das associações operárias.

Sobre o passado, a resolução afirmou que apesar de suas limitações, os sindicatos se revelaram como centros organizativos do proletariado e, nesse sentido, eram indispensáveis na luta para a emancipação dos trabalhadores. No momento presente, considerou que eles se ocupavam quase que exclusivamente das lutas locais e imediatas e se mantinham distantes das questões políticas, não participando de movimentos políticos. E sobre o futuro das organizações, evidenciou que tinham a tarefa de lutar pela emancipação radical, ou seja, “em lugar de se circunscreverem a limites estreitos e egoístas, seu objetivo tende à emancipação de milhões de proletários”. (AIT, 2008, p. 91-92).

Nessa perspectiva, os opositores apontaram que o PCB não compreendia a relação entre partido e sindicato e apresentara uma concepção estreitamente instrumentalizada das associações operárias. Por conseguinte, a partir da análise da resolução da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), criticaram o

fato do PCB utilizar da estrutura sindical para alcançar seus interesses partidários. Eles reafirmaram as críticas que Joaquim Barbosa e João da Costa Pimenta haviam feito em 1928: o partido transformara os sindicatos em instrumento político. E desenvolveram essa crítica, caracterizando a política do PCB como próxima da corrente de Lassalle, uma vez que determinava a completa submissão dos órgãos operários aos interesses do partido:

Atualmente, porém, campeia nas esferas burocráticas da IC uma tendência a deformar esta concepção, caindo-se no exagero oposto do sindicalismo, (caso do Brasil) isto é, - no lassallianismo, - procurando substituir-se a ligação orgânica, por assim dizer, subterrânea, dos diferentes membros da classe, - sindicato e partido – preconizada por Marx e restaurada por Lenine, por uma hierarquia burocrática dos aparelhos dirigentes, o sindicato direta e automaticamente subordinado ao partido. (Idem, 1930c, p. 2).

De acordo com o GCL, a relação do partido com os sindicatos não poderia se basear na submissão hierárquica e burocrática dos segundos pelo primeiro. Os sindicatos, como órgãos que expressavam a luta imediata dos trabalhadores, não poderiam se submeter às demandas do partido. Não obstante, as organizações não poderiam estar totalmente desvinculadas, separadas, como pensavam os adeptos do sindicalismo. De acordo com os opositoristas, a concepção marxiana pressupõe uma relação dialética e recíproca entre o partido, os sindicatos e os trabalhadores. “Nem, pois, a negação mecânica de toda ligação entre o partido e o sindicato, como querem os sindicalistas, nem o predomínio automático e formal do partido diretamente sobre o sindicato, como o estão querendo os burocratas”. (Ibidem).

Os opositoristas acusaram a direção comunista de transformar os sindicatos em apêndices do PCB; instrumentos para sua propaganda e combate às demais tendências. Dessa forma, as reuniões sindicais se transformavam em palanque para a direção divulgar suas palavras de ordem radicais, atacar e provocar adversários, o que deixava a classe operária desamparada e desinteressada. Ora, o partido não devia se inserir nos sindicatos para apresentar suas demandas e suas disputas políticas, mas para orientar a própria luta econômica dos trabalhadores e fazê-la avançar:

O Partido deve, porém, aparecer nesta luta, pela sua experiência acumulada, como o guia mais seguro dos operários e pela justeza das suas palavras de ordem e de sua diretriz, arrastar as massas operárias para dentro dos seus sindicatos, porque se o Partido

representa a minoria revolucionária consciente, os sindicatos são, na fórmula de Marx “escolas de socialismo” em que os operários tem permanentemente a luta diante dos olhos e tornam-se socialistas sem o saber. (Idem, 1930h, p. 3).

De acordo com a GCL, os sindicatos eram órgãos de frente única da classe operária, e os interesses imediatos dos trabalhadores deveriam ser colocados em primeiro lugar, sem a subordinação aos interesses político-táticos ou ideológicos dessas organizações a qualquer partido. A luta nos sindicatos pelas reivindicações econômicas mais imediatas não deveria ser menosprezada pelo partido. “É preciso convencer os trabalhadores de que os sindicatos não são organizações exclusivamente políticas, mas sim, e em primeiro lugar, organismos de luta econômica dos operários que se colocam no terreno da luta de classe”. (Idem, 1930e, p. 1).

Os comunistas não poderiam simplesmente apontar essas demandas como reformistas e insuficientes, pelo contrário, deveriam tomá-las como o ponto de partida necessário para o desenvolvimento da luta de classe: “E o melhor meio de se preparar militantes é levar os sindicatos à luta, periodicamente, pelas reivindicações de melhorias econômicas, pois só na prática os operários se convencerão da inevitabilidade de se transformar a luta econômica em luta política”. (Ibidem). O GCL argumentou que o antagonismo entre capital e trabalho aparece de forma mais clara nas demandas econômicas, e era a partir destas que o partido deveria fazer avançar o conflito, trazendo à superfície todo o cenário irreconciliável da luta entre capital e trabalho.

Com efeito, o GCL também criticou a vertente sindicalista que afirmava que as associações operárias não deveriam apresentar qualquer demanda política, permanecendo no terreno exclusivamente econômico. “Isto é a resposta de Marx aos sindicalistas puro-sangue que têm as vezes o topete de invocar Marx em apoio do seu sindicalismo sem cor política nem cheiro de classe”. (Idem, 1930c, p. 2). Tal concepção apontava que os partidos não poderiam atuar junto aos sindicatos, pois estes deveriam defender apenas as demandas imediatas dos trabalhadores, reivindicações exclusivamente econômicas e nunca políticas. Discordando desse entendimento, o GCL elucidou que era preciso seguir um desenvolvimento dialético, partindo das lutas imediatas para se chegar àquelas mais concretas, quer dizer, partir das reivindicações econômicas para se alcançar as políticas.

Por fim, também destacaram a necessidade de um trabalho contínuo de educação revolucionária. O partido deveria confiar menos na “radicalização” espontânea das massas e trabalhar para desenvolver os fatores subjetivos, fazendo avançar a consciência de classe, expondo aos operários, por meio da luta sindical, todo o processo produtivo ao qual eles estão submetidos:

A experiência nos tem demonstrado inúmeras vezes que nós nos descuidamos, pois não procuramos interessar os operários na luta em que estamos empenhados. Confiamos demasiadamente na tradição revolucionária das massas e muito poucas vezes nos lembramos de pôr à prova a sua capacidade. E é disto que ela mais precisa, de adestramento, treino, educação revolucionária. (Idem, 1930e, p. 3).

Acrescentaram que a educação política da classe operária estava muito atrasada. Consideravam que havia evidente insuficiência no desenvolvimento da consciência de classe entre os operários, que estes não compreendiam o papel político que poderiam e deveriam desempenhar na luta por seus interesses de classe: “Os que militam nos sindicatos, aqueles que vivem em contato com a grande massa nas empresas, podem atestar da pobreza ideológica do nosso proletariado urbano, ignorante na sua quase totalidade do papel que representa na sociedade e sem espírito de classe”. (Idem, 1930a, p. 6).

Para os opositoristas, a luta sindical cumpria papel fundamental no desenvolvimento da consciência de classe. Assim, o partido deveria atuar junto aos sindicatos, defendendo as reivindicações mais imediatas dos trabalhadores, mas buscando superá-las, pois compreendiam que era a partir das lutas econômicas, no processo dialético da luta de classe, que se avançaria na conscientização. Desse modo, as tarefas políticas entrariam na ordem do dia: “Só no curso desta luta; pela acentuação dos antagonismos de classe, é que as massas operárias alcançam a compreensão do seu interesse vital – a revolução – e o papel do Partido como guia revolucionário de sua classe”. (Idem, 1930h, p. 3).

Considerações finais

Em seu curto período de existência, os membros do GCL buscaram se aproximar dos sindicatos, especialmente daqueles dominados pelos comunistas. O objetivo era denunciar a direção, a fim de reorientar a sua política sindical. Não obstante, só conseguiram ser bem-sucedidos junto aos trabalhadores gráficos. Nesse processo, foi fundamental a participação de João da Costa Pimenta, que havia rompido com o PCB em 1929 e, naquele período, havia se aproximado das teses oposicionistas, atuando junto ao GCL.

Assim, no campo sindical, a tarefa que se colocava de forma mais imediata aos trotskistas era a reorganização da União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), que havia sido fechada pelas forças repressivas no início de 1930. Sob a liderança de João da Costa Pimenta, trabalhou-se pela reestruturação do sindicato, e uma Junta Governativa foi eleita para desempenhar tal tarefa. Durante os meses de maio e junho, foram realizadas uma série de reuniões a fim de avaliar a situação dos trabalhadores e do sindicato, com o intuito de apresentar “um plano de trabalho tendente a reerguer essa associação”. (Idem, 1930i, p. 2). De maneira geral, as principais atividades da UTG, nesse período, foram para fortalecer o sindicato, visando a agitação e propaganda e o recrutamento de membros.

Não obstante, em novembro de 1930, o GCL já apresentava sinais de desgaste, e a paralisação das atividades do grupo se tornaram evidentes. No mesmo período, Pedrosa e Azambuja, dois dos principais articuladores do grupo, adoeceram e ficaram impossibilitados de desenvolverem atividades políticas. Neste cenário, o grupo se rendeu ao desânimo e praticamente encerrou suas atividades. Sob o nome do GCL não foi publicado mais nenhum número de *A Luta de Classe* e também não se realizou mais nenhuma intervenção pública.

Pedrosa tinha intenção de dar continuidade aos trabalhos da OEI no Brasil. Em carta de 8 de dezembro para Lívio, Pedrosa (*Apud* MARQUES NETO, 1993, p. 332) apontou que era preciso recrutar novos membros, pois os antigos militantes não estavam mais dispostos, e insistir não traria resultados. Os oposicionistas conseguiram superar as dificuldades e se reagrupar numa nova organização. O novo impulso foi dado quando Aristides Lobo rompeu com o PCB e aderiu à Oposição. Em 21 de janeiro de 1931, ocorreu, em São Paulo, a primeira reunião da Liga Comunista - Oposição de Esquerda (LC), organização que deu continuidade às atividades da primeira geração de trotskistas brasileiros.

Referências

ABRAMO; KAREPOVS. **Na contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1933)**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Na contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940)**. 2 ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES. **Resolução da Associação Internacional dos Trabalhadores sobre os sindicatos**. In: AGUENA, Paulo (Org.). **O marxismo e os sindicatos**. São Paulo: Sundermann, 2008.

GRUPO COMUNISTA LENINE. **A ISV e o movimento sindical revolucionário no Brasil**. In: *A Luta de Classe*. n. 4. Rio de Janeiro. Ago. 1930a.

_____. **Ainda o 1º de Maio**. In: *A Luta de Classe*. n. 2. Rio de Janeiro. Jun. 1930b.

_____. **Marx e a questão sindical**. In: *A Luta de Classe*. n. 2. Rio de Janeiro. Jun. 1930c.

_____. **Nossa tática para o com o Partido**. In: *A Luta de Classe*. n. 2. Rio de Janeiro. Jun. 1930d.

_____. **Notas sindicais**. In: *A Luta de Classe*. n. 1. Rio de Janeiro. 8 de maio de 1930e.

_____. **O 1º de maio e a demagogia da direção do PC**. In: *A Luta de Classe*. n. 1. Rio de Janeiro. 8 Mai. 1930f.

_____. **O 1º de agosto e a política dos “blefes”**. In: *A Luta de Classe*. n. 4. Rio de Janeiro. Ago. 1930g.

_____. **Provocação e clandestinidade**. In: *A Luta de Classe*. n. 4. Rio de Janeiro. Ago. 1930h.

_____. **U.T.G.** In: *A Luta de Classe*. n. 2. Rio de Janeiro. Jun. 1930i.

MARQUES NETO, José Castilho. **Solidão revolucionária: Mario Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

KAREPOVS, Dainis; MARQUES NETO, José de Castilho. **Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966)**. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão. **História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960**. Vol. 5. Campinas: Unicamp, 2007.

KAREPOVS, Danis; MARQUES NETO, José Castilho; LÖWY, Michel. **Trotski e o Brasil**. In: MORAES, João Quartim de. (Org.). **História do marxismo no Brasil: Os influxos teóricos**. Vol. 2. Campinas: Unicamp, 2007.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL **Convocação**. In: *A Classe Operária*. n. 93, Segunda fase. Rio de Janeiro. 19 jul. 1930, p. 1.

TRÓTSKI, A LUTA CONTRA O FASCISMO E O BRASIL ATUAL

Henrique Canary¹

<https://orcid.org/0000-0002-5006-4593>

A fase de crescimento da influência do nazismo na Alemanha coincide com o que o stalinismo convencionou chamar de “terceiro período”. O termo foi cunhado em 1928 e corresponderia ao período de agonia final do imperialismo, etapa em que o capitalismo seria fatalmente destruído pela revolução proletária. A conclusão lógica dessa avaliação foi que as massas se encontravam em gigantesco ascenso e que, portanto, toda e qualquer frente entre o partido comunista e outras forças de esquerda (principalmente a da social-democracia) deveria ser descartada. Os partidos comunistas deveriam marchar sozinhos rumo à tomada do poder. Qualquer frente ou acordo entre organizações de esquerda seria uma traição e significaria a entrega da revolução. Vale a pena lembrar que essa política de delimitação absoluta com os reformistas social-democratas já havia sido condenada pelo III Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1921, quando foi decidida a atuação em conjunto, por meio de certas condições, com os partidos da social-democracia internacional. Essa política de unidade de classe, para enfrentamento do inimigo comum, entrou para a história com o nome de Frente Única.

Desde a sua elaboração, a política ultraesquerdista do “terceiro período” foi aplicada na Alemanha. Isso significou a recusa a qualquer unidade de ação entre o SPD e o KPD para enfrentar física e politicamente o nazismo. Em todas as situações e em qualquer lugar, a social-democracia era considerada o inimigo

¹ É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo. Possui graduação em História e mestrado em História Contemporânea pela Universidade da Amizade dos Povos da Rússia (2001). Foi professor de História da América, Introdução à Sociologia e Realidade Sócio-Econômica e Política do Brasil na Universidade Bandeirante de São Paulo, entre 2005 e 2007. Trabalhou como tradutor de russo, revisor de textos e, posteriormente, como editor-chefe na Editora Sundermann, entre 2010 e 2016.

principal. O reformismo foi igualado ao nazismo: surgiram e foram propagadas expressões como “social-fascismo” e “ala moderada do fascismo” (para se referir ao Partido Socialista), entre outras. Os dirigentes do Partido Comunista da Alemanha memorizavam e recitavam como papagaios a citação de Stalin de 1924. Ele dizia:

O fascismo é uma organização de combate da burguesia que se assenta no apoio ativo da social-democracia. A social-democracia é, objetivamente, a ala moderada do fascismo (...). Essas duas organizações não se excluem mutuamente. Ao contrário, se complementam. Elas não são antípodas, são gêmeas. (STALIN *apud* BROUÉ, 2007, p. 660) ²

Como desenvolvimento lógico dessa lamentável teoria, afirmava-se que a vitória sobre o fascismo (que se reconhecia como inimigo) não seria possível sem que antes se derrotasse a social-democracia. A social-democracia era, segundo a teoria de Stalin, o pior inimigo, pois estava infiltrada nas fileiras do movimento operário, enquanto o fascismo era um elemento externo e, por isso, menos perigoso.

Tal era, em grandes traços, a política geral do KPD, do final dos anos 1920 até a própria chegada dos nazistas ao poder. Evidentemente, tal política impede qualquer unidade de ação, mínima que seja, para combater a ameaça nazista. O resultado é que o nazismo se fortalece em cenário que não lhe oferece qualquer tipo de resistência, nem política, nem física. A linha ultraesquerdista de Stalin abre caminho para uma das maiores derrotas sofridas pelo proletariado no século 20.

Um mês depois da nomeação de Hitler como chanceler da Alemanha, o KPD já estava na ilegalidade; suas sedes destruídas; seus líderes na prisão. O Partido Nazista, por sua vez, em novas eleições, conquistou a maioria definitiva no Reichstag, com mais de 17 milhões de votos. A vitória nazista estava consolidada. Enquanto os nazistas comemoravam nas ruas e continuavam as repressões, a direção do KPD (a parte que não foi presa) relatava ao Comitê Executivo da IC: “Desde 1924, o chefe do proletariado mundial, o camarada Stalin, deu uma avaliação ímpar de exatidão e perspicácia sobre a evolução da social-democracia em direção ao fascismo”. Depois de citar o pensamento de Stalin sobre a social-democracia e o fascismo (os “irmãos gêmeos”), Friz Heckert, responsável pelo relatório, concluía: “Tudo o que aconteceu na Alemanha confirmou particularmente a justeza do

² STALIN, J. V. *Works*, VI. Foreign Languages Publishing House. Moscow, 1954.

diagnóstico do camarada Stalin: Hitler não rejeita o apoio da social-democracia” (RUNDSCHAU *apud* BROUÉ, p. 685)³.

No momento em que o nazismo ascende ao poder, Trótski já se encontrava fora das fronteiras da URSS, em seu terceiro exílio, e seguia atentamente a situação alemã. Em artigo intitulado “A chave da situação internacional está na Alemanha”, o organizador do Exército Vermelho expõe o eixo fundamental de sua política:

O fascismo cairia verdadeiramente em pedaços se o KPD fosse capaz de unir a classe operária, transformando-a em poderoso polo de atração de todas as massas oprimidas da população. Mas a política do KPD, desde as eleições de setembro, só tem feito agravar a sua inconsistência: frases declamatórias sobre o ‘social-fascismo’, namoro com o chauvinismo, imitação do fascismo autêntico com o objetivo de fazer-lhe concorrência no mesmo mercado e essa aventura criminosa do ‘plebiscito vermelho’. Tudo isso impede que o KPD se torne o guia do proletariado e do povo. (TROTSKY, 2011, p. 184)

Todos os esforços empregados por Trótski não foram suficientes para reverter o curso sectário e ultraesquerdista do KPD. A questão não estava nos melhores argumentos, mas nos interesses materiais da burocracia, na própria luta de classes.

Vivemos hoje no Brasil um momento de crescimento do fascismo, que já chegou ao poder central com as eleições presidenciais de 2018. Apesar de transformado e adaptado a condições do início do século 21, devemos caracterizar o bolsonarismo como um movimento fascista, dada sua perspectiva de enfrentamento direto com o movimento sindical, operário e popular e com as instituições democráticas em geral. É evidente, desde que o bolsonarismo chegou ao poder, a deterioração das instituições do regime democrático devido às ações do governo e de seus representantes (atos antidemocráticos, chamado ao enfrentamento violento com o STF e Congresso etc.). Ainda assim, inúmeras organizações de esquerda se recusam a aplicar uma política de Frente Única para derrotar o bolsonarismo e sua política. Imperam ainda interesses sectários (ultraesquerdistas) ou oportunistas (eleitóreiros). Infelizmente, a esquerda brasileira segue profundamente fragmentada, dispersa e confusa, enquanto o fascismo bolsonarista aplica livremente suas políticas de destruição. Uma parte da esquerda segue encarando a outra parte como principal inimigo, numa espécie de reedição do conceito de “social-fascismo” de Stalin. Nesse sentido, os

³ Relatório de Heckert ao Presidium do CEIC, In: *Rundschau*, p. 261-267.

ensinamentos de Trótski revestem-se de grande importância. Seria extremamente positivo para o movimento de massas brasileiro e sua resistência contra o fascismo se fosse forjada uma ampla aliança entre as forças de esquerda, não apenas para as eleições, mas para as lutas do cotidiano. Foi exatamente essa unidade que faltou na Alemanha em 1933. É exatamente essa unidade que falta no Brasil hoje.

Referências

BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista. 1919-1943, Vol. I**, São Paulo, Editora Sundermann, 2007

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A ideologia Alemã**. Expressão Popular, 2009.

TROTSKY, Leon. **Revolução e contrarrevolução na Alemanha**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

www.pucsp.br/revistaaurora

ISSN 1982-6672